

# **Além das Palavras - Pen Pal**

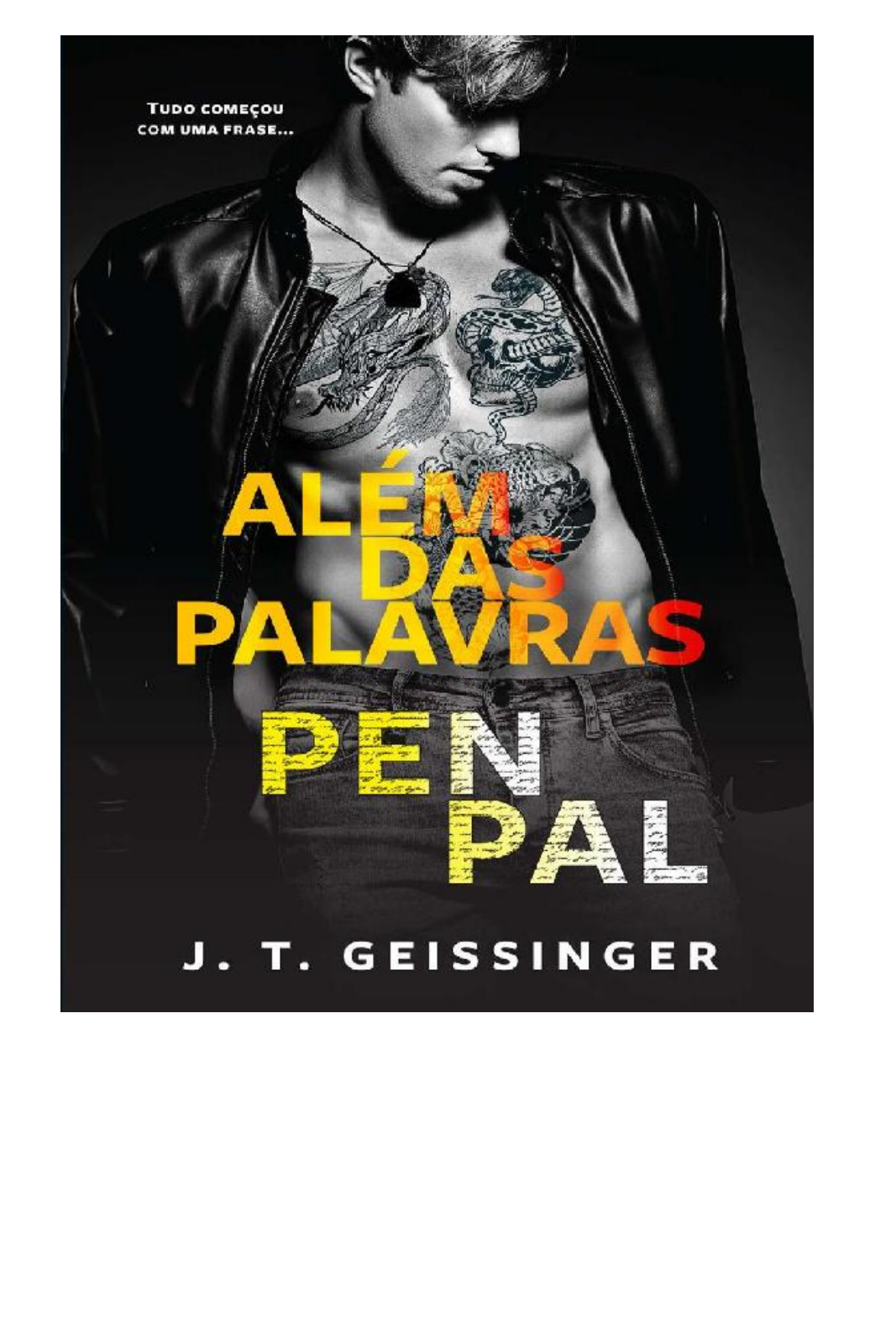
**J. T. Geissinder**

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

# **Além das Palavras - Pen Pal**

**J. T. Geissinder**



TUDO COMEÇOU  
COM UMA FRASE...

**ALÉM  
DAS  
PALAVRAS**  
**PEN  
PAL**

**J. T. GEISSINGER**

J.T. Geissinger

# ALÉM DAS PALAVRAS PEN PAL

Tradução  
Rita Lavos

ASA

Ficha Técnica

Título: Além das Palavras – Pen Pal

Título original: Pen Pal

Autor: J. T. Geissinger

Edição: Carmen Serrano

Tradução: Rita Lavos

Revisão: Catarina Sacramento

ISBN: 9789892362021

Edições ASA II, S.A.

Uma editora do Grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+ 351) 21 427 22 00

Fax. (+ 351) 21 471 77 37

© 2022, J. T. Geissinger Inc.

© 2024, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[www.leya.com](http://www.leya.com)

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Índice

[Ficha Técnica](#)

[I INFERNO](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

## II PURGATÓRIO

37

38

39

40

## III PARAÍSO

41

## EPÍLOGO

## NOTA DA AUTORA

## CAPÍTULO ADICIONAL

## AGRADECIMENTOS

Para Jay, que sabe como me encontrar na escuridão

I

## INFERNO

O caminho para o paraíso começa no inferno.

~ A Divina Comédia





Está a chover quando o caixão do meu marido desce para a cova. Chove muito, como se o céu estivesse quase a rasgar-se em dois, como o meu coração.

Estou imóvel debaixo do guarda-chuva, juntamente com as outras pessoas que vieram ao funeral, a ouvir o discurso do padre sobre ressurreição e glória, bênçãos e sofrimento, redenção e amor sagrado de Deus. Tantas palavras e todas sem sentido.

Nada faz sentido. Tenho um buraco no peito que tem a forma de Michael e já nada mais interessa.

Deve ser por isso que estou tão entorpecida. Estou vazia.

A dor do luto destruiu-me, espalhou os meus ossos num ermo deserto, onde ficarão a ressecar silenciosamente durante milhares de anos sob um sol abrasador.

Uma mulher atrás de mim chora baixinho para o seu lenço. Sharon? Karen? Uma colega de Michael que conheci há muito tempo numa festa na faculdade. Uma daquelas festas de trabalho horríveis no auditório de uma escola, num feriado, com convidados a beberem vinho barato em copos de plástico e a fazerem conversa fiada constrangedora até ficarem completamente bêbedos e dizerem o que realmente pensam uns dos outros.

Nessa festa, Sharon ou Karen, atrás de mim, dissera que Michael era um cretino. Já não me lembro porquê, mas provavelmente deve ser por isso que agora chora.

Quando uma pessoa morre, começamos a enumerar todas as situações em que a desiludimos.

O padre benze-se, fecha a Bíblia e dá um passo atrás.

Avanço ligeiramente, dobro-me para agarrar um punhado de terra do monte ao lado e atiro-o para cima do caixão fechado.

O aglomerado húmido de lama faz um ruído oco e desagradável

quando aterra em cima da tampa cinzenta da urna, um som de indiferença surdo e derradeiro. Depois, desliza e deixa um rasto castanho, como uma mancha de merda.

Abruptamente, estou a tremer com raiva. Sinto um sabor de amargura e de cinzas na boca.

Que ritual tão estúpido. Porque é que nos damos ao trabalho, sequer? Não é como se os mortos nos vissem no seu funeral. Já se foram embora.

Uma rajada de vento frio repentina sacode as folhas das árvores. Viro-me e começo a andar pela chuva, não olho para trás quando alguém soluça suavemente o meu nome.

Preciso de estar sozinha com a minha dor. Não sou daquelas pessoas que gosta de lamentar tragédias, especialmente quando é a minha própria tragédia.

Levo um momento a ter consciência de que estou em casa quando abro a porta. Não me lembro de conduzir do cemitério até aqui, embora o espaço vazio no tempo não me surpreenda. Desde o acidente que vivo mergulhada num nevoeiro, como se o meu cérebro estivesse envolto em nuvens densas.

Li algures que o luto é mais do que uma emoção; é também uma experiência física. Todas as hormonas do stress são libertadas na corrente sanguínea quando uma pessoa está em luto. Fadiga, náuseas, dores de cabeça, tonturas, aversão à comida, insónias... A lista de efeitos secundários é enorme.

Eu tenho-os todos.

Descalço os sapatos e deixo-os debaixo da consola na entrada, atiro o casaco de lã para as costas da cadeira da cozinha e vou em direção ao frigorífico. Abro a porta e fico a olhar lá para dentro enquanto a chuva bate nos vidros das janelas, tentando convencer-me de que tenho fome.

Não tenho. Sei que devo alimentar-me para ganhar forças, mas não tenho apetite para nada. Deixo a porta balançar até se fechar e ponho os dedos nas têmporas que estão a latejar, pressionando-as.

Outra dor de cabeça. É a quinta esta semana.

Quando me volto, reparo num envelope em cima da mesa, ao lado do

cesto da fruta, um solitário retângulo branco com caligrafia cuidada e um carimbo onde se lê

«AMOR» em letras vermelhas.

Tenho a certeza de que não estava ali quando saí.

O primeiro pensamento que me ocorre é que Fiona o deve ter trazido da caixa do correio. Depois lembro-me de que ela limpa a casa às segundas-feiras e hoje é domingo.

Então, como foi ali parar?

Ao aproximar-me da mesa para pegar na carta, o estrondo de um trovão sacode as janelas. O vento, numa rajada súbita, assobia nas árvores lá fora. A sensação de mistério intensifica-se quando leio a morada do remente.

Penitenciária do Estado de Washington.

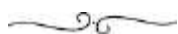
Franzindo a testa, rasgo a aba do envelope e retiro a única folha de papel branco liso. Desdobro-a e leio em voz alta: «Esperarei para sempre se for preciso.»

Apenas isto, mais nada, exceto uma assinatura rabiscada por debaixo das palavras.

Dante.

Viro a página, mas o outro lado está em branco.

Durante um breve momento, penso que a carta é para Michael. Ponho essa ideia de parte quando reparo que me é endereçada. É o meu nome que está na parte da frente do



envelope, escrito a caneta azul com maiúsculas bem desenhadas. Esta pessoa, Dante, quem quer que seja, pretende que seja eu a receber esta carta.

Mas porquê?

E do que está à espera?

Perturbada, dobro a carta em três, volto a pô-la no envelope e deixo-o sobre a mesa. De seguida, verifico se todas as janelas e portas estão

trancadas. Puxo os cortinados e os estores e sirvo-me um copo de vinho, depois, sento-me à mesa da cozinha fitando o envelope com uma estranha sensação de mau pressentimento.

Uma sensação de que algo se aproxima. E seja o que for, não é bom.

Ainda me dói a cabeça quando me arrasto da cama de manhã, mas já sem a sensação opressiva de medo. Lá fora, está um tempo cinzento e tempestuoso, contudo, a chuva parou, pelo menos por enquanto. O tempo é nublado e húmido durante todo o ano em Washington, e janeiro é particularmente sombrio.

Tento trabalhar, mas desisto uma hora depois, não consigo concentrar-me. Tudo o que desenho parece deprimido. O livro infantil que estou a ilustrar é sobre um menino tímido que se torna amigo de um coelho que fala, mas hoje o meu coelho parece preferir ter uma overdose de analgésicos a comer as cenouras que o menino lhe quer dar.

Abandono a secretária e vou à cozinha. A primeira coisa que o meu olhar capta é a carta em cima da mesa. A segunda coisa que vejo é o chão cheio de água.

Durante a noite entrou água por uma fenda no teto, duas fendas, para ser mais exata.

Eu sabia que deveríamos ter comprado uma casa mais recente.

Mas Michael não quis uma casa nova, preferia casas antigas com «caráter». Quando há seis anos nos mudámos para esta casa vitoriana Queen Anne, estávamos casados há pouco tempo e tínhamos mais energia do que dinheiro.

Passámos os fins de semana a limpar, a martelar, a arrancar carpetes velhas e a tapar os buracos das paredes de gesso.

Foi divertido durante três meses, depois tornou-se extenuante, e depois uma batalha de intenções: nós contra uma casa que parecia determinada a ficar num estado de decadência por muito que tentássemos remodelá-la.

Se substituíssemos um cano partido, então a caldeira deixava de funcionar;

se

instalássemos

novos

eletrodomésticos na cozinha antiga, então encontraríamos bolor tóxico na cave. Era um carrossel infinito de substituições e reparações que esgotou as nossas economias e paciência.

Michael planeava substituir o telhado este ano.

Às vezes pergunto-me o que deixarei por completar na minha lista de tarefas quando morrer.

Mas depois forço-me a pensar noutra coisa, pois já estou suficientemente triste.

Trago da garagem dois baldes de plástico e deixo-os no chão da cozinha, por baixo dos sítios onde o teto pinga, depois vou buscar a esfregona. Demorei quase uma hora a tirar a água e a deixar o chão seco. Assim que termino, ouço a porta da frente a abrir-se e a fechar-se, e olho para o relógio do micro-ondas.

Dez horas. Mesmo em ponto.

A minha empregada doméstica, Fiona, dirige-se à cozinha. Olha para mim, pousa os sacos de plástico com os produtos de limpeza e deixa sair um grito horripilante.

Uma prova de que estou exausta é que nem me assustei com o som.

– Estou assim tão mal? Lembre-me de pôr alguma maquilhagem antes de vir para a semana.

A respirar com dificuldade e com o rosto pálido, ela apoia um braço na ombreira da porta e benze-se.

– Valha-me Deus! Pregou-me cá um susto!

Faço-lhe uma careta.

– De quem é que estava à espera? Do Pai Natal?

De ascendência escocesa, ela é roliça e atraente, com olhos azuis, faces rosadas e pernas robustas. As mãos são vermelhas e ásperas de anos de trabalho em limpezas.

Embora tenha provavelmente mais de sessenta anos, a sua energia é a de uma mulher com metade da idade.

Ter os seus serviços para me ajudar a manter a casa é um luxo dispendioso, mas com dois andares que têm mais de 450 metros quadrados, com o que parecem ser milhares de cantos e recantos que ganham pó, a casa precisa de limpeza constante.

Ela abana a cabeça, usando a mão como um leque.

– Ui! Este coração velho disparou, minha querida! – Ri-se suavemente.  
– Há quanto tempo.

Depois volta a ficar séria e olha para mim atentamente, a inspecionar-me como se não me visse há cem anos.

– Como está, Kayla?

Olho-a furtivamente. Não consigo mentir quando encaro aqueles olhos azuis penetrantes.

– Estou bem. A tentar manter-me ocupada.

Ela hesita, como se não tivesse certeza do que vai dizer.

Depois exala uma lufada de ar e faz um gesto impotente em direção à janela e à vista com nuvens para lá de Puget Sound.

– Lamento o que aconteceu. Li no jornal. Que choque. Há alguma coisa que eu possa fazer?

– Não, mas agradeço. – Clareio a voz. Não chores Não chores. Acalma-te. – Por isso, hoje não se preocupe com a cozinha, evidentemente. Vou encontrar alguém que venha ver as fendas do teto, e por isso não faz sentido estar a

limpar se o chão fica cheio de água outra vez. O meu escritório também não precisa de ser limpo esta semana, e também...

Engulo em seco, apesar do nó que tenho na garganta.

– E se calhar não limpe também o escritório do Michael.

Gostava de o deixar como está durante algum tempo.

– Compreendo – diz suavemente. – Então, vai ficar?

– Sim. Vou ficar aqui o dia todo.

– Não, o que quero perguntar é se vai ficar na casa.

Há algo de estranho na sua entoação, qualquer coisa subliminar que me escapa, mas depois percebo. Está preocupada com a garantia do seu trabalho.

– Oh, não, não a posso vender agora. É muito cedo para tomar uma decisão tão importante. Talvez daqui a um ano, ou dois, quando as coisas estiverem mais organizadas.

Sinceramente, não sei, estou só a viver um dia de cada vez.

Ela acena com a cabeça. Ficamos num silêncio confrangedor até ela levantar o braço e apontar noutra direção.

– Bom, vou trabalhar.

– Está certo. Obrigada.

Pega nos sacos que tinha deixado no chão e vira-se para se ir embora. Mas depois volta-se subitamente e diz num impulso:

– Vou rezar por si, querida.

Não me preocupo em dizer-lhe que não vale a pena gastar o seu latim.

Sei que sou uma causa perdida, que por muito que se reze nada me vai ajudar, mas isso não significa que tenha de ser rude. Simplesmente mordo o lábio, aceno com a cabeça e engulo as lágrimas.

Quando ela sai, o meu olhar incide na carta em cima da mesa. Não consigo dizer o que me impele a fazê-lo, mas antes de dar por isso, já estou sentada a escrever uma resposta. Escrevo-a nas costas da carta que Dante me enviou.

Esperará por quê?

Envio-a pelo correio antes de perder a coragem. Passa uma semana até receber uma resposta que é ainda mais curta que a minha. Na verdade, é só uma palavra.

Por ti.

No canto inferior direito do papel está uma mancha de algo seco, com uma cor enferrujada, que parece sangue.



Ponho a carta no fundo da gaveta da roupa interior e deixo-a lá para me esquecer dela. Se chegar outra, talvez possa telefonar ao simpático detetive que falou comigo aquando do acidente para perceber o que acha.

Eventualmente, até lhe posso pedir para investigar o nome de Dante e ver o que ele descobre.

Entretanto, tenho outras coisas com que me preocupar.

Além da fuga no telhado, a casa também decidiu ter problemas elétricos. O lustre da sala de jantar está a piscar.

Ouçó estalidos e rangidos quando ligo o interruptor da luz no quarto principal. De vez em quando, a campainha da porta toca e ninguém está lá.

Tentei telefonar para três reparadores de telhados diferentes da zona e ninguém me devolveu a chamada, por isso agora estou à espera de um tipo chamado Ed, um faz-tudo cujo cartão encontrei no fundo da gaveta de tralha da cozinha quando estava à procura de uma caneta.

Não sei porquê, mas imagino que seja um homem mais velho, careca, com uma barriga de cerveja e um cinto com ferramentas pendurado à cintura. Mas, quando ouço bater à porta e a vou abrir, encontro um homem novo, sorridente, magro, com cabelo castanho comprido e preso por uma fita entrançada de couro na testa. Veste uma T-shirt com o John Lennon e umas calças de ganga à boca de sino desbotadas.

Calça sandálias e segura numa mão uma caixa de ferramentas enferrujada.

Exala um cheiro forte de quem fumou erva.

– Viva. É a Kayla?

– Eu mesma.

Sorridente, estende-me a mão e apresenta-se:



– Sou o Eddie.

Devolvo o sorriso e damos um aperto de mão. Parece agradável e inofensivo, duas características que considero fundamentais num homem que deixa entrar dentro da casa onde moro sozinha.

– Entre. Vou mostrar-lhe onde é.

Ele segue-me para a cozinha, comentando como acha a casa fixe.

– Fixe é, mas a deteriorar-se a cada dia – contraponho. E

aponto para duas manchas castanhas em forma de anel no teto da cozinha, feitas pela água.

– Sim, estas casas antigas precisam de muitos cuidados –

observa, esticando o pescoço para olhar as manchas no teto. – Especialmente com a humidade que aqui há. Tem problemas de bolor?

– Já não, tratei disso há alguns anos. Agora são as fendas no telhado e as questões elétricas – respondo, apresentando-lhe também um resumo do que acontece com as luzes e a campainha da porta. – Além disso, quando ligo a máquina de secar sinto um cheiro a queimado e, por vezes, a televisão desliga-se. Ah, e recentemente explodiram algumas lâmpadas.

De repente, uma corrente de ar frio eriça-me os pelos dos braços, sobe-me à nuca e percorre-me as costas num arrepio. A tremer, esfrego com as mãos os meus braços arrepiados.

Deveria pedir-lhe para verificar a calafetagem das janelas enquanto aqui está, mas cinjo-me ao que é mais importante.

– Vou mostrar-lhe onde é o quadro elétrico.

Eddie vai comigo à arrecadação na parte de trás da casa, ao lado da garagem. Lá encontram-se as máquinas de secar e lavar, juntamente com os armários que têm artigos de limpeza.

Ele pousa a caixa de ferramentas no chão, abre a portinhola metálica do quadro elétrico e olha rapidamente para os interruptores.

– Primeiro vou inspecionar a caixa de tensão para perceber se o disjuntor está a funcionar com a capacidade certa e depois vou ver o circuito elétrico. Podem ser problemas relacionados com danos ou desgaste causados pela água. A seguir, vou verificar todas as tomadas

para ter a certeza de que estão operacionais. Onde está o contador?

– Do lado de fora da porta da garagem.

Ele acena com a cabeça.

– Também vou averiguar isso. Devo levar mais ou menos uma hora para conferir tudo e depois faço-lhe um cálculo estimado das reparações. Parece-lhe bem?

– Parece-me excelente, obrigada. Acede-se ao sótão no piso de cima, pelo closet do quarto principal. A escada está na garagem.

– Fixe.

– Se precisar de mim, chame, que andarei por aqui.

– Claro.

Deixo-o sozinho e vou para o escritório. Consigo trabalhar um pouco antes de a dor de cabeça começar. A uma moinha latejante nas têmporas junta-se uma pressão atrás dos olhos tão forte que os deixa a lacrimejar. Estendo-me no pequeno sofá com os estores descidos e as luzes apagadas até Eddie aparecer no corredor com a caixa de ferramentas.

– Oh, pá, desculpe. Não sabia que estava a dormir, vinha aqui verificar as tomadas.

Sento-me, desorientada.

– Não dormia, só descansava os olhos. Estou com uma dor de cabeça terrível.

Ele acena compreensivamente.

– Costumava ter umas enxaquecas doidas.

Costumava ter, passado. Sinto uma estranha ponta de esperança.

– Encontrou alguma coisa que as resolvesse? Nada do que eu tomo acaba com elas.

– Vai rir-se. Importa-se que eu aceda as luzes?

– Força. E prometo que não me rio, estou muito desesperada. – Quando Eddie liga o interruptor e o espaço se inunda de luz,

estremeço. Tento levantar-me, mas estou demasiado tonta, por isso afundo-me no sofá, fecho os olhos e aperto delicadamente o começo da cana do nariz.

Quando foi a última vez que comi? Não me lembro.

Ele anda em passinhos de lã à procura das tomadas. É

tão gracioso, não se ouvem os passos. Já conheci gatos que faziam muito mais barulho.

– Depois de ter começado a fazer terapia, as dores de cabeça desapareceram. Pá, simplesmente foram-se. Percebi que tinha muitas emoções reprimidas.

Abro os olhos e encontro-o agachado debaixo da secretária com um medidor de potência na mão. Coloca-o junto da tomada elétrica, durante um momento lê o que aparece escrito no aparelho e depois segue para outra tomada, na qual repete o processo.

– Chamam-lhe doença psicossomática. É literalmente o cérebro que nos deixa doentes. O stress é muito tóxico. É

espantoso, não é?

– É espantoso – concordo, enquanto me pergunto se ele não vive numa comuna ou cooperativa. Em toda a área de Washington e Seattle veem-se grupos que têm a sua própria comunidade, um estilo de vida que começou na década do amor livre, em 1960, onde as pessoas partilham casa e recursos comuns e renunciam a coisas modernas, como telemóveis e alimentos geneticamente modificados.

Tenho uma personalidade demasiado reservada para viver muito próxima de pessoas com as quais não faço sexo, mas não critico as escolhas de vida dos outros.

Eddie põe-se de pé e vira-se para mim.

– Posso dar-lhe o nome do meu médico, se quiser. A não ser que não considere que seja um problema de stress.

– Perder o meu marido conta como stress?

Não sei porque disse isto, ou porque o disse de forma mordaz. Normalmente não deixo transparecer as emoções e não sou sarcástica como Michael era. Ele usava o humor negro para lidar com assuntos

deprimentes ou mórbidos, o que parecia, por vezes, insensibilidade. Mas eu sabia que era um mecanismo de defesa. Ele era suave e doce como um marshmallow.

Eddie olha para mim com ar confuso.

– Perdeu-o?

Ninguém pode ser assim tão tapado.

– Morreu.

Parecendo abalado, comenta:

– Oh, pá. Lamento muito.

– Obrigada.

– Foi recente?

– Na véspera de Ano Novo.

– Caraças! Foi só há umas semanas.

Devia parar de falar agora. Cada palavra que sai da minha boca vai deixar o pobre Eddie transtornado.

Sempre tive tendência para ter uma empatia excessiva pelas pessoas, que é um dos motivos pelos quais não sou muito sociável. As emoções dos outros em cima das minhas podem tornar-se sufocantes.

– Sim. Adiante – digo, conseguindo levantar-me e evitando o olhar dele. – Então, qual é o veredito?

Antes de responder, observa-me. Sinto que percebe a rigidez do meu corpo e a entoação intensamente artificial da minha voz. Talvez também seja empático porque tem pena de mim e muda de assunto.

– Bom, aquela fenda é uma grande chatice. Vem da parte plana do telhado pelo torreão, o que significa que se terão de remover as telhas e cortar a madeira para a reparar.

Entre as empenas, o torreão e a inclinação acentuada do próprio telhado, vai ser um trabalho de grandes dimensões, lamento dizer-lhe. Terá de trazer cá um especialista.

O coração cai-me aos pés. Sempre que vem um especialista, aumentam

os custos.

– Liguei para vários reparadores de telhados, não consegui falar com ninguém e só o encontrei a si.

Eddie solta um riso abafado, abanando a cabeça.

– Pois é, não sei bem porquê, mas a malta que arranja telhados não é de fiar. Até lhe recomendava alguém, mas sinceramente não conheço ninguém a quem possa confiar um trabalho destes.

– OK. Agradeço na mesma. Vou continuar a tentar. Estava a evitar ligar para uma empresa de Seattle porque eles cobram bastante, mas acho que terá de ser.

Alguns segundos depois, diz gentilmente:

– Se quiser, posso dar uma vista de olhos no orçamento que lhe vão propor para ter a certeza de que não é enganada.

Porque estou sozinha, é o que ele quer dizer. Não tenho um homem que interceda nos meus assuntos.

Porque uma pessoa no meu estado, em luto, desorientada e desesperada, é um alvo fácil de vigarices.

Ele sorri, mas sei que não está a namoriscar comigo. É

um tipo genuinamente simpático a tentar ajudar alguém que vê estar angustiado.

Seria tão bom se o mundo estivesse repleto deste tipo de pessoas.

– É muito atencioso da sua parte, Eddie, mas eu arranjo-me. Descendo de uma longa linhagem de raparigas intimidantes de Jersey.

O seu sorriso transforma-se numa risada. Tem um dente da frente torto que é estranhamente encantador.

– Em tempos conheci uma dessas. Só tinha metro e meio de altura, mas era assustadora.

Sorrio-lhe.

– Até os pequenos dragões cospem fogo.

– Lá isso é verdade.

– Então, em relação à parte elétrica? Está muito má, não está?

Encolhe os ombros.

– Não, está tudo em conformidade.

Olho para ele desconfiada.

– O que quer dizer com «em conformidade»?

– Quero dizer que não há problemas. Os disjuntores da corrente não estão a disparar, não encontro qualquer desgaste no circuito elétrico, não há falhas no arco, pontos quentes, saídas desativadas, ligações soltas... – Encolhe os ombros outra vez. – Está tudo em excelentes condições.

– Não pode ser. E as luzes a piscar?

– Pode ser um problema da rede de energia elétrica local. Pode perguntar a um vizinho se lhe acontece o mesmo. Nesta zona, algumas partes desta rede têm mais de um século. Qualquer que seja a causa, não vem do interior da casa.

– E as lâmpadas a explodir? Definitivamente, isso não é normal.

– É mais comum do que pensa. Ou pode ser do fabricante, que deixou a base mal isolada e os filamentos sobreaqueceram,

ou

pode

haver

alguma

ligação

desapertada entre a ampola e o casquilho que faça a corrente saltar. Certifique-se que a partir de agora não compra lâmpadas baratas e, já agora, que ficam bem enroscadas.

Estou a ficar um pouco exasperada. Será que ele verificou o circuito elétrico ou esteve no sótão a fumar erva durante este tempo todo?

– Está certo, mas porque é que a campainha toca quando ninguém está lá? E o cheiro a queimado quando ligo a máquina de secar? Consegue

explicar isso?

Ele hesita. Consigo perceber que está a escolher as palavras com cuidado.

– Bom... sabe, ultimamente tem andado sob muito stress.

– Com um ar envergonhado, acrescenta: – Por causa do seu marido e assim.

Estou uns momentos sem entender, mas depois compreendo. Tenho de respirar fundo antes de começar a falar, porque a minha vontade é começar a gritar-lhe.

– Eddie, a minha mente não me anda a pregar partidas.

Não estou a ter alucinações com problemas elétricos.

Desconfortável perante o modo como o encaro, balança ligeiramente o corpo para um lado e para o outro.

– Não quero desrespeitá-la. O que lhe posso dizer é que quando eu estava num lugar mau, achava que ouvia vozes a sussurrarem e via sombras a moverem-se.

– Alguma coisa dessas aconteceu enquanto estava sob efeito de substâncias alucinogénias?

A sua expressão aflita diz-me que a resposta é «sim».

De qualquer forma, o nosso assunto já está concluído.

Pode ser que consiga encontrar alguém para arranjar o telhado e que recomende um eletricista sóbrio.

– Esqueça. Obrigada por ter vindo fazer a inspeção.

Quanto lhe devo?

Ele enfia o medidor de potência no bolso de trás das calças de ganga, dobra-se para pegar na caixa de ferramentas que tinha deixado no chão, endireita-se e abana cabeça.

– Nada.

– Não, não pode ser. Tem de ser compensado pelo tempo que gastou.

Sacode o cabelo comprido para cima do ombro, vincando o sorriso apenas num lado da cara.

– Agradeço, mas a minha política é: se não encontro problemas, a visita é gratuita.

Tenho a leve suspeita de que acabou de inventar esta política porque tem pena de mim.

– De certeza? Não quero aproveitar-me da situação.

– Não, tudo tranquilo. Mas se algum dos seus amigos precisar de um faz-tudo...

– Vou recomendá-lo, garanto-lhe. Obrigada, Eddie. Muito obrigada.

Ele sorri abertamente, exibindo o dente torto.

– Vou indo, então. Fique bem, OK? Pode ligar-me caso precise do contacto do meu médico. Ele é realmente muito bom.

Forço um sorriso e minto.

– Assim farei. Obrigada, novamente.

– Não precisa de me acompanhar à saída. Até breve!

Sai. Vou confirmar se a porta está trancada assim que a ouço fechar-se. Depois vou à cozinha buscar um copo de água, mas detenho-me quando vejo o envelope em cima da mesa.

Mesmo estando no meio da divisão, consigo ver no canto o carimbo com a palavra AMOR e a redação cuidada do meu nome feita com uma caneta azul.

Fico com um nó na garganta. O coração começa a bater depressa. As mãos, que estavam em repouso, começam a tremer.

De seguida, todas as luzes no teto da cozinha ficam mais brilhantes.

Com um ruído agudo começam a piscar e depois apagam-se.





Querida Kayla,

Não respondeste à minha última carta, o que eu entendo, porque achas que nunca nos conhecemos.

Estás

enganada.

Poderia

aborrecer-te

com

pormenores, mas, por agora, acredita que te conheço.

De todas as maneiras pelas quais uma pessoa pode conhecer outra, conheço-te.

Conheço a tua aparência, o teu som, o teu sabor e o teu cheiro.

Conheço a escuridão dos teus lugares mais escuros e a luz dos teus lugares mais luminosos.

Conheço os teus sonhos, os teus pesadelos, todos os segredos que trazes ocultos, todos os desejos inexprimíveis que nunca conseguiste admitir.

Conheço o contorno da tua alma.

Conheço as tuas mãos que tremem enquanto lêes estas palavras, e como o teu coração bate tão rápido quanto as asas de um beija-flor. Sei que queres rasgar esta carta e também sei que não a queres rasgar.

Preciso tanto de te tocar. Preciso tanto de ouvir a tua voz. Não posso, claro, porque estou aqui e tu estás aí, mas a distância não faz a saudade desaparecer.

Ainda consigo sentir o sabor da tua pele.

Dante



Estou encostada à janela da cozinha com a carta nas mãos e leio-a outra vez sob a luz da tarde cinzenta. Leio-a de novo. E novamente, porque é tão bizarra que a minha cabeça se recusa a arranjar uma explicação plausível.

Provavelmente porque não há nenhuma.

As luzes por cima de mim piscam e ligam-se, iluminando o espaço.

Levanto os braços para o céu e digo para o teto: «Quem dera que tivessem feito isso quando o Senhor Eddie Está Tudo Bem estava aqui!»

De seguida, dobro a carta, volto a pô-la no envelope, deixo-a na mesa e sirvo-me um copo de vinho tinto. Bebo um gole, decidindo num impulso que preciso de garantir que está tudo fechado na casa. Vou de divisão em divisão para verificar os trincos das janelas e as fechaduras das portas até ter a certeza de que está tudo bem trancado.

Depois de o ter feito, sento-me à mesa da cozinha e faço uma lista. Penso sempre melhor com uma caneta na mão.

## **POSSÍVEIS EXPLICAÇÕES**

- Alguém anda a brincar contigo

Risco imediatamente isto, porque é óbvio que alguém anda a brincar comigo. A questão é: porquê? E porquê agora?

- Este Dante viu a notícia sobre o acidente no jornal

- Cheira-lhe a dinheiro

- Está a tentar intrujar uma viúva solitária Assim que escrevo isto, julgo que acertei.

Bom, ele está na prisão. Para ter ido lá parar é porque fez alguma

coisa errada. Eufemisticamente, poder-se-ia dizer que esta pessoa está moralmente comprometida.

Provavelmente anda à procura de obituários nos jornais e envia em catadupa estas cartas a viúvas recentes, esperando que alguma morda o isco e lhe responda para dar início a uma relação em que a seduz com o objetivo de receber uma grande quantia de dinheiro.

Mas a carta é demasiado esquisita para ser um isco. E

demasiado específica. Poderia simplesmente dizer que era um tipo que estava à procura de um amigo por correspondência, e não que ainda sentia o sabor da minha pele.

Ou que conhece o contorno da minha alma.

E isto quer dizer o quê? O que significa tudo isto?

– Nada – sussurro, olhando furiosa para o envelope. – É

uma fraude.

Não me concentro de propósito no mistério de como chegou uma carta à mesa da cozinha sem eu saber como, mais uma vez, porque julgo que estou a ficar com mais falhas de memória e eu própria a trouxe da caixa do correio.

Consola-me o facto de a carta deste misterioso Dante não ter qualquer tom de hostilidade. Admito que é sinistra com toda aquela conversa do «conheço-te», mas pelo menos não ameaça fazer-me mal.

Também acho que não o conseguiria fazer. Tenho ideia de ter lido algures que a correspondência é controlada na prisão. É possível que ficasse em apuros se tentasse fazer uma ameaça violenta pelo correio.

Não que ele tivesse razões para fazer ameaças. Michael não tinha inimigos e eu também não. Somos o típico casal de classe média, ambos sobrecarregados de trabalho e exaustos, por isso a nossa ideia de diversão é enroscarmo-nos no sofá todas as sextas-feiras à noite para ver um filme.

Era. A nossa ideia de diversão era vermos um filme juntos.

Algo que nunca mais vou fazer.

Um aperto repentino no peito mal me deixa respirar. A sentir-me com tonturas, pouso a cabeça sobre os braços e fico a ouvir a chuva a bater

nas janelas como se fossem milhares de unhas.

– É um criminoso idiota a tentar enganar uma mulher vulnerável – digo para o tampo da mesa.

Não me faz sentir melhor. Na verdade, ainda me faz sentir pior.

Quem é que este tipo pensa que é para me enviar esta porcaria?

Quem quer que seja, claramente tem problemas mentais.

Levanto a cabeça bruscamente. Talvez seja isso mesmo.

Talvez não esteja a tentar intrujar-me. Talvez este misterioso Dante seja simplesmente maluco.

Não sei ao certo o que sinto em maior quantidade, se empatia, se ansiedade. Quer dizer, se o pobre tipo está preso porque tem algum tipo de doença mental que não foi diagnosticada, devendo ser medicado e não encarcerado, é uma coisa.

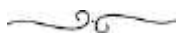
A outra é: fez algo que o levou a ser preso. E se foi algo violento?

Ele pode ser perigoso.

Tiro a carta do envelope e leio-a novamente. Um estranho impulso faz-me levá-la ao nariz e cheirá-la.

As minhas narinas são inundadas por um subtil aroma a cedro e a fumo de madeira. E mais qualquer coisa... um cheiro a terra, almiscarado, como o odor de um homem.

Ou de um animal.



Este pensamento desconcerta-me. Dobro a carta rapidamente e ponho-a dentro envelope. Subo as escadas, levo-a até ao meu quarto e enfio-a no fundo da gaveta da roupa interior.

Depois desço, ligo o computador e começo a pesquisar reparadores de telhado em Seattle.

Uns dias depois, quando estou na lavandaria a dobrar toalhas, a campainha toca. Vou à porta esperando que lá esteja, de facto, uma pessoa.

E está.

E é tudo o que Eddie não era relativamente à simpatia e aos sorrisos.

A sua altura e tamanho são imediatamente intimidantes, assim como a expressão dura. Tem cabelo escuro, olhos escuros e barba escura a cobri-lhe o maxilar quadrado. Usa calças de ganga desbotadas, botas de trabalho gastas, uma camisa verde-tropa com o botão de cima desapertado, as mangas arregaçadas deixando os braços muscudos e tatuados à vista. Parece que acabou de sair da floresta depois de construir uma cabana com as árvores que deitou abaixo com um machado.

Para minha grande surpresa, acho-o atraente.

É surpreendente porque ele não é, de todo, o meu género. Gosto de homens com o estilo aprumadinho, do tipo Wall Street, com um ou dois cursos superiores, excelente higiene e um conhecimento sólido sobre como funciona um plano de pensões.

Este tipo parece que fundou um clube de combate clandestino.

Fica na porta de entrada a olhar-me fixamente num silêncio intenso até eu dizer:

– Posso ajudá-lo?

– Aidan.

Quando se torna evidente que só vai dizer isto, presumo que esteja à procura de alguém chamado Aidan e que acha que vive nesta casa.

– Desculpe, mas não mora aqui nenhum Aidan.

A sua expressão endurecida vacila com o que parece ser desdém.

– Sou o Aidan. Da empresa de Seattle de reparação de telhados – diz, apontando por cima ombro para a carrinha na berma da estrada com o nome da empresa estampado a letras vermelhas.

Rio-me, embaraçada.

– Oh, desculpe! Pensei que só vinha para a semana.

– Tive uma vaga na agenda – diz, sem nenhum vestígio de cordialidade. – Pensei em passar. Se for má altura...

– Não, não, está ótimo – interrompo-o, abrindo-lhe a porta. – Entre, por favor.

Ele atravessa a soleira. De repente, a entrada da casa parece pequena. Fecho a porta atrás dele e gesticulo na direção da cozinha.

– Mostro-lhe onde estão as fendas, se quiser começar por aqui.

Responde num aceno mudo.

Sinto que estou a ser seguida por um lobo raivoso enquanto nos encaminhamos para a cozinha. Não, não um lobo. Algo maior e ainda mais perigoso. Um gorila, talvez.

Ou um leão.

– Então, é daqui que a água vem – indico, apontando para o teto. – Veio cá uma pessoa que faz tudo que verificou a parte elétrica. Também inspecionou o telhado e disse qualquer coisa como a parte plana perto do torreão precisar de ser cortada e substituída.

Aidan não olha para o teto. O seu olhar impassível e imóvel permanece fixo em mim.

– A parte elétrica ficou arranjada?

– Não, nem por isso.

– Isso quer dizer o quê? Ficou ou não ficou?

Não sorri quando diz isto. Não há qualquer vislumbre de jocosidade na sua entoação ou expressão.

Não é propriamente agressivo, apenas tenho a impressão de que preferiria estar em qualquer outro lado do mundo e não aqui.

Levo um pouco a responder porque não sei se quero este tipo dentro da minha casa. Acho-o mais e mais irritante a cada segundo que passa.

– O faz-tudo disse que não encontrou nada que funcionasse mal no circuito elétrico, mas continuo com problemas.

Aidan faz um som de quem resmunga.

– Vou ver isso.

– Também trata da parte elétrica?

Os seus olhos escuros encontram os meus.

– Eu faço tudo.

Di-lo categoricamente, como se lhe tivesse insultado a masculinidade. Como se não adivinhasse que é o Capitão Capaz-de-Tudo só de olhar para ele.

Gostaria que estivesse aqui alguém sensato para lhe perguntar que tipo de problema Aidan tem, mas uma vez que me encontro sozinha, terei de descobrir por mim mesma.

– Será que consegue fazer de conta que é uma pessoa educada? Pode ser útil, de vez em quando. Como agora, por exemplo.

Ele franze as sobrancelhas.

– Minha senhora, quer a casa arranjada ou tomar chá?

O seu tom rude enfurece-me.

– Não tomo chá com animais selvagens. E sim, quero a casa arranjada, mas não pago para que falem assim comigo. Além disso, chamo-me Kayla. Caso não tenha reparado, as mulheres são realmente pessoas. Por isso, vai comportar-se como um ser humano ou vai-se embora?

Refreia um insulto que quase deixava escapar e fita-me com um ar zangado. Depois olha para as manchas no teto e exala um suspiro lento.

– Peço desculpa – diz, numa voz áspera. – Têm sido umas semanas difíceis.

Engole em seco e aperta o maxilar, e eu sinto-me uma idiota.

Quando estamos demasiado enredados nos nossos problemas, é fácil esquecermo-nos de que os outros também os têm.

– Pois. Eu entendo – digo suavemente.

Olha para mim de relance. Cautelosamente, como se não tivesse a certeza de que não leva uma bofetada, o que me faz sentir ainda pior.

– Ouça, vamos começar de novo. – Estendo-lhe a mão. –

Olá, sou a Kayla Reece.

Ele olha para minha mão. O esboço de um sorriso começa a surgir-lhe nos cantos da boca, todavia desaparece.

Aperta-me a mão e profere solenemente:

– Prazer em conhecê-la, Kayla. Aidan Leighrite.

A mão dele é enorme, robusta e exala calor. Como ele, exceto a parte do calor.

Sorrio e retiro a minha mão.

– OK. Agora que isto está resolvido, pode, por favor, ajudar-me com o telhado? Estou desesperada.

Inclina a cabeça e fita-me.

– Consegue ultrapassar as coisas assim tão rapidamente?

Em pequenos clarões, surge-me na mente a imagem do caixão de Michael a descer para a cova. O meu sorriso esmorece. Fico com um nó na garganta.

– Não – respondo com dificuldade.

O olhar fixo de Aidan agudiza-se. Não aguento mais estes olhos penetrantes. De repente, preciso de ficar sozinha. Já começo a sentir aquela pontada quente de lágrimas prestes a brotarem.

Recuo um pouco e cruzo os braços sobre o peito.

– O acesso ao telhado faz-se pelo closet do quarto principal, no piso de cima, primeira porta à direita. Pode ver à vontade. Agora, dá-me licença.

Volto as costas e deixo-o no meio da cozinha.

Mal consigo chegar ao escritório e fechar a porta antes de desatar a chorar.





Caro Dante,

Não tenho dinheiro, por isso tem de se dirigir a outra pessoa, se é disso que está à procura. A sério.

Estou falida.

Quem é o senhor? O que quer? Porque entrou em contacto comigo? Disse que me conhecia, mas engana-se. Não conheço ninguém com o seu nome, muito menos que esteja na prisão.

Saiba que não o estou a julgar, no entanto gostaria que me dissesse o que fez para ter ido aí parar.

Olhe, esqueça. Só estou a escrever para lhe dizer que deixe de me contactar. Se enviar mais alguma carta, entrego-a ao meu amigo detetive para ser ele a lidar consigo.

Atenciosamente,

Kayla



6

Ainda demoro um pouco a recompor-me. Lavo a cara e seco os olhos na casa de banho, depois ponho um selo no envelope, enfio a carta lá dentro e fecho-o. De seguida, levo-a à caixa do correio, lá fora.

Quando regresso, não vejo Aidan. Vou à lavandaria e acabo de dobrar as toalhas, volto à cozinha, despejo os baldes de plástico no lava-louças e volto a pousá-los debaixo dos pingos que caem do teto. A seguir, olho para o frigorífico em busca de qualquer coisa que não vou comer porque estou sem apetite.

Juntamente com tudo o resto, morreu com o meu marido.

Fecho a porta, encosto lá a cabeça, fecho os olhos e suspiro.

É assim que Aidan me encontra.

– Sente-se bem?

Quando levanto a cabeça, vejo-o na porta de entrada da cozinha a observar-me fixamente com uma presumível preocupação. Ou em alerta. Não consigo discernir.

– Sinceramente? Acho que nunca estive menos bem –

desabafo, franzindo o sobrolho. – Isto foi uma dupla negativa?

– Não faz mal. Eu percebi. Não está bem – diz Aidan.

Se ele for como a maioria dos homens que eu conheço, prefere cortar um braço a ouvir-me contar os motivos pelos quais estou assim, por isso mudo de assunto.

– Ficarei melhor se me disser que consegue arranjar o telhado.

– Consigo arranjar o telhado.

– Oh. A sério?

A sua expressão azeda. Insultei novamente a sua masculinidade.

– Desculpe. É que ultimamente não tenho tido boas notícias, por isso fico feliz por ouvir isso.

Examina a minha expressão.

– Não parece feliz.

– Não estou. Era um modo de dizer.

Encaramo-nos em silêncio até ele afirmar:

– Ficaré menos feliz quando lhe disser quanto vai custar.

– Devo sentar-me para ouvir isso?

– Não sei. Costuma desmaiar?

Franzo o sobrolho.

– Até perguntava se está a fazer uma piada, mas estou certa de que o humor não é a sua praia.

– Não me conhece. Posso ser muito divertido.

Olhamos fixamente um para o outro. Nenhum de nós sorri. Ele ostenta no pescoço uma tatuagem com uma caveira que parece rir-se

cinicamente para mim.

– É muito divertido? – pergunto.

– Não – responde sem perder um segundo.

Não consigo evitar: rio-me.

– Excelente. Eu não sou feliz, o Aidan não é engraçado.

Este projeto deve correr mesmo bem.

– Só que acabei de a fazer rir, por isso talvez eu seja engraçado e a Kayla seja feliz.

Só quando o encaro é que ele diz:

– Pelo menos durante uns segundos.

Isto é estranho? Não consigo perceber se é estranho ou não. A sentir-me desconfortável e constrangida, aclaro a garganta.

– Bom. Obrigada por isso.

– De nada. Estamos a falar de dez mil.

Foi uma mudança de assunto tão rápida que o meu pobre cérebro precisou de uns segundos para perceber que ele está a falar do preço que vai cobrar por reparar o telhado.

– Dez... mil ?

– Sim.

– Dólares?

– Não, conchas. Dólares, claro.

Faço-lhe uma careta.

– E diz que não é divertido.

– Eu faço o orçamento – diz ele. Sem dizer mais nada, vira as costas e sai pela porta.

Não faço ideia se se vai realmente embora e me envia o orçamento por e-mail ou assim, mas regressa logo depois sem bater à porta, senta-se na mesa da cozinha e começa a escrever num bloco de papel.

Ele é enorme. Faz a mesa e as cadeiras parecerem móveis de uma sala de infantário.

Pego na folha que ele rasga do bloco e me entrega.

– A mão de obra são oito mil, mas os materiais são só dois mil? – pergunto, depois de olhar para o papel.

Ele recosta-se na cadeira e cruza os braços.

– Se quiser posso trazer os materiais e a Kayla arranja o telhado.

Espertalhão.

– O que eu quero é um preço justo.

– Esse preço é justo.

– Como é que a mão de obra pode custar tanto?

– É especialista na atribuição de preços na área da construção?

– Não, mas sou especialista em detetar tretas – respondo, ao movimentar rapidamente o pulso e fazendo o papel estalar. – E isto é uma treta.

Ele olha de relance para a minha aliança.

– Se não acredita em mim, pergunte ao seu marido. É um orçamento justo.

Um acesso de calor sobe-me lentamente pelo pescoço. O

coração começa a bater com força.

– Sou perfeitamente capaz de ter as minhas próprias opiniões – riposto firmemente, detendo-me no seu olhar.

Estreita os olhos, não como se estivesse zangado, mas como se estivesse a tentar decifrar-me.

Depois as lâmpadas da cozinha começam a piscar, lembrando-me de que esta besta rude foi a única pessoa que consegui encontrar, além do Eddie hippie-adorador-de-erva, por isso ainda não o vou expulsar da cozinha.

Puxo uma cadeira e sento-me à frente dele.

– Não tenho dez mil dólares.

Não diz nada. Fixa os olhos em mim, simplesmente.

Oh, adorava pegar no orçamento e esfregá-lo naqueles braços para cima e para baixo para os cobrir com cortes de papel.

Obviamente que não seria possível ver os cortes por causa das tatuagens, mas seria libertador.

– Não estou a mentir-lhe, Mr. Leighrite. Não tenho dez mil dólares.

– Chamo-me Aidan. E como é que vive numa casa deste tamanho se não tem dinheiro?

– Isso é uma questão demasiado pessoal à qual não vou responder. E não disse que não tinha dinheiro, disse, sim, que não tinha dez mil dólares.

Inclina-se, pousa os grandes braços tatuados na mesa e entrelaça os dedos.

– Então vamos negociar.

A sua intensidade é formidável, mas não quero que pense me intimida. Endireito-me mais na cadeira e ergo o queixo.

– Diz isso como se negociar fosse a sua coisa preferida.

– E é.

– Hum. Tenho o palpite de que seduz os seus potenciais clientes com esse deslumbrante sentido de humor.

– Não. Essa é a minha segunda coisa preferida.

Fitamo-nos novamente. Mais uma vez, nenhum de nós sorri. Finalmente, digo:

– Quatro mil.

O som sonoro que exala pelo nariz indica o que pensa da minha primeira oferta.

– É o dobro do custo dos materiais.

– Consigo somar dois mais dois, obrigado. Dez mil.

- Pensava que estávamos a negociar.
- E estamos.
- Então não pode continuar a dizer sempre o mesmo número.
- Quem diz?
- Digo eu!
- Ainda bem para mim que a Kayla não está em vantagem.

Olho para ele indignada e com a boca aberta. A seguir, acontece uma coisa estranha: ele sorri.

- Só queria ver o que ia fazer com o que acabei de dizer.

Tenho vontade de o atropelar com o carro. Anuncio com firmeza:

- Quatro mil e quinhentos.
- Nove mil novecentos e noventa e nove.
- Só pode estar a brincar comigo.
- Já determinámos que eu não tenho sentido de humor.
- Se vai baixar um dólar de cada vez, nunca mais saímos daqui.

O seu olhar está alinhado com o meu e a sua voz é fria.

- Há mais algum sítio onde tenha de estar, Kayla?

Está a meter-se comigo? O que se passa aqui?

As janelas da cozinha estremecem com outro estrondo de trovões. A chuva começa a cair com mais força, tamborilando no telhado. As gotas que caem nos baldes aumentam a velocidade e os pequenos sons que produzem, ploc ploc ploc, parecem fazer troça de mim.

Tal como este Senhor Cheio-de-Personalidade.

- Não tenho dez mil dólares para arranjar o telhado. Nem nove mil novecentos e noventa e nove, por isso obrigada pelo tempo que lhe tomei – declaro. Deixo o orçamento em cima da mesa e olho para ele de cima. – Agradeço que tenha vindo.

Ergue os olhos na minha direção. A sua expressão é calculista.

– E se eu incluir a parte elétrica?

– É uma proposta generosa, mas o dinheiro não aparece na conta bancária por magia. Prazer em conhecê-lo. Eu acompanho-o à porta.

Começo a andar à espera de que se levante e me siga.

Quando percebo que não o faz, paro e viro-me.

Continua sentado à mesa da cozinha. Nem sequer olha para mim, apenas observa os pingos de água a cair para dentro dos baldes no chão.

– Mr. Leighrite.

– Chamo-me Aidan. E se conseguir pagar cinco mil, conheço um tipo que a pode ajudar – responde, sem virar a cabeça.

Penso um pouco.

– Tem licença?

Ele abana ligeiramente a cabeça, um gesto que aparenta denotar a sua estupefação perante a minha estupidez.

– Não deixo que ninguém trabalhe na minha propriedade sem licença ou seguro – digo de mau humor. – Com certeza que não preciso de lhe explicar porquê.

Os seus ombros sobem e descem à medida que respira.

Passa a mão pelo cabelo escuro e espesso, depois abana novamente a cabeça e levanta-se.

Vem na minha direção e olha-me.

– Sou eu. Eu sou o tipo. Estarei de volta amanhã cedo.

Dinheiro ou cheque. Não aceito cartões de crédito.

De seguida, passa por mim tocando-me ligeiramente e sai sem perguntar se chegámos a um acordo.

Ele já sabe que temos um acordo porque estou desesperada.

O sacana fez-me um xeque-mate.



Na manhã seguinte, às 8h00 em ponto, o Senhor Cheio-de-Personalidade bate à porta. Na verdade, dá pancadas com uma força bruta. Como se fosse o líder de uma Força de Intervenção de Elite que tem a tarefa de salvar milhares de reféns das mãos de sequestradores loucos.

Abro a porta e encaro-o.

– Bom dia, Mr. Leighrite. Qual é a emergência?

Franzido as sobrancelhas, olha-me de alto a baixo.

Como a casa está gelada, estou vestida com umas calças de fato de treino, uma camisola volumosa e um colete por cima, juntamente com um cachecol, mas ele olha para mim como se estivesse com uma colmeia em cima da cabeça e umas calças de cabedal sem a parte das nádegas.

– Está bem? – pergunta ele.

– Pareço-lhe que não estou bem? Não, não responda.

Porque é que tenta arrombar-me a porta?

– Estou há dez minutos à espera que ma abra.

– Estou a ver que a sua noção do tempo é semelhante ao seu sentido de humor.

Ele ergue ligeiramente o braço. À volta do pulso grosso tem um relógio preto grande. Daqueles desportivos que monitorizam os passos e espiam o sono das pessoas. Toca no vidro. Os números no mostrador indicam 8h10.

– Dez minutos. E pela quarta vez: chamo-me Aidan.

Não acabei de olhar para o relógio da cozinha? Mostrava 8h00 certinhas.

– Peço desculpa, os meus relógios não devem estar a funcionar – digo,



desorientada.

– A sua audição também não funciona?

Porque parece ser algo nosso, ficarmos a olhar um para o outro em silêncio. Até ele reclamar:

– Olhe, vai deixar-me entrar ou não?

– Ainda não decidi.

– Então decida, que já não vou para novo.

Que idade terá? Trinta? Trinta e cinco? É difícil dizer.

Independentemente da idade, está em grande forma. Meu Deus, aqueles bíceps são enormes. E aquelas pernas podiam esmagar um Volkswagen.

– Sim, entre – digo num tom demasiadamente alto, tentando abafar a minha voz interior idiota que se deleita com os seus grandes e estúpidos músculos.

Evitando o olhar dele, deixo a porta aberta e caminho no sentido da cozinha. Sento-me à mesa, de seguida levanto-me porque não sei o que fazer.

A porta da rua fecha-se. Passos compactos atravessam a entrada. Entra pesadamente na cozinha e fica a poucos metros de mim.

Recomeçamos o jogo de ficarmos a olhar um para outro em silêncio, cujo nome é: Qual De Nós Vai Ser O Primeiro A Dizer Uma Coisa Estranha.

Sou a primeira a quebrar a tensão:

– Tenho o seu dinheiro.

Ele olha para as minhas mãos vazias.

– Vai dar-mo ou tenho de ir escavar o jardim das traseiras?

– Sabe, julgo que me mentiu quando disse que não tinha sentido de humor. Acho que é um comediante do caraças.

– Pode dizer palavrões à minha frente. Não fico ofendido.

Levo uns segundos a massajar a testa pulsante antes de suspirar.

– Isso é muito generoso, obrigada. É que passei a noite acordada a tentar arranjar maneiras de não ferir a sua sensibilidade.

– De nada. E para que saiba: a minha sensibilidade é tão consistente quanto o meu humor.

É difícil avaliar se está a tentar não sorrir ou se está com fortes dores de estômago. A cara dele parece uma parede de tijolos.

– Tinha dito que podia ser um cheque, certo?

Ele inclina a cabeça.

Hoje veste outra versão do estilo lenhador chique, com uma camisa de flanela com padrão em xadrez preto e vermelho desbotado, fora das calças de ganga, também elas desbotadas. As botas são...

– Oh, não!

Seguindo os meus olhos, vira os dele na direção dos pés.

– O que foi?

– Encheu-me o chão de lama.

Levanta a cara na minha direção.

– Não tem tapete de entrada e está a chover lá fora.

– Está bem visto.

– De qualquer modo, este chão está bem sujo.

– Desculpe, mas acabei de o passar com a esfregona.

– Quando? Há cem anos?

Enfurecida, o meu pescoço começa a ficar muito quente.

Pá, este tipo mexe-me com os nervos!

Dirijo-me a ele categoricamente, olhando-o:

– Sim, Mr. Leighrite. Há cem anos. Vou buscar o meu livro de cheques. Endereço-o ao Godzilla ou deixo-o em branco?

– Godzilla está ótimo – replica, olhando-me com firmeza.

– Que nome devo pôr na fatura? Dona Rezingona dos Olhos Tristes?

Não consigo argumentar com a primeira parte do nome, mas a segunda irrita-me.

– Não tenho olhos tristes.

– Sei que não é da minha conta, mas se precisar de ajuda... – diz depois de ter pensado uns segundos.

– Não preciso de ajuda – interrompo com vivacidade. –

Estou bem. Não se passa nada de errado comigo.

– Não disse que se passava – responde Aidan suavemente.

Mas a forma como me observa não é tranquila como a voz. Os seus olhos assemelham-se à mão fechada que bateu na porta, exigindo vigorosamente uma resposta.

– Sabe que mais: não acho que isto vá resultar. Lamento a inconveniência, mas peço-lhe que saia – digo, com o coração acelerado.

A chuva vibra no telhado. Uma rajada de vento abala as janelas. Lá em cima, uma portada solta bate em movimentos alternados, ouvem-se dobradiças enferrujadas que parecem gemer.

– OK – diz Aidan ao fim de uns segundos longos e tensos.

Vira as costas e encaminha-se para a porta.

Fico aliviada até ao momento em que ele se volta novamente e me encara. Os olhos são escuros e penetrantes, e parecem chegar-me ao âmago da alma.

– Mas se mudar de ideias, Kayla, tem o meu número.

Não sei a que se refere em relação a mudar de ideias, se ao arranjo do telhado, se a outra coisa.

Sai, fechando a porta atrás de si.

Assim que ele se vai embora, tiro o cachecol do pescoço, que sinto a arder, e vou até à casa de banho de serviço, no corredor. Acendo a luz

e fico em frente ao espelho a olhar para mim, tentando perceber o que se passa com os meus olhos.

Arquejo de choque quando vejo umas manchas feias e roxas à volta do pescoço.

A que está por baixo do lóbulo esquerdo parece ter sido feita por um dedo polegar.



Cinco dias depois, as marcas do pescoço desapareceram completamente. Pesquisei na Internet possíveis causas para nódos negras que aparecem subitamente e encontrei de tudo, desde diabetes a falta de vitaminas.

Tendo em conta a má alimentação, juntamente com a quantidade de stress à qual tenho sido sujeita nos últimos tempos, aposto que está relacionado. Provavelmente estou anémica, o que também explica o cansaço.

As marcas também podem ter sido provocadas pelo acidente.

Mas não quero pensar nisso. Porque pensar nisso implica relembrá-lo, revivê-lo, e ainda não me sinto preparada.

Duvido que alguma vez sinta. Guardei esse dia horrível dentro de uma caixa e coloquei-a numa prateleira alta da minha cabeça.

Mas porque tenho consciência de que a minha saúde mental está frágil, decido frequentar um grupo local de apoio a pessoas em luto.

A reunião é organizada numa sala do centro de idosos.

Mais de doze cadeiras de metal desdobráveis estão dispostas num círculo, no meio de uma carpete castanha, enorme e feia. Encostada a uma parede há uma mesa de madeira, em mau estado, coberta por uma toalha de plástico com termos de café e chá, juntamente com uma pilha inclinada de copos descartáveis. À volta do espaço, cartazes com idosos sorridentes lembram a toma anual da vacina da gripe. A única janela está virada para o parque de estacionamento e para a noite chuvosa lá fora.

Já se encontram algumas pessoas sentadas quando chego. Consigo perceber pela forma como conversam que todas se conhecem. Sentindo-me ansiosa, vou até à mesa

que tem o café e sirvo-me um copo. Debatendo-me entre ir-me embora e ficar, uma mulher aproxima-se de mim e pega num copo descartável.

– Primeira vez? – pergunta, servindo-se de café.

– Sim. Também?

– Oh, não. Já frequento este grupo há seis anos.

Ela vira-se para mim, a sorrir. É morena, com cerca de quarenta anos e é elegante. Usa sapatos de salto alto, um fato de saia e casaco marfim da Chanel e, no dedo, um grande anel de diamantes. A pele é impecável e o corte de cabelo custa mais do que o que trago vestido. É incrivelmente bonita.

Sinto-me um pedaço de terra ao lado um unicórnio.

– Não precisa de participar se não quiser – diz ela. – Não há qualquer pressão. É bem-vinda caso prefira ficar simplesmente sentada a ouvir. É o que eu faço. Por vezes, estar perto de outras pessoas que compreendam aquilo por que se está a passar é suficiente. A Jan é a líder do grupo.

Aponta na direção de uma mulher magra com cabelo grisalho que usa um vestido solto estampado. Jan cumprimenta o grupo, pega numa cadeira e deixa cair no chão a mala volumosa.

– Sou a Madison – acrescenta ela, junto de mim.

– Olá, Madison. Sou a Kayla. Prazer em conhecê-la.

Quero perguntar porque é que está aqui, mas não o faço.

Ainda não sei as regras. E não quero ofender alguém que está a ser tão simpática, e que provavelmente acharia que estou em pânico.

Como se me tivesse lido os pensamentos, diz:

– Raptaram a minha filha quando ela tinha quatro anos. A polícia nunca a encontrou.

Quase deixo cair o café, mas ponho a mão na boca e sussurro:

– Oh, meu Deus. Lamento muito.

Madison bebe um gole do seu copo e depois olha para baixo como se estivesse à procura de qualquer coisa.

– Fui culpa minha. Estávamos a fazer compras no centro comercial e larguei-lhe a mão um segundo para ler uma mensagem do meu marido. Quando ergui os olhos, tinha desaparecido.

Ela levanta a cabeça e encontra os meus olhos. Os dela estão assombrados.

– Isso é o pior. Saber que foi culpa minha. Isso e não saber se está viva. O FBI disse que se uma criança não é encontrada em vinte e quatro horas, o mais provável é que nunca o seja. Ao fim de seis meses desistiram porque não havia pistas. Foi como se a Olivia se tivesse dissolvido no ar. E desde esse dia que me pergunto onde está a minha bebé. Quem a levou. O que terão feito com ela.

Os olhos de Madison fitam o vazio, como se estivesse a olhar para algo muito distante. A sua voz baixa de tom.

– A Olivia teria agora dez anos. Não sei quantas horas passei à procura dela em sites de pornografia infantil, na dark web. A única coisa que me impede de me suicidar é a esperança de um dia encontrar, num desses vídeos horrendos, uma menina com um olho azul e outro castanho e agarrá-la novamente nos meus braços.

Acho que vou vomitar. As minhas mãos tremem tanto que o café abana muito e quase entorna.

Madison vira o olhar assombrado na minha direção. A sua

aparência

sofisticada

desvanece.

Parece

que

envelheceu dez anos em poucos minutos, deixando-a exatamente como ela é:

Uma mulher a viver no inferno.

Os olhos enchem-se-lhe de lágrimas e diz com uma voz rouca:

– Acha que ela me vai perdoar?

Apetece-me desatar a chorar. Mas pouso a mão trémula no seu braço e digo:

– Não há nada para perdoar. A pessoa que a levou é um monstro. Não foi culpa sua.

Ela sorri tristemente.

– É o que me dizem na terapia. Mas não acredito. Nem o meu marido. Ele deixou-me por alguém muito mais novo.

Ouvi dizer que tiveram gémeos.

Ouve-se uma voz.

– Quem se quiser sentar, podemos começar.

Atordoada e enjoada, olho para o grupo. Jan está a acenar a duas pessoas que estão a chegar. Quando me viro para Madison, já está a afastar-se.

Pego-lhe no braço e pergunto desesperadamente:

– Este grupo ajudou-a?

Ela olha para mim durante um breve momento antes de dizer suavemente:

– O que acha?

Depois volta-se e afasta-se. Senta-se numa das cadeiras do círculo e olha para o seu café.

Ninguém a cumprimenta. Ela também não cumprimenta ninguém. É como se estivesse dentro da sua bolha de dor, isolada de tudo o resto.

Imagino-me daqui a seis anos, junto desta mesma mesa de café, a contar a um estranho o que aconteceu ao meu marido, essa pessoa a perguntar-me se o grupo me ajudara, e a saber, sem qualquer sombra de dúvida, que a minha resposta seria igual à de Madison.

Um grande e redondo não.

Deixo o copo em cima da mesa e vou-me embora sem olhar para trás.

Em frente do centro de idosos há um bar chamando Cole's. O letreiro de néon amarelo brilha como um farol.

Não me importo com a chuva nem com a passadeira, atravesso a rua e empurro com dificuldade a porta pesada de madeira do Cole's.

Assim que entro, vejo Aidan Leighrite sentado na cabine de um canto.



8

Ele repara logo em mim. Está prestes a beber um gole da cerveja, mas fica com o copo em suspenso antes chegar aos lábios.

É demasiado tarde para fingir que não o vi. Aceno-lhe rapidamente e dirijo-me ao bar. Sento-me num banco e olho na direção oposta, examinando a decoração.

Atrás do bar, um espelho com luzes exhibe prateleiras com bebidas. Na parede oposta, e num dos lados do espaço, estão cabines vermelhas de couro. No outro lado, uma mesa de bilhar está iluminada por um candeeiro suspenso com o logotipo da Budweiser. O resto do espaço é escuro e cheira a cerveja choca, batatas fritas e tabaco.

Poderia ser qualquer outro bar no planeta.

Acho esta vulgaridade estranhamente reconfortante.

– O que é que vai ser?

O empregado do bar, um hipster de óculos que veste calças de ganga com suspensórios e usa um gorro de lã, parece ter dezoito anos. Faz-me sentir muito velha e odeio-o por isso.

– Johnnie Walker Blue – digo-lhe. – Meio copo. Simples.

– Porreiro – responde, acenando com a cabeça. Como se eu me importasse com a sua opinião.

Acalma-te, Kayla. Ele só está a fazer o seu trabalho.

Retribuo-lhe um leve sorriso para atenuar o meu pensamento desagradável. Ele olha para mim com se



estivesse com receio de o estar a seduzir, e afasta-se rapidamente para ir buscar a garrafa.

Ponho os cotovelos no bar, a cabeça em cima das mãos, e suspiro.

Atrás de mim, ouço baixinho:

– Está tudo bem?

Estremeço. Não me viro, pois já sei quem é.

– É a terceira vez que me pergunta isso, Mr. Leighrite.

– E já é a quinta vez que me trata pelo nome do meu pai.

Eu não gostava do meu pai. É por isso que lhe peço para que me chame Aidan.

Quando levanto a cabeça e olho para ele, vejo-o encostado ao bar a observar-me com aqueles olhos escuros.

A sua expressão é séria, quase intensa, mas não penso que seja por causa da questão do nome.

Acho que está preocupado comigo.

Já somos dois.

– Peço desculpa.

– Desculpas aceites – responde imediatamente. – O que faz aqui?

O empregado de bar hipster põe a bebida à minha frente e depois afasta-se para ir atender outro cliente. Pego no copo e seguro-o no ar.

– Estou a degustar um whiskey escocês excecional.

– Sem o seu marido?

Bloqueio. Depois lembro-me de respirar e bebo um gole da bebida.

– Que observador que é.

Perscruta o meu perfil de forma tão resoluta que me apetece perguntar-lhe se está a tentar memorizá-lo para o identificar na esquadra da polícia.

Depois senta-se no banco ao lado do meu.

Merda.

- Não precisa de fazer essa cara. Eu não mordo.
- Não estou a fazer nenhuma cara. E a questão do morder é discutível.
- Não gosta de mim, pois não?

Exalo um suspiro profundo, depois dou outro gole na bebida.

- Isto vai parecer um cliché, mas não é você, sou eu.
- Tem razão. Parece um cliché.
- Se eu lhe dissesse porquê, ia perceber.
- Então diga-me porquê.

Está sentado virado para mim com as pernas abertas, uma delas a tocar no meu banco. Não estou encurralada.

Poderia sair do banco pela outra ponta, mas, de algum modo, parece que estou.

Olho para ele pelo canto do olho. Hoje traz vestida uma T-shirt preta com um casaco de cabedal preto por cima e calças de ganga da mesma cor. Até as botas são pretas.

Parece tal e qual o fundador de um clube de combate clandestino.

- Eu... estou a passar por uma espécie de período difícil.
- A sua casa – diz com prontidão.

Tenho a sensação de que ele sabe que o período difícil a que me refiro não tem nada a ver com a casa. Só quer que eu continue a falar. Aclaro a garganta, molho os lábios com a língua e penso no que lhe devo contar.

- É algo mais pessoal.

Um casal senta-se nos dois bancos à minha esquerda.

Riem-se e falam sobre o filme que acabaram de ver. O

homem põe casualmente os braços por cima dos ombros da mulher, puxando-a para lhe dar um beijo. Ao observá-los, uma seta de dor

trespassa-me o coração.

O beijo. O companheirismo. A simples alegria de se estar com alguém que se ama, a rir e a partilhar uma bebida.

Pensar que se tem todo o tempo do mundo até, de repente, o relógio parar.

Sinto um aperto na garganta. Os olhos começam a arder.

Levanto-me de repente e acabo a bebida.

– Tenho de ir – digo numa voz sufocada.

Sem dizer nada, Aidan tira-me o copo, segura-me gentilmente pelo braço e leva-me até à cabine do canto onde estive sentado.

A esforçar-me para não chorar, deixo-o conduzir-me.

Sento-me primeiro. Em vez de se sentar à minha frente, ele desliza para o meu lado.

Enquanto me tento recompor, diz:

– Pode chorar à vontade. Ninguém nos vê daqui.

Tem razão. O seu tamanho tapa o resto do bar. Somos só nós dois, virados para uma parede que tem uma moldura com a imagem de Cães a Jogar Póquer.

Relaxo o corpo, encosto a cabeça à cabine e pressiono as órbitas com a ponta dos dedos.

Estamos sentados durante o que parece ser uma eternidade, com a jukebox a tocar ao fundo e o burburinho de pessoas a conversar e copos a tilintar. Finalmente, ouço o som de um copo a deslizar na minha direção.

– Whiskey irá ajudar. Pelo menos, durante algum tempo.

Espreito pelos dedos. Um copo de Johnnie Walker Blue está à minha frente. À minha esquerda, Aidan olha para mim com olhos semicerrados.

– Obrigada – digo num sussurro, e levanto o copo e bebo-o de uma vez.

Aidan faz um som. Não sei se em aprovação ou desaprovação, e não quero saber.

Ele faz sinal ao empregado de bar e levanta dois dedos para outra rodada. O rapaz hipster acena com a cabeça, percebendo o que ele quer.

Não dizemos nada até recebermos as bebidas e o empregado se ir embora.

– Ele está a fazer-lhe mal? Bate-lhe? – pergunta Aidan em voz baixa.

Sei o que ele quer dizer com «ele» e quase me rio.

Michael era a pessoa menos agressiva do mundo. Nem sequer conseguia ver um combate de boxe porque ficava demasiado perturbado com a violência.

– Não.

O silêncio de Aidan é duvidoso.

Sei que não devo explicações a este tipo, mas está a ser simpático e está obviamente preocupado, por isso, relutantemente, conto-lhe quase a verdade.

– Ele... deixou-me.

– Estão separados?

É uma forma de o dizer.

– Sim.

Ele bebe um longo gole da cerveja, depois engole e põe o copo na mesa.

– Eu nunca casei. Acho que não faz sentido.

– Veria que fazia sentido se estivesse apaixonado.

– Diz isso como se pensasse que nunca estive.

– Esteve?

Bebe outro gole. Passa a língua pelos lábios, olha para mim.

– Não.

– Então não sabe o que perde.

O seu olhar torna-se penetrante.

– Sim, parece ser muito divertido.

Isto doeu. Desvio o olhar do dele e bebo um gole do novo copo de whiskey.

– Vale a pena. Mesmo que se torne muito mau, mesmo que tudo desabe no fim, vale cada minuto.

– Mesmo quando se acaba a chorar num bar em frente de um estranho?

– Sim. E não estou a chorar. E tecnicamente, você não é um estranho.

Aidan solta um suspiro sonoro pelo nariz que podia ser uma gargalhada.

– OK. Acredito em si.

Lança a cabeça para trás e bebe o resto da cerveja. Eu dou mais um trago no whiskey e mexo na minha aliança, rodando-a no dedo com o polegar. Aidan repara.

– Posso fazer-lhe uma pergunta pessoal?

– Seria bom se não fizesse.

A ignorar a minha resposta, pergunta:

– Acha-me atraente?

Fico sem fôlego. O meu coração acelera. Ponho o copo na mesa e digo cautelosamente:

– Sou casada.

– Não era essa a minha pergunta.

– Aidan...

– Porque eu acho que é bonita. Triste, um pouco mazinha, mas extraordinariamente bonita. Quero que venha comigo para casa esta

noite.

Aterrada, olho para ele boquiaberta.

– O quê?

Não sorri. Não responde. Simplesmente fita-me e aguarda.

Desvio os meus olhos dos dele e fixo-os na imagem emoldurada de Cães a Jogar Póquer enquanto tento manter a respiração sob controlo.

– Não durmo com estranhos.

– Acabou de dizer que eu não era um estranho.

– Está bem. Também não durmo com pessoas que conheci há pouco tempo.

– Olhe para mim.

– Não quero olhar.

Põe a mão no meu queixo e vira-me a cabeça, de modo a ficar voltada para ele.

– Acha-me atraente?

Sinto o corpo a arder. Engulo em seco com nervosismo e depois digo:

– Não.

– Certo. Vamos tentar novamente. Desta vez, seja honesta. Acha-me atraente?

Mordo o lábio inferior uns segundos. O seu olhar detém-se minha boca, depois volta para os meus olhos.

Mantendo a mão no meu queixo, ele diz com uma voz rouca:

– Foi o que eu pensei. Então, venha para casa comigo.

Deixe-me fazer amor consigo. Está a precisar.

Afasto-me e tapo os olhos com as mãos.

– Não acredito que acabou de dizer isso.

– Nunca ninguém lhe disse que queria fazer sexo consigo?

Tenho a cara tão quente que parece que apanhou um escaldão. As orelhas também.

– Tenho de ir andando.

– Não fuja.

– É o que normalmente as pessoas fazem quando estão com medo.

– Não é medo que tem. Apenas está surpreendida. São duas coisas diferentes.

– Como é que sabe se estou com medo, ou não? Nem sequer me conhece!

– Conheço o suficiente.

Reprimo uma gargalhada atónita.

– Caraças, é todo cheio de confiança, não é?

– Kayla, olhe para mim.

– Não consigo. Estou tremendamente envergonhada.

– Não deve ter vergonha de querer fazer sexo comigo.

– Oh, meu Deus! Está a ouvir-se?

Tira a minha mão da cara e segura-a. Com a outra mão, pega no meu rosto e vira-o gentilmente para si.

– Diz que é boa a detetar tretas – diz, quando fico a olhar para ele. – Então diga-me se isto é uma treta. Eu quero-a. E

a Kayla também me quer. Está triste. E quero fazer com que se sinta melhor, nem que seja por uma noite. A Kayla não tem medo de mim, sabe que não lhe vou fazer mal. Só está um bocadinho perturbada neste momento, não está habituada a que as pessoas digam exatamente o que querem, e não sabe como lidar com isso.

O seu olhar detém-se na minha boca. A sua voz enrouquece ligeiramente.

– E quer que eu a beije.

O meu coração bate tão fortemente, que dói.

– É maluco, é isso? É um louco – digo debilmente.

– Sabe que não.

– Francamente, neste momento nem o meu nome sei.

– Kayla – diz ele suavemente, depois inclina-se e encosta os lábios aos meus.

Quase não é um beijo. Não há língua. Não há praticamente pressão. Apenas um ligeiro roçar da sua boca na minha, que depois termina.

E eu respiro com dificuldade.

Estou a tremer e a precisar de ar porque sinto o peito a ser esmagado numa prensa, e cada gota de adrenalina que o meu corpo produz me inunda a corrente sanguínea.

Aquele não-beijo foi elétrico.

– Quer outro? – sussurra, a olhar-me profundamente nos olhos.

Faço uma pausa para respirar fundo enquanto ele me observa, a poucos centímetros de distância, com os seus olhos intensos.

– Não sei. Estou perplexa. A minha cabeça não está a funcionar, por isso não lhe consigo dizer honestamente se sim ou não.

– OK – diz ele, acariciando-me o rosto com o polegar. –

Diga-me quando souber.

Depois retira a mão e faz um sinal ao empregado de bar para outra rodada de bebidas.

Quase me deixo cair para cima da mesa, mas consigo controlar-me. Bebo outro trago de whiskey e deixo sair um suspiro profundo e entrecortado.

– Não vou ser capaz de conduzir até casa se beber mais alguma coisa. Ou é esse o seu plano?

– O meu plano é despi-la e ouvir o som faz quando tem um orgasmo.

– Minha nossa...

– Embora eu não queira que esteja bêbeda. Quero que se lembre de



tudo para depois voltar para mais.

– Parece ter a certeza de que o vou fazer.

– Tenho a certeza. E a Kayla também terá.

Abano a cabeça, incrédula.

– Deve ser extraordinário viver com tanta autoconfiança.

– É mesmo. Quero beijá-la novamente.

– Pode dar-me um minuto para recuperar o equilíbrio.

Parece que me atiraram de um precipício.

– A Kayla está bem.

– Como é que sabe?

– Porque perdeu a vontade de chorar.

Penso um pouco.

– Tem razão. Perdi.

– De nada.

Ele é estranhamente autoconfiante, mas devo dizer que não é presunçoso. Não fala de modo arrogante. É como se estivesse simplesmente a constatar factos, deixando-me depois decidir como reagir.

Não sei se a sua frontalidade é refrescante ou estranha.

No entanto, tem razão numa coisa. Não tenho medo dele.

Não é aquilo que é convencionalmente chamado normal, pelo menos a julgar pela minha experiência com homens.

Apenas me deixa nervosa, mas não com medo.

Acho que o nervosismo pode ser descrito como excitação, mas ainda não estou preparada para pensar nisso.

– Será que podemos sentar-nos à frente um do outro? –

pergunto.

– Claro. Por algum motivo em particular?

– Acho a sua presença um bocadinho intensa.

Ele ri-se.

– Eu saio daqui, mas saiba que mesmo do outro lado da mesa vou continuar a ser intenso.

– Provavelmente é verdade.

– Além disso, será obrigada a olhar para mim. Aqui, pode evitar os meus olhos e continuar a olhar para aquela pintura horrível.

Isto faz-me sorrir.

– É um tipo interessante, Aidan, tenho de admitir.

– Obrigado. Também a acho interessante – diz. A voz baixa de tom. – Os seus olhos são esplendorosos.

Sinto a cara e as orelhas a aquecerem novamente. O

calor é ainda mais forte quando ele acrescenta:

– Quando se vier, quero que tenha os olhos abertos.

A minha boca fica seca. Preciso de beber outro gole de whiskey antes de voltar a falar.

– Não estou a dizer que vou dormir consigo, porque não vou, mas já que está a falar nisso, posso dizer-lhe que sou o tipo de rapariga que prefere às escuras.

– Comigo, não é.

Incrédula, abano a cabeça.

– É inacreditável.

– Porquê?

– Porque conversas como estas não acontecem na vida real.

– Lá porque nunca as teve, não quer dizer que não aconteçam.

Continua a fazer comentários certos, o que é altamente irritante.

– Hoje em dia, a malta solteira é tão...

– O quê?

– Estou à procura da palavra.

– Franca?

– Explícita é mais próximo do que estou a pensar.

O seu riso é baixo e perigoso.

– Ainda não sabe o que é ser explícito, Kayla.

Finalmente deixo de olhar para a parede em frente e viro-me para ele. Os seus olhos estão calorosos, assim como a expressão, mas, de qualquer forma, tremo.

– Não vou fazer sexo consigo – digo firmemente.

– OK.

– Estou a falar a sério, Aidan. Não estou com cabeça para me envolver com alguém agora.

– Tudo bem.

Estreito as sobrancelhas e examino a sua expressão.

– Porque é que me parece que continua a achar que vou dormir consigo?

– Porque é o que eu penso. Mas posso enganar-me.

Acontece.

Olhamos um para o outro durante uns segundos, até ele dizer com voz suave:

– Mas espero que não. Queria mesmo dar-lhe um orgasmo.

Não consigo compreender como é que ele consegue ser completamente inapropriado e também ridiculamente atraente. Qualquer que seja a sua magia, preciso de me ir embora antes de fazer qualquer coisa estúpida.

– Vou para casa. Foi uma conversa interessante.

Daquelas que não vou esquecer durante bastante tempo.

O seu olhar concentra-se na minha boca.

– Também não me vou esquecer – diz com tristeza óbvia.

Volta a olhar-me nos olhos.

– Mas se mudar de ideias, eu vivo no andar de cima, por cima do bar. Estou sempre em casa depois das seis, e só me deito depois da meia-noite. Se vier mais tarde que isso, tem de bater à porta com mais força, porque durmo como uma pedra.

– Não lhe vou bater à porta, Aidan.

– OK.

– Pare de dizer isso, por favor. Faz a palavra parecer muito diferente do significado que tem.

Os seus lábios fazem um trejeito. Os olhos escuros dançam numa luz travessa.

– É você quem manda – murmura, fazendo parecer que me conhece melhor do que eu própria.

Depois levanta-se e gesticula na direção da porta.

– Tenha uma boa noite.

Procuro dinheiro no bolso, que deixo em cima da mesa.

Aidan olha para mim como se lhe tivesse pisado o pé.

– Não faça isso – diz ele.

– Pagar as minhas bebidas?

– Torna isto uma transação.

– Estou a ser justa.

– Está a ser castradora.

– Isso é ridículo.

– Sim? É um homem?

Lanço-lhe uma expressão amarga.

– A última vez que vi, não.

– Então não sabe o que significa castrador. Guarde o dinheiro.

No momento certo, o rapaz hipster chega com as bebidas. Parece que Aidan as pediu no século passado.

Antes de ele as pôr na mesa, levanto-me e digo-lhe:

– Se estivéssemos num encontro, deixava-o pagar-me as bebidas. Mas eu despedi-o e isto não é um encontro, por isso, eu pago. Foi bom vê-lo novamente. – Faço uma pausa.

– Estou à procura de uma palavra mais exata que «bom», mas não me ocorre nada.

– Desconcertante. Perturbador. Desorientador. Estranho

– diz o hipster, pousando as bebida na mesa.

Olha para mim e para Aidan, depois vira as costas e vai-se embora de novo.

Confrontando-me com uma intensidade ardente no olhar, Aidan observa:

– Sempre gostei daquele miúdo.

– Adeus, Aidan.

– Boa noite, Kayla.

Sei que a diferença das nossas despedidas é deliberada, mas sem mais nada para dizer, viro as costas e vou-me embora.



Obrigado por me responderes. Relativamente às perguntas que fazes, nenhuma interessa. Desculpa se pareço rude, mas é a verdade.

Dir-te-ei sempre a verdade. Não consigo fazer de outra forma.

Talvez gostes destes versos:

«Foi a alta fantasia aqui tolhida;  
mas ânsias e vontade era a movê-las,  
já como roda por igual movida,  
o amor que move o Sol e as mais estrelas.» [1]

O que achas?

Dante

[1] Versos 142-145 de «O Paraíso» em A Divina Comédia de Dante Alighieri, tradução de Vasco Graça Moura. Quetzal. Lisboa: 2011. (N. da T.)



10

Desta vez a carta está na caixa do correio. Não apareceu misteriosamente na mesa da cozinha, no entanto, quem a enviou é um grande mistério.

Porque eu não conheço este tipo.

O Senhor Misterioso não comentou a minha ameaça de entregar as cartas a um detetive, por isso, ou pensa que estou a fazer bluff, ou não se importa.

Estou na cozinha com a luz a piscar e leio a carta novamente. Os versos não me dizem nada. Não que devessem dizer alguma coisa, uma que vez são provenientes da cabeça de um maluco.

Quem me dera contar isto a Michael. O que nos iríamos rir. Antes de

ele ligar imediatamente para a polícia.

Sei que devia fazê-lo, mas estou completamente esgotada. Talvez amanhã de manhã tenha forças para agarrar no telefone e informar um polícia de que tenho um amigo por correspondência maluco e pedir-lhe para ir à prisão dizer-lhe que deixe de me enviar cartas, mas, agora, só quero dormir.

Dormir e esquecer Aidan Leighrite e a sua magia.

Ainda sinto a pulsar nas veias a adrenalina daquele encontro ocasional. O modo como ele me olhava. As coisas que disse.

«O meu plano é despi-la e ouvir o som faz quando tem um orgasmo.»

Para minha própria incredulidade, considerei a sua oferta durante uns segundos.

Estava em choque. Tinha de estar. Se estivesse no meu estado normal, tinha-lhe dado uma bofetada, expulsava-o do bar e fazia uma reclamação no Portal da Queixa. Quem é que fala assim com uma cliente?

Uma ex-cliente, mas ainda assim.

Na verdade, será que tecnicamente o contratei?

Negociámos preços, mas não assinei qualquer tipo de contrato. Não fomos tão longe. Pu-lo na rua primeiro.

Oh, meu Deus, quero lá saber! Isto é demasiado para mim.

Vou certificar-me de que todas as portas estão trancadas e que os cortinados estão puxados. Depois vou até ao piso de cima, ponho a carta na gaveta da roupa interior, junto das outras, e vou para a cama.

Adormeço em segundos, mas, a meio da noite, algo me acorda.

Atordoada, fico na cama a ouvir no escuro. É a tempestade, e o vento assobia. A chuva tamborila no telhado. Algures no piso de baixo, o ramo de uma árvore bate nas vidraças.

Não, não é o ramo de uma árvore. É um ranger nas tábuas do soalho.

Parece alguém a subir as escadas.

Endireito-me na cama com o coração aos saltos. Sinto o sangue a

pulsar e tento ouvir melhor, mas o som para.

Será que imaginei? Ou está alguém em casa?

Tento não entrar em pânico. Tento ser racional. A casa é velha e faz todo o tipo de barulhos, especialmente quando há uma tempestade. O vento atira com objetos no quintal...

talvez seja o som de uma cadeira de lona a cair. Ou uma corrente de ar a bater nos cortinados da sala de estar. Ou um fruto da minha imaginação, para ver como me estou a adaptar a dormir sozinha.

Tudo isto faz sentido, mas as tábuas do soalho rangem novamente e eu tenho de reprimir um grito.

Levanto-me da cama, corro até à porta e tranco-a. Com o coração aos saltos, vou à casa de banho buscar a lanterna debaixo do lavatório. É grande, pesada e a única coisa que posso usar como arma. Depois, agacho-me no lado da cama oposto à porta e sento-me, a tremer e a hiperventilar, segurando a lanterna como se fosse um taco de beisebol.

Não sei durante quanto tempo fico assim até me ocorrer que estou a ser tonta.

Se alguém tivesse entrado em casa, teria ouvido uma janela a partir ou uma porta a ser arrombada. Teria ouvido mais passos, não apenas as tábuas a ranger, uma vez que as escadas rangem a cada passo. Só estou a ser paranoica.

Tem de ser isso.

A outra hipótese é demasiado aterradora.

Levanto-me, estremeçando com uma câibra nas pernas.

Vou até à porta, encosto a orelha e tento ouvir. Apenas ouço a chuva no telhado. Decido despir a camisa de noite e vestir calças de ganga e uma T-shirt.

Depois, com a lanterna desligada na mão, abro a porta do quarto e espreito.

O corredor está muito escuro. Não há luar e a nebulosidade é densa. Durante uns segundos, fico a ouvir na escuridão, depois, percorro o corredor descalça e em bicos de pés e, junto do corrimão, olho para a sala de estar em baixo.



Também está escuro. Escuro e em silêncio. Nada se move.

Depois, arrepio-me porque estou com uma sensação profundamente sinistra de que estou a ser observada.

Sai daqui!

Nem sequer é um pensamento coerente. Parece algo mais subliminar, como se uma parte muito antiga do meu cérebro estivesse aos gritos, a avisar-me.

Com o coração na boca e as mãos a tremer, desço as escadas o mais rápida e silenciosamente possível. Pego nas chaves do carro na consola da entrada e saio de casa a correr em verdadeiro pânico, sem sequer levar a mala comigo.

Dez minutos depois, estou a bater com força na porta de Aidan.

Abre-a vestido só com calças de ganga desbotadas que lhe ficam abaixo da cintura. O cabelo está despenteado, a barriga é lisa e o peito está coberto de tatuagens.

É magnífico, caramba.

De repente, ocorre-me o pensamento horrível de que pode estar acompanhado, mas deixo escapar:

– Peço desculpa por incomodá-lo. Vou-me embora.

Agarra-me no braço e puxa-me para dentro antes de eu poder fugir.

– O que se passa? Que aconteceu? – pergunta, fechando a porta.

Começo a tiritar. Depois percebo que estou encharcada porque saí para o meio da chuva sem casaco. Nem sapatos, já agora.

Nem roupa interior.

Envolvo-me com os meus braços na tentativa de esconder os seios por baixo da T-shirt fina que vesti.

– A-a-acho que-e-e alguém entrou em minha ca-sa.

Aidan franze as sobrancelhas escuras.

– E então veio até aqui?

Sou uma idiota. A pessoa mais estúpida à face da Terra.

Para proteção da Humanidade, deveria ser encarcerada para sempre numa instituição governamental.

A angústia deve ter transparecido no meu rosto, porque ele diz gentilmente:

– Não era uma crítica.

Estou a fazer a nota mental de que este reparador de telhados bonzão tem um excelente vocabulário, mas distraio-me quando ele acrescenta:

– Está molhada.

O seu olhar desce devagar pelo meu corpo, observando a roupa encharcada e os pés descalços. Depois volta a subir, ficando preso nos meus lábios, para a seguir chegar aos meus olhos.

– Vamos aquecê-la. Depois conta-me o que aconteceu –

diz na sua voz rouca.

Leva-me pelo braço para me sentar à mesa da cozinha, depois desaparece para outra divisão. Para ir buscar uma toalha, suponho, embora possa ser para ir telefonar à polícia a dizer para irem buscar a senhora maluca que lhe apareceu encharcada à porta de casa a meio da noite.

A tremer, olho em volta.

O espaço é pequeno, mas arrumado. A cozinha e a sala de estar são em open-space. Estão separadas por estantes de livros, com um sofá e cadeiras do lado da sala, juntamente com uma televisão e uma mesa de centro. Na parte do corredor por onde ele foi devem ser os quartos.

Estou espantada por estar tudo limpo e arrumado, mesmo sendo uma pessoa solteira a morar aqui. Nem sequer há louça suja no lava-louças.

Regressa com uma toalha branca e macia nas mãos e pede:

– Levante-se.

Embora fique resmungona quando alguém me dá ordens, obedeço sem protestar. Ele põe a toalha sobre as minhas costas e ombros e começa a limpar-me os braços.

Sem olhar para a minha cara, diz:

– Não tenha vergonha.

– Para si é fácil dizer isso. Não é a idiota encharcada na cozinha de um estranho à uma da manhã.

– Não sou um estranho, lembra-se? E não é idiota.

Parece irritado por eu me ter chamado idiota. Ou talvez a sua irritação esteja relacionada com a minha chegada inesperada, o que faria muito mais sentido. O pobre homem

precisa de ir trabalhar amanhã de manhã e agora tem de aturar uma psicopata a pingar.

Põe a toalha em cima da minha cabeça e começa a secar-me os cabelos.

– Acho que vou morrer de humilhação – digo num tom miserabilista, com o rosto a arder.

– Não vai morrer de nada. Fique sossegada e deixe-me tratar disto.

Fecho os olhos e fico a pensar em como é que uma pessoa sabe se está maluca. Mas faço um esforço para deixar de pensar nisso, porque os sinais de insanidade provavelmente incluem achar que a chuva é um ladrão e pedir ajuda à casa do reparador de telhados que despedi e com o qual recusei fazer sexo.

– Mais tarde temos de falar sobre o motivo pelo qual decidi vir ter comigo por estar assustada, mas, entretanto, conte-me o que aconteceu – diz Aidan num tom coloquial.

Sinto-me demasiado covarde para olhar para ele enquanto falo, por isso mantenho os olhos fechados enquanto lhe conto tudo. Quando acabo, ele diz:

– Tem alarme de segurança?

– Não.

– Tratamos disso amanhã.

Finalmente ganho coragem para olhar para ele. A sua expressão é uma simpática combinação de divertimento e preocupação. Aqueles olhos escuros são calorosos, mas as sobrancelhas continuam franzidas.

Resistindo à vontade de estender a mão e acariciar-lhe a barba, pergunto:

- O que quer dizer com isso?
- Sabe o que quero dizer. E ainda está a tremer.
- Não consigo parar. Estou gelada.

Ele para de me esfregar a cabeça com a toalha.

- Vou dizer uma coisa. Não se passe.
- Devia ter dito logo. Agora vou-me passar.
- Precisa de vestir roupas secas.

Faço-lhe uma cara indignada.

- Porque é que me passaria com isso?
- Porque as roupas secas que vai vestir são minhas.

Estamos a centímetros de distância, eu a tremer de frio, ele a arder em fogo lento.

- Duvido que tenha alguma coisa que me sirva –

respondo.

Aidan sorri.

- Olhe só, não se está a passar.
- Oh, estou sim. Mas já fiz coisas mais estranhas esta noite, por isso estou a conter-me.
- Venha comigo.

Leva-me pela mão para fora da cozinha, pelo corredor e em direção ao seu quarto. Enquanto vai ao armário e acende a luz, eu olho para a cama. É um colchão sobre o chão e que tem por cima uma almofada e um cobertor. As outras duas coisas no quarto são uma simples cómoda de madeira encostada num lado e, no outro, uma estante cheia de livros.

- Pois é, é só luxo, aqui.

Regressa e traz na mão uma camisola tão grande que se a usasse com um cinto e saltos altos ficaria aperlaltada para ir jantar fora.

Pego nela e encosto-a ao peito como se fosse uma manta protetora. A toalha ainda enrolada na cabeça cai-me para cima ombros. Ainda estou a tremer com frio.

Sinto-me extremamente ridícula.

– Aidan?

– Sim, Kayla?

– Peço muita desculpa por isto. Juro que não sou um enorme caso perdido. Só um pequenino.

Com um ar muito sério, tira-me uma madeixa solta da cara.

– É bonita, nada mais – murmura. Depois de uma pausa, acrescenta: – Também não precisa de se passar com o que acabei de dizer. Não tento seduzir mulheres traumatizadas

que fogem da chuva.

– OK. Obrigada por isso. Hum... por acaso tem umas calças de fato de treino para usar com isto?

– Vai ficar a nadar nelas.

– Eu sei, mas...

– Mas o quê?

Dou um suspiro profundo e digo:

– Ficarei extremamente constrangida se as minhas partes íntimas ficarem expostas.

Pisca os olhos, confuso.

– Não tenho roupa interior.

– Oh. Oh.

– Pois. É isso.

– Espere. Veio até aqui sem roupa interior?

– Juro-lhe que não foi premeditado.

Quando ele ergue uma sobrancelha, eu suspiro.

– Vesti-me em pânico. Não tive tempo de vestir as cuecas.

– Ou de vestir o sutiã – acrescenta ele, em voz baixa.

Encolho-me.

– Reparou.

– Está a brincar comigo? Claro que reparei – diz. Faz uma pausa. – Também reparei que as suas bochechas ficam muito vermelhas quando está envergonhada.

– Obrigada pela informação – digo secamente. – Vai emprestar-me as calças de fato de treino, ou não?

– Não tenho calças de fato de treino.

– Oh.

– Mas posso pôr-lhe as calças de ganga na máquina de secar – sugere. Como não respondo, acrescenta: – Ou podemos ficar aqui a olhar um para o outro. Por mim, pode ser.

– Porquê?

Um momento depois, diz calmamente:

– Gosto de olhar para si.

Tenho uma sensação estranha no peito. Como se fosse aperto e alívio ao mesmo tempo. Tenho a certeza de que isto quer dizer que estou prestes a fazer algo de que me vou arrepender.

Encolho os ombros e a toalha cai no chão. Depois dispo a T-shirt molhada e fico nua da cintura para cima à frente de Aidan.

O seu olhar fixa-se no meu peito. Os lábios entreabrem-se. As pupilas dilatam-se. Mantém-se completamente imóvel quando observa com olhos ardentes os meus seios nus.

– Quero que faça mais do que olhar – sussurro.

– É você quem manda – responde numa voz áspera e agarra-me.



Aboca dele é simultaneamente delicada e forte. Torna-se desde logo evidente que não só consegue dar beijos delicados, como consegue beijar vorazmente.

E. É. Tão. Bom.

A segurar-me com firmeza nos braços enquanto procura a minha boca, tremo contra o seu corpo, pele com pele, o meu coração acelerado. Não sei se é ele que me agarra, se sou eu que me agarro a ele. Beijamo-nos apaixonadamente até ele gemer na minha boca e se afastar ligeiramente, ofegante.

Envolve-me os seios com as suas mãos grandes e ásperas e dobra-se para os beijar.

Arquejo com o toque dos seus lábios quentes num mamilo duro. Arquejo quando o chupa. Quando lhe toca com os dentes e belisca o outro com os dois dedos, gemo e curvo-me sobre ele, agarrando-lhe o cabelo.

Não quero saber se é uma loucura. Não quero saber se é errado. Não quero saber de nada. Apenas me quero perder nesta bela criatura.

Amanhã, a minha vida desgraçada estará à minha espera.

Aidan levanta-me. Ponho as pernas à volta da sua cintura e baixo a cabeça, sedenta da sua boca. Ele oferece-ma, enfiando a língua por entre os meus lábios e agarrando-me

o rabo. Beijamo-nos enquanto vamos até à cama, e não paramos de nos beijar até ele se ajoelhar no colchão, deitar-me lá e pôr-se em cima de mim.

O peso. Meu Deus, o seu peso é extraordinário. Michael pesava cerca de oitenta quilos após uma grande refeição.

Aidan deve ter mais de noventa quilos de puro músculo.

Beija-me o queixo, o pescoço, o peito. Os seios, de novo, brutal e

avidamente. Arqueio as costas e fecho os olhos, a adorar a sensação da sua barba na minha pele. O modo como respira sufregamente. O modo como me toca, como se achasse que sou suficientemente forte para receber o que me quer dar, e não frágil, prestes a quebrar.

E eu quero que ele me dê tudo.

Tipo, agora mesmo.

– Tira-me as calças. Despacha-te – digo com dificuldade, contorcendo-me debaixo dele.

Levanta a cabeça e olha para mim com olhos intensos.

– Qual é a pressa?

– Disseste que quem manda sou eu. Por isso, estou a dizer-te para te despachares.

Fixando os olhos em mim, baixa a cabeça e traça círculos com a língua à volta do meu mamilo dorido. O que me faz constatar que ele ter dito que quem manda sou eu não é para ser interpretado literalmente.

Passa para o outro mamilo e faz a mesma coisa. Apoiado nos cotovelos, sobre mim e entre as minhas coxas, alterna entre um seio e outro, chupando e lambendo até lhe pedir em desespero que não me provoque.

– Não te estou a provocar, querida – diz numa voz rouca.

– Estou a dar-te aquilo de que precisas.

Eu até desmaiaria, mas não quero perder nada.

Continua a beijar-me e a lamber-me até chegar à barriga, depois, na zona da cintura, põe a ponta da língua por dentro das calças. Estremeço, a gemer, e ele dá um risinho.

A seguir desaperta o botão, puxa o fecho, mergulha a cara e inspira.

Faz um som gutural profundo. Um som de desejo primitivo, másculo, que me provoca um arrepio pelo corpo todo. Noutro movimento rápido, puxa-me as calças até às ancas, deixando-me exposta.

Enfia a cara entre as minhas pernas e começa a lamber.

A gemer incontrolavelmente, agarro-lhe no cabelo e sincronizo o



movimento das minhas ancas com as investidas da língua dele. Não consigo abrir mais as pernas porque estão presas pelas calças, mas não interessa. Aidan sabe exatamente o que faz. Põe-me a mão por baixo do rabo e levanta-me o fundo das costas, agarrando-me as nádegas e beijando-me o sexo com a língua, enquanto me contorço e gemo, em desespero.

Ofegante e a estremecer, digo o nome dele.

– Vá lá – sussurra ardentemente, movendo a língua para trás e para a frente sobre o meu clítoris latejante. – Deixa-te ir, querida.

Nunca nenhum homem me chamou isto. Michael não usava alcunhas e os namorados que tive antes dele também não. Não sei porque é que acho isto extraordinariamente sensual, mas acho. Não quero que ele me volte a chamar Kayla.

Para de me lambar o clítoris para começar a chupá-lo, como se estivesse a extrair leite de um mamilo. Tenho um orgasmo na boca dele, gritando enlouquecida o seu nome.

Continua a chupar-me, mas peço-lhe para parar porque estou demasiado sensível. Depois levanta-se, tira-me as calças das pernas, desaperta os botões da braguilha e arranca as próprias calças.

Antes de Aidan vir para cima de mim novamente, tenho um vislumbre das tatuagens nas coxas e da ereção circundada por pelos púbicos pretos. Beijando-me apaixonadamente, faz deslizar o falo para cima e para baixo nos lábios vaginais para o lubrificar.

Enfia-o dentro de mim num ímpeto repentino e vigoroso.

Grito, e ele diz-me ao ouvido num tom gutural:

– Diz-me se tenho de o tirar, senão venho-me dentro de ti.

Sem esperar pela resposta, começa a penetrar-me profunda e fortemente.

E eu estou a adorar. Valha-me Deus, mas estou. Ele disse que queria fazer amor comigo, mas isto é muito mais animalesco. É bruto e impetuoso, e eu tenho de me controlar para segurar uma gargalhada de euforia que me quer saltar do peito.

Quando regressa à minha boca, sinto o meu sabor nele.

Uma parte escondida do meu cérebro percebe que todas as luzes estão acesas, e deveria sentir-me, pelo menos, um pouco constrangida, mas não há espaço para isso. A cada ímpeto poderoso da sua bacia, ele liberta-me de dentro da minha cabeça e deixa-me profundamente no meu corpo, fazendo-me sentir tudo.

Os meus mamilos duros arrastam-se pelo seu peito.

Os seus dedos puxam-me o cabelo.

Os nossos dentes embatem quando nos beijamos com sofreguidão.

Os ruídos que ambos fazemos e o som dos nossos corpos unidos. Julgo até que posso ouvir o seu coração a bater tão loucamente quanto o meu.

Depois ele surpreende-me ao deitar-se de costas no colchão, levando-me consigo. A arfar, e toldada de prazer, olho para ele. Ponho as mãos sobre o seu peito.

Ele humedece os lábios e percorre-me o corpo com as mãos, aperta-me os seios, contorna as costelas, até à cintura e ancas. Mergulha os dedos na minha carne e move a pélvis para cima, para me penetrar ainda mais fundo.

– Mexe-te – ordena por entre os dentes cerrados.

Não precisa de pedir duas vezes. Balanço-me para cima e para baixo em cima do seu sexo duro até as pernas me começarem a doer, os dois estarmos a gemer e a transpirar, e ele dizer:

– Queres-te vir?

– Sim!

Coloca o polegar sobre o clítoris e mantém-no lá enquanto eu mexo a bacia, deleitando-me loucamente em cima do seu pau grosso.

Diz num tom intenso:

– Então, vem-te.

É como se tivesse ligado um interruptor. O meu sexo começa a entrar em convulsão, apertando-lhe o pénis com impulsos violentos e ritmados. São de tal forma poderosos que não consigo respirar. Deixo cair a cabeça para trás, fecho os olhos e enterro-lhe as unhas nos músculos do peito, ouvindo-o gemer com prazer enquanto me penetra

e eu atinjo brutalmente o orgasmo.

Estende as mãos e aperta-me os seios com força.

– Tão bom, porra – diz num tom sibilante. – Meu Deus.

Kayla. Porra. Estou quase...

Interrompe o que diz com um gemido e ejacula dentro de mim, num espasmo.

Olho para ele.

Tem os olhos fechados. A cabeça inclinada para trás na almofada.

O queixo, os músculos abdominais e os bíceps estão tensos. A pele reluz com um leve brilho de suor. Num dos lados do pescoço, sobressai uma veia a pulsar descontroladamente, e eu percebo, sem qualquer margem para dúvidas, que isto foi bom tão para mim quanto para ele.

Volta a sensação de euforia. Sem dar por isso, começo a rir.

A respirar com dificuldade, Aidan abre os olhos e olha para mim.

– Tudo bem? – pergunta com a voz rouca.

Sorrio-lhe.

– Não te preocupes, não estou a ter um surto psicótico. É

só que, tipo, uau.

Os seus olhos escuros iluminam-se, ele devolve-me o sorriso e põe-me as mãos nas ancas, apertando-as. Parece um pirata que encontrou um baú cheio de ouro.

De repente, ocorre-me que ele possa pensar que, para mim, esta é mais outra quinta-feira à noite habitual, em que é normal para ir para cama com alguém relativamente desconhecido, e que isto não foi nada de especial.

Não quero que ele pense isso.

– Juro que não é comum fazer isto. Na verdade, nunca fiz isto.

– Sexo?

Dou-lhe uma pancadinha no peito.

– Tu sabes o que quero dizer, engraçadinho.

Ainda a sorrir, agarra-me pela cintura e vira-me para que fique deitada de costas, mantendo o pénis dentro de mim.

Encaixa-se entre as minhas pernas e deita-se em cima do meu peito, que fica colado ao dele. Depois, beija-me intensamente, segurando-me a cabeça com as suas grandes mãos.

– Que sorte que eu tenho – murmura ele, quando paramos para respirar.

Enrolo as pernas à volta da sua cintura, ponho os braços em torno dos seus ombros e suspiro de contentamento.

Ele apoia o rosto no meu pescoço, a inspirar profundamente o cabelo, e expirando depois com um som de prazer.

– Queria secar-te, mas acabei por te deixar ainda mais molhada, não foi? – sussurra.

– Não fiques todo orgulhoso.

Ele ri-se.

– Mas fico. Foi incrível.

Um pequeno arrepio de satisfação percorre-me o corpo.

Depois começo a pensar no que deveria fazer a seguir.

Ficar? Dormir? Pôr as minhas roupas na máquina de secar e ficar à espera, a ferver lentamente com vergonha, até conseguir fugir?

Aidan levanta a cabeça e olha para mim.

– Vais passar a noite.

Pestanejo, surpreendida.

– Consegues ler mentes?

– Não. Porquê?

– Hum. Por nada.

– Mentira.

– OK. Tudo bem. Estava a pensar se deveria ir para casa agora.

– Acabei de dizer-te que vais ficar aqui. Podes ir embora amanhã de manhã e ficar o resto da vida a pensar que isto foi um erro, mas esta noite ficas aqui.

Ele dobra a bacia quando diz «aqui», querendo com esse gesto dizer que quer continuar a fazer sexo comigo.

– E se eu me quiser ir embora?

– Não queres.

– Pareces estar cheio de certezas.

Beija-me os lábios suavemente. Sorrindo, diz:

– Gosto de te irritar.

– É pena, porque eu gosto de quando não me irritam.

– Ficas com pequenas pregas à volta da boca e com rugas no nariz. Pareces uma velhinha empertigada.

– Ei, tem lá calma com tantos elogios, Romeu, que posso desfalecer e bater com a cabeça em alguma coisa.

– Queres saber o que acabou de me ocorrer? – pergunta num sussurro, com os olhos a arder.

– Que corres perigo de vida? – digo com sarcasmo.

– Que agora conheço o som que fazes quando te vens.

– E depois?

Baixa a cabeça e morde-me o lóbulo, depois diz em voz rouca:

– Agora é o meu som preferido. Quero ouvi-lo outra vez.

A seguir, impulsiona a bacia, afundando-se dentro de mim.

Gemo debilmente. Com as pálpebras a agitarem-se, digo:

– Como é que ainda estás duro?

– Porque ainda não acabei.

– Oh, isso lembra-me de que me prometeste que ias fazer amor comigo, não fazer sexo.

– É uma questão de semântica – diz, dando outro impulso.

– Não, eu lembro-me. Disseste fazer amor – replico, sem fôlego.

– Eu disse que te daria aquilo de que precisas. Que é exatamente o que estou a fazer. – Dá novamente outro impulso com a bacia, desta vez baixando-se também para me chupar o pescoço, na zona da garganta.

Gemo suavemente e, contorcendo-me, agito a bacia contra a dele e inclino a cabeça para ele me chegar melhor ao pescoço.

Isto fá-lo dar uma gargalhada maliciosa.

– Vês?

Puxando-lhe uma madeixa do cabelo, murmuro:

– Está na altura de te calares, Aidan.

– Sim, senhora.

Sem dizer mais nada, move a bacia com mais rapidez, afundando o pénis duro dentro de mim. Continua, e eu estremeço e gemo. Mantém o ritmo, possui-me incessantemente, beija-me o pescoço e os seios e eu começo a sacudir-me debaixo dele, aos gritos, espetando-lhe as unhas nos ombros.

Com a sua boca ao pé do meu ouvido, diz numa voz gutural:

– Era disto que precisavas, querida? Gostas à bruta? Ou queres que recite uns poemas e te faça um chá?

– Disto! Disto!

A sua gargalhada é tão sombria e satisfeita que me provoca um calafrio. Tenho um orgasmo enquanto a ouço, e pergunto-me onde raio é que me vim meter.



Acordo nos braços de Aidan, com a luz cinzenta e ténue da manhã.

Tenho a cabeça sobre o peito dele. Ouço a batida lenta e compassada do seu coração. Os seus grandes e pesados braços envolvem-me o corpo, apertando-o, mesmo a dormir.

Demoro um segundo a tomar consciência desta nova realidade, onde acordo num colchão no chão, com um homem que vive por cima de um bar e tem mais tatuagens do que qualquer pessoa que alguma vez conheci, e decido quase instantaneamente de que gosto disso.

Dele, quero dizer.

Gosto dele.

Isso surpreende-me. Porque não tenho tendência para gostar de pessoas, em geral. Desconfio da maioria delas até as conhecer melhor, sendo que é nessa altura que normalmente opto por nunca mais as ver na vida.

Eu e Michael tínhamos isso em comum. Uma ligeira desilusão e aversão pela raça humana, em geral. É um milagre ele ter sido tão bom no seu trabalho, tendo em conta o facto de todos os dias lidar com tanta gente numa sala de aula.

Pensar em Michael faz-me voltar a mim. Ele ficaria estupefacto se me visse agora.

«O que estás a fazer?», perguntaria em voz alta com uma expressão consternada. «O homem provavelmente nem formação tem!»

No que dizia respeito a formação superior, era um snobe.

O facto de eu ter ficado satisfeita só com um bacharelato em belas-artes e não ter seguido com o mestrado era um ponto de discórdia entre nós.

Mas de nós dois, eu era a pessoa mais prática. E mais poupada. Para mim, não fazia sentido pedir um crédito para ficar com outro grau académico se isso não garantisse um salário melhor. Mas, para Michael, a educação era uma mais-valia em si mesma.

Eu achava que pagar as contas a tempo e horas já era mais-valia suficiente.

– Estás acordada? – pergunta Aidan, com a voz entorpecida pelo sono.

– Sim.

– Ótimo. Quero entrar dentro de ti outra vez.

Enquanto me rio levemente, põe-me de barriga para cima e beija-me o pescoço.

– Ainda nem sequer estás acordado, Clube de Combate.

Levanta a cabeça e olha para mim com olhos semicerrados.

– Clube de Combate?

– Foi o que pensei a primeira vez que te vi. Que parecias o fundador de um clube de combate – disse, fazendo uma careta. – É muito mau?

– Não. Porque eu sou o fundador de um clube de combate.

Fico boquiaberta.

– A sério?

– Não. Só queria ver como reagias.

– Ui. Lá vem esse sentido de humor magnífico.

– Não podes dizer que não te avisei.

Ele é extremamente bonito sob a luz suave da manhã.

Levanto o braço para lhe tirar uma madeixa do cabelo escuro de cima dos olhos, depois passo-lhe os dedos pela testa e sobre as sobrancelhas sedosas.

– Gosto das tuas entradas. São sensuais – murmuro.

– Assim como o teu rabo extraordinário.

Sinto-me a ruborizar.

– Obrigada.

Esfrega a barba na minha cara e diz-me ao ouvido:

– Quase tão sexy como aquele pequeno gemido desesperado que fazes quando te estás prestes a vir.



Escondo a cara no seu pescoço, fecho os olhos e só quero deixar de ficar tão corada. Parece que tenho o rosto a arder.

Ele ri-se.

– Não tenhas vergonha. Eu adoro.

Como não sei o que devo dizer, digo baixinho:

– OK.

– Como é que queres que te possua, querida Kayla? –

murmura, beijando-me no pescoço.

Meu Deus. Não há tempo suficiente no mundo que abarque isso.

– Hum... vigorosamente?

Deixa cair a cabeça no meu ombro e dá uma pequena gargalhada.

– Não tem assim tanta graça.

– Só me estou a rir porque era exatamente o que eu queria que disseses.

– A sério?

– Sim – diz, baixando a voz. – Por outras palavras, à bruta.

Fico deitada num silêncio nervoso, a olhá-lo, e ele diz, lenta e deliberadamente:

– Vou devorar-te, pequena coelhinha, pedacinho saboroso a pedacinho saboroso. Vou comer-te. Toda.

Um arrepio percorre-me a espinha.

Não é medo. É mais entusiasmo, um tipo de alegria desenfreada com a qual não estou familiarizada. Um estranho ímpeto que me faz levantar da cama para ele vir atrás de mim, e que, ofegante, me faz dizer:

– Só se me apanhares.

O corpo de Aidan fica em tensão. Os olhos escuros tornam-se pretos. As narinas dilatam-se e, juro por Deus, ele desaparece e em sua substituição surge um predador.

Um belo e perigoso predador, pronto a rasgar-me aos bocados com os dentes afiados.

Com um gritinho de prazer, saio debaixo dele, ponho-me de pé e fujo nua do quarto em direção ao corredor, com o coração a bater descompassadamente e a ouvir as suas gargalhadas maliciosas.

Mas não há muito para onde fugir. O apartamento é pequeno e eu não vou a correr nua para o meio da rua. Por isso, enquanto ele vem pelo corredor, eu procuro urgentemente um sítio para me esconder.

– Não consegues fugir, coelhinha – diz, numa voz profunda, ficando na ponta do corredor a observar-me com olhos famintos. Aproxima-se, sem tirar o olhar feroz de mim. No meio das pernas, sobressai o seu pénis grande e duro, que abana a cada passo. – Estás encurralada. Rende-te.

Eu rio-me e digo-lhe uma mentira óbvia:

– Desculpa, Sr. Rei Leão, mas esta coelhinha não tem vontade de ser o pequeno-almoço. – Depois corro para a cozinha e ponho a mesa entre os dois para ver o que ele faz.

Bem, ele ataca, não é? Porque é o que os leões famintos fazem.

Persegue-me à volta da mesa e eu grito e faço os possíveis para o fingir. Mas ele é tão rápido! Quando lhe ponho uma cadeira à frente para o impedir de se aproximar, ele dá-lhe uma grande pancada e atira-a para o meio do chão. Volto-me e fujo para a sala, mas ele apanha-me as mãos, vira-me e puxa-me contra o seu peito.

Esmaga a sua boca na minha e beija-me insaciavelmente.

Desisto durante um momento, a imaginar que isso o fará desistir também, que baixe a guarda e se afaste. O meu plano é ir para a casa de banho e trancar a porta, mas é

impossível prever se Aidan me vai apanhar pelas costas.

Caímos para cima do tapete da sala e lutamos.

Termina em segundos. Ele é muito mais forte. Não dá para competir com aqueles malditos músculos.

– Que coelhinha tão astuta – rosna, com os olhos a faiscar. Agarra-me nos pulsos e põe-nos no chão, por cima da minha cabeça, e fica

escarranchado sobre mim.

A contorcer-me para me soltar, grito de frustração.

O seu riso parece eufórico.

– Coelhinha má – murmura. – Tão má.

Beija-me intensamente, depois vira-me de barriga para baixo com tanta facilidade, que é ridículo. A seguir, põe as mãos nas minhas omoplatas, prendendo-me no tapete e dá-me uma palmada dolorosa no rabo.

Quando grito, fá-lo novamente.

– Au!

– Peça desculpa por ter fugido, coelhinha.

– Não! Não peço!

Tal como esperava, dá-me outra palmada, depois põe-me a mão entre as pernas. Faz um som gutural de prazer.

– Não pede desculpa, mas está quente e escorregadia.

Acho que a minha coelhinha quer ser comida agora mesmo, em cima deste tapete.

Quando enfia um dedo grosso dentro de mim, gemo.

– Diz-me que queres que entre dentro de ti – ordena ele.

Eu sei que isto faz parte do jogo. Eu sou o rato e ele é o gato, e ele quer que eu lhe dê permissão para me estripar e devorar. Mas os ratos não dão permissão para que os comam, e eu também não vou dar.

– Não!

Parece rir-se de prazer.

Tira o dedo de dentro de mim e dá-me uma palmada novamente, desta vez em ambas as nádegas. Deixam-me ofegante e de tal modo excitada, que começo a esfregar a pélvis no tapete em busca de alívio.

Aidan baixa-se e morde-me o rabo. Dói quase tanto quanto a palmada, e eu adoro.

– A minha coelhinha gosta de palmadas, não gosta?

– Não! Deixa-me sair! – exclamo, a arfar, contorcendo-me exasperadamente.

– Não vou deixar a minha querida coelhinha ir-se embora. Não vais fugir de mim nunca – diz Aidan, no seu tom baixo e misterioso.

Isto não me deveria excitar tanto como excita. O meu lado racional diz-me que estou a entrar num jogo perigoso com um homem que é apenas um estranho, e deveria pará-lo agora mesmo antes de chegar mais longe. Deveria dizer-lhe calmamente que estou com medo e que quero que ele pare, e depois deveria sair deste apartamento e nunca mais o ver.

A única questão aqui é que não tenho medo.

E não quero que ele pare.

E, acima de tudo, quero voltar a estar com ele.

Quero que ele me faça sair de dentro da minha cabeça e me mantenha afastada de lá, porque é um lugar sombrio e assustador onde não quero estar.

Mas não há maneira de vencer este jogo pela força bruta.

Nesse departamento, é ele quem ganha. Por isso, esta coelhinha tem de pôr o cérebro a funcionar.

Paro de lutar e digo inocentemente:

– Será que posso ir à casa de banho primeiro? Desculpa, apercebi-me de que preciso de ir.

Aidan fica surpreendido e diz um momento depois:

– Claro.

Assim que ele tira a mão de cima das minhas costas e move a perna para me deixar passar, ponho-me de pé de um salto. Confronto a sua cara surpreendida com um grande sorriso e digo:

– Otário.

De seguida, rio-me e saio da sala a correr.

Ainda não cheguei a meio do corredor e ele já me apanhou.

Agarra-me pelo braço e faz um qualquer golpe de ninja que me deixa em cima do seu ombro. Eu grito, bracejo e esperneio, e ele entra na cozinha.

Põe-me de pé ao lado da mesa.

Prendendo-me os braços com as mãos e olhando-me diretamente nos meus olhos muito abertos, num tom intenso, diz baixinho:

– Que coelhinha tão mazinha.

Vira-me de costas, empurra a parte de cima do meu corpo para cima da mesa, afasta-me as pernas, e com as mãos agarra-me os pulsos, prendendo-mos atrás das costas.

Penetra-me tão impetuosamente, que eu arqueio as costas e grito em choque.

Dobra-se sobre mim e, com uma voz gutural, diz:

– Vais ser castigada por fugires de mim. Preparada?

– Sim!

O seu gemido de prazer é última coisa suave que me dá.

Depois morde-me o ombro e penetra-me com tanta força, tão fundo e tão intensamente que a mesa sai do lugar. As suas mãos apertam-me os pulsos, os seus dentes arranham-me a pele, os seus grunhidos de dominador ecoam-me nos ouvidos, e não me lembro da última vez em que me senti tão livre.

Ponho a cara em cima da madeira lisa da mesa, fecho os olhos e entrego-me completamente.

– Prepara-te para receberes o meu esperma. Abre bem as pernas.

A sua voz é um som áspero junto do meu ouvido. Como resposta, só consigo fazer um gemido débil. Depois de mais duas investidas intensas, a anca de Aidan abranda. Ele geme. Liberta-me os pulsos, põe-me uma mão no cabelo, a outra na anca, puxa-me ferozmente contra a sua pélvis e atinge o clímax.

Com o pescoço dobrado, os mamilos a roçarem na mesa e o seu pênis a pulsar dentro de mim, tenho um orgasmo.

Ele cai em cima de mim, imobilizando-me, e sussurra-me de forma irregular ao ouvido:

– Toma. Toma. Toma. Toma todas as gotas, minha bela coelhinha, e diz-me que gostas.

Quase a soluçar, digo com dificuldade:

– Adoro. Aidan, gosto tanto.

O seu riso ofegante parece triunfante.

– Eu sei que gostas, querida. A minha coelhinha é uma linda menina.

A brilhar como um sol reluzente que desponta de uma escuridão muito antiga, pouso a cara em cima da mesa e sorrio.



13

Em óbvio contraste com os ruídos selvagens que fez enquanto me penetrava, Aidan está em silêncio enquanto me leva o corpo com a água morna do chuveiro.

Estou a tremer e em estado de choque, e mesmo que conseguisse falar, não saberia o que dizer, por isso fico contente por ele estar calado. Vira-me para um lado e para outro, passando o sabonete e a água, depois põe um pouco de champô na palma da mão e lava-me o cabelo.

Fico de olhos fechados a pensar no que se seguirá.

Nunca tive uma aventura de uma noite, por isso não sei o que esperar. Não conheço a etiqueta. É suposto pedir-lhe o número de telefone? Não, isso já tenho. Devo agradecer-lhe? Parece estranho, mas, de qualquer forma, todo este encontro foi estranho.

Extraordinário, mas estranho.

Imagino quão constrangedora será a despedida. Eu, à porta de sua

casa, descalça e com as roupas amarrotadas que, provavelmente, ainda nem sequer estão secas, a tentar parecer descontraída e a fracassar redondamente. E

o que direi?

«Foi espetacular, campeão! Obrigada pelas quecas fabulosas!»

Não. Posso não ser a melhor conversadora e mesmo assim sei que não é um bom desbloqueador de conversa.

– Nunca conheci uma mulher que pensasse tanto –

murmura ele.

– Desculpa. Estou sempre dentro da minha cabeça.

– Não precisas de pedir desculpa. Só estou a fazer uma observação. Inclina a cabeça para trás.

Obedeço-lhe, fecho os olhos e deixo-o tirar-me o champô.

Estou encostada a ele com os braços em torno da sua cintura e os seios contra o seu peito, e pergunto-me o que Michael pensaria se me visse assim.

E é nesse momento que sou atingida pela culpa, como um tijolo frio e duro que cai em cima de mim. Uma voz horrível dentro da minha cabeça começa a insultar-me.

Ainda não fez um mês que o teu marido morreu e já estás a fazer sexo com outro homem. Como é possível?

– O teu corpo fica tenso quando te comesças a passar – diz Aidan suavemente.

Respiro fundo e permaneço em silêncio. De qualquer modo, não há palavras para o que estou a sentir.

Ele estende o braço para fechar a torneira. Depois coloca a mão na minha cabeça e encosta-a ao seu peito. Com o outro braço, envolve-me o resto do corpo. Durante um momento, ficamos abraçados, nus e a pingar.

– Podemos fazer tudo, ou não fazer nada. Não estou à espera de respostas tuas, agora – diz ele.

Porque é que ele sabe sempre o que estou a pensar?

A emoção ameaça deixar-me a garganta apertada, mas consigo perguntar:

– O que queres fazer?

Ele aperta-me um pouco.

– Isto, o mais possível – responde.

Rio-me suavemente.

– Consegue-se arranjar isso.

Afagando-me o cabelo molhado, dá-me um beijo no topo da cabeça.

– De certeza? Sei que a tua situação é complicada. Não quero torná-la pior.

– Até agora, foste a única coisa que a tornou melhor –  
digo sem pensar.

Fico desconfortável com o que acabei de dizer. Que intenso e vulnerável.

Que carente.

Mas se Aidan também ficou desconfortável, não o mostrou.  
Simplesmente beija-me a cabeça e diz baixinho:

– Excelente.

Levanto a cabeça e olho para ele. Ele devolve-me o olhar com um leve sorriso e os olhos calorosos.

– Posso ser honesta contigo? – pergunto num tom hesitante.

– É tudo o que eu quero que sejas.

– OK. Bem... – digo, respirando fundo e deixando sair tudo de rajada.

– Isto foi incrível. Realmente incrível. Tipo, inacreditável. Não tenho experiência neste tipo de coisas porque fui casada durante muito tempo e antes disso tive uma relação longa.

Faço uma pausa e ele diz:



– Estás a pedir-me alguma coisa, ou só estás a pensar em voz alta?

– Não sei bem. Estou a sentir várias coisas ao mesmo tempo.

– Eu também. Achas que isto me acontece todos os dias?

Afasto-me e olho para ele de cima a baixo, em toda aquela masculinidade robusta e perfeita.

– Acho.

Ele puxa-me de novo para ele e põe a mão no meu queixo.

– Não. Não acontece.

Olha para mim com uma tal intensidade inabalável, que acredito nele. Ninguém mente com tamanha proximidade.

– Graças a Deus – declaro, ficando ambos surpreendidos pela forma convincente com que o disse.

Aidan começa a rir-se. Enrubesço do pescoço à testa.

Encosta-se a mim e segura-me com firmeza, acariciando-me a orelha com o nariz.

– Querida coelhinha – sussurra, ainda a rir. – Acho que gostas de mim.

– Não – digo, a arder de vergonha. – Só preciso de ter o telhado arranjado e achei que se fizesse sexo contigo até à exaustão ia conseguir um desconto.

Afastando-se, faz de conta que está escandalizado.

– Já te tinha dado um desconto!

Faço-lhe um sorriso sarcástico.

– Oh, sim. Tinha-me esquecido. Dois mil, tudo, certo?

Faz um ar carrancudo, mas só está a brincar.

– Errado. Dez mil.

– Espera, tinhas dito cinco!

Deixa de fazer um ser carrancudo. Começa a rir-se novamente.

Bato-lhe ligeiramente no peito.

– Idiota.

– Culpado. O que vais querer para o pequeno-almoço?

– Não me digas que também cozinhas?

– Apenas os melhores ovos mexidos que alguma vez irás comer.

– Então julgo que pode ser isso – digo a sorrir.

Baixa a cabeça e dá-me delicadamente um beijo. Quando se afasta, a sua expressão torna-se séria.

– Preciso de te dizer uma coisa.

A minha barriga encolhe-se.

– Merda. Sabia que era demasiado bom para ser verdade.

– Não é mau.

– Então porque fazes essa cara?

– Que cara?

– Essa cara séria assustadora, como se me fosses dizer que tens uma doença venérea.

Ele abre a porta do chuveiro, agarra numa toalha que está na prateleira da parede e começa a secar-me o corpo.

– Não. Impecável.

A usufruir da atenção, faço uma pausa para um momento de sobriedade.

– Eu também, caso queiras saber. Talvez devêssemos ter falado disto antes de...

– Fazer sexo?

– São essas as palavras, sim.

Dobra-se e seca-me as pernas enquanto eu pouso as mãos nos seus ombros.

– Disso e da hipótese de poderes engravidar por causa de sexo desprotegido. – Ele endireita-se e olha para mim. – E

também de consentimento e de palavras de segurança.

Normalmente não fico tão entusiasmado.

– Tomo a pílula... espera. Volta um bocadinho atrás.

Palavras de segurança?

– Para o caso de ser bruto contigo.

Quase desato a rir a plenos pulmões.

– Nada disso. Eu adoro como és bruto.

Fica quieto. Encarando-me com uma intensidade impassível, diz lentamente:

– Posso magoar-te, Kayla. Quer dizer, acidentalmente.

Não quero que isso aconteça.

Gosto que ele esteja preocupado com o meu bem-estar. E

também gosto que mo tenha dito. Do que não gosto é do pensamento repentino e desagradável de que tenha magoado alguém antes.

Acidentalmente ou não, parece ter havido qualquer coisa.

A medo, pergunto-lhe:

– Já magoaste alguém?

– Já – responde logo. Depois fecha os olhos e engole em seco. – Mas não por causa de sexo. E não foi um acidente.

Começo a ficar alarmada, mas mantenho a voz calma.

– Então, como?

Abre os olhos. Lateja-lhe um músculo no queixo. Faz uma inspiração lenta.

– O meu pai batia na minha mãe. Gravemente. Era um alcoólico terrível e muito violento. Pô-la no hospital mais do que uma vez. Não podia fazer nada quando era pequeno, mas quando cresci...

Apercebo-me de que estou a sustentar a respiração. O meu coração acelera.

– O quê? – digo num sussurro.

Ele olha para longe. Aquele músculo lateja novamente.

Quando responde, a sua voz torna-se muito baixa:

– Se te contar, tenho medo de que nunca mais me queiras ver.

Isto deixa-me surpreendida por várias razões.

Primeiro, porque seja o que for que tivesse feito, foi mau, garantidamente. E por mau quero dizer violento. E

segundo, porque me quer contar, mas tem receio das consequências. Tem medo de me assustar e que me vá embora.

O que me leva à terceira razão: esta situação é tão inesperada para ele como para mim.

Não sei se há uma palavra para descrever a emoção que estou a sentir. Talvez por serem várias coisas ao mesmo tempo. Mas tenho a certeza de que, independentemente do que fez ao pai, foi para proteger a mãe.

Depois lembrei-me do que ele me disse no bar.

«Não gostava do meu pai.»

Gostava, pretérito imperfeito. O que sugere que o seu pai já não se encontra entre os vivos.

E nesse momento descubro algo sobre mim própria que desconhecia.

– Olha.

Encara-me com um olhar atento e uma expressão tensa.

– O passado está enterrado – digo-lhe, olhando-o diretamente nos olhos. – Por isso, nunca te vou pedir para me contares o que aconteceu, nem o que fizeste. E também nunca te vou julgar por algo que tivesses feito para proteger alguém. Por muito mau que tenha sido. A vida é

complicada, e todos temos as nossas razões para fazermos o que fazemos. Não quero saber nada do que fizeste antes de nos

conhecermos.

Os seus lábios separam-se. Olha para mim incrédulo e com mais qualquer coisa que não consigo identificar.

Pode ser esperança.

– Mas, a partir de agora, quero saber o que fazes. Se nos continuarmos a ver, espero honestidade absoluta.

Entendes?

Parecendo atordoado, ele acena em concordância.

– Ótimo. Agora, seca-te, Clube de Combate, porque eu estou a morrer de fome. – Levanto-me apoiada nos seus ombros, ponho-me em bicos de pés e dou-lhe um beijo suave. Contra a sua boca, sussurro: – A coelhinha ficou com muito apetite por ter sido muito bem comida pelo seu grande leão mauzão.

Agarra-me e abraça-me com tanta força que fico sem respirar. Sinto o corpo dele a tremer contra o meu, com pequenos arrepios nos músculos sincronizados com a sua respiração irregular.

Por qualquer razão estranha, neste momento, ocorrem-me os versos que Dante escrevera na última carta.

«Foi a alta fantasia aqui tolhida;

mas ânsias e vontade era a movê-las,

já como roda por igual movida,

o amor que move o Sol e as mais estrelas.»

As palavras ecoam na minha cabeça até Aidan me beijar e elas desaparecerem.



Tomamos o pequeno-almoço em sua casa, depois ele segue-me na carrinha até à minha.

Quando chegamos, insiste em entrar antes de mim para verificar tudo.

– O seguro morreu de velho – diz, encostando-se à janela aberta do meu carro, do lado do condutor. – Chaves?

Ponho-lhas nas mãos.

– Mas não sei se tranquei a porta. Saí a correr.

Ele acena com a cabeça, depois vai em direção à entrada da casa.

Ao vê-lo a tentar abrir a porta, fico perturbada com um momento de dissonância cognitiva.

Há um mês, teria sido Michael a estar naquele sítio. O

meu marido charmoso e extrovertido, com a suas camisas brancas engomadas, sapatos oxford engraxados e calças com vincos impecáveis. Aprumava-se de forma meticulosa, nunca saía de casa com um fio de cabelo fora do sítio, ou com um mínimo vestígio de barba.

E tatuagens, nem pensar. Só a imagem de uma agulha o deixava agoniado. Quase desmaiava no consultório quando levava a vacina anual da gripe.

Aidan é praticamente o seu oposto. Duvido que pudesse escolher alguém mais diferente de Michael, mesmo que tentasse.

Enquanto aguardo ansiosamente no carro, Aidan vira-se para trás e olha para mim. Inclina o queixo ligeiramente e desaparece pela porta, deixando-a aberta.

Dez minutos depois, aparece à entrada e gesticula para eu entrar.

Apreensiva, apresso-me descalça pelo caminho até à porta. Pelo menos, hoje não chove, mas ainda assim estou a tremer com frio.

O céu tem a mesma cor cinzenta opaca do caixão de Michael.

– Alguma coisa? – pergunto a Aidan ao chegar perto dele.

– Está tudo bem. Anda.

Entro no hall de entrada, envolvendo-me com os braços.

Estou a usar uma grande camisola preta de Aidan, cuja parte dos braços tive de enrolar até metade para que me chegasse às mãos. Está um par de sapatos por baixo da consola. Calço-os e não aperto os atacadores.

– Está tudo fechado. Não há sinais de arrombamento.

Também vi as escadas – diz Aidan.

Fico aliviada, no entanto, também se me sinto pateta por constatar que fugi de casa como se tivesse sido perseguida por demónios. A minha imaginação hiperativa está a levar a melhor sobre mim.

– Excelente. Obrigada.

– De nada.

– Porque é que sorris assim?

– Oh, por nada. Só acho que desenhavas muito bem.

Fico uns segundos sem compreender o que ele quer dizer. Quando percebo, reviro os olhos.

– Estiveste no meu escritório.

– Tive de ir ver as janelas.

– Penso que também deves ter ido ver outras coisas.

Aidan agarra-me na manga da camisola e puxa-me para ele. Depois, envolve-me nos seus braços e faz um sorriso sarcástico.

– Acho o coelho de estimação do rapazinho muito giro.

Eu sorrio.

– Pois, claro que achas.

– Então, és artista?

– Ilustradora. Principalmente de livros infantis, embora faça de vez em quando desenhos para calendários e revistas.

Baixa-se e pousa os lábios dele nos meus.

– És incrivelmente talentosa, Kayla.

Aquele elogio faz-me sentir como se a gravidade tivesse desaparecido, e os braços dele à volta do meu corpo são a única razão pela qual estou com os pés na terra.

– Obrigada.

– Uau. Olha só a minha coelhinha tímida toda corada.

– Cala-te antes que dê um pontapé nas canelas.

A rir-se, inclina-se e beija-me novamente.

– Tímida e mazinha. As minhas duas coisas favoritas.

– Chama-me mazinha novamente e verás como é andar com as costelas partidas.

Tenta abafar o som do seu riso ao encostar a cara num lado do meu pescoço.

Empurro-lhe o peito com pouca força.

– Idiota.

– Tu não me achas idiota – diz suavemente, e depois beija-me de novo, desta vez mais com mais intensidade.

Não, digo para mim mesma enquanto a sua língua explora a minha boca.

Não, senhor, não acho.

Beijamo-nos até ambos ficarmos com dificuldade em respirar e o pequeno calor latejante entre as minhas pernas se tornar dor. Depois, a culpa atinge-me novamente e afasto-me, pondo os dedos nos lábios.

Aidan perscruta a minha cara.

– Estás bem?

– Sim.

Recuso-me a olhá-lo nos olhos, e ele pega-me no queixo com a mão para me obrigar a olhar para ele.



– O que foi?

A minha boca fica seca. Humedeço os lábios e engulo em seco.

– Sinto-me um bocadinho... – Aclaro a garganta. –

Desconfortável.

Parece admirado.

– Comigo?

– Por fazer isto na minha casa.

– OK – responde, após um breve pausa. Depois recua, soltando-me.

– Oh, meu Deus. Desculpa. Não queria magoar-te.

– Não, eu entendo.

É impossível entender, mas atribuo-lhe pontos por tentar.

– É que foi muito recente. A separação do meu marido. –

Aclaro a garganta novamente. – E fico a pensar se ele entra pela porta a qualquer momento. É estranho para mim.

Desculpa.

– Não é preciso continuares a pedir desculpa – responde suavemente.

– Já disse que estava tudo bem.

Constrangida, torço as mãos uma na outra.

– Eu sei, mas vejo que não está, e agora sinto-me uma palerma.

– Não és palerma. Beijar-te-ia novamente, mas não quero tornar isto ainda mais estranho. Façamos o seguinte: vou ligar ao meu amigo Jake que tem uma empresa de alarmes de segurança. Ele vem cá e faz a instalação do alarme.

Entretanto, preciso de ir a uma reunião, mas depois disso venho arranjar a fuga.

Aponta com a cabeça na direção da cozinha e dos baldes no chão.

– Não dá para começar a fazer a reparação no telhado sem o tempo melhorar pelo menos durante alguns dias, mas ponho uma lona para

impedir que entre mais água e tiro do sótão o isolamento húmido, para não ganhar bolor.

OK?

– Sim. OK. Obrigada. Oh, deixa-me ir buscar o livro de cheques...

– Mais uma maldita palavra ... – diz, interrompendo-me –

e habilitas-te a ganhar uma série de palmadas.

Espantada, olho para ele. Não há qualquer sorriso na sua cara, nenhum vestígio de humor.

Está completamente sério.

– Posso fazer uma pergunta? – digo cautelosamente.

Ele assente com a cabeça.

– Não devo falar sobre o livro de cheques, ou não queres que eu diga mais nada em geral?

Aperta os lábios e cruza os braços. Agora posso dizer que está a tentar manter a cara séria. Está também a tentar ser intimidante, e devo dizer que falha redondamente em ambas as situações.

– Estou a dizer que não quero o teu dinheiro – diz assertivamente.

– Mas concordámos...

– Mais uma palavra – interrompe novamente, desta vez bastante mais alto.

Imitando-o, cruzo os braços e fico a olhar para ele.

– Não fiz sexo contigo para ter a reparação do telhado gratuita, Aidan.

– Não me digas, Kayla. Mesmo assim, não aceito o teu dinheiro.

– Essa é uma daquelas coisas de egos machões? Achas mesmo que te estou a castrar por querer pagar pelo teu tempo e competência?

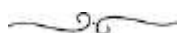
– Sim e sim.

– Que loucura – respondo categoricamente.

Descruza os braços, baixa a cabeça e olha-me diretamente nos olhos.

– Obrigado por partilhares a tua opinião sobre esse assunto. É a última vez que o fazes. Falas-me novamente de dinheiro e já sabes o que te espera.

Fico apenas a olhá-lo e ele reforça:



– Admite que sabes o que te espera.

– Porquê?

– Chama-se consentimento.

– Não dou consentimento a palmadas por causa de dinheiro – respondendo com arrogância.

– Não fales nisso novamente e não as recebes.

– Lembras-te quando te disse de que gostava quando não me irritavam?

Não comenta o que acabo de dizer e acrescenta:

– Mas se o mencionares novamente, vou assumir que estás avisada e consciente das consequências, quer concordes com elas ou não.

Faço uma expressão de estranheza.

– Julgo que a tua lógica tem falhas.

– Que bom para ti. Isso não muda nada. – Vira-se e encaminha-se para a porta.

– Aonde é que vais? Estamos a conversar!

– Já não estamos – diz por cima do ombro.

– Volta já aqui, ou és tu que vais levar a merda das palmadas.

A rir-se, sai pela porta de casa.

Uma hora depois, aparece o tipo da empresa de alarmes.

Ele e Aidan são farinha do mesmo saco: grandes, musculados, com estilo de lenhador. Tem também braços tatuados e barba, embora a dele seja de um tom acastanhado e tenha pelos grisalhos. Deixo-o

entrar e mostro-lhe a casa. Terminamos no escritório.

– É canja – afirma com confiança. – Onde quer que coloque o smart hub?

– Não faço ideia do que seja isso.

– Junta todos os dispositivos e atua como centro vital para o sistema de segurança.

Encaro-o sem expressão, mas ele continua.

– Vamos ligar o alarme, as câmaras de segurança e a câmara da campainha da porta a um hub sem fios que controla tudo e faz interface com o seu telemóvel para poder ter acesso remoto.

Hub. Câmaras? Acesso remoto? Começo a ficar nervosa.

– Isso parece ser caro.

Esboça um sorriso sarcástico de quem sabe algo. A pastilha elástica cor-de-rosa brilhante que mastiga sobressai entre os dentes.

– O Aidan disse que se falasse de dinheiro, eu deveria dizer-lhe que já sabe o que vai acontecer.

Sinto a cara arder.

– Ai sim? – digo num tom azedo.

– Ei, não mate o mensageiro. Só estou a fazer o meu trabalho.

O seu tom é leve e ele tem um brilho nítido nos olhos.

Vou matar Aidan na próxima vez que estiver com ele.

– E se instalássemos um sistema de alarme assim mais básico, em que eu tivesse de inserir um código para o acionar?

Jake faz uma cara de como se lhe tivesse insultado a mãe.

– Sinceramente, eu não preciso de câmaras nem nada disso. Só quero um alarme que dispare no caso de alguém entrar em casa.

– Mas se alguém de facto entrar, deve ter câmaras para depois ficar com o vídeo. Não serve de nada se a polícia não conseguir identificar o intruso.

Toda esta conversa de intrusos e entradas forçadas deixa-me desconfortável.

– Se calhar é melhor esquecermos isto tudo – declaro.

Jake ri-se.

– Pois. Isso não vai acontecer.

Fico espantada.

– Porquê?

– Porque o Aidan diz que tem de ter um sistema de segurança instalado. O que significa que, quer queira quer não, vai ter um sistema de segurança.

– Estou a ver.

– Pois.

Ele masca a pastilha e abre muito os olhos como se me quisesse dizer mais qualquer coisa, mas não pode.

– O que foi?

– Nada. Não é da minha conta.

– Hum-hum. Mas a sua cara mostra o contrário. Diga lá, Jake.

Fica a pensar durante um momento e depois diz:

– Parece boa rapariga.

– Ui. Não vem aí coisa boa.

Levanta a mão.

– Ouça. E faça-me um favor e não isto diga ninguém, está bem?

Eu aceno afirmativamente, com a ansiedade a apertar-me o estômago.

– Sou amigo do Aidan desde o secundário...

Interrompo-o.

– Se me vai dizer que ele é um grande mulherengo, não quero ouvir.

– Não, não é isso que vou dizer.

– Ainda bem.

Inclina a cabeça e franze os olhos.

– Mas se fosse, não queria saber?

– Tal como disse, não é da minha conta.

Ele faz outra careta e agora começo a ficar desesperada.

– O que foi agora?

– Nunca conheci uma mulher que não quisesse saber se o homem com quem está envolvida anda atrás de rabos de saia.

– Está bem. Ele anda atrás de rabos de saia?

– Não.

Lanço os braços ao ar.

– Está a dar cabo de mim! Vá direto ao assunto.

– OK. Olhe, vou ser direto. O Aidan não se aproxima das pessoas. Não confia nelas.

A sua pausa parece ser significativa.

– E...? – pergunto.

– Ele tem tido uma vida bastante complicada.

Quando Jake faz estalar um balão de pastilha elástica dentro da boca, acho que sei onde quer chegar e as minhas bochechas ficam novamente coradas.

– Está a sugerir que me estou a aproveitar dele? Porque eu disse-lhe especificamente que queria pagar tudo...

– Ele gosta de si – afirma em voz baixa, interrompendo-me. – E o Aidan não gosta de ninguém. – Olha diretamente para o meu dedo anelar e depois para a minha cara. – Não o quero ver magoado.

Depois de um momento no qual o meu cérebro se reconfigurou e o meu coração derreteu, digo suavemente:

– Eu também gosto dele. E não vou magoá-lo, Jake.

Prometo.

Ele masca duas vezes a pastilha elástica de forma desconfiada.

Penso no que Aidan lhe terá dito, mas não pergunto. Jake não me diria, de qualquer forma. É um amigo legal, e há aquela coisa dos códigos masculinos. Tive sorte por me ter contado tanto.

– Ouça. Sugiro um compromisso. E se instalasse um sistema de segurança que não seja do tipo FBI, mas também que não seja demasiado simples. Não serei capaz de pôr a funcionar nada de muito sofisticado, mas também não quero que tenha de lidar com a fúria do Aidan se ele não o aprovar. Vamos apontar para algo entre o James Bond e o Inspetor Clouseau. É possível?

Jake faz um balão com a pastilha, rebenta-o e sorri.

– Acho que dá para fazer isso.

Estendo-lhe a mão e damos um passou-bem.

Nessa altura, olho por cima do ombro de Jake, na direção da janela do escritório, e reparo que está alguém no jardim, perto da água.

Parcialmente escondida por detrás do tronco de uma árvore, a figura parece ser um homem. Embora esteja muito longe para reconhecer quaisquer características, e tenha a testa e os olhos escondidos por um chapéu, tenho a nítida sensação de que está a olhar para mim.

Vislumbro um brilho branco quando o homem arreganha os dentes como um animal.

Uma rajada de vento assobia pela chaminé. Os meus braços ficam com pele de galinha. Um arrepio de medo inunda-me o corpo, enregelando-me até aos ossos.

– Vou buscar o equipamento à carrinha para começar a trabalhar.

Vejo Jake a sair pela porta. Depois viro as costas para voltar a olhar para a janela e o homem ao pé da árvore já não está lá.



Sentindo-me abalada, mas também corajosa porque Jake está em casa e é de dia, decido ir até à margem investigar.

Bainbridge Island fica apenas a trinta e cinco minutos de ferry de Seattle, mas parece um planeta diferente. Tem muitos bosques densos de cedros que fazem parte de reservas naturais, mas a zona do centro é pitoresca e tem cafés simpáticos, lojas, boutiques e restaurantes.

Quilómetros de percursos que contornam a costa acidentada e o interior montanhoso fazem deste lugar um paraíso para caminhantes. A ilha é pequena. Tem oito quilómetros de extensão e dezasseis de comprimento, e apenas uma população de vinte e cinco mil habitantes, mas é também o lugar perfeito para gente que trabalha na cidade e não quer viver lá.

Eu e Michael instalámo-nos aqui quando ele aceitou a posição de diretor do programa de doutoramento na Universidade de Washington.

Parece que foi noutra vida.

Na altura, eu era uma mulher diferente. Mais nova, mais feliz e não tinha ainda experimentado as agruras da vida.

A juventude faz com que sejamos muito ingénuos. É tão fácil confiar que o sol nasce e se põe, aquecendo-nos os dias. E é um golpe terrível descobrir que não é o sol que

torna as coisas brilhantes, mas sim as pessoas que nos amam, e que quando essas pessoas se vão embora, tudo fica mergulhado em escuridão.

A propriedade estende-se por mais de um hectare. Tem árvores antigas de folha persistente e uma estreita praia rochosa e uma área comprida com relvado separam-na da costa. Vestida com um pesado casaco de inverno e um gorro de lã puxado até às orelhas, atravesso o jardim das traseiras e desço as escadas até ao relvado, depois sigo o percurso até ao mar.



Evito aproximar-me da doca ou olhar na direção do barco que se encontra amarrado lá.

Michael batizara-o de Eurídice. Sempre odiei esse nome.

Tinha-lhe dito que dava azar o barco ter o nome de uma ninfa da mitologia grega que ficou presa no submundo, mas Michael disse que gostava. Achava romântico que o marido de Eurídice, Orfeu, por a amar tanto, a tivesse seguido até ao Inferno e pedido a Hades para a libertar.

Quando fiz a observação de que a história terminava em tragédia, Michael rira-se de mim. «É só uma história», dissera ele, abraçando-me de seguida.

Confirmou-se que eu tinha razão. Mito grego ou não, maldição é maldição.

Olhar para trás é tramado.

Quando chego junto da árvore onde vi o homem, observo com atenção o solo. Se encontrasse pegadas, conseguia ver por onde ele tinha ido. À volta do tronco da árvore há lama e não há relva, então deve ser possível descobrir alguma coisa.

Mas não encontro nada.

Nada de pegadas. A terra intacta. Nenhum sinal da pessoa que olhava na minha direção.

O vento frio sacode-me o cabelo, viro-me e olho para a casa. De onde estou consigo ver o meu escritório. A casa fica um pouco mais alta do que a faixa costeira, mas as janelas do escritório são grandes e o espaço é claramente



visível. O estirador está voltado para a porta, por isso, quando estou sentada, fico de costas para a janela e para a luz que a atravessa.

O que significa que, quando estou a trabalhar, alguém pode estar a observar-me sem eu saber.

Varro a costa com o olhar. Está vazia. A única companhia são as gaivotas que pairam sobre as ondas escuras que rebentam incansavelmente na faixa costeira.

Quem quer que ele fosse, já está bem longe.

Vejo um brilho junto aos meus pés. Baixo-me e apanho uma moeda da lama. Limpo-a com o polegar e sustenho a respiração.

É uma moeda de cinco cêntimos Buffalo.

Cunhadas entre 1913 e 1938, estas moedas podem ter um valor de trinta e cinco centavos a três milhões de dólares, dependendo do ano e da condição. Esta moeda, em particular, é de 1937. É do tipo D, que mostra o búfalo apenas com três patas, em vez de as quatro habituais, e vale exatamente 2.560,00 dólares.

Sei porque Michael tinha-a mandado avaliar. Era do seu avô. Andava com ela para todo o lado. Dizia que lhe dava sorte.

Com o coração a bater depressa, aperto a moeda na mão e apresso-me para casa, tentando convencer-me de que o formigueiro frio que me trespassa as costas é apenas o vento.

Umás horas depois, Jake termina a instalação do sistema de segurança.

Aidan ainda não regressou.

Jake mostra-me como usar o hub do sistema montado na parede do escritório, junto ao interruptor, do lado de dentro da porta. De seguida, instala a aplicação no meu iPhone de

modo que possa ver as transmissões do vídeo em tempo real. Caso alguém toque à campainha, consigo ver quem é sem sair de onde estou. Também instalou uma câmara por cima da porta das traseiras que capta um amplo campo de visão do jardim.

– Há quanto tempo é que isto está a gravar? – pergunto, questionando-me se a câmara apanhou o homem junto da árvore.

– Cerca de vinte minutos. Já está a gravar. O sistema tem memória suficiente para uma semana de imagens. Quanto termina, grava novas imagens por cima das antigas, apagando-as, por isso não tem de pagar por mais armazenamento de dados, e isso pode ser bastante caro.

Então, não há registo do momento em que vi a figura no jardim. Fico desiludida, mas não há nada que se possa fazer. Pelo menos, a partir de agora, conseguirei ver a figura se ela voltar, mesmo que não esteja em casa.

– Instalei caixas para introdução do código nas portas da frente e das traseiras, e dentro da garagem, junto da porta da lavandaria – diz Jake. – Se o alarme for acionado acidentalmente, tem trinta segundos para o desarmar com o seu código antes de nos ser enviado um alerta. Se não chegar a tempo, transmite a sua palavra-passe ao operador que lhe ligar e ele desativa o alarme.

Faz um sorriso pesaroso.

– E tente que isso não aconteça, porque cobramos cem dólares sempre que ativa o alarme acidentalmente.

– Ui.

– Pois, somos mercenários.

– Não é você o dono da empresa?

– Sou.

– Então quando diz «nós», quer dizer você.

Ele ri-se.

– Parece a minha mulher.

– Aposto que é uma mulher muito inteligente.

Com um sorriso rasgado, Jake abana a cabeça.

– Agora ainda parece mais.

– Os génios pensam da mesma forma. Por curiosidade: se as câmaras detetarem movimento, há alguma maneira de receber uma notificação no telemóvel?

– Claro. Posso configurar a aplicação nesse sentido.

Alguma malta não gosta disso porque recebe notificações cada vez que um esquilo atravessa o relvado, ou um carro passa perto da casa. Pode ser chato.

– Pode definir-se a dimensão? Por exemplo, para não detetar um esquilo, mas sim uma pessoa?

– Não, mas posso reduzir o campo da gravação da câmara, no entanto só irá emitir um aviso no telemóvel se alguém estiver a, digamos, um

metro e meio da porta.

Esperava que isto não fosse tão complicado. Imagino-me a ficar em pânico cada vez que o meu telemóvel vibrar, para depois perceber que é um roedor a passar pelo alpendre da frente.

– Por enquanto, vamos saltar a parte das notificações.

Posso ativá-las mais tarde, certo?

– Claro que sim. Agora só preciso que programe o código de segurança no hub. Depois mostro-lhe como utilizar as caixas para a introdução do código e fica tudo pronto.

Explica-me como se insere o código e demonstra como todo o sistema funciona, o que não demora muito. Depois, arruma o material e damos um aperto de mão.

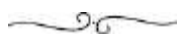
– Eu sei que não é suposto mencionar a palavra que começa por D, mas tem de me deixar compensá-lo de alguma forma, Jake. Fez muito mais do que devia – digo enquanto o acompanho à porta.

– Não se preocupe com isso. Se não disser ao Aidan o que lhe contei sobre ele, estamos pagos.

Abro a porta e deixo-o passar.

– Não vou dizer nada. E obrigada. A sério. Foi uma grande ajuda.

Ele faz uma pausa e sorri.



– Espero vê-la novamente, Kayla. Seria muito porreiro se o Aidan tivesse alguém, para que quando saíssemos juntos, eu e a minha mulher não sermos o único casal. Acho que às vezes ele sente que faz de vela.

– Há muito tempo que ele não tem ninguém? – pergunto, espantada.

Ele ri-se de um modo que me faz pensar que há uma longa história por detrás.

– Pode dizer-se que sim. Até breve.

Vai pelo caminho de acesso à casa e entra na carrinha, acenando-me adeus enquanto liga a ignição.

Aceno de volta, vou para dentro e tranco a porta, esperando que o novo sistema seja desnecessário, mas não acreditando totalmente nele.

Quando Aidan regressa, já é de noite.

– Desculpa o atraso – diz, enquanto abro a porta depois de ele bater. – A reunião foi um caos. Quase perdia o último ferry. – Olha pelo hall de entrada. – Posso entrar?

– Claro.

Abro mais a porta e recuo para ele poder entrar.

Entra no hall e inspeciona a caixa de introdução do código na parede.

– O Jake fez um bom trabalho?

A sorrir, fecho a porta.

– O Jake é espetacular.

Ele vira-se e olha mim.

– Ah, sim?

– Sim. Gostei dele.

– Dizes isso como se fosse algo inesperado.

Encolho os ombros.

– Não sou fã de pessoas, em geral. Avalio caso a caso.

Mas o Jake é boa gente.

– É, sim – diz ele suavemente, com os olhos a brilhar. – E

eu também não sou fã da maioria das pessoas.

– Devíamos fundar um clube. Introvertidos Unidos, capítulo de Seattle. Podes ser o presidente.

– Não somos introvertidos. Somos misantropos. Uma grande diferença.

– Ah, é verdade. Tenho andado para te dizer que admiro o teu vocabulário.

Fitando os meus olhos como se me fosse agarrar e devorar, diz com

voz rouca:

– Sim? E que mais admiras tu, coelhinha?

Ouvir aquela alcunha faz-me lembrar da nossa perseguição sensual à volta da mesa da cozinha. Todo o meu corpo aquece.

– Faço-te uma lista.

Olhamos um para o outro durante um momento até ele acariciar com o polegar a minha face quente.

– Ainda bem. Podes enumerá-la na próxima vez que estiver dentro de ti – diz em voz baixa.

Alguém pegou em mim e me largou dentro de um vulcão.

A minha pele está envolta num calor escaldante. O ar que os meus pulmões inspiram é tórrido. Não me surpreenderia se olhasse para baixo e visse aos meus pés um monte com a minha roupa em cinzas.

Humedeço os lábios com a língua e nesse momento juro que ele está prestes a atacar-me. Mas controla-se, tira a mão da minha cara e adota um tom prático.

– Vou pôr a lona no telhado.

– O quê? Agora? Já é de noite!

– E então?

– Então não quero que caias do telhado e partas o pescoço!

Encara-me com intensidade, o seu olhar é penetrante.

– Duas coisas.

– Oh, não. Porque é que me parece que isto vai acabar mal para os meus lados?

– Primeiro. Não caio de telhados, por muito escorregadios que estejam – diz, não respondendo à pergunta.

Cruzo os braços e tento não revirar os olhos.

– Segundo – acrescenta com mais suavidade –, e o que tem, se partir o pescoço?

Fico pálida.

– Aidan, isso não tem piada.

– Ninguém se está a rir. Responde à pergunta.

Agora está com uma cara muito séria, a confrontar-me com uma intensidade inflamada e uma luz estranha nos olhos. Não sei porquê, mas fico com o batimento cardíaco descontrolado.

Deixo cair os braços e respondo:

– Por favor, não me faças responder a isso.

– Porquê?

– Porque julgo que ainda não estou preparada para esta conversa.

– Que conversa?

Ele aproxima-se. A sua intensidade aumenta. Estamos a centímetros de distância, tão perto que sinto o calor do seu corpo, mas ele não me toca. Simplesmente olha para mim com os olhos semicerrados, à espera.

– A conversa sobre como me sinto em relação ao que se está a passar entre nós – sussurro, fitando-lhe os olhos escuros.

– Pois, vamos ter essa conversa. Agora mesmo –

responde logo. – Porque hoje quase dei em maluco a pensar em ti, e se tu não sentires o mesmo, prefiro sabê-lo já.

Fecho os olhos e deixo escapar um suspiro entrecortado.

– Esqueceste-te assim tão rapidamente da nossa conversa quando estávamos no duche?

– Não. Olha para mim.

Abro os olhos. Assim que me apanha bem presa na fogueira do seu olhar, diz:

– Eu sei que não estás confortável em envolvermo-nos em tua casa, e eu respeito isso. Senão já te tinha despedido.

Entendes?

Caramba, que intenso ele é. Engulo em seco com nervosismo e aceno com a cabeça.

– Ainda bem. Agora fala.

Fico em silêncio durante um momento, indecisa sobre o que dizer, mas Aidan não pressiona. Limita-se a olhar para mim, como se eu estivesse prestes a relevar os segredos místicos do Universo que a espécie humana deixara perdidos no tempo das cavernas.

– Está bem – digo por fim. – Mas gostava de te pedir que não faças um grande drama depois do que vou dizer.

– Define grande drama.

Solto um grande suspiro e abano a cabeça.

– Acho que sabes o que quero dizer, Clube de Combate.

Surge-lhe um leve sorriso nos lábios.

– Sim, eu sei. Só queria que continuasses.

– Já alguém te disse que és idiota?

– Já. Tu. Duas vezes. Mas não estavas a falar a sério.

Continua e diz-me o que preciso de ouvir.

Ponho as mãos na cabeça, fecho os olhos e conto até dez.

O homem é impossível.

– Podes ficar aí com as mãos na cabeça o tempo que quiseres, mas eu vou continuar aqui à espera.

– Eu sei. – Abro os olhos, deixo cair os braços e olho para ele. – OK, Aidan. É o seguinte: eu gosto de ti. Tenho a certeza de que sabes isso, já agora, isto é apenas a tua forma de me torturares.

Faço uma pausa, mas ele não nega, por isso, continuo:

– Se caíesses do telhado e partisses o pescoço, seria devastador para mim.

Abre a boca para começar a falar e eu levanto mão.



– Ainda não acabei. Vai chegar a tua vez.

Do peito dele sai um resmonear baixo de desagrado, que eu deixo passar.

– Sinto-me muito atraída por ti. – Lembro-me como cavalguei libertinamente sobre o pénis dele e no orgasmo avassalador que me provocou, e fico com a cara mais quente, quase a incendiar-se. – Acho que não há qualquer margem para dúvidas. E também me sinto segura contigo.

E

por

qualquer

razão

estranha,

confio

em

ti

instintivamente, o que não acontece com ninguém, muito menos com homens. Só depois de seis meses de namoro é que o meu futuro marido entrou no meu apartamento, por isso, isto que temos, além de ser completamente novo, é diferente. Além disto, não sei mais nada, e espero que não me pressiones para que diga mais, porque tendo a agir como um lobo encurralado se estiver entre a espada e a parede, e acredita que não é bonito.

Calo-me. Com um ar feroz e sem pestanejar, Aidan olha para mim.

– E também, hum, nunca tinha experimentando, hum, role-play, ou o que quer que tivéssemos feito no teu apartamento quando me andavas a perseguir e... –

acrescento timidamente.

– E? – quase grita Aidan.

– E adorei. E quero fazê-lo novamente – confesso.

Depois fico ali, a tremer de vergonha e arrependida de ter dito isto.

Após um período interminável em que sofro em silêncio, a sentir-me humilhada, Aidan diz:

– Está bem.

Desconcertada, pestanejo.

– Como assim, está bem?

Faz um sorriso lento e lascivo.

– Apenas o que disse. – Aponta para o teto. – Agora vou para o telhado tratar da lona.

E o malandro vira as costas e sai pela porta da frente.

Ele sai!

– Sabes que mais? Só estava a gozar! Invenstei tudo! –

vocifero nas suas costas.

Não me consegue ouvir, mas fico a sentir-me melhor.



16

Caro Dante,

Estive indecisa entre responder-lhe ou não, uma vez que julgo que possa ser alguém instável. Mas também pode apenas sentir-se só, e se há pessoa que percebe de solidão, sou eu.

Os versos que me enviou são muito poéticos.

Peço desculpa, mas não me lembro de nada melhor para dizer.

O que gostaria de dizer é que espero que não seja perigoso e que não esteja prestes a ser-lhe concedida liberdade condicional porque, caramba, seria muito estúpido a polícia encontrar-me morta com a

nossa troca de cartas ao lado. Já estou a ver os títulos das notícias:

«A mulher mais burra do mundo perde o bom senso e troca correspondência com um presidiário que acaba por a matar!»

OK, é demasiado, mas percebe o que quero dizer. Já todos ouvimos falar de romances que correm mal com amigos por correspondência presidiários. Atenção: não estou a sugerir que haja algo romântico aqui!

Simplesmente eu pareceria muito estúpida se você sáísse da prisão e viesse matar-me.

Especialmente depois de escrever a última frase.

Adiante. Provavelmente, vou rasgar esta carta antes de a enviar. Mas, caso a envie, por favor, diga-me honestamente por que motivo foi parar à prisão. Até poderia pedir ao meu amigo detetive que descobrisse, uma vez que pessoas na posição dele conseguem ter acesso a dados delicados, mas prefiro sabê-lo por si.

É tudo, por agora. Duvido que alguma vez leia esta carta porque tenho 99% de certeza de que a vou rasgar, mas se não o fizer, bom... a curiosidade passou-me a perna.

O mistérios sem resolução dão a volta à cabeça de uma rapariga.

Atenciosamente,

Kayla



Acabo de escrever a carta às três da manhã. Ando pelo escritório desde a uma, sem conseguir dormir. Tenho a cabeça a rodopiar como um carrossel cheio de perguntas.

Quem era o homem que estava junto à água?

O que significa ter encontrado a moeda de cinco cêntimos Buffalo de Michael exatamente no mesmo local onde ele estava?

Quando é que achei sensato ter um presidiário como amigo por correspondência?

Onde está o meu cérebro?

E, por fim, porque é que Aidan se foi embora sem se despedir?

Porque foi exatamente isso que aconteceu. Depois de abandonar a nossa conversa a meio, subiu as escadas para ir ao telhado, pôs uma lona azul impermeável numa parte, tirou algum isolamento húmido do sótão e depois arrancou na sua grande carrinha de macho, como se a mulher com quem fez sexo escaldante na noite anterior não estivesse dentro de casa à espera dele.

Realmente não entendo os homens.

Lidar com eles é o mesmo que lidar com uma espécie alienígena hostil que aterrou neste planeta, que considera a nossa língua e hábitos demasiado tolos, e que por isso devemos ser tratadas com desdém e/ou como objetos de alívio sexual esporádico para depois nos ignorarem novamente como seres inferiores que somos.

Sinto-me melhor por ter um sistema de alarme, portanto, pelo menos é um ponto positivo.

A luzinha verde no hub brilha alegremente para mim na parede junto da porta, lembrando-me de que, pelo menos, posso ter a polícia à porta em dez minutos se me esquecer de desativar o alarme.

Ou se alguém entrar em casa para me tentar matar, mas não vou pensar nisso.

Dobro a carta para Dante em três e ponho-a dentro de um envelope. Deixo-a na gaveta de cima da secretária, a pensar se a envio de manhã, ou não. Depois sento-me na cadeira e faço deslizar a moeda de cinco cêntimos Buffalo entre os dedos, distraidamente, enquanto olho para os cortinados puxados, imersa em pensamentos.

Até que mesmo por cima de mim, no quarto principal, o soalho range.

Bloqueio, fitando o teto. Depois de alguns segundos angustiantes em que não acontece mais nada, olho com nervosismo para o hub de segurança na parede.

A luz verde brilha, tranquilizando-me.

Descontraio durante uns segundos até o soalho ranger novamente mais duas vezes e eu começar a transpirar.

– É o vento – digo baixinho, agarrando os braços da cadeira e a hiperventilar. – É só o vento.

O meu cérebro decide acordar do coma recente e avisar-me de que os meus ouvidos não conseguem ouvir o sopro do vento do lado de fora nas janelas.

Contraponho com o facto indiscutível de que não é possível estar alguém em casa porque tranquei todas as portas e acionei o sistema de alarme antes de ir deitar-me.

O meu cérebro, o estúpido, não se importando com meu estado emocional, sugere que quem quer que esteja a fazer aquele barulho no piso de cima, já se encontrava dentro de casa.

Porra.

– Acalma-te, Kayla – digo baixinho com as mãos a tremer.

– Só tu é que estás em casa.

Por cima de mim, tudo continua silencioso durante mais cinco minutos. Nessa altura decido que já não tenho medo.

Estou furiosa.

Comigo.

Porque se ouvir outro ruído, tenho a certeza de que me levanto da cadeira, saio porta fora aos gritos e vou a correr para casa de Aidan, surpreendendo-o com a minha figura de parva, como da outra vez.

Munida da minha nova raiva, respiro fundo e dirijo-me à porta. Saio do escritório e olho em volta: está tudo bem.

Subo as escadas e vou ao quarto principal, que está exatamente como o deixei, sem intrusos que fazem ranger o soalho à vista: está tudo bem. Inspecciono todas divisões do piso de cima, acendo as luzes e sinto-me cada vez mais ridícula a cada segundo que passa porque não encontro nada fora do sítio.

Até ir ao piso de baixo, entrar na cozinha, acender as luzes e passar de «está tudo bem» para «que merda é esta».

Todas as gavetas estão abertas. Todas as portas dos armários estão escancaradas.

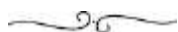
Ponho as mãos sobre a boca para conter um grito aterrorizado.

Fico paralisada a sentir a pulsação do sangue nos ouvidos. A adrenalina inunda-me as veias, impelindo-me a correr, mas estou pregada ao chão, com medo. Nem um músculo consigo mexer.

A sensação assustadora de que estou a ser observada arrasta-se lentamente sobre mim.

Quase soluço de terror, mas consigo controlar-me para me virar e ver se está alguém atrás de mim.

Não está ninguém. Estou sozinha.



Sou só eu e a minha paranoia, e as gavetas e as portas dos armários que aparentemente têm as dobradiças demasiado lubrificadas.

Porque não há explicação para isto. Porque a cozinha não decide deixar tudo aberto.

Mas talvez sim, porque, do nada, o frasco do mel desliza pela prateleira e parte-se em pedaços no chão.

O meu sistema nervoso não está a aguentar.

Salto, grito, dou meia-volta e desato a correr para o escritório. Abro a porta, fecho-a e tranco-a, depois escondo-me entre o sofá e a parede.

Fico aqui encolhida como uma bola trémula até o sol nascer, quatro horas depois.

De manhã, sinto-me uma enorme idiota.

Engraçado como a luz do dia afugenta até o mais horrendo dos monstros.

Assim que o sol aparece, lembro-me de ver no telemóvel as imagens da câmara. Tenho de carregar em play e rewind milhares de vezes, mas não há qualquer indício de que alguém se tenha aproximado da minha casa, exceto quando Jake se fora embora à tarde e quando Aidan chegara, indo embora depois.

E, segundo o meu fiável hub de segurança, o perímetro da casa nunca foi violado.

Ninguém entrou pelas janelas.

Ninguém arrombou as portas.

Estive sozinha a noite toda.

E quanto às gavetas e armários abertos, digo a mim própria que há uma óbvia probabilidade de que fui eu e não me lembro. Se juntasse todos os lapsos de memória que tive nos últimos tempos, estaríamos perante um caso convincente de início de demência.

A possibilidade de ter deixado a cozinha naquele estado é um mistério e peras, mas também pode ter sido um pequeno terramoto de que não dei conta.

Certo? Isso é plausível.

Mais plausível do que outras coisas em que não quero pensar.

Relativamente ao frasco de mel a voar, bem... eu estava sobre-estimulada. Provavelmente caiu da prateleira, não voou. Como já estava medo por causa do soalho a ranger e dos armários abertos, tornei essa situação pior do que realmente fora.

Tenho consciência de que estou a racionalizar muito, mas o que faria alguém se se confrontasse com a possibilidade de que a sua percepção da realidade está a ser posta em causa?

Ocorre-me voltar ao grupo de pessoas em luto, mas ponho logo essa ideia de parte. Se quiser ficar deprimida, consigo fazê-lo sozinha.

Depois penso em telefonar a Eddie, o faz-tudo, para lhe pedir o contacto do psiquiatra. Porém, após deliberação cuidada, chego à conclusão de que se Eddie é o produto final de sessões de psicanálise, então mais vale estar quieta.

Se vou gastar centenas de dólares por semana a despejar as minhas diversas neuroses em cima de um terapeuta, gostaria que não fosse preciso fumar o que pelo cheiro parecia uma tonelada de marijuana para me sentir melhor.

Obrigo-me a deixar o escritório e ir à cozinha, mas quando lá chego, sinto-me desiludida. À luz do dia, as gavetas e os armários abertos

parecem absolutamente inofensivos. Esperava ficar nervosa, pelo menos, mas a única sensação que tenho é uma ligeira irritação.

É completamente decepcionante.

Fecho as gavetas e as portas dos armários, depois apanho os cacos e limpo o chão pegajoso onde o frasco de mel caiu. A seguir, despejo no lava-louças os baldes de água

da chuva.

Graças à lona que Aidan pôs, o teto parou de pingar. As manchas que ficaram parecem dois grandes olhos sinistros a julgarem-me.

A olhar para cima, digo por entre dentes:

– Não olhem para mim assim. Também ficariam com medo.

Fico a pensar se devo ligar a Aidan, mas decido não o fazer. Não percebi aquela atitude estranha do dia anterior, e não vou presenteá-lo por se ir embora depois de ter insistido que eu pusesse as cartas na mesa.

Mas, é tão típico, não é? A partir do momento em que começamos a dizer o que sentimos, os homens de repente ficam mudos e surdos. É o seu superpoder.

Pensar nisto deixa-me deprimida.

Tomo um duche e visto-me, depois trabalho até ser suficientemente tarde para não me sentir completamente degenerada por abrir uma garrafa de vinho. Ao fim de dois copos, volto ao trabalho. Já andava há muito tempo a trabalhar no desenho do rapazinho a dar de comer ao coelho e agora consegui terminá-lo, passando de seguida para outro. Preciso de fazer vinte e sete ilustrações para o livro e só restam seis semanas, por isso tenho de me apressar se quero cumprir o prazo que acordei com o editor.

No entanto, os meus dedos preferem desenhar outra coisa.

Primeiro, aparece a forma de uma árvore perene com a copa torta e a parte de baixo de irregular. Depois, surge a faixa rochosa da linha costeira. A seguir, um céu escuro com nuvens ameaçadoras e aves marinhas a sobrevoar um mar revolto por ventos fortes.

Por fim, uma figura.



Alto e esquelético, o homem espreita por detrás do tronco da árvore, os olhos escondidos pela aba do chapéu e os dentes expostos num esgar hediondo.

Um esgar hostil.

Verdadeiramente assustador.

O meu coração começa a acelerar, pouso a caneta, encosto-me na cadeira e olho para o desenho.

Há qualquer coisa neste homem que me é familiar.

É difícil perceber o quê, mas sinto que já o vi antes. Mas onde?

Quando a campainha toca, sobressalto-me. Levanto-me e só depois me lembro de ver na aplicação as imagens da câmara. Pego no telemóvel em cima da secretária e carrego na transmissão em direto da câmara, mas não está ninguém no alpendre da frente.

– Casa, para com isso! – grito num tom alto e irritado.

Como se me estivesse a responder, o candeeiro da secretária começa a piscar.

Fito-o, petrificada. A pulsação e a pressão sanguínea aumentam, e também a ansiedade. O momento prolonga-se até começar a sentir que as terminações nervosas vão explodir com tanta tensão.

Não sei exatamente do que estou à espera, mas independentemente do que for, já estou nervosa.

Depois, quando recebo uma notificação de mensagem com um toque jovial, assusto-me tanto que deixo cair o telefone.

Ponho os dedos nas têmporas durante uns segundos para tentar voltar a respirar normalmente e só depois é que me dobro para apanhar o telemóvel do chão. As mãos tremem-me tanto que até tenho vergonha de mim mesma. Mas quando leio a mensagem respiro de alívio.

Não me ligaste. Podemos resolver isso agora.

– Oh, Aidan – suspiro, abanando a cabeça. – Vais ser o cabo dos trabalhos, não vais?

Marco o número dele, fingindo que não o decorei.

Ele atende após ter tocado uma vez.

– Olá, coelhinha linda – diz, numa voz rouca.

– Olá também para ti.

O meu tom não deve ter mostrado grande entusiasmo, porque passado um momento, ele diz:

– Estás zangada comigo.

– Zangada é uma palavra muito forte. É mais chateada.

– Que fiz eu para merecer a ira de uma coelhinha tão querida?

Irritada com a sua tentativa de fazer humor, respondo de forma mordaz:

– Talvez precises de um castigo para pensares sobre isso.

– E talvez tu precises de uma sessão de palmadas para te recordares com quem falas.

– Essa ameaça teria muito mais impacto se não te estivesses a rir.

– Não me estou a rir. Passei o dia obcecado a pensar nesse rabo perfeito. E do quão cor-de-rosa ficou depois de lhe ter dado umas palmadas. E de como gemeste. – Faz uma pausa. – Pergunto-me quão alto vais gemer quando entrar dentro dele.

Ah, sim. Lá vem aquela onda de calor que se espalha pelo pescoço e se instala na cara cada vez que ele abre a boca para me dizer alguma coisa.

Pigarreio e engulo o sapo.

– Estás a dizer isso enquanto profissional que repara telhados? Porque, se é o caso, acho que vou precisar de apresentar uma reclamação.

– A quem? A empresa é minha. – A sua voz baixa de tom.

– E aqui não há profissionais, querida. Não me entendas mal. Isto é tudo a nível pessoal.

Estou a suar. Porque é que estou a suar? Céus, estou a assar viva.

– Se é pessoal, porque é que ontem te foste embora sem te despedires?

- pergunto, puxando a gola da camisola.
- Vem até aqui e eu digo-te.
- Onde é que é «aqui»? – digo, para empatar.
- Tu sabes onde. E não vale a pena trazeres cuecas.

Ficariam todas rasgadas – responde Aidan suavemente.

Desliga, deixando-me ainda mais desorientada e abanada em relação ao que estava antes do telefonema.

Hesito, não sei se deva ir a casa dele.

Sei que não é inteligente. Bebi dois copos de vinho, preciso de trabalhar e ele é uma ladeira escorregadia pela qual deslizo a toda a velocidade. Uma distração maravilhosa no meio dos escombros da minha vida.

O perigo das distrações é que facilmente se tornam num vício.

– E já não tiveste disso que chegue? – sussurro, olhando para a moldura da parede com a fotografia do meu casamento com Michael.

Era uma tarde gloriosa de maio. As nuvens tinham desaparecido do céu e o aroma das madressilvas perfumava o ar. Vestido com um fato, Michael estava nos degraus da igreja, ao meu lado, a olhar na minha direção.

Sorria abertamente, mesmo de perfil era bonito, e tinha o braço à volta da minha cintura.

Eu estava junto dele, num vestido sem mangas volumoso, feito de seda e rendas, a segurar um ramo de lírios de um branco puro e a olhar diretamente para a máquina fotográfica.

Ao contrário de Michael, não sorria.

Lembro-me de quão nervosa estava naquele dia. Com um nó no estômago. E do modo como Michael me apertara tanto as mãos quando fizemos os votos de casamento. Mais tarde, ele comentara que pensara que eu ia desmaiar no altar por estar tão pálida e a tremer.

Nunca lhe disse que tinha vomitado antes de entrar na igreja. Não é algo que queiramos que o nosso cônjuge recorde. Ou de que nos queiramos recordar. Não há espaço para essas coisas naquele que é

suposto ser o melhor dia da vida de alguém.

Por isso, esqueci essa imagem e, efetivamente, a sua memória ainda não tinha vindo à tona.

Até agora.

Reparo em qualquer coisa na fotografia que não tinha reparado antes. Ligeiramente abaixo do meu ombro direito, há uma mancha na parte de cima do braço. Aproximando-me da foto, estreito os olhos para a conseguir ver melhor.

Levanto a mão e, com os dedos, esfrego a superfície do vidro onde a mancha está.

Mas não desaparece porque não é uma mancha.

É uma nódoa negra.

É uma pequena nódoa negra escura com a forma de um dedo polegar.

Detenho-me. Algo negro dentro de mim transforma-se em tempestade. Um ruído semelhante a milhares de aves a baterem as asas ecoa nos meus ouvidos. Num tom ligeiramente mais baixo, ouço um som débil e abafado, que pode ser um grito, mas que vem de muito longe.

Ou que vem debaixo de água.

Todos os pelos mais ínfimos do meu pescoço se eriçam.

É como se uma revelação importante pairasse ao longe, uma chave de uma porta que, até este preciso momento, desconhecia.

O que é isto? O que é que me está a escapar?

Depois o candeeiro da secretária pisca novamente, quebrando o feitiço. Abano a cabeça para me libertar do que acaba de acontecer e, com as mãos a tremer, envio uma mensagem a Aidan.

Estou a caminho.



Ainda antes de conseguir bater, Aidan abre a porta com um puxão.

Puxa-me para dentro, fecha-a com um pontapé e agarra-me nos braços, beijando-me apaixonadamente.

Beijo-o da mesma forma, desesperada para que ele me faça esquecer de tudo, exceto da sensação da boca dele na minha.

Sem dizer nada, despe-me a T-shirt, atira-a para o chão e beija-me novamente.

Ele não está com a camisola vestida, por isso os meus seios estão encostados ao seu peito nu. A pele dele é suave e quente, é extraordinário.

– Pensava que me ias dizer porque te foste embora sem te despedires – digo, provocando-o.

Em vez de me responder, pega em mim e leva-me até ao quarto. Fico maravilhada com a facilidade com que faz isso, porque estou longe de poder ser descrita como pequenina.

Mas, depois, quando me deita no colchão e pressiona o seu corpo comprido e pesado em cima do meu, esqueço-me da sua força, porque estou demasiado ocupada a deleitar-me com a sensação incrível de tê-lo em cima de mim.

– Adoro o teu peso – digo, ofegante, contorcendo-me debaixo dele. – És tão compacto. – Quase acrescento: fazes sentir-me segura, mas contenho-me.

Agora não é a altura para estar a falar da minha recente crise depois do que acontecera na cozinha.

– É o que vem em primeiro lugar na lista que vais fazer das coisas que gostas em mim? – pergunta, beijando-me o pescoço.

– Nem sequer faz parte do top dez. Continua com isso.

Adoro a tua barba na minha pele.

– É a segunda vez que falas em «adorar», coelhinha – declara-me ao ouvido, com a voz rouca.

Como não digo nada, ele levanta a cabeça e olha para mim com uma sobrancelha arqueada.

– Hum. Está bem – murmuro, a estremecer.

Dá um risinho.

– Ei. Se consegues evitar dizer essa palavra em todas as conversas que temos, eu também consigo.

– Oh, tu julgas que as regras dos coelhos se aplicam aos grandes lobos maus?

O tom dele é misterioso e excitante, e nos seus olhos o perigo brilha entusiasticamente. Sabendo o que estou a fazer, pestanejo com um ar inocente.

– Achava que os coelhos é que faziam as regras para os lobos cumprirem.

– Não, não achavas. Mentirosa.

Vira-me de costas, puxa-me as calças até às ancas e dá-me várias palmadas.

Quando termina e eu estou a arfar e a tremer com desejo, pergunta suavemente:

– Foi demasiado?

– Não.

– Pensa um bocadinho antes de responderes.

Esticando o pescoço, olho para ele por cima do ombro e encontro o seu olhar ardente.

– Eu sei que ficas preocupado se me magoares.

Obrigada, mas eu gosto assim, à bruta.

– Precisamos de ter uma palavra de segurança, pelo sim, pelo não – insiste, fitando-me com aqueles olhos escuros. –

O que é uma palavra de segurança?

– É uma palavra que faz com que tudo pare quando a dizes.

– Hum. E que tal «piroso»?

Ele ergue as sobrancelhas, aguardando uma explicação.

– Porque é piroso.

– Não, é necessária. Precisamos de comunicar com clareza acerca destas coisas.

Franzo a testa.

– Desde quando é que és o Sr. Conversa? Na maioria das vezes, mal consigo arrancar um grunhido de ti.

Dobrando-se sobre mim e acariciando-me as nádegas a arder, sorri.

– Que engraçado.

– Em que sentido, exatamente?

– Falo mais contigo num dia do que numa semana com toda a gente.

Faço-lhe uma careta.

– A sério? Ainda consegues falar? Sabes linguagem gestual, ou algo assim?

Aidan inclina-se e morde-me uma nádega. Quando dou um grito, surpreendida, ele morde a outra, rindo-se contra a minha pele.

– Que coelhinha tão opinativa – murmura, esfregando a barba no meu rabo pungente. Depois, põe uma mão entre as minhas pernas e a sua voz sobe de tom.

– E estás pronta para mim.

Fecho os olhos e puxo os lençóis, permaneço quieta enquanto ele desliza os dedos pelas minhas partes íntimas molhadas. Movimenta a mão demoradamente, acaricia-me o clítoris, deixando-me ofegante.

– Aidan?

– Sim, querida?

– Quero mais.

– E vais tê-lo. Quando eu to quiser dar.

Viro a cara para os lençóis e meneio o rabo, como que a pedir que se

despache.

– Coelhoa mazinha – sussurra de modo sensual.

– Por favor?

O seu gemido é suave. Acaricia-me o clítoris, belisca-o gentilmente com dois dedos para me fazer suspirar e pedir-lhe «por favor» enquanto continuo a mover o rabo.

– Por favor, Aidan. Váaaa.

Num tom sensual e sombrio, diz:

– Abana o rabo mais uma vez e vou assumir que queres que entre dentro dele.

Paro. A respirar com dificuldade e o corpo todo a tremer, pergunto:

– Tu-tu queres?

– Sabes que sim. Sabes o que quero mais?

Consigo sentir o odor dele na roupa da cama. O cheiro quente a terra e o aroma almiscarado do seu corpo, aquele cheiro intoxicante e inesquecível de um macho no seu apogeu.

Quero chafurdar nestes lençóis como um cão na lama, embrenhar-me nesta fragrância, banhar toda a minha pele neste cheiro delicioso para que nunca mais saia do meu corpo.

– O quê? – murmuro.

Inclina-se para perto do meu ouvido, tão perto que sinto o seu calor a emanar em ondas.

– Tudo. Quero tudo o que tens para me dar, Kayla. E

quero que mo dês sem hesitações. Sem perguntas. E sem arrependimento.

O domínio e desejo absolutos na sua voz provocam-me um arrepio.

Os meus mamilos estão duros e o meu sexo lateja, e eu assinaria a escritura de venda da minha casa e de tudo o que está em minha posse se ele se despachasse e entrasse dentro de mim.



– Está bem – deixo escapar.

Para minha grande decepção, ele diz:

– Não. Ainda não chegámos lá.

– Eu já!

Ele respira de modo irregular e sinto no ombro uma exalação de ar quente.

– Minha querida, adorei que tivesses dito isso, mas ainda não.

Espeta os dentes no meu ombro e eu estremeço desesperada.

– Como é que chegamos lá?

– Tempo.

Enfia um dedo dentro de mim, pressionando fundo.

Gemo, a adorar a sensação, mas a querer mais.

– E prática.

Enfia mais outro dedo, afundando-o no meu interior enquanto eu me agarro aos lençóis.

– Muita prática.

Tira e põe os dedos, mordendo-me cada vez com mais força. Levanto as ancas e abro mais as pernas, com o coração acelerado, o meu corpo responde-lhe como se ele estivesse a tocar um instrumento.

– Oh, meu Deus. Aidan. Aidan.

Ao ouvido, ordena-me suavemente:

– Implora para que te deixe vir.

– Sim! Por favor, sim, era exatamente o que ia dizer, por favor, por favor, deixas-me vir?

Não me interessa se estou a balbuciar. Não me interessam as figuras que estou a fazer, a contorcer-me que nem uma louca debaixo dele. Não me interessa o facto de terem bastado apenas algumas palavras, proferidas naquele tom suave e autoritário que me deixa fora de mim,

para que ele tomasse as rédeas do meu corpo e da minha mente.

Só me interessa que ele apague imediatamente o fogo que arde entre as minhas pernas.

– Olha só, a masturbares-te nos meus dedos – diz, em voz áspera. – Olha-me esses movimentos gulosos de anca. Será que a minha coelhinha não sabe que é suposto receber o

que lhe quero dar?

É uma pergunta que não precisa de resposta agora. O

que é bom, porque, de qualquer modo, não estou capaz de lhe responder neste momento.

– O que acontece nesta cama é o seguinte: eu dou. Tu recebes. Recebes e recebes até quebrares, depois imploras para que eu te quebre de novo – diz Aidan, na voz mais dominadora que alguma vez usou.

Solução na iminência de um orgasmo.

– Não te atrevas a deixar-te ir sem a minha autorização –

diz, num tom zangado, enfiando dentro de mim aqueles dedos compridos e duros uma e outra vez.

Faço um som indecifrável de prazer e roço-me freneticamente na mão dele. Reviro os olhos.

No limite exato da minha chegada ao orgasmo, Aidan tira os dedos de dentro de mim.

Ignora o meu lamento de protesto, despe-me as calças e atira-as para um canto. Depois, levanta-me para que fique de joelhos, e dá-me uma série de palmadas rápidas e dolorosas nas nádegas.

Não chega. Quero com mais força, quero mais depressa, quero que ele me destrua.

Quero que me faça esquecer de como me chamo.

Para de me dar palmadas no momento em que gemo.

– Fala comigo – diz, a arquejar.

A única coisa que consigo dizer num suspiro é um ténue

«mais». Como a mão, faz uma carícia no meu rabo, que lateja, depois dobra-se para o beijar. A seguir, ouço o som de um fecho-éclair. Um momento depois, a glândula do seu pénis duro aproxima-se da minha entrada.

– Repete a palavra de segurança para eu saber que te lembras se precisares de a usar – diz por entre dentes cerrados.

– Piroso.

– Linda menina.

Prendendo-me as ancas, enfia o pénis dentro de mim com um gemido gutural.

Deste vez, o meu gemido é de agradecimento.

Penetra-me. Com rapidez e com força, os seus dedos a perfurarem-me a carne. Sinto um toque frio de metal na parte de trás das pernas e percebo que não despiu as calças completamente.

Aidan também já não conseguia esperar mais.

Dobra-se sobre mim para me apertar os seios. Ofegante e a puxar-me os mamilos duros, possui-me implacavelmente até os meus gemidos serem tão altos que ecoam pelas paredes. O meu sexo começa a contrair-se em torno do seu membro.

– Não te atrevas – diz num tom sibilante.

O aviso ainda me excita mais. Coordeno o movimento da bacia com as suas investidas, para que ele entre ainda mais fundo dentro de mim, até que, de súbito, ele para.

A respirar com dificuldade, Aidan tira a mão que tinha nos seios e põe-na entre as minhas pernas. Movimenta-a para cima e para baixo e depois, com a ponta dos dedos, começa a dedilhar o meu clitóris intumescido.

Rapidamente tenho um orgasmo, como ele sem dúvida previra.

A gritar, o meu corpo agita-se violentamente. O meu sexo está em convulsão, contraindo-se uma e outra vez em ondas cadenciadas e vigorosas.

– Vá, querida! Oh, sim! Vem-te para mim!

Parece triunfante.

Compreendo, assim, que ter-me proibido de atingir o clímax fazia parte do jogo, que cada minuto que em me continha seria adicionado ao prazer que teria depois, e estou estupidamente agradecida por ele saber o que faz, porque é exatamente disto que preciso.

Ele é exatamente o que preciso.

Um estranho atraente com os olhos repletos de segredos e uma maneira de me olhar que revela saber tudo o que sou. Como se eu fosse um livro que tivesse lido inúmeras vezes e sublinhado as passagens favoritas.

Como se já soubesse como isto vai acabar.

Deita-se sobre mim e eu fico com a barriga em cima do colchão. Agarrando-me no cabelo, penetra-me mais algumas vezes e depois geme o meu nome.

A estremecer, esvazia-se dentro do meu corpo.

Fecho os olhos e preparo-me para a grande onda de emoção que me vai inundar, depois rendo-me à sua escuridão revolta, que me esmaga e me leva na sua torrente para muito longe.

19

Aseguir, não dizemos nada.

Não sei se ele se sente emocionalmente vulnerável como eu, ou se apenas não tem nada a dizer, mas levanta-se e vai à casa de banho, fechando a porta atrás de si.

A água da torneira corre. O autoclismo faz a descarga.

Ele reaparece e traz uma toalha e toalhetes. Em silêncio, põe-me de costas e, com cuidado, limpa-me entre as pernas com os toalhetes. E eu estou deitada, como se todos os meus ossos se tivessem liquefeito.

Seca-me com a toalha, de seguida levanta-se e desliga o interruptor da luz. Depois deita-se ao meu lado no colchão, encosta-se a mim, puxa-me contra o seu peito e mergulha a cara no meu cabelo, inspirando profundamente.

Quando expira, é como se centenas de anos de frustrações reprimidas se soltassem do seu corpo numa mesma respiração.

Por fim, a respiração dele diminui para uma cadência profunda e uniforme que me diz que adormeceu.

No escuro, envolvida pelo seu calor, penso em Michael.

Terei sido uma boa mulher?

Não sei. Tentei ser. Mais do que tudo, queria fazê-lo feliz.

Ele também me queria fazer feliz e eu achava que éramos perfeitos um para o outro. Todas as nossas pequenas peças combinavam. Encaixávamos.

Mas a nossa relação não tinha nada a ver com isto.

Sei que é injusto fazer comparações. Também sei que é injusto ter mentido a Aidan quando lhe disse que me tinha separado do meu marido, em vez de lhe contar a verdade.

Mas ele apanhou-me desprevenida. Não tinha a mais remota ideia do que aí vinha. Não estava preparada para a tamanha atração que sentimos um pelo outro, pela força que tem, pelo modo como sou impelida para ele com tanta intensidade que me é impossível resistir.

E, por isso, simplesmente deixei que ele acreditasse que Michael ainda está vivo. Parte de mim também quer acreditar que sim. Parte de mim quer acreditar que não.

O meu marido morreu.

Caiu do nosso barco e afogou-se.

Eu vi isso acontecer.

Talvez não tenha contado a Aidan porque não quero reviver esta última parte. Os ruídos na água. Os gritos. Os pedidos de socorro de Michael a ficarem cada vez mais fracos à medida que o barco se afastava cada vez mais.

O cheiro do fumo sobre a água escura e o riso horrível e instável que parecia vir de todo o lado.

Depois do acidente, não falei ao detetive desse riso. Não é algo que saiba exatamente explicar.

Devo ter adormecido entretanto, porque quando dou por mim, o quarto tem luz e Aidan afaga-me gentilmente o rabo com a sua grande

mão. Ainda atrás de mim, na mesma posição em que adormeceu.

– Bom dia, querida coelhinha. Dormiste bem? – murmura.

Viro cabeça para ele, inspiro, estico as pernas e os pés.

– Acho que sim. E tu? – digo.

Dá-me um beijo na nuca. Move a mão pelas minhas ancas e poussa-a entre as pernas.

– Como uma pedra.

– Hum. Essa coisa dura a tocar no meu cóccix parece mexer-se mais do que uma pedra.

Dá um risinho.

– Não podes culpá-lo. Tem uma mulher lindíssima nua na sua cama.

Põe os dedos dentro do meu sexo, depois acaricia-me o clitóris e eu suspiro de prazer.

– Estou obcecado com esse som – diz, num tom de voz mais sombrio. – Com todos os sons que fazes. Não me canso de ti, Kayla.

Morde-me no ombro. Não com força, mas de modo dominador. Como se fosse algo que um animal fizesse antes de montar a parceira.

– Estás a tremer.

– Não é de frio.

– Eu sei, querida. É hora de te sentares na minha cara.

Arregalo os olhos.

– Desculpa?

– O que acabei de dizer. Daqui para a frente, quero que obedças a uma ordem de imediato.

O meu batimento cardíaco aumenta. Fico quieta, com a cabeça a mil à hora, até, hesitante, me aventurar a dizer:

– Quero perguntar-te uma coisa, mas não quero que penses que estou a ser, hum, desobediente. Só estou a tentar perceber as regras.

Ele beija-me o ombro, depois o pescoço. Na verdade, não é propriamente beijar. E mais lambe e chupar. Como se estivesse a provar a minha pele e a achá-la deliciosa.

– Pede ao teu mestre permissão para falares – sussurra, mordendo-me o lóbulo.

Oh, meu Deus. Oh, meu Deus do céu, isto está mesmo a acontecer. Ele acabou de dizer isto!!!

Calmamente, a percorrer-me o pescoço e os ombros com a língua e os lábios, Aidan estimula de forma indolente o meu clítoris com os dedos, que está dolorosamente sensível, assim como os mamilos. E todo o meu sistema nervoso. Parece que estou prestes a explodir.

– Dás-me permissão para falar... mestre? – digo em voz baixa, a hiperventilar.

– Sim, minha coelhinha linda e perfeita. Podes falar –

responde num tom grave e hipnótico.

Em seguida, morde-me o pescoço e põe um dedo dentro de mim.

O meu grito de prazer é suave e irregular. Levo algum tempo a lembrar-me do que raio ia dizer.

– Eu... eu não sei o que queres dizer com «sentar-me na tua cara».

– Não é nada do outro mundo.

– Sim, mas em termos práticos, como é que é? Tipo, apoio as mãos na parede para me equilibrar?

Parece admirado.

– Nunca fizeste isso?

– Não. E não te quero sufocar.

O seu riso é abafado pela minha pele. Depois solta um gemido.

– És tão doce, caramba. Só quero afundar os dentes em cada milímetro do teu corpo.

– Até agora, estás a fazer um excelente trabalho.

Ele deita-me de costas e põe a palma da mão sob o meu queixo. Olhando-me com intensidade, pergunta:

– O que é que ainda não fizeste?

– Tudo o que não incluía a posição de missionário e de quatro com as luzes apagadas. Ah, e sexo oral. Mas nada...

– Quê?

O raio da minha cara começa a ficar corada.

– Obsceno

– Define obsceno.

– Sabes o que quero dizer, rapaz.

Ele está a tentar não se rir de mim. Com os olhos acesos e a unir os lábios, abana a cabeça.

– É mestre ou senhor. Nada de rapaz. Desta vez, passa, mas da próxima vez que houver desrespeito,avas palmadas.

Sorrio-lhe.

– Dizes isso como se eu não adorasse receber umas palmadas tuas.

Observa-me em silêncio durante uns segundos, com o riso a desvanecer. Depois, diz numa voz áspera:

– Não tens noção de quão perfeita és. De quão diferente e perfeita. Nunca conheci ninguém como tu. Sempre que estamos juntos, sinto-me um homem novo. Um homem melhor. Como se todo o mal que me aconteceu não interessasse para nada porque o teu sorriso doce fá-lo desaparecer.

Uma onda de calor morno invade-me. Parece que o céu se abriu e banhou-me de uma ponta à outra com um raio de sol brilhante. A sentir-me envergonhada, sussurro:

– Que palavras tão bonitas. Obrigada.

Ainda com a mão no meu rosto, fita-me, o seu olhar movendo-se lentamente por cada pormenor, depois beija-me intensamente.

– Vou deitar-me de costas e tu sentas-te de pernas abertas sobre a



minha boca, querida. Não te preocupes em sufocares-me. Eu seguro-te. Preparada? – murmura com os lábios na minha boca.

– Sim, senhor – respondo em voz baixa, a tremer de vontade e vergonha.

Exala o mais brando dos gemidos, e eu sei que o agradei.

De repente, assusta-me quanto o quero agradar mais.

Põe-se de costas e puxa-me para cima dele, agarrando-me pela cintura. Empurra-me em direção à parede, por isso eu inclino-me para a frente com as mãos e os joelhos enquanto ele desce pelo colchão. Quando os meus joelhos estão separados pela sua cabeça, ele puxa-me a bacia para que o meu sexo fique junto da boca dele. Fico com as pernas abertas a olhar na sua direção, de cima para baixo.

– Não te venhas sem a minha autorização – avisa, e depois põe a boca no clítoris.

Começo a arfar. As pernas estremecem. As pálpebras fecham-se. Ele estabiliza-me agarrando-me nas ancas e depois nos seios, apalpa-os e belisca os mamilos enquanto me lambe o sexo e eu não sei se voltarei a funcionar normalmente.

Quando gemo baixinho, ele tira uma mão do meu peito e dá-me uma palmada nas nádegas. Forte e dolorosa, e eu adoro. Ponho as mãos no colchão e baixo os cotovelos.

Movo as ancas contra a boca de Aidan. Ele faz um som suave de aprovação, por isso movo-as novamente.

Puxa-me o mamilo duro e dá-me outra palmada, fazendo-me soltar um gemido sonoro de prazer.

– Masturba-te na minha boca – ordena. – Cavalga na minha cara, querida. Não me faças repetir.

Com certeza, senhor.

Esfrego o sexo na cara dele e, sem fôlego, rio-me quando ele enfia a língua toda dentro de mim. O riso desvanece rápido porque a boca dele sabe tão bem, caramba. Deixo de me preocupar com a possibilidade de o sufocar e entrego-me completamente, concentrando-me na sua boca quente e húmida entre as minhas pernas e nos dedos calejados que me apertam os mamilos e se enterram nas

ancas.

Uma contração intensa do útero faz-me gemer.

Ainda a acariciar-me os mamilos, Aidan enfia um dedo dentro de mim e chupa o clítoris com mais força.

– Oh. Aidan. Oh, meu Deus. Isso é maravilhoso – digo num suspiro entrecortado.

– Queres-te vir?

– Sim, por favor.

– Ainda não.

Lambe-me continuamente até eu começar a gemer em soluços, as minhas pernas tremem tanto que tenho a certeza de que vou cair antes de atingir o clímax. Depois, percorre o meu corpo com as unhas, das omoplatas às nádegas, eu estremeço e ele, com a cara mergulhada minha carne, ri-se.

– Queres-te vir, querida?

– Sim! Por favor!

– Então tens de o merecer.

Antes de perceber o que isso significa, ele puxa-me pelas ancas, fazendo-me recuar de gatas uns centímetros.

Depois, volta-se ao contrário por baixo de mim, posicionando-se de modo ficar com o pénis herto na direção da minha boca. A cabeça dele está novamente entre os meus joelhos.

– Chupa-mo, coelhinha – ordena, e mergulha a cara no meu sexo.

Agarro a ereção dele com uma mão e baixo a cabeça para lambe o prepúcio. Aidan faz «hum», um som que vibra deliciosamente pela minha pélvis. Depois, com a mão, pressiona-me as costas de modo a ficar deitada sobre ele, pele com pele, enquanto a sua língua se move sumptuosamente pelo meu sexo e eu chupo o dele.

Impulsiona a bacia no sentido na minha boca. Eu movo a bacia contra a sua língua. Estamos ambos a gemer loucamente, a nossa pele está colada pelo suor, e se ele não me der autorização para me vir, vou fazê-lo de qualquer modo.

Quando emito um som alto lamurioso que vem do fundo da garganta, Aidan sabe que não aguento mais.

– Engole o meu sémen, e depois podes-te vir – diz ele, a respirar com dificuldade. – Mas não antes. Preparada?

Faço um som desesperado de assentimento enquanto continuo a chupar e a mover a mão para cima e para baixo no pénis dele.

– Linda menina.

Fazendo rodopiar continuamente a língua em torno do meu clítoris, empurra ainda mais o sexo para dentro da minha boca, alargando-me os lábios até me deixar com os olhos húmidos e eu ter de me conter para não vomitar.

Depois, vem-se com um grunhido, derramando sémen quente em golfadas consistentes na minha língua.

Chupo e engulo sem cessar, respirando pelo nariz e com o corpo todo a tremer. Aidan dá-me três grandes palmadas no rabo e depois enfia um dedo bem fundo dentro de mim.

A engasgar-me com o seu falo, entro em convulsão em torno do seu dedo.

– Que menina linda e perfeita – diz numa voz rouca, investindo com a bacia e enfiando o pénis cada vez mais fundo, a chegar à garganta. – Engole todas as gotas enquanto te vens.

Cega de prazer, a sacudir-me desamparadamente, soluço com o pénis ereto dentro da boca, cumprindo o que me foi pedido.

Ouçó os seus elogios, mas não os compreendo. Estou muito longe, a flutuar no espaço, a minha mente arde com fogos de artifício e o meu corpo está completamente fora de controlo.

Sou uma estranha para mim mesma, neste momento.

Alguém sem limites ou preocupações, uma mulher em perfeita paz, contudo, completamente surpreendida pelas suas ações.

Ele puxou um fio que eu não sabia estar escondido dentro de mim e desenrolou-o de dentro para fora.

A seguir, Aidan deita-me de costas, põe as minhas pernas em cima dos seus ombros, enfia o sexo ainda duro nas minhas profundezas e

desenrola-me novamente.



20

Mais tarde, fico deitada ao seu lado, com a cabeça em cima do peito dele e uma perna em cima da sua, a sentir-me como se o meu corpo fosse desprovido de ossos.

Sou uma tigela de gelatina tremelicante e esgotada.

Nunca me senti tão viva.

– Preciso de fazer-te uma pergunta. E quero que sejas honesta – diz Aidan, a olhar para o teto.

Espero em silêncio. Ele não me deu permissão para falar, e eu ainda não sei bem como, nem quando, todas estas regras se aplicam, por isso, prefiro jogar pelo seguro e não dizer nada.

O seu peito sobe e desce numa respiração profunda.

– Quais são as hipóteses de voltares para o teu marido?

Sinto uma súbita pontada no peito. FRANZO os olhos para a aliviar.

– Zero.

– A sério?

– Sim.

– Então porque é que usas a aliança?

Penso uns segundos.

– Não sei bem. Hábito, talvez. Incomoda-te?

– Sim e não.

Não se explica. Tenho a sensação de que está à espera de que eu diga alguma coisa, mas não estou certa disso.

– Posso fazer uma pergunta?

– Querida coelhinha. Podes perguntar-me sempre tudo –  
responde em voz baixa.

– A sério?

– Porque é que ficaste tão espantada?

– Porque não sei quando estamos no modo «pedir permissão», e não quero portar-me mal. – E acrescento com mais suavidade: – Ou desagradar-te.

O suspiro dele é leve. Puxa-me para perto de si, beijando-me na cabeça.

– Kayla – sussurra. – Tudo em ti me agrada.

Aconchegando-me nele, sorrio.

– Percebes as minhas dúvidas, certo? Quer dizer, não tenho experiência em nada deste género.

Põe-me de costas e apoia-se num cotovelo, fitando-me com um olhar ardente.

– Nem eu.

Rio-me na cara dele.

– Que grande mentira!

– Não falava de sexo.

O meu riso esmorece. Confusa e a franzir o sobrolho, fito-o também.

– Então falavas do quê?

Pousa a mão no meu peito, mesmo em cima do coração.

– Disto. De nós. De como é tão fácil. De como é tão simples. De como tudo bate certo. Mas ainda usas a aliança, e não te sentes confortável em beijarmo-nos em tua casa, e isso diz-me tudo o que preciso de saber relativamente ao lugar onde a tua cabeça está. E eu percebo, a sério que percebo. A tua vida deu uma volta de cento e oitenta graus. É compreensível que não estejas preparada para isto.

«Mas tenho de ser sincero. Não vou ser a pessoa que vai ajudar-te a recuperar da tua relação anterior. Não vou ser o tipo que te vai distrair durante uns tempos para te sentires melhor e depois ires-te embora. Portanto, acho que devo

cortar o mal pela raiz agora antes que fique com o coração despedaçado, porque garanto-te que me vais destruir se isto continuar muito mais tempo e tu te fores embora.»

Fico sem fôlego. Deitada, encaro-o com os olhos muito abertos e o coração a palpar, em choque com a sua honestidade.

Quando me recomponho, descubro, para minha surpresa, que fico verdadeiramente furiosa.

– Não – digo com firmeza.

Olha para mim com os olhos escuros em chamas. O seu silêncio deixa-me mais furiosa.

– Não és tu que vais decidir o nosso destino antes de, sequer, ter chegado a algum lado, Aidan. Compreendo que não queiras ser a pessoa que me vai ajudar a recuperar da relação anterior, mas podias simplesmente dizer: «Olha, vamos devagar», ou «vamos falar de expectativas». Em vez disso, decides acabar comigo de forma unilateral? Antes de sermos oficialmente um casal? Que se lixe. Não é assim que funciona. Podes mandar em mim à vontade quando estamos na cama, mas quando se trata de tomar decisões acerca da nossa relação, fazemos essa merda juntos. Recuso-me a ser um caso de uma noite.

Depois de um momento de silêncio intenso, responde numa voz rouca:

– Já é mais do que um caso de uma noite.

– Está bem. Um caso de três noites. O que seja. – Fito-o até algo nos seus olhos derreter.

– Relação? Chamas a isto relação?

– O que disse, está dito. Lida com isso.

– Oh, coelhinha – diz enquanto expira, com uma vibração na voz. – Estás pertíssimo de receber a maior série de palmadas da tua vida.

Quero bater com os pés no colchão de frustração. E

talvez gritar um bocadinho. Mas fico quieta, de boca fechada e com as narinas dilatadas, a dizer-lhe palavras em silêncio.

Depois apercebo-me de que tenho o raio das pernas presas. A minha raiva é descabida.

Não é ele que esconde um pormenor importante da sua vida privada. Sou eu.

Mas, depois, lembro-me de que não faço ideia de quem este homem é, ou do que esconde. Não sei nada sobre ele, apenas que tem uma empresa de reparação de telhados, um amigo da escola secundária chamado Jake, e que pode ter matado, ou não, o seu pai.

O que faz com que toda esta conversa seja ainda mais bizarra.

Fecho os olhos e expiro profundamente.

– Olha para mim, Kayla – ordena Aidan.

Abro os olhos e encaro-o zangada.

– Oh, já voltámos ao registo mestre-escrava? Peço desculpa por ter de procurar online um quiroprático que me trate do torcicolo.

Aidan inclina a cabeça e fala-me ao ouvido:

– Fazes ideia de como te quero espancar agora?

Não aguento. Sorrio.

– O sentimento é mútuo.

Vem para cima de mim, comprimindo-me no colchão com o seu peso.

– Ai! – Dou-lhe chapadas das costas. – Estás a esmagar-me!

– Tu adoras – murmura, segurando-me na cabeça com as duas mãos e fitando-me com olhos ardentes. – Agora para de te lamuriar e ouve-me.

Fico quieta, deixando cair os braços sobre o colchão com algum dramatismo. Ele repara e faz um trejeito com a boca.

– Que dramática.

– Que tirano.

– Porra, podes ter a certeza que sim. E tu gostas.

Enquanto olho com um ar ameaçador na direção do seu queixo, ele espera.

– Kayla.

Sei o que este tom na voz significa. Expiro, revirando os olhos.

– Está bem, sim, gosto. – Não resisto a acrescentar: – De um modo geral.

Rindo-se, beija-me na ponta do nariz.

– Pestinha. Como dizia... – A voz dele transforma-se num sussurro. – Obrigado.

Caramba. É impressionante como arranja sempre maneira de me surpreender.

– Pelo quê?

Aidan abana a cabeça, fazendo-me depreender que não vai responder.

– Ei, tive uma ideia! – digo com entusiasmo.

– Então?

– Porque é que não me ensinas uma língua gestual para que possamos continuar a falar sempre que subitamente decides não usar palavras?

O meu olhar é mordaz. O dele é carrancudo e sombrio.

Depois, sorrio-lhe porque é óbvio que ele percebeu o que quis dizer e não me apetece continuar a discutir.

Ponho os braços à volta do seu tronco. Sabendo perfeitamente qual é a resposta, pergunto de modo inocente:

– Então, vais acabar comigo, ou não?

Não sei se a sua expressão é de admiração ou de irritação. Talvez uma mistura.

– Queres que acabe? – pergunta-me sem rodeios.

Caraças. Fintou-me.

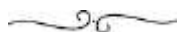


– Não.

Procurando a incerteza nos meus olhos, diz com mais mansidão:

– Tens a certeza? Ainda vais a tempo.

Não sei se é da minha imaginação, mas parece haver uma ligeira ameaça escondida algures. Como se ele pensasse que há uma linha invisível na areia que ainda não



transpusemos, e que assim que o fizermos, nenhum de nós poderá voltar atrás.

Acaricio-lhe os ombros e o cabelo. Olhando-o nos olhos, aceno em concordância.

– Diz em voz alta – ordena.

– Tenho a certeza.

Depois de um longo momento de silêncio, ele declara:

– Está bem.

Desmancho-me num riso incrédulo.

– Céus, és maluco.

Com os olhos escuros a cintilar, responde docemente:

– Não fazes ideia quanto.

Nem tu, garanhão.

Tomo um duche e sento-me à mesa com o prato dos maravilhosos ovos mexidos de Aidan à minha frente. Nesse momento, digo-lhe que tenho de me ir embora.

Ele também está sentado, virado para mim, a enfiar uma garfada na boca. Só me responde muito depois de a ter mastigado e engolido. Não sei se está a pensar propositadamente na resposta, ou se está a degustar realmente os ovos.

A olhar para o prato dele, pergunta:

– Tens coisas para fazer, hoje?

– Tenho trabalho em atraso.

Ele acena com a cabeça, pensativo.

– E tu, o que vais fazer?

– Trabalho na casa aos domingos.

– Que casa?

– Na minha casa.

– Tens uma casa? – pergunto, admirada.

Levanta a cabeça na minha direção e acena que sim.

– Estou a construir uma no outro lado da ilha.

– Estás a construir uma casa? De raiz?

– Não, de cisnes de origami.

Sorrio.

– Aí está esse sentido de humor extraordinário. A sério, estás mesmo a construir uma casa do zero?

Lança-me um olhar que parece dizer que eu já deveria saber que ele tem toda a capacidade para realizar qualquer projeto a que se propõe. Por exemplo, construir uma nave espacial a partir de latas de alumínio recicladas.

– Uau, Aidan. Impressionante.

Acena com a cabeça, voltando a concentrar-se nos ovos.

– Posso vê-la?

Ele detém-se e ergue o olhar para mim.

– Queres vê-la? – pergunta numa voz rouca.

– Claro que sim. Porquê a surpresa?

Abana a cabeça e olha para o seu prato.

Impacientemente, deixo-o ruminar na resposta, sabendo que provavelmente não vai dar, mas mantenho a esperança.

Depois responde calmamente:

– Ainda não sei quais são os parâmetros aqui.

Não é muito, mas chega.

– Eu também não. E se descobríssemos à medida que avançamos?

Fita-me.

– Ou podemos decidir agora mesmo.

– É o que tu queres?

O gesto de assentimento dele é breve.

Sorrio-lhe e provoco:

– Então estamos a negociar.

– Engraçadinha – diz num tom amargo.

– Foi só porque me lembrei que é a tua coisa favorita.

Sem perder um segundo, afirma:

– Estar dentro de ti é a minha coisa favorita. Fazer com que te venhas é a minha coisa favorita. Saber que não tens casos de uma noite, mas que abriste uma exceção comigo,

é a minha coisa favorita. Tudo o resto está longínquo.

Mordo a bochecha com os dentes e as minhas orelhas começam a ficar quentes.

– Se quiseres que eu deixe de falar assim, é só dizeres.

Não te quero assustar – acrescenta com mais brandura.

Penso no que ele diz. Vestido com um T-shirt branca simples e calças de ganga, está tenso e sério, e tão bonito que parece impossível.

– Tu sabes que não me assustas – digo, sustentando o seu olhar.

– Queria dizer: assustares-te e fugires.

– Eu sei o que querias dizer. A minha resposta é a mesma.

Continuamos a olhar um para o outro até ele afastar o prato e se endireitar na cadeira. Num tom baixo e com o olhar ardente, diz:

– Vem aqui.

Está novamente com aqueles olhos de predador, como se fosse o caçador e eu a presa. Todos os nervos do meu corpo respondem, numa atenção absoluta. A pulsação, a respiração e a temperatura do meu corpo saltam.

Humedeço os lábios, levanto-me e caminho lentamente à volta da mesa.

Assim que me aproximo dele, agarra-me pelos pulsos e senta-me no seu colo. Mergulha as mãos no meu cabelo e põe a cara perto da minha enquanto eu lhe toco nos peitorais.

– Diz-me o que queres – diz numa voz rouca, olhando-me profundamente nos olhos.

Nem preciso de pensar em quê.

– Continuar a fazer isto. Conhecer-te melhor. Estar contigo e ver aonde isto leva.

Passa a língua pelos lábios. Olha para a minha boca.

– E que mais?

Engulo em seco com nervosismo.

– Agradar-te.

– Não precisas de dizer isso.

– Eu sei.

A respiração dele tornou-se inconstante. Sinto a sua ereção no meu rabo. Por baixo das minhas mãos, o coração dele pulsa numa batida rápida, em staccato.

– Dá um beijo ao teu leão, coelhinha. Docemente.

O tom irregular da sua voz e o desejo nos seus olhos fazem-me estremecer. Seguro-lhe a cara e dou-lhe um beijo leve nos lábios.

Depois, esfrego o meu rosto no dele, fecho os olhos e suspiro com o prazer provocado pela sua barba na minha pele.

Aidan sussurra o meu nome.

– Sim, senhor?

Perceciono um pequeno estremecimento no seu peito quando digo isto.

– Céus. Vais dar cabo de mim, não vais? – murmura entre dentes.

– Oh, vá lá, Clube de Combate. És rijo. Tu aguentas.

Beija-me, devorando-me a boca e gemendo suavemente enquanto me prende a cabeça entre as suas mãos e faz o que quer. Quando paramos de nos beijar, estamos sem fôlego.

Fixa os olhos nos meus com uma expressão de agonia.

Surpreendida, passo a ponta do dedo pelo seu lábio inferior e pergunto baixinho:

– Aidan. O que foi?

Aperta tanto os dentes que um músculo do maxilar flexiona. O aceno da cabeça dele é curto e final.

Não me vai dizer o que se passa.

Suspiro novamente, prevendo muitos destes silêncios absurdos no nosso futuro.

– Permites-me afirmar que és um chato?

Uma ponta de humor emerge da profundidade escura dos seus olhos.

– Tem cautela, querida coelhinha.

Pestanejo inocentemente.

– Oh, não me portei bem?

Baixa as pálpebras e fita-me enquanto um rugido ressoa pelo seu peito.

– OK. Eu porto-me bem. – Sorrindo, dou-lhe um beijinho.

– Podemos ir a tua casa agora? Quero muito ver o tipo de lugar que o rei leão constrói para si. Espero que te tenhas lembrado de deixar espaço nas paredes para pendurares as peles dos coelhos que apanhaste.

Libertando as mãos do meu cabelo, põe-nas na minha cara e beija-me com suavidade.

– As paredes estão vazias – murmura. – Antes de ti, nunca quis apanhar coelhos.

Um milhão de borboletas pequeninas levantam voo dentro da minha barriga.

Caem ao chão, mortas subitamente por uma brisa do ártico, quando ele declara com firmeza:

– É hora de ires para casa.

– Ena, que desmancha-prazeres – reclamo. – Estou a ver que não serviu de nada teres frequentado a escola da simpatia.

– Disseste que precisas de trabalhar. Não te quero impedir. E falas assim outra vez e habilitas-te a...

– Eu sei. Palmadas.

– Não. Gostas muito. É um prémio. Da próxima vez que falares com insolência, vais ser castigada.

Franzindo as sobrancelhas, avalio a cara séria dele.

– Castigada como?

– Atreve-te e ficas a saber.

Perante a minha expressão perniciosa, ele sorri. Depois põe-me no chão, levanta-se e acompanha-me à porta.

– Falamos em breve – diz, abrindo-a. – Entretanto – dá-me uma palmada no rabo –, não te metas em sarilhos.

Baixa-se, dá-me um beijo decidido e rápido, encaminha-me para a soleira da porta e fecha-a na minha cara.

– Adeus, Aidan! – grito, ofendida.

Do outro lado da porta, ouço um riso baixo.

– Até breve, Kayla.

Desço as escadas em direção ao parque de estacionamento, a perguntar-me porque é que ele nunca diz a palavra «adeus», e porque é não respondeu a essa pergunta nas duas vezes que a fiz.

Mais mistérios a juntar à sua coleção.

Estou perdida em pensamentos quando entro no carro e ligo a ignição, mas bloqueio ao ver o que está sobre o painel de instrumentos, acima do volante.

Uma moeda de cinco cêntimos Buffalo do tipo D, de 1937.



21

Olho para a moeda com o coração a palpitar e a minha mente a recuar como se estivesse a ver uma víbora.

Pouco depois, ligeiramente mais calma, estendo a mão a tremer para a agarrar. Está anormalmente fria, como se estivesse dentro de um congelador.

Mas não estive num congelador. Estive onde a deixei, numa gaveta da secretária.

E agora está aqui.

No meu carro.

O carro estacionado junto do bar por cima do qual Aidan tem um apartamento.

Olho à volta, mas não se vê ninguém. O parque de estacionamento e os passeios estão vazios. Há alguns carros estacionados na rua, mas estão a um quarteirão, ou mais, perto de uma padaria.

Verdadeiramente

assustada,

observo

a

moeda

novamente.

Aconteceu uma de duas coisas. Ou tirei-a da gaveta da secretária e não me lembro de o ter feito, ou de tê-la deixado no painel, ou alguém a tirou de lá e pô-la aqui.

O que não faz sentido. Quem é que faria isso? E porquê?

A começar a tremer, ponho a moeda no suporte de copos entre os bancos dianteiros e estico o braço para trás para pegar na minha mala. Na noite anterior, apenas levava as

chaves para a casa de Aidan, mas agora não tenho a certeza se tranquei as portas do carro. Será que as destranquei há pouco?

Não sei. Não me lembro.

Como é que não me consigo lembrar?

À medida que vasculho a mala à procura do telemóvel, o meu pânico aumenta. Abro a aplicação da câmara de segurança. Digo um palavrão quando percebo que tenho de andar para trás doze horas de vídeo para ver se alguém entrou em casa enquanto estive fora.

– Mas isso não é possível – sussurro. – O alarme teria disparado.

E isso significa que teria recebido uma chamada da empresa de segurança de Jake, mas não recebi nada. Nem tenho notificações.

Por isso, a única possibilidade que resta é eu ter deixado a moeda aqui e ter-me esquecido.

Encosto a cabeça ao volante, fecho os olhos, faço respirações profundas para tentar não hiperventilar.

Este problema da memória não está apenas relacionado com o stress, mas sou extremamente desconfiada dos médicos. A morte dos meus pais deveu-se a erros médicos.

Em relação à minha mãe, foi-lhe diagnosticado asma, quando os seus sintomas eram de cancro do pulmão. Ao meu pai, disseram-lhe que a



dor que sentia no peito há doze horas era somente azia. O médico prescreveu-lhe antiácidos, quando o que provocava a dor era um ataque cardíaco. Quando foi para as urgências, já era demasiado tarde.

E não li algures que é no hospital que se apanham as infeções mais graves?

– Precisas de ajuda – digo a mim mesma. – Para de racionalizar.

Mas o que digo ao médico? «Viva, chamo-me Kayla! Ouço barulhos estranhos em casa, os frascos caem sozinhos dos armários da cozinha, a minha memória tem mais buracos

do que um coador, tenho um amigo por correspondência presidiário e iniciei uma intensa relação sexual com um homem que me chama coelhinha, três semanas depois de o meu marido ter falecido!»

E não nos esqueçamos da moeda de cinco cêntimos Buffalo que reapareceu misteriosamente e do tipo esquisito de chapéu que me espiou detrás de uma árvore e não deixou quaisquer pegadas. Na lama.

Hospital psiquiátrico, aí vou eu.

Respira, Kayla. Acalma-te e respira.

Já em casa, ocorre-me que posso não ter deixado o alarme ligado, mas está tudo a funcionar normalmente.

Insiro o código para o reiniciar e depois fico no hall de entrada, à escuta.

Do quê, não sei.

A casa está silenciosa. Quando entro na cozinha, estou mais ou menos à espera de mais gavetas e armários abertos, mas está tudo no lugar. Vou de divisão em divisão, verifico tudo até estar convencida de que não há nenhum papão escondido nos armários ou atrás das portas.

Só que não estou realmente convencida. Estou paranoica e não sei o que fazer.

Portanto, faço o que qualquer pessoa racional faria e sirvo-me um copo de vinho.

De seguida, fecho-me no escritório e obrigo-me a trabalhar, ignorando

o facto perturbador de que estou a beber antes do meio-dia e a tentar fazer de conta que é um comportamento normal quando, na verdade, toda a gente sabe que negar hábitos relacionados com álcool é um sinal de alerta de alcoolismo.

– Oh, quero lá saber – resmungo por entre dentes, a olhar para o estirador. – Tenho mais com que me preocupar.

Ao fim de uma hora, desisto. Pouso a caneta e esfrego os olhos, depois vou à cozinha buscar mais vinho. Encosto-me na bancada e, na aplicação de segurança instalada no

telefone, carrego em rewind para ver a alta velocidade o que ficou gravado.

Tenho o mau pressentimento de que o meu novo passatempo será ver todos os dias o que a câmara gravou.

Demoro algum tempo a correr as imagens do momento em que saí de casa na noite anterior até de manhã, quando voltei, mas não deteto nada esquisito. De madrugada, um esquilo correu atrás de outro no caminho de acesso até aqui. Logo depois da meia-noite, um guaxinim obeso saiu detrás da pilha de lenha do alpendre das traseiras e fugiu para a escuridão. Mas, tirando isso, não aconteceu mais nada.

É só quando volto ao escritório com outro copo de vinho na mão que vejo algo interessante.

Um menino louro, com cerca de cinco ou seis anos, brinca sozinho no relvado das traseiras. Vestido com um casaco vermelho, calças a condizer e galochas amarelas, anda a correr sorridente atrás das folhas, atirando-as para o ar. A certa altura, cai de barriga ao chão e grita de tanto rir, depois vira-se e acena para o céu.

A observá-lo pela janela, pergunto-me se uma nova família veio morar perto daqui. Ou talvez seja algum neto que esteja de visita aos avós? Não me lembro de ninguém que tenha filhos pequenos que more próximo.

Mas porque é que a mãe achou que seria boa ideia ele ir brincar para o meu relvado? A casa fica no meio uma propriedade grande cheia de árvores. É preciso um grande esforço para chegar aqui. A não ser que tenha vindo da praia? E, de qualquer modo, onde está a mãe dele? Não há adultos à vista. Só esta criança alegre e em idade pré-escolar a destruir-me o relvado.

A suspirar, pouso o copo na secretária e saio da divisão.

Passo pela cozinha em direção à lavandaria, depois pela garagem, e saio pela porta lateral para o jardim das traseiras.

No entanto, quando olho à volta, a criança desapareceu.



– Está aí alguém? – chamo.

A única resposta que recebo é o grasnar solitário de uma gaivota que plana ao longe.

Com frio, porque me esqueci de vestir um casaco, contorno as traseiras da casa e vou até à rua. Não vejo ninguém. O caminho de acesso está vazio. Olho para trás, onde está a praia, e também está vazia. As florestas que ladeiam a casa também não têm ninguém.

– Onde é que te meteste? – pergunto, irritada.

A última coisa de que preciso é que um miúdo tropece num rochedo da minha propriedade e parta a perna.

Imagino logo um processo judicial em cima.

Passo mais quinze minutos à procura dele, depois desisto e volto a casa para ir buscar mais vinho. A seguir, lembro-me de ir ver as imagens da câmara da última meia hora para tentar perceber para onde o rapazinho louro foi.

Mas quando abro a aplicação, só consigo ver interferências. O ecrã apenas mostra neve pixelizada.

Excelente. O sistema de segurança funciona tão bem quanto o sistema elétrico. Talvez deva vender a casa e mudar-me.

Sentindo-me derrotada, volto à secretária e trabalho o resto do dia.

Na manhã seguinte, acordo com o alarme a disparar.

Desorientada, sento-me na cama e olho à volta, em pânico.

A luz cinzenta do dia entra pelas frestas das cortinas. O

roupão está onde o deixei, em cima da cadeira. Nada no quarto parece estar fora do sítio, exceto o grito estridente do alarme de segurança.

Por estar em pânico, caio da cama com um baque no chão, mas consigo pôr-me de pé, com a adrenalina a correr pelas veias como lava.

Alguém entrou em casa.

Porra, porra, porra, que merda, alguém entrou em casa!

O barulho para tão bruscamente como começara, deixando-me os ouvidos a latejar no silêncio.

A hiperventilar, vou devagarinho até à porta, abro-a um pouco e fico à escuta. Um momento depois, ouço a voz de uma mulher a reclamar:

– Maldita coisa. Que chinfrineira horrível. Ainda fico surda.

Quase desmaio de alívio. É Fiona.

Abro completamente a porta e vou em direção ao corredor, inclinando-me no corrimão do piso de cima.

– Fiona! É você!

Ela grita e dá um salto. A olhar para mim do hall de entrada, põe uma mão sobre o peito.

– São dez horas de uma segunda-feira, querida. Claro que sou eu – diz, parecendo irritada.

– Dez horas? – repito, espantada. Não acredito que dormi até tão tarde, ocorrendo-me logo outro pensamento. –

Como é que sabe desligar o alarme?

Segue-se uma pausa estranha. Parece tensa.

– Inseri o código.

– Como é que sabe o código?

Novamente, outra pausa estranha.

– Como é que acha que sei? – pergunta ela, hesitante.

Oh, merda. Eu disse-lhe o código, é por isso que ela sabe.

Disse-lhe e esqueci-me que o tinha feito.

Ponho a mão na cara e suspiro.

– Porque eu dei-lho, claro. Desculpe.

Quando olho para ela novamente, parece aliviada.

– Não precisa de pedir desculpa.

Um trovão ribomba no céu. A manhã cinzenta está prestes a transformar-se em chuva. E esta assustadora perda de memória parece estar a acelerar.

– Sente-se bem, querida? – pergunta Fiona, inclinando a cabeça e encarando-me com uma expressão de preocupação.

– Não. Acho que não. Acho que não me sinto nada bem –

respondo após uns segundos.

Acena com a cabeça, como se já soubesse a condição frágil em que me encontro e não quisesse dizer nada, para não me ofender. Pousa os sacos no chão, despe o casaco de lã, tira o cachecol, põe-nos em cima da consola e vira-se para mim.

– Porque não nos sentamos à mesa da cozinha, tomamos um chá e conversamos? – sugere, numa voz amável.

Sem esperar pela resposta, volta as costas e afasta-se.

A sentir-me enjoada, desço as escadas. Encontro-a na cozinha, a pôr a chaleira no fogão. Liga-o, depois senta-se à mesa e pousa as mãos, unindo-as. A roer uma unha, sento-me numa cadeira à frente dela.

Acho que me vai perguntar como está a minha saúde, ou sugerir que tire uns belos dias de férias no hospital psiquiátrico mais próximo, no entanto, surpreende-me ao dizer gentilmente:

– Sempre gostei de si, Kayla. É uma jovem inteligente e talentosa.

Lisonjeada, mas também espantada, respondo:

– Bom, obrigada. Também sempre gostei de si.

Sorri e acena com a cabeça de um modo maternal.

A olhá-la de soslaio, pergunto:

– Porque é que acho que vem aí mais qualquer coisa?

– Porque vem. E quero que saiba que é porque estou preocupada consigo e com o seu bem-estar.

Ponho os cotovelos em cima da mesa e a cabeça entre as mãos.

– Eu sei. Estou em farrapos. Acredite, eu sei.

– Não acho que esteja em farrapos. Acho...

Quando a sua pausa já vai demasiado longa, olho na direção dela, nervosa. Tem uma expressão curiosa no rosto.

Por um lado, preocupação, por outro, sobretudo expectativa. Pelo menos é isso que acho. Ela encara-me com uma luz estranha nos olhos, como alguém viciado em jogo que olha para uma máquina de jogos.

– O que foi?

– Acho que anda alguma coisa a perturbá-la – diz de um modo agoirento.

Pestanejo.

– Não quero ser desagradável, mas parece-me óbvio.

Fiona abana a cabeça.

– Não estou a falar da perda do seu marido, querida.

– O... K. Está a falar do quê, então?

– Bom, não sei exatamente. Mas se quiser desabafar, estou aqui. Sou muito boa ouvinte.

Fixo o olhar nos seus olhos azuis penetrantes e pergunto-me o que raio quer ela dizer.

– Hum...

Inclinando-se para a frente, pergunta num ápice:

– Aconteceu alguma coisa fora do comum nos últimos tempos? Na casa, digo.

Os pelos dos meus braços eriçam-se. Um pequeno calafrio de medo percorre-me a pele.

– Pois, estou a ver que sim – observa com delicadeza. –

Porque é que não falamos sobre isso?

O meu coração decide que é uma boa altura para fazer acrobacias. O estômago segue-lhe o exemplo e comprime-se num nó. A boca fica seca, as mãos tremem e um som alto e agudo fere-me os ouvidos.

– Como é que sabe? – pergunto em voz baixa O sorriso dela é brando.

– Cresci com essas coisas. Os fantasmas são bastante comuns na minha terra natal. A Escócia é um dos países mais assombrados do mundo.

Pestanejo de novo, de certeza que ouvi mal. Lá fora, outro trovão ribomba, sacudindo as janelas. Uma estranha pressão acumula-se na cozinha, como se o próprio ar ficasse carregado.

– Peço desculpa, mas disse fantasmas?

– Efetivamente, minha querida.

Recosto-me na cadeira, a rir-me um pouco.

– Não acredito em fantasmas.

Olha para mim com firmeza.

– Aquilo em que acredita é irrelevante, Kayla. Porque os fantasmas definitivamente acreditam em si.

A chuva começa a cair, batendo suavemente nas vidraças da cozinha. As gotas deslizam pelo vidro como lágrimas.

Como não digo nada, Fiona interrompe o silêncio.

– Deixe dar-lhe alguns exemplos, depois pode dizer-me se estou a delirar, como a expressão da Kayla sugere. Tem ouvido barulhos estranhos, recentemente? Como as tábuas do chão a ranger, por exemplo? Já sentiu correntes de ar frio insólitas? Já teve a sensação sinistra de que está a ser observada, mas não vê ninguém?

Engulo em seco. Torna-se difícil respirar. O som agudo nos ouvidos fica mais alto.

– E problemas de eletricidade estranhos? Luzes a piscar, lâmpadas a explodir, a televisão a ligar-se e a desligar-se sozinha?

– É uma casa antiga. Tem montes de problemas.

Ignora o meu comentário e continua o seu ataque à minha sanidade.

– Talvez ande a ter sonhos estranhos. Talvez objetos se movam, aparecendo num sítio diferente de onde os deixou.

Deve ter percebido qualquer coisa na minha cara, porque se aproxima.

– Livros que caem das prateleiras? Mobília a mover-se sozinha a meio da noite?

– Um frasco de mel caiu sozinho do armário. Uma moeda que deixei num sítio apareceu noutro. E um destes dias de manhã, quando descí à cozinha, todas as gavetas e armários estavam completamente abertos – digo numa voz fraca.

Fiona acena com a cabeça com um ar grave.

– E fragrâncias estranhas? Perfumes ou odores fortes?

Alguma coisa?

Penso no estranho cheiro a queimado quando liguei a máquina de secar, cheiro esse que Eddie não conseguiu identificar de onde vinha (nem nenhum dos outros problemas elétricos da casa) e entro em sobressalto.

Quando a chaleira começa a assobiar, salto. De súbito, sinto um medo estúpido.

Fiona levanta-se da cadeira, tira duas canecas do armário e despeja nelas a água quente. A seguir, coloca as saquetas do chá, depois põe uma das canecas à minha frente e volta a sentar-se.

Como se ainda não me tivesse provocado um aneurisma, comenta:

– Ficava melhor com uma pinga de leite, mas com esta idade ganhei intolerância à lactose. Vai querer?

Mal consigo abanar a cabeça.

– Vá, querida, não fique assustada. Eu sei que estar-se assombrado é demasiado para as nossas mentes do século XXI, mas vamos



ultrapassar isso juntas.

Se calhar ainda estou a dormir. Se calhar isto é um pesadelo. Se calhar todo o vinho que bebi ontem matou mais neurónios do que o habitual.

Sempre prática, num modo profissional, Fiona diz:

– Precisamos de uma sessão espírita.

– Isso é ridículo – replico categoricamente.

– Não, os impostos é que são ridículos. Isto é simplesmente uma situação que precisa de ser resolvida. –

Bebe um gole de chá e faz um som deliciado. – Assim que

possível, devo dizer. Quanto mais tempo o espírito fica preso nesta dimensão, maiores são as probabilidades de nunca conseguir sair.

– Fiona, eu não tenho um fantasma em casa!

Faz um estalido com a língua em desaprovação do meu tom.

– Eu sei que é preocupante, querida, mas por favor tente controlar-se. Os escoceses incorporam nos seus genes uma aversão a manifestações explícitas de emoções, e detestaria ficar com uma má ideia de si por algo de tão pouca importância, como ter a casa assombrada. Agora, relativamente às manifestações visuais. Viu alguma coisa estranha à volta da casa?

Na minha cabeça surge a imagem do homem de chapéu, com um ar hostil e estranho, escondido atrás da árvore, não deixando pegadas. Surge outra imagem, a do rapazinho louro a brincar no jardim...

O menino que a câmara de segurança não registou, apresentando-me uma gravação com interferências.

O horror apodera-se de mim, começa pelos pés e sobe pelo corpo, prende-me na mão fria e tensa do esqueleto do pavor.

– Ah – diz Fiona sabiamente, como se o caso dela estivesse encerrado.

– É impossível. Os fantasmas não existem – contraponho, enregelada até aos ossos.

Fiona sorri. Um estrondo baixo de trovões ressoa no céu.

A chuva aumenta, batendo fortemente nas janelas e no telhado.

Depois, as luzes do teto ligam-se e desligam-se três vezes, como se fosse um presunçoso «vai lixar-te»

sobrenatural.



22

Agora, ouça com atenção – adverte Fiona, novamente com um ar profissional. – Tenho de lhe dizer uma coisa importante.

– O quê?

– Aconteça o que acontecer, não diga ao fantasma que está morto. Eles não fazem ideia de que já não estão vivos.

Estou convencida de que estamos a ter esta conversa dentro de uma cela acolchoada, algures. Na verdade, é a única explicação razoável.

Encaro-a, incrédula, e ela continua:

– Os fantasmas são apenas almas com uma história para contar. Frequentemente, quando uma pessoa morre de forma trágica ou violenta, o seu espírito não segue em frente. Têm assuntos por resolver que os retêm neste mundo. Enquanto não têm uma conclusão, permanecem aqui, a assombrar as pessoas e os lugares que lhes foram mais importantes quando eram vivos.

– Está a ouvir o que diz?

Fiona levanta uma sobrancelha.

– Eu sei que isto é difícil para si, querida, mas não precisa de ser indelicada.

A sentir-me repreendida, suspiro.

– Desculpe.

– Como ia a dizer... Ia a dizer o quê?

– Os fantasmas precisam de uma conclusão.

– Pois, é isso. Enquanto não a obtêm, ficam presos aqui, vagueando em tormento na terra.

Fita-me, expectante.

– Está a dizer que precisamos de ajudar este fantasma, que não existe e que definitivamente não me assombra, a ter uma conclusão?

Fiona sorri abertamente.

– Muito bem.

Estupendo. Ela quer que eu deixe de ser artista e me torne num guia de espíritos perdidos.

– Espero que não se ofenda, mas isso é a coisa mais estapafúrdia que alguma vez ouvi.

Percebo pela sua expressão que ficou ofendida.

Inala, erguendo o nariz.

– Tudo bem. Se não quer a minha ajuda, não a posso obrigar. – Levanta-se, leva a sua caneca para o lava-louças e despeja o resto do chá. Enquanto a lava, pergunta por cima do ombro: – Quer que limpe o seu escritório?

– A sério? Vamos fazer de conta que esta conversa nunca existiu?

Vira-me para me confrontar com um olhar frio.

– Pareceu-me que chafurdar na negação é onde se sente mais confortável.

– Ai. Isso doeu.

– Não sou de adocicar as coisas.

– Ena, quem diria – comento secamente.

Olhamos uma para a outra, até que finalmente desisto.

– OK, se eu alinhar nessa loucura, que não alinhio, só estou a dizer se, e depois?

A expressão de Fiona suaviza-se. Põe a chávena no escriptor da louça e volta para a cadeira.

– Depois tentávamos entrar em contacto com o espírito para ver o que ele quer.

– E isso é aquela coisa da sessão espírita.

– Correto.

Continuamos a encarar-nos enquanto tento que o meu cérebro regresse do espaço intergaláctico para onde foi descansar devido a esta conversa ridícula.

– Ou talvez deva ir a uma consulta de terapia. Acho que o dinheiro é mais bem empregado.

– Oh, não lhe vai ser cobrado nada, minha querida. Será um favor que ela faz.

– Quem é ela?

– A minha irmã. É médium.

Por esta altura, esta interessante nova informação já nem sequer me intimida.

– Claro que sim. Como é que se começa a trabalhar nisso?

– Bom, nasce-se assim, certo? É um dom.

– Um dom – repito duvidosamente.

– Algo que é inato. Como a capacidade artística da Kayla.

– Só que com pessoas mortas.

– Exatamente.

– E ela garante que este não espírito que não me anda a assombrar se vai embora?

– Oh, não. Isso é o espírito que decide. E há sempre a hipótese de... – Ela morde a bochecha.

– Não me deixe pendurada. Já estou suficientemente tensa.

– Bom, nem todos espíritos são amigáveis. Alguns são vingativos e cheios de raiva.

Dou um riso abafado.

– Então trabalhavam na direção-geral de viação.

Os olhos azuis dela reluzem. A voz baixa de tom.

– Minha querida, isto não é uma piada. Devemos ser extremamente cautelosos quando lidamos com seres do outro mundo. São muito imprevisíveis. Se forem provocados, podem ser violentos.

O arrepio de medo que senti há instantes regressa, desliza sobre a minha carne e, à sua passagem, deixa-me com pele de galinha.

– Como é que um fantasma pode ser violento se não tem corpo?

– Do mesmo modo que move mobílias e atira coisas para fora das prateleiras.

– Não entendo.

Fiona pensa durante um momento.

– Um espírito é uma manifestação de energia, semelhante a uma tempestade elétrica que acumula força até descarregar num relâmpago. Quando um espírito está perturbado, essa emoção, essa energia, é transformada em efeitos físicos. Daí os armários e as gavetas abertas.

Dirige o olhar para cima.

– Ou as luzes a piscarem.

Olho para o teto com receio, mais ou menos à espera de ver um duende maléfico verde e sorridente a flutuar sobre a minha cabeça.

– Então... teoricamente falando, não que eu acredite nisso... o espírito que vive nesta casa está zangado?

– Diria que o espírito que vive nesta casa está extremamente furioso – responde com suavidade.

Quando olho para ela com um ar alarmado, acrescenta num tom improvisado:

– Ou espíritos, plural. Esta casa é muito antiga. Não há maneira de saber quantas almas perdidas andam por aqui.

Podem ser centenas.

– Centenas? Está a dizer que vivo no inferno?

– O inferno é um estado mental, minha querida. A realidade é simplesmente aquilo em que acreditamos.

Todos nós criamos as nossas próprias verdades, até os fantasmas.

Esta declaração é a coisa mais perturbadora que disse até agora.

– Está bem, mas mesmo assim não acredito em fantasmas. Isso não é suficiente para não fazer a sessão espírita?

Fiona ergue as sobrancelhas.

– Acha que Deus se sente de alguma forma afetado se as pessoas não acreditarem Nele?

– Quer dizer... talvez fique magoado?

Suspira.

– Não posso fazer bolachas sem açúcar, minha querida.

– Excelente. Agora fala em código. Além disso, pode mesmo fazer bolachas sem açúcar. Chamam-se bolachas sem açúcar. São as bolachas que os diabéticos comem.

Observa-me com um ar ameaçador.

– Minha nossa, que grande conversa estamos a ter. Estou muito feliz por ter a oportunidade de a conhecer melhor.

– Ah-ah. Voltemos ao assunto das bolachas. Esse comentário quer dizer o quê?

– Quer dizer que o seu ceticismo não vai interferir com a capacidade que a médium tem de entrar em contacto com espírito, mas temo que poderá fazer com que a Kayla interprete

qualquer

coisa

que

perceção

como

consequência de uma indigestão, ou algo do género. Vai racionalizar.

Penso uns segundos.

– Eu faria isso.

– Foi o que imaginei. Talvez deva ter algum tempo para refletir sobre isto. – Ela sorri. – Para ver se a sua mente se abre com mais partidas do seu fantasma.

– Partidas? Isso não me cheira bem.

– Bom, pelo que me contou, parece-me que até agora o seu espírito se anda a portar relativamente bem...

Para e encara-me, sem pestanejar.

– Essa pausa é a coisa mais sinistra que já vi – observo.

– Estou simplesmente a dizer que os fantasmas, tal como as pessoas, têm variações de humor. Aposto que ainda não viu o pior.

Pouso os dedos frios sobre as pálpebras fechadas e solto um suspiro.

– Pronto. Vamos presumir, hipoteticamente, que há um fantasma, ou fantasmas, a viver nesta casa. Devo estar atenta a mais o quê?

Fiona começa alegremente a enumerar uma lista:

– Círculos de luzes. Vozes a sussurrar. Sonhos estranhos.

Vislumbre de sombras pela visão periférica, ou sombras anormais num lugar que não tem sombras. Objetos deslocados. A rádio e televisão a mudarem de estação ou de canal sozinhos. Sentir um toque...

– Um toque – interrompo, horrorizada. – Um fantasma pode tocar-me? Que nojo!

Faz um beicinho, como se a tivesse desiludido gravemente.

– Eu disse sentir um toque. É uma sensação. Como disse, querida, os fantasmas não têm corpo. Por isso, obviamente que não têm mãos. Por favor, preste atenção.

Juro que vou dar uma bofetada a esta mulher.

Mas distraio-me deste pensamento quando ela afirma:

– Outra coisa que pode acontecer é começar a sentir-se fisicamente influenciada pela presença do espírito. Pode ter dores de cabeça, lapsos de memória, coisas desse género.

Dores de cabeça? Lapsos de memória?

Olho para Fiona de boca aberta.

– O que foi? – pergunta ela, perplexa com a minha cara.

Quando volto a recuperar a voz, respondo debilmente:

– Julgo que acabei de ter uma revelação.



Os olhos dela iluminam-se e ela inclina-se ansiosamente sobre a mesa.

– E?

– Não há «e». É só que... houve um rapazinho.

Fiona pestaneja, confusa.

– Rapazinho? Que rapazinho?

– Vi-o pela janela do escritório a brincar no relvado das traseiras, mas quando fui lá fora, tinha desaparecido. E

quando fui ver as imagens da câmara, eram só interferências, como se o vídeo tivesse sido apagado. Ou

nem sequer tivesse sido gravado. – Com a garganta árida como um deserto, engulo em seco. – Porque ele não estava lá.

Fiona esboça uma expressão tão estranha que me deixa nervosa.

– Como é que esse rapazinho era? – pergunta.

– Louro. Talvez com cinco anos. Usava um impermeável vermelho e pequenas galochas amarelas. Parecia feliz, a correr e a rir. – Abano a cabeça, incrédula. – Achei que se tinha perdido e andava por ali, no jardim das traseiras.

Fiona olha para baixo. Põe as palmas das mãos sobre a mesa. Parece estar a magicar qualquer coisa.

– O que foi?

Um segundo depois, sorri alegremente.

– É que nunca ouvi falar de um fantasma feliz.

Normalmente, os espíritos que permanecem neste plano estão aqui por causa de uma tragédia que não ultrapassaram. Costumam ser tristes ou zangados.

– Oh. – A minha gargalhada é quase histérica. – Bom, o outro tipo encaixa claramente na parte do «zangado».

– Que outro tipo?

– Vi um homem a espiar-me detrás de uma árvore, no jardim das

traseiras. Parecia mesmo chateado. Até me mostrou os dentes e tudo. Mas não deixou pegadas na lama, e agora estou a pensar que as únicas pessoas que não deixam pegadas na lama são pessoas que não têm corpo.

Porra, não acredito no que acabei de dizer.

A pestanejar como uma coruja, Fiona repete lentamente:

– Mostrou os dentes.

– Sim. Assustou-me. Embora não lhe tivesse conseguido ver a cara muito bem, só esse esgar estranho. Era alto e magro e vestia uma gabardina e tinha um chapéu na cabeça que lhe tapava os olhos.

Respiro com dificuldade, endireitando-me na cadeira:

– Oh, meu Deus! Acha que ele fez mal ao rapazinho? Se calhar é por isso que eles estavam lá, porque estão ligados de alguma forma?

Uma expressão estranha atravessa o rosto de Fiona.

Após um momento, ela acena com a cabeça.

– É provável. Talvez tenham morado nesta casa há muito tempo. Talvez sejam pai e filho. Ou talvez venham de períodos temporais completamente diferentes e lhes tenha acontecido algo trágico. As possibilidades são infinitas. Às vezes, alguns fantasmas atraem-se entre si e acabam por assombrar a mesma área, mesmo que não se tivessem conhecido em vida.

Fixamos o olhar uma na outra.

– Não que eu acredite em fantasmas – digo por fim.

– Claro que não.

– Certo. Então quando é que a sua irmã pode vir fazer a sessão espírita?

– Vou perguntar-lhe.

– Ótimo.

Encaramo-nos outra vez. Depois ela diz de um modo urgente:

– O mais importante, Kayla, é que não se esqueça do que lhe disse

acerca de não dizer a um fantasma que ele está morto. Se vir estes espíritos novamente antes de fazermos a sessão espírita para, esperemos, ajudá-los a ir para o Outro Lado, deixe-os fazer o que fazem sem os perturbar.

Não tente interagir. E, especialmente, não faça nada que os enfureça.

– Porque é que isso é tão importante? – pergunto, a sentir-me toda arrepiada.

– Porque um espírito vive num mundo que ele criou. Só vê o que quer ver. É cego para a realidade. Os espíritos que vagueiam têm de estar preparados para aceitar que já não habitam o mundo dos vivos. Têm de ser gentilmente persuadidos de modo a compreenderem esse facto, e a aceitá-lo de sua livre vontade, caso contrário podem recuar

ainda mais pelo seu mundo de fantasia, condenados a ficar presos na escuridão por toda a eternidade, sem qualquer possibilidade de chegar ao Outro Lado e, assim, encontrar paz.

Faz uma pausa, depois acrescenta, baixinho:

– Efetivamente, serão condenados.

Não quero fazer com que um espírito qualquer seja condenado, mesmo que não acredite em nada disto e provavelmente esteja a sonhar toda esta conversa.

– Prometo que não lhes vou dizer que estão mortos – digo num tom sério.

– Ótimo.

Fiona faz um sorriso tranquilizador e levanta-se da mesa, deixando-me sozinha na cozinha com os meus espíritos literais e figurados.

De seguida, dirijo-me ao escritório, tiro da gaveta a carta que escrevi a Dante e pego no guarda-chuva, junto da porta de entrada. Depois saio para a chuva e vou à caixa de correio.

Se estou a ser assombrada pelos espíritos de um menino feliz e de um tipo com um ar hostil vestido com uma gabardina, mais vale assumir que tenho um amigo por correspondência presidiário.

Pelo menos, esse está vivo.

Mas só quando levanto a tampa vermelha da caixa do correio, é que

uma das frases de Fiona me ocorre como uma chapada na cara.

Frequentemente, quando uma pessoa morre de forma trágica ou violenta, o seu espírito não segue em frente.

– Michael – sussurro com o coração aos pulos.

Como se fosse uma resposta, uma explosão crepitante de relâmpagos rasga garras irregulares de um branco brilhante através do céu escuro e tempestuoso.



23

Querida Kayla,

Quando era criança, tive um gato. Malhado, com listas cor de laranja, magricelas, odiava toda a gente.

Menos eu. O gato adorava-me. E eu também o adorava, embora só ficasse a saber isso depois de ele ter sido atropelado. Antes disso, achava que o SL era uma chatice. (Era o nome dele, SL, de sumo de laranja.

Não é muito criativo, eu sei, mas tinha oito anos.) Quando o gato morreu e fiquei sem ele é que percebi quanto gostava dele. Aquele gato estúpido tinha sido o meu melhor amigo, mas só percebi isso em retrospectiva.

É engraçado, não é, olhar em retrospectiva? É uma memória, mas como um novo entendimento incorporado, que faz com que o passado signifique algo diferente do que fora antes.

A única maneira de encontrar esse significado é ir à procura dele.

Olhar para o passado.

Escavar as valas.

Examinar os ossos que lá estão.

Tenho feito a minha parte nos últimos tempos.

Tenho tanto tempo livre aqui, que pensar no passado tem sido a principal maneira de passar os dias.

Perguntaste-me porque vim parar aqui. A resposta simples é que amei demasiadamente uma pessoa.

Sabes, a morte do SL fez-me aprender uma lição.

Aprendi que o amor não significa nada se não for posto em prática. O amor não é real se não tiver uma intenção. É um verbo. Não é passivo.

Mas, acima de tudo, amor significa sacrifício.

Tudo o que o amor pede, tem de lhe ser dado, independentemente do preço a pagar.

E eu daria de bom grado o que o amor me pediu, milhares de vezes. Mesmo que tivesse de o fazer todos os dias até ao fim da eternidade, rasgaria as veias com uma lâmina e, feliz, deixava-me sangrar até não restar uma gota.

Dante



24

Ésábado. A chuva caiu continuamente, dia e noite, durante toda a semana, diminuindo até chuviscar, somente para ganhar forças e bater no solo saturado uma vez mais.

Estou sentada no escritório com a carta de Dante nas mãos enquanto olho para a tarde cinzenta pela janela. O

estreito é de um cinzento-escuro de ferro, as suas águas inquietas são agitadas em picos brancos por vendavais. Por vezes, a casa exala um suspiro melancólico, mas, de resto, está silenciosa.

Tem estado assim desde aquela conversa com Fiona, na passada segunda-feira. Um silêncio misterioso, como se estivesse a suster a respiração.

Ao longo da semana, mal dormi. Ando em pezinhos de lã, com os

nervos em franja a cada rajada de vento ou ramo de uma árvore a bater numa vidraça. Mas não aconteceu nada invulgar. Não houve mais vislumbres do rapazinho, ou do homem da gabardina, ou cheiros inexplicáveis, ou luzes a piscar.

Na ponta do cais, o Eurídice balança desassossegado na água instável. Impelido por uma força a que não consigo resistir, o meu olhar vai na sua direção, uma e outra vez.

Eu sei que é só o meu sistema nervoso alterado, mas parece que o barco me devolve olhar.

Trabalho o resto do dia, com o pensamento a ferver lentamente na carta de Dante, até receber uma mensagem no telemóvel.

Ganhaste. Liga-me.

É Aidan. Não falamos há seis dias. Não me sinto particularmente faladora, por isso envio-lhe uma mensagem em vez de ligar.

O que é que ganhei?

Nos pontos saltitantes da resposta, quase sinto a sua irritação por ter desobedecido à ordem de lhe telefonar.

Era suposto seres tu a ligares primeiro.

Franzindo o sobrolho, respondo:

Não tinha percebido que era uma competição.

O telemóvel toca. Assim que atendo e digo «Estou?», ouço a voz descontente de Aidan.

– Estava a dar-te espaço. Não pensei que se tornasse distância.

– Não é distância. Foi uma semana esquisita.

– Estás bem? – pergunta após um pausa.

– Honestamente, não há uma forma exata de responder a isso. A propósito, tenho saudades tuas.

A voz dele abranda.

– Sim?

– Sabes que sim.

– Esperava que sim. Estive sempre a imaginar que ouviria bater à porta e que quando a abrisse encontraria uma brasa, descalça e encharcada, numa T-shirt transparente.

Isto faz-me sorrir.

– Não é o que todos os homens querem?

– Talvez, mas fui eu que o tive.

A voz dele baixa uma oitava.

– Mexe esse rabo maravilhoso até aqui, coelhinha. Quero ter-te nua na minha cama. Fizeste-me esperar demasiado tempo.

– Tu é que quiseste esperar, Clube de Combate. Podias ter telefonado há mais tempo.

– Eu disse-te que estava a dar-te espaço.

– Não preciso dele.

– Interessa-me dar-te aquilo de que precisas, Kayla, o que pode não coincidir com o que tu queres.

E eu tenho interesse na reação do meu corpo a estas palavras, que é uma mistura confusa de desejo e irritação.

Gostava de rasgar a roupa e ajoelhar-me aos seus pés, mas ao mesmo tempo gostava de lhe desligar o telefone na cara.

Sei que lhe ligaria logo a seguir, por isso, vamos saltar essa parte.

– E tu achas que eu preciso exatamente do quê, Aidan?

– Que te esqueças de tudo para voltares a lembrar-te de quem és.

Fico sem conseguir respirar. Não apenas pelo modo sensual e misterioso como proferiu a frase, mas também porque tem razão. O meu coração começa a palpar com mais força, humedeço os lábios e sussurro:

– Sim.

– Eu sei. Agora, despacha-te. Tens dez minutos. Se os ultrapassares,

serás castigada. – E desliga.

Sento-me com o telemóvel na mão e o estômago às voltas, a pensar se devo esperar trinta minutos antes de sair de casa para ver qual será o meu castigo.

Decido que ainda não sou assim tão corajosa. Saio pela porta em menos de um minuto. E, uma vez mais, Aidan abre a porta do apartamento antes de eu bater.

Vestido com calças de ganga desbotadas, está de tronco nu e descalço, e é lindo. Puxa-me para os braços dele, fecha a porta com um pontapé e eu rio-me.

– Ficas aqui à espera de ouvir os meus passos na escada?

– Pois. Já que não posso correr até ao parque de estacionamento como um doido varrido assim que estacionas o carro.

Ao fazer-lhe um grande sorriso, ele avisa:

– Não te rias com o mal dos outros.

– Nunca faria isso. Meu Deus, ainda estás mais bonito do que da última vez.

Dá-me um grande beijo na boca e pergunta numa voz rouca:

– Minha querida coelhinha. Como é que queres fazer sexo?

– Como tu quiseres – respondo, radiante.

Com um braço a envolver-me bem as costas, segura firmemente o meu rosto com a mão.

– Como eu quiser... o quê – rosna.

Derreto-me. Derreto-me como um gelado de água derrete no asfalto quente num dia de calor intenso. Todos os outros pensamentos sobre ele desaparecem da minha cabeça.

Como se fosse a coisa mais natural do mundo, num modo predefinido que desconhecia, rendo-me, simplesmente, sem um único segundo de resistência.

– Como tu quiseres, mestre – respondo, sem fôlego.



Beija-me como se tivesse passado todos os dias da sua vida faminto da minha boca.

Encosto-me a ele, a sentir-lhe o coração a bater selvaticamente contra os meus seios, a sentir-me como se tivesse aspirado hélio e a qualquer momento começasse a subir em direção ao teto e lá permanecesse, a rir-me e a flutuar. Ele faz-me sempre sentir tão viva, solta de qualquer matéria sólida e totalmente despreocupada.

Aidan faz-me sentir livre. E, meu Deus, é incrível.

Parando de me beijar, despe-me a T-shirt e atira-a para o chão. A seguir, faz o mesmo com as minhas calças de ganga. Faz um som de desaprovação quando vê que tenho cuecas e despe-as impacientemente. Estou de pé de frente para ele, nua, a seguir ele abre o fecho das calças e ordena num tom áspero:

– Ajoelha-te.

Ponho-me de joelhos no chão duro de madeira como uma suplicante agradecida e agarro-lhe a ereção proeminente.

– Chupa, coelhinha.

Quando os meus lábios deslizam pela glândula dilatada do seu sexo, ele geme e inclina a cabeça para trás, fechando os olhos. Afunda os dedos no meu cabelo e murmura de forma irregular o meu nome.

– Porra, tão bom. É tudo bom em ti. Adoro a tua boca, minha linda menina.

Os elogios dele em voz rouca são música para os meus ouvidos. É heroína injetada nas veias. É euforia quente a percorrer-me todas as terminações nervosas, deixando-me a arder. Chupo-lhe tão avidamente o pénis que ele tem de me dizer para abrandar.

– Desacelera, querida. Vais ter o meu sémen, mas ainda não é agora.

Aidan abre os olhos e olha para mim, passa o polegar no meu lábio superior enquanto eu balanço a cabeça, inclinando a boca em movimentos alternados, mais e menos profundos.

– Olha para ti – diz numa voz excitada. – De joelhos. O

meu falo duro dentro da tua boca. Os teus olhos a implorarem para que entre dentro de ti. Fazes ideia do quão bonita és? De quão

perfeita?

A sentir-me enlouquecida, fecho os olhos e engulo-o o máximo que consigo, engasgando-me um bocadinho enquanto enfio o seu membro pela garganta abaixo.

– Que perfeita, porra – sussurra. – Kayla. A minha menina linda e obediente.

Gemo com pénis dele dentro da boca, chupo-o freneticamente agarrando-o com as mãos. O meu sexo palpita. Os meus mamilos doem. Preciso urgentemente que entre dentro de mim, gemo novamente, a tremer com desejo.

Aidan sabe. Claro que sabe. A sua gargalhada é suave e sombria.

– Queres abrir essas pernas para que to enterre dentro de ti, não és, querida? Queres que o teu mestre te possua.

A veia da parte de baixo do seu pénis vibra na minha língua. Ele agarra-me o cabelo. Neste momento, se ele me mandasse atirar da janela, provavelmente fá-lo-ia.

– Sim, precisas. Menina ávida. Deixa-me ver-te a enfiar um dedo dentro dessa rata maravilhosa enquanto me chupas. Mas não te atrevas a vir-te sem a minha autorização.

Enfio uma mão entre as pernas e começo a friccionar desenfreadamente o clítoris. Estou encharcada, já, desesperada, a respirar com dificuldade pelo nariz e a tremer por todos os lados.

Segura-me a cara com as mãos e flexiona as ancas, guia o pénis para dentro e para fora da minha boca, controlando a velocidade e a profundidade, controlando cada milímetro do meu corpo.

– Oh, caramba, sim, querida. Caramba, sim – sussurra.

Viro o olhar na direção dele. Fitamo-nos um ao outro. Os lábios dele estão entreabertos, os olhos ardem. Ardem atravessando-me, esfolam-me até ficar totalmente exposta, sensível e vulnerável. A gemer com o seu membro dentro da minha boca, enfio um dedo no espaço dorido entre as minhas pernas.

– Não te venhas – ordena, numa voz suave e doce, enquanto me aprisiona no seu olhar hipnotizante. – Sê uma boa menina e aguenta.

Estou a começar a perder a cabeça. Com o olhar, imploro-lhe em silêncio. Ele passa a língua pelos lábios, observando-me.

Uma contração profunda no centro do meu corpo faz-me chupá-lo com uma respiração brusca do nariz. Aidan põe uma mão no meu cabelo e empurra-me a cabeça para trás.

O pénis sai da minha boca.

Sem fôlego, ele dobra-se para ficar apenas a uns centímetros de distância de mim, de modo a fixar o olhar no meu.

– Desobedeceste ao teu mestre? – pergunta numa voz gutural.

Estou tão ofegante, que mal consigo responder:

– Não. Não. Juro.

Não acredita em mim. Com um rugido, inclina-me para que fique de costas no soalho, põe-se em cima de mim com um joelho de cada lado e deixa uma mão em cima do meu peito, para que fique colada ao chão. Enfia a outra mão entre as minhas pernas. Faz um som sibilante quando percebe que estou completamente molhada e pronta para ele.

Põe um dedo dentro de mim, manda-me calar quando faço um gemido.

– Braços por cima da cabeça. Abre as pernas. Mais um barulho e serás castigada.

A estremecer, levanto os braços por cima da cabeça e pouso as mãos entrelaçadas no chão. Depois, abro as coxas e mordo o lábio inferior, a rezar para ficar silêncio conforme me foi instruído.

Aidan fica quieto durante um momento, a observar com olhos ávidos o meu rosto, com o dedo afundado dentro de mim, aguardando as contrações ritmadas do orgasmo.

Estou quase lá, quase, e se ele fizer qualquer movimento com o dedo, eu vou chegar ao meu limite e começar desesperadamente a masturbar-me na mão dele até o clímax me atravessar o corpo.

– Querida coelhinha – murmura, eufórico. – Estás a fazer um esforço para te portares bem, não estás?

Aceno com a cabeça freneticamente.

Move a mão que estava sobre o meu peito para um seio e afaga-o durante um momento, de seguida aperta o mamilo duro. O prazer inunda-me o corpo em ondas que se encaminham para o espaço entre as minhas pernas.

Embora não consiga conter o estremecimento da bacia e os movimentos espasmódicos que me fazem arquear as costas, continuo em silêncio, a respirar debilmente pelo nariz.

De entre as suas pernas, a ereção projeta-se do fecho aberto das calças. É grande e brilha com a minha saliva. O

prepúcio é vermelho. O membro é grosso, entesado e mapeado de veias.

Quero-o. Preciso dele. Preciso que Aidan me empale nele, o enfie dentro de mim até me fazer perder os sentidos, e com voz rouca me diga coisas obscenas ao ouvido e perfume a minha pele com o seu odor, enquanto me rasga o corpo.

– Olha para mim, Kayla.

Encontro o seu olhar escuro e murmuro:

– Sim, senhor.

Embora saiba que não deva dizer nada, percebo que o agradei.

Para me premiar, põe-me de barriga para baixo e dá-me palmadas nas nádegas, alternando inteligentemente entre uma e outra, até quase me deixar a chorar de desejo.

A um segundo da minha chegada ao orgasmo, para.

Lamurio-me, com a cara e os olhos fechados em cima do chão, e ele diz:

– És a coisa mais bonita que vi em toda a minha vida. É

melhor fugires agora, coelhinha, senão desfaço-te em pedaços.

Sabendo que já não falta muito para me aliviar, soluço enquanto me apoio nos joelhos e nas mãos, pondo-me de pé, a seguir.

A rosar como um animal, dá-me um estalo no rabo. Eu grito e salto, e saio da cozinha com o coração na garganta.

Mal consigo chegar ao quarto, fechar a porta e trancá-la antes de ele bater e pedir que o deixe entrar.

Quando lhe digo que não, ele dá um pontapé na porta, que se abre com força.

Bate contra a parede. Alguns livros caem da estante para o chão. Um pedaço de reboco cai do teto. Aidan está na soleira da porta, a respirar de modo ofegante, com as narinas abertas e os olhos tão ferozes quanto os de um predador esfaimado, e eu estou encostada à parede oposta enquanto ele me fita.

– Mãos e joelhos no colchão – ordena, num tom brusco.

– Não! Se me quiseres, tens de me apanhar! – grito, desafiadora.

O seu sorriso é amplo e letal.

Eu finjo que me vou embora. Ele persegue-me. Fujo noutra direção, demasiado rápido para ele se virar e me agarrar. Com uma gargalhada vitoriosa, corro do quarto para o corredor.

Apanha-me na sala de estar, puxa-me contra o corpo dele e envolve um braço de ferro à volta do meu tronco. Tento libertar-me, ele ri-se, enfiando o nariz no meu cabelo e inspirando profundamente.

– Achas que és suficientemente forte para fugires de mim, coelhinha?

– Sim! – Rodo o braço e contorço-me, impotente.

– Não acho. – Morde-me o ombro e toca-me entre as pernas. A voz dele baixa de tom. – O que acho é que estás prestes a ser penetrada com toda a força.

Quase desmaio. As minhas pulsações são violentas. Estou ofegante com tanto desespero, a sentir-me estranhamente leve, incorpórea, a flutuar fora de mim.

Aidan deixa-se cair no sofá, levando-me com ele, depois vira-nos e prende-me debaixo do seu peso.

A ereção dele, quente e sólida, encosta-se às minhas nádegas.

Durante uns segundos, observa os meus gritos e esforços impotentes e fica apenas em cima de mim, com o peito ardente sobre as minhas costas, a cheirar o meu cabelo, ombros e pescoço e a gemer de prazer.

– Deixa-me sair!

Faz um riso abafado.

– Diz a palavra de segurança e deixo.

Que cretino convencido. Sabe que não vou dizer a porcaria da palavra de segurança.

Grito, frustrada. Isso fá-lo rir.

– Coelhinha má – murmura, num tom jubilante.

– Não!

– Oh, és sim. E sabes o que é que as coelhinhas más merecem, não sabes?

Não é uma pergunta, mas ainda assim quer uma resposta.

– Liberdade!

Põe a boca junto ao meu ouvido e diz de modo intenso:

– Não, querida. Merecem ser possuídas analmente pelos seus mestres até jurarem que se portam bem.

Quase tenho um orgasmo. O meu sexo contrai-se com desejo. Gemo desesperada, contorcendo o rabo contra ele.

Com uma mão, aperta-me os pulsos e põe a outra entre as minhas pernas. Esfrega os lábios vaginais e espalha a lubrificação entre as nádegas. Quando a ponta do seu dedo entra no meu ânus, guincho.

Enfia mais o dedo. Grito, em tensão.

– É meu – diz profundamente. – Quero-o. Quero-o para mim. Se não quiseres, diz a palavra de segurança agora, porra.

Encurralada debaixo dele, estou indefesa, mas não completamente. Sei que basta uma palavra para reverter o que está a acontecer. Se eu disser a palavra de segurança, sei que ele vai parar imediatamente e libertar-me. Não tenho quaisquer dúvidas, e é isso que me mantém no lado certo da ténue linha entre prazer e medo.

Viro a cara para as almofadas e soluço o seu nome.

Aidan exala um gemido repleto de desejo e satisfação sombria.

– Sim, querida. Diz o meu nome quando entro dentro de ti. Grita-o quando te vens.

Cospe para os dedos, esfrega a saliva à volta do nó sensível entre as minhas nádegas, depois segura-me enquanto a glândula do membro duro entra dentro de mim.

Grito, a estremecer.

– Toma o falo do teu mestre – diz num tom autoritário, e enfia-o todo de uma vez.

A sentir que arde, estou sem fôlego, com os olhos a lacrimejar e os músculos anais a comprimirem-se. Aidan não move a bacia, fica apenas em cima de mim, a respirar profundamente contra o meu cabelo e, agora com as duas mãos, a prender-me os pulsos.

O domínio total sobre o meu corpo, um domínio que não só permito como anseio, quebra qualquer coisa frágil dentro do meu peito, como um pequeno ramo.

Sinto uma lágrima a deslizar pela cana do nariz.

Trémula, inundada por ele e por uma emoção caótica, murmuro em soluços:

– Mestre.

Ele geme. Numa voz débil, ofegante, diz:

– Linda menina. Minha boa menina. Implora-me.

Fecho os olhos e obedeço.

– Por favor, mestre. Por favor, possui-me. Possui-me à bruta.

Tira o membro de dentro de mim e enfia-o novamente com um impulso rápido da bacia.

O meu soluço é intermitente e agradecido.

Fá-lo de novo, empurrando com mais força, e depois novamente com um grito abafado enquanto eu gemo.

Arde muito, mas o meu clítoris lateja e os meus mamilos hirtos

esfregam-se numa fricção deliciosa contra o tecido do sofá a cada investida, e imploro-lhe que continue, inclinando as ancas para a frente e para trás, como a coisinha sedenta em que ele me tornou.

Soltando-me os pulsos, agarra-me na anca com uma mão e empurra-me contra o sofá com a outra. Põe-se de joelhos, mantendo o pénis dentro de mim e leva-me com ele.

Estabiliza-me e põe um pé no chão, depois segura-me nas ancas com as duas mãos e ajoelha-se atrás de mim.

A seguir, penetra-me fundo e fortemente, entrando no meu ânus sensível com uma força implacável. E eu grito em delírio, a sentir os seus testículos pesados a baterem-me no sexo.

– Mestre! Mestre! Posso vir-me?

– Sim, querida. Dá-mo – exclama, ofegante.

Inclina-se para chegar ao meu clítoris intumescido e puxá-lo com firmeza.

Isto provoca instantaneamente uma reação em cadeia.

Arfo e agito-me. O meu sexo contrai-se de modo ritmado.

A minha mente desliga-se e o corpo assume o comando, a responder ao toque de Aidan a um nível muito além do controlo consciente.

– Aidan! Oh, meu Deus, Aidan, é agora! É agora!

O som que sai da garganta dele é gutural, animal, completamente extasiado.

Depois, enfia o seu dedo grosso dentro do meu sexo pulsante e os seus sons são abafados pelo meu grito sonoro e titubeante de prazer.

Ele treme, deixa sair um rugido primordial e ejacula dentro de mim.

Desato a chorar, soluço desamparadamente em doce redenção, enquanto esta maravilhosa fera de homem me arrasta consigo para a escuridão.





Depois, estou emocionalmente devastada.

Com a cara sobre sofá e o rabo empinado para o ar, soluço em cima dos almofadões, tremelicante, suada e esgotada. Aidan está dobrado sobre mim, a respirar irregularmente. A sua testa quente repousa entre as minhas omoplatas.

Não sei explicar porquê, mas há qualquer coisa de extremamente catártico no nosso jogo. Cada vez que estamos juntos, é como se tivesse sido batizada e renascido numa versão mais leve do meu próprio corpo. Embora façamos de conta que é ele que controla, sempre soube, no fundo, que sou eu que o estou a fazer. E mesmo que sejamos brutos, existe uma sensação de segurança e cuidado que me faz sentir adorada como nunca fui.

– Oh, querida – sussurra Ainda. – Não chores. Está tudo bem, minha querida. Está tudo bem.

Dá-me um beijo extremamente delicado nas costas e depois sai devagar de cima de mim. A seguir, puxa a manta pendurada no sofá e envolve-me nela. Senta-se, leva-me para o seu colo e põe os braços fortes à minha volta.

– Tão bonita, caramba – murmura, beijando-me a testa e as maçãs do rosto húmidas. – És a minha linda e maravilhosa menina. Está a doer-te? Magoei-te?

– Não. Foi perfeito. Tu és perfeito. Adorei cada minuto. –

Encosto a cara na curva do seu pescoço e choro mais alto.

Aperta-me nos braços e balança-me suavemente, a arrulhar palavras meigas. Faz-me uma festa no cabelo e acaricia-me, acalma-me e embala-me como um bebé.

Ficamos assim até eu parar de chorar e começar a fungar, tentando conter um soluço.

Aidan inspira e expira profundamente, e acaricia levemente com a

ponta dos dedos um lado do meu rosto.

Pousa a cara em cima da minha cabeça e diz com delicadeza:

– Diz-me o que queres de mim.

Nunca nenhum homem me perguntou isto.

Bom, tecnicamente, é uma ordem, não uma pergunta, mas não vou reclamar. Atordoada, dorida, inteiramente satisfeita, sento-me e penso seriamente uns segundos antes lhe pedir para ser mais específico.

– Agora ou em geral?

– As duas coisas. Quero saber o que te faz feliz. O que te fará sentir sempre aquilo eu sinto agora?

Olho para ele.

– Como é que te sentes agora?

Os seus olhos escuros e infinitos devolvem-me o olhar.

Tateando o meu lábio inferior com a ponta do dedo, diz:

– Renascido. Redimido. Ou talvez... não sei. – Durante uns segundos procura uma palavra, em silêncio. – Livre.

– Faço sentires-te livre? – pergunto timidamente.

– Como se tivesse vivido a porra da vida toda dentro uma gruta escura e acabasse de sair para a luz.

Com lágrimas presas na garganta, fecho os olhos e aconchego-me mais nele.

– Nunca conheci ninguém como tu – digo, com a voz embargada.

O riso dele é suave e misterioso.

– Vou considerar isso um elogio.

– E é. Sinto-me sempre segura contigo. Fazes com que revele um lado de mim que desconhecia. Sinto que te posso contar qualquer coisa, o meu segredo mais negro, a coisa

mais horrível que alguma vez fiz e que me envergonha, e que ficaria

tudo bem. – Hesito. – Exceto...

Aidan imobiliza-se.

– O quê? – pergunta.

– Que quando te vais embora a meio de uma conversa fico muito frustrada.

Um momento depois, ele acena com a cabeça.

– OK. Não voltarei a fazê-lo.

Encorajada, continuo a falar:

– E muito confusa quando te fechas em copas e não me dizes o que estás a pensar. Às vezes, és muito intenso, muito comunicativo, aberto e direto, mas outras vezes, parece que te estás a esconder de mim.

Faço novamente uma pausa para pensar e depois arrisco:

– Se calhar ficas preocupado por não saberes como vou reagir quando descobrir como realmente és.

Beija-me, roça os lábios nos meus com uma tal ternura que fico com uma dor no peito.

Depois, responde num murmúrio:

– O que me preocupa é entregar o meu coração a uma mulher que usa uma aliança.

A tristeza na voz dele faz o meu coração dar uma reviravolta.

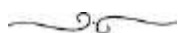
– Oh, Aidan. Desculpa – sussurro.

– Não precisas de pedir desculpa. Ou explicares-te. Não quero que te sintas obrigada a explicar nada. Sei que estás a levar isto um dia de cada vez.

Com «isto», ele quer dizer «nós». Esta coisa que temos os dois, seja o que for. E, de certo modo, tem razão. Estou a levar um dia de cada vez. Não há outra maneira. Ele aterrou na minha vida como um meteoro que caiu na Terra, exatamente na altura em que estava mais destruída.

A questão é que não me sinto destruída quando estou com ele.

Num estado emocionalmente delicado e, por isso, demasiado assoberbada para continuar esta conversa, digo:



– Está bem. Queres saber o que me faz feliz agora?

– Sim.

Sorrio-lhe e puxo-lhe a barba.

– Um copo de vinho e um banho quente.

Baixa as pálpebras. Olha-me durante um momento com um ar sensual.

– Consegue-se arranjar isso.

– Obrigada.

Levanta as sobrancelhas.

– Não te estás a esquecer de nada?

Acaricio-lhe o queixo e faço um sorriso aberto.

– Obrigada, senhor.

Olha-me profundamente nos olhos durante bastante tempo. Depois diz devagar:

– Kayla, tem cuidado comigo.

– O que queres dizer? – pergunto, surpreendida.

– Eu sei que julgas que sou forte. Mas as coisas fortes têm o problema de ser frágeis. Não conseguem dobrar sob tensão. Partem-se, simplesmente.

Antes de conseguir responder, pega em mim e leva-me para a casa de banho.

Estou há uma hora mergulhada em felicidade, com bolhas de espuma até ao pescoço, a bebericar um copo de Cabernet. Aidan entra e sai da casa de banho, traz-me bocadinhos de queijo e de maçã, dá-mos à boca e fica a verme mastigar como se fosse a coisa mais fascinante do mundo.

O modo como ele olha para mim é viciante.

Porque como gosto tanto, também é ligeiramente assustador.

Julgo que não estou preparada para isto. E parece-me que ele também não. Somos dois ímanes que não querem ser ímanes, atraídos um para o outro por elementos invisíveis que estão além do nosso controlo.

Não tenho vontade nem palavras para lhe dizer que seria mais inteligente se abrandássemos este comboio desgovernado, antes que descarrile e mate os passageiros.

Além disso, não passámos já desse ponto?

A resposta óbvia é sim. Já passámos. Saltámos os encontros com jantares e conversas cordiais e fomos logo para cenas perversas de sexo.

Não me estou a queixar. É mais simples assim, e as coisas simples são belas. E com o meu recente estado de espírito, seria um esforço fazer conversa fiada.

Aidan está sentado em cima do tampo da sanita, com os cotovelos apoiados nos joelhos e vestido apenas com as calças de ganga.

– Amanhã vou à casa.

– Isso é um convite, ou só me estás a informar dos teus futuros paradesiros?

Um pequeno sorriso forma-se-lhe nos lábios.

– É um convite, espertinha. Tu sabes que é. Qual é a resposta?

– A resposta é sim. Tu sabes que é.

– Não quero assumir nada. – Ele olha para a minha aliança, depois afasta o olhar. – Não sei os teus horários.

Conta-lhe. Conta-lhe sobre Michael. Diz-lhe o que aconteceu. Ele merece saber.

Merece? Não temos nenhum compromisso. E não sou a única com segredos. Não sei praticamente nada sobre ele.

Caramba, nem sequer sei que idade tem!

A minha cabeça anda às voltas uns segundos a disputar argumentos, até que ele me sobressalta com a pergunta:

– Quantos anos tens?

Rio-me, apreensiva.

– Meu Deus, que estranho.

– O quê?

– Estava a pensar que não sei quantos anos tens quando me perguntaste isso.

– Trinta e cinco.

– Trinta.

Fitamo-nos.

– E em que mais pensavas? – murmura ele.

A tentar ganhar tempo, pouso lentamente o copo de vinho na borda da banheira. Sento-me e olho para as bolhas agarradas aos seios e aos joelhos, a brilhar em aglomerados iridescentes.

– Estava a pensar no meu marido.

Aidan fica em silêncio. Nem sequer o ouço respirar. Mas está à espera, sinto uma nova tensão nos músculos dele tão claramente como se fosse nos meus.

– Na verdade, não era propriamente nele. Estava a pensar que te queria contar uma coisa sobre ele.

Engulo em seco. O batimento cardíaco começa a acelerar. Não sei porque é que isto é tão difícil. Disse a Eddie, o faz-tudo, que o meu marido morreu e ele não fez sexo anal comigo, nem disse que eu era a coelhinha dele.

Quando respiro fundo e aperto os olhos fechados durante um momento para ganhar coragem, Aidan diz suavemente:

– Olha para mim.

Encaro-o. Ele também me encara com os olhos ferozes e uma intensidade resoluta.

– Ele anda a fazer-te mal? É só o que quero saber.

Há algo selvagem no seu olhar, um brilho perigoso que me faz tremer. Encosto os joelhos ao peito e envolvo as pernas com os braços.

– Se eu disser que sim, o que é que fazes?

A resposta dele é firme e imediata.

– Mato-o.

– Aidan – sussurro, de olhos arregalados e o batimento cardíaco acelerado.

Fita-me, à espera.

– Foi isso que fizeste ao teu pai? – pergunto por fim.

Responde-me sem hesitar ou afastar o olhar de mim.

– Sim.

Expiro, fecho os olhos e deixo cair a cabeça entre os joelhos.

– Não precisas de ter medo de mim – diz ele, em voz baixa.

– Não tenho.

Não parece convencido e acrescenta:

– Não sou um perigo para ti. Nunca te faria mal.

– Eu sei.

– Mas estás a esconder-te.

– Estou... porra, acho que estou. Só estou a processar.

Dá-me um minuto, por favor.

Ficamos os dois sentados em silêncio, apenas interrompido por gotas que, de vez em quando, caem da torneira. Depois, ele ajoelha-se junto da banheira e segura-me na cara.

– Agora sou mais velho. Mais inteligente – declara, de modo premente. – Tive muito tempo para pensar no que fiz.

E se acontecer de novo, estarei mais bem preparado.

O meu coração bate fortemente contra o esterno.

– Vou fingir que não acabaste de dizer-me que sabes como te safar se cometeres um homicídio.

– Finge o que quiseres. A realidade é que se eu souber que um homem enraivecido põe as mãos em cima de ti, nunca mais volta a fazê-lo.

Beija-me suavemente, põe a sua boca na minha como uma promessa não verbalizada. Agarro nas suas mãos e, enquanto ele me inclina a cabeça para alimentar o seu desejo, beijo-o também, abrindo os lábios para a sua língua entrar mais fundo dentro de mim, deixando-me a tremer na água que arrefece.

Para de me beijar e encosta a testa na minha.

– Kayla. Responde-me agora. E diz-me a verdade. Ele faz-te mal?

– Não – respondo, com lágrimas a brotarem-me dos olhos.

Afasta-se um pouco e, a franzir as sobrancelhas, encara-me.

– Então porque choras?

– Porque acabei de perceber que estou louca. Literal e certificadamente louca.

– Porque é que dizes isso?

Uma lágrima solitária desce-me pelas pestanas até à cara.

– Se estivesse mentalmente sã, não acharia tão bonito queres matar alguém por minha causa – murmuro, com o peito a doer.

Aidan fita-me durante um longo momento, com o olhar a arder. Depois, levanta-se, põe-me de pé e tira-me da água.

Leva-me a pingar para o quarto e deita-me no colchão.

Sem dizer nada, ajoelha-se entre as minhas pernas, afastando-as, e baixa-se para pôr a boca no meu sexo exposto.

A gemer e a arquear as costas, Aidan envolve-me os seios molhados com as mãos, apertando-os gentilmente antes de tocar nos mamilos com o dedo polegar.

Penso que é a maneira que ele tem de dizer que podemos ser loucos



juntos.

Afundo as minhas mãos no seu cabelo e suspiro. A sua barba arranha-me as coxas. A sua língua deliciosa revolve-se dentro de mim. As pontas ásperas dos seus dedos deslizam para a frente e para trás sobre os meus mamilos rijos, e rapidamente estou ofegante e a gemer muito alto, mexendo as ancas em sintonia com o movimento da sua língua.

Quando ele me aperta os mamilos com força, tenho um orgasmo na sua boca, estremeço e gritando o seu nome.

Chupa-me o clítoris até perder a sensibilidade, depois levanta-se e despe as calças. De seguida, baixa-se, põe-se em cima de mim e entra no meu corpo.

Com as mãos no meu cabelo e a cara virada para o meu pescoço, diz numa voz enrouquecida:

– Se achares que não é isto que queres, promete que acabas tudo antes de eu me apaixonar por ti.

– Prometo – murmuro, enquanto luto novamente com as lágrimas.

– Excelente. – A voz dele baixa de tom. – Mas, para que saibas, não tens muito tempo.

– Aidan...

– Agora, silêncio.

Nunca tinha feito amor comigo com tanto cuidado e ternura, a tocar em mim como se fosse de porcelana.

Atinge o clímax, com um gemido suave de desespero, como se soubesse que isto que fazemos é enorme e perigoso, capaz de nos aniquilar.

Percebo exatamente o que ele sente.



cinzentas e, pela primeira vez em semanas, está um tempo bonito lá fora.

Aidan fez o pequeno-almoço: ovos mexidos, claro, mas também torradas e bacon. A seguir, tomamos banho juntos.

Cantarola enquanto passa a esponja pelo meu corpo, sorri enquanto me seca com a toalha e assobia enquanto nos vestimos.

O bom humor de Aidan é inebriante. O rosto ilumina-se, tornando-o ainda mais bonito. Como está bom tempo, sugere irmos de mota até à casa dele. Quando lhe digo que sim e acrescento que fazia motocrosse quando era mais nova, olha para mim de alto a baixo com um ar incrédulo.

– Tu?

– Não julgues um livro pela capa, pinga-amor. Eu sei que por fora pareço a rapariga do lado, mas por dentro sou mais a rapariga com a tatuagem do dragão [2]. – Faço uma pausa para pensar. – Exceto as tatuagens, o QI de génio, as competências informáticas ou a memória eidética. – Depois, animo-me. – Mas sou antissocial.

Aidan ri-se.

– Tu és mas é adorável.

– Sou, não sou? – concordo, a fingir que o seu comentário não me fez brilhar como a luz do sol.

– Sim. Vamos ver se tenho algum casaco para ti, coelhinha.

– Não vou caber em nenhum dos teus casacos gigantescos.

Procura no armário e tira de lá um casaco de avião em cabedal tão grande que podia ir acampar nele.

– Veste-o – diz, a sorrir por causa da minha expressão.

Salto para dentro do casaco. Fico a parecer a ideia de alguém para uma piada com muita graça.

– Se usar isto, sou apanhada pelo vento e fico para trás a voar como um balão.

– Não te preocupes, o meu capacete gigante puxa-te para baixo.

Aidan não está a brincar. Entrega-me um capacete que o vilão Megamind podia usar.

Rio-me e ele diz:

– Não posso fazer nada. A minha cabeça é enorme. – Faz um risinho. – Entre outras coisas.

– Estás a pensar no teu ego – observo docemente.

Passa por mim com um ar convencido e dá-me uma palmada no rabo.

– Vamos, coelhinha. Se te portares bem, dou-te uma cenoura depois – diz, enquanto me pisca o olho e vira as costas.

Queria fazer uma observação engraçada, mas caramba, também quero muito a cenoura. Por isso, mordo a língua e sigo-o até à porta.

Atrás do bar, há uma pequena garagem onde ele guarda a Harley, um veículo de macho brilhante construído à medida para assustar velhinhas, cãesinhos e ensurdecer toda a gente. É ligada com um estrondo, e depois fica a trabalhar num volume estridente, fazendo vibrar o chão debaixo dos meus pés.

Aidan faz um gesto com o queixo, num sinal para eu subir para trás dele. Assim que o faço, sinto aquela vibração maravilhosa entre as pernas e fico a pensar que deveria comprar uma para mim.

Talvez nunca deixe a casa.

Envolvo os braços na cintura dele, seguro-me bem e arrancamos com um estrondo.

A viagem até ao outro lado da ilha demora apenas dez minutos, mas a paisagem é tão bonita que gostaria que durasse mais tempo. O ar é puro e fresco, as colinas estão inundadas por uma luz dourada e, para onde quer que olhe, vejo milhares de tonalidades de verde, do verde-claro ao verde-esmeralda. O mundo inteiro parece mergulhado nesta cor.

Fazemos uma curva e passamos por uma quinta à beira da estrada, depois por uma vinha. A seguir, descemos e colina na direção de Port Madison, uma zona histórica à beira-mar repleta de parques e trilhos. Mais algumas curvas e chegamos a uma estrada comprida de terra ladeada por árvores. A estrada termina numa área plana de relva alta virada para água cristalina e calma de Hidden Cove.

Aidan estaciona debaixo de um cedro enorme e desliga o motor. Sou a primeira a descer, tiro o capacete e olho à volta, deslumbrada.

– Uau. Que vista incrível.

Ele passa a perna por cima do banco e puxa a tira do capacete. Depois, senta-se em cima da mota e sorri para mim.

– Muito espaço para um coelhinho brincar, não é?

Sentindo-me a corar, torço os lábios e olho para ele.

A minha expressão fá-lo rir.

– Anda. A casa é ali em cima.

Pensei que estávamos no terreno principal, mas ele apontou na direção de um declive para lá da clareira das árvores. Estende a mão, eu agarro-a e sigo-o por uma ligeira encosta cujo caminho parece muito batido.

Quando chegamos ao topo, paro, ofegante.

A estrutura da casa está no meio de um semicírculo de grandes pinheiros-brancos que têm pelo menos trinta metros de altura. Virada para o lago, a casa tem dois

andares, um alicerce e um telhado, e pouco mais. Ainda não tem paredes interiores ou janelas. Nem jardim, nem entrada de acesso. Parece um desenho, um esboço de uma ideia, mas de uma ideia com uma forma muito bonita.

– Vai ter um alpendre a toda a volta, na parte da frente –

explica Aidan, a olhar com orgulho para a estrutura da sua casa. – E um caminho ali que vai dar à doca.

Olha para mim com os olhos a brilhar.

– Vou arranjar um barco. Uma coisa simples. Um pequeno barco de fundo plano para dar uma volta ao final do dia.

Surge-me

a

imagem

do

Eurídice, a balançar

silenciosamente na ponta da doca sob um céu nebuloso e ameaçador, mas ponho essa imagem de lado para me concentrar em Aidan.

– Há quanto tempo estás a trabalhar nisto?

– Há alguns anos.

Pasmada, olho à volta.

– Estás a fazer tudo sozinho?

Faz um riso abafado.

– Quem me dera. A instalação da canalização e da parte elétrica é a próxima coisa, e é aí que as coisas começam a ficar dispendiosas. – Olha para trás, na direção da casa, respira fundo e sorri. – A maior parte posso fazer por troca.

O que é bom, porque não tenho dinheiro suficiente para financiar este projeto. Só a compra das madeiras me deixou praticamente falido.

Aproximo-me dele. Ainda a olhar para a casa, põe um braço em cima do meu ombro e puxa-me para perto de si.

– Correndo o risco de ser castigada, tenho de dizer-te que vou mesmo pagar o trabalho que fizeste no meu telhado.

Aidan ri-se baixinho. Inclina a cabeça para trás e fecha os olhos, a deleitar-se com o sol na cara.

– Tens sorte estar em bem-disposto, senão ia deixar o teu rabo a arder.

Ponho os braços à volta dele e encosto o rosto ao seu peito.

– Promessas, promessas.

Beija-me no cimo da cabeça. Ficamos os dois ali abraçados um ao outro, num silêncio confortável, a ouvir a brisa a passar por entre árvores. Do lado do lago, vem o som distante de crianças a rir.

– Alguma vez quiseste ter filhos? – pergunta Aidan suavemente.

A minha pulsação fica descontrolada. As mãos começam a tremer.

Fecho os olhos, ponho a cara junto do seu peito e digo baixinho:

– Sim.

Há uma ligeira mudança na energia dele. Uma nova tensão apodera-se-lhe dos braços.

– Não devia ter feito esta pergunta?

Abano a cabeça.

– Não, é só que... tentei uma vez. Tentámos.

Encosta a cara no topo da minha cabeça e aperta os braços à minha volta.

– Não precisas de me contar.

– Está tudo bem. Não é segredo. – Suspiro fundo. – Tive um aborto. Já ia bastante avançada.

Como um murro no estômago, surge-me uma memória: a dor, os gritos, o sangue a escorrer pelas minhas pernas despidas. A rastejar pelo chão do escritório e aos soluços, a tentar desesperadamente chegar ao telefone na parede.

Uma confusão de imagens que aparecem em simultâneo, como o excerto de um filme que passa demasiado rápido com o som no máximo.

Mas de quem é aquela voz? Não parecem os meus gritos.

É a voz de um estranho, cheia de raiva, a esmagar-me como um furacão.

A memória é interrompida como se a ficha do projetor tivesse sido desligada, desaparecendo tão depressa como chegou.

Deixa a impressão distinta e arrepiante que de que faltam grandes bocados. Como se algo importante tivesse ficado de fora.

Ou completamente apagado.

Procuo mais qualquer coisa, mas não aparece nada. Vou de encontro a uma parede.

– Estás a tremer – observa Aidan enquanto me aperta mais,

preocupado. – O que é, Kayla? O que se passa?

– Nada. Abraça-me apenas, por favor.

Envolve-me nos seus abraços, apertando-me. Eu aconchego-me nele, engolindo o sabor ácido da bÍlis.

Uns minutos depois, quando estou um pouco mais calma, Aidan diz mansamente:

– Não me importo que não estejas preparada para falar sobre determinadas coisas. Podes apenas dizer isso, que eu aceito. Não vou insistir. Mas não me mintas outra vez, está bem?

– Desculpa – sussurro.

– Diz que não voltas a mentir-me, Kayla – diz Aidan, num tom firme.

– Não volto. Prometo.

– Está certo. Porque não precisas de fazê-lo. Não tens de te esconder de mim – murmura, acariciando-me o rosto.

A minha voz falha quando digo:

– Não percebo como és tão incrível.

Beija-me o pescoço, a orelha, o rosto, beijos suaves delicados cheios de ternura.

– Só sou incrível quando estou contigo. No resto do tempo, não sou ninguém.

Encosto-me ainda mais nele, a precisar da sua solidez, a adorar o quão segura me sinto no seu abraço quente. A garganta dele faz um som de prazer quando inspira no meu cabelo. A seguir, beija-me o pescoço novamente, mas desta vez a sua boca quer mais.

– Adoro o teu sabor, coelhinha – diz numa voz áspera. –

Adoro o sabor da tua pele. Adoro também o teu cheiro. E de como perdes o controlo quando te vens. E de como olhas para mim. O modo como olhas para mim faz com que me sinta um rei, caramba.

Afunda a mão no meu cabelo e, com cuidado, empurra-me a cabeça para trás, expondo-me a zona da garganta. A agarrar-me contra o seu corpo, beija e lambe a área entre o lÓbulo e a clavÍcula, mordendo-me

de vez em quando como se me quisesse devorar.

Deixo sair um pequeno gemido e ele apalpa-me o rabo, encostando a sua bacia na minha, pressionando a ereção contra mim.

O meu corpo responde imediatamente.

Os meus mamilos enrijecem. O meu coração bate fortemente e o meu sexo fica com um formigueiro. Nunca conheci um homem que me provocasse uma reação física como esta, tão imediata e natural. Nem o meu marido.

Com os olhos fechados e a cara voltada para o sol enquanto me beija, digo:

– Que leão tão faminto. Espero que consigas correr de barriga vazia.

A sorrir, empurro-o e olho para ele com um ar púdico, a pestanejar sedutoramente.

Depois viro-me e corro em direção ao pinhal.

– Tens dez segundos para fugires, coelhinha! – grita nas minhas costas, a rir-se. Depois começa a contar o tempo em voz alta.

Com a excitação a pulular nas veias, atravesso a relva e passo pela casa, a correr o mais depressa que consigo.

Depois de chegar ao pinhal, escondendo-me atrás de um pinheiro enorme e atrevo-me a espreitar.

Aidan vem na minha direção em passos largos, a rir-se maliciosamente.

Grito e desato a correr novamente.

Para lá das árvores altas do pinhal, há um pequeno prado rodeado por uma área bastante arborizada. Achando que a propriedade deve ter alguns hectares, corro para a floresta com o coração na garganta e não me atrevo a olhar para trás. Ofegante, passo pelas árvores a toda a velocidade, com as pernas a doer.

A terra é macia e irregular, coberta por uma camada de erva e folhas. Não tendo ainda percorrido seis metros, tropeço numa raiz e caio disparada.

Aterro de barriga para baixo. Tenho os pulmões na boca.



Fico deitada, atordoada e com dificuldade em respirar, depois tento levantar-me.

Demasiado tarde. O meu leão já me apanhou.

Com barulhos guturais, agarra-me pela cintura e rebolamos no chão. Começo a lutar para me tentar libertar, mas ele ri-se ofegantemente enquanto me tenta deter. Fico de costas no chão, com ele em cima de mim a morder-me o pescoço e a prender-me as mãos no chão.

Ri-se de exultação enquanto me contorço debaixo dele.

– Coelhoinha má.

– Deixa-me ir!

– Tens folhas no cabelo, coelhinha. Onde é que mais terás folhas?

Vira-me de bruços, despe-me o casaco de cabedal e atira-o para o chão.

– Hum. Aqui não. Talvez debaixo da camisola.

Contorço-me e grito a protestar, e ele tira-me a camisola e manda-a ao ar. Depois, faz rugidos sobre a minha pele enquanto esfrega a barba nos meus ombros.

– A minha coelhinha marota quer ser comida na floresta, não quer?

– Não! – Sim. – Sai de cima de mim!

Põe uma mão debaixo de mim e aperta-me com força os seios.

– Vou entrar tanto dentro de ti, coelhinha. Vais levar com o membro do teu mestre, toda nua e de joelhos, no meio da floresta – diz-me ao ouvido, numa voz sedutora O meu desejo é tanto que quase desmaio e desisto. Mas este jogo é uma perseguição, não teria piada se o deixasse ganhar tão facilmente.

– Não!

Por lutar tão aguerridamente, consigo afastá-lo de alguma forma. Levanto-me e em segundos começo a correr, com o cabelo a esvoaçar e os seios nus a balançar. O ar frio refresca a minha pele quente.

Escorrego junto de um tronco de carvalho rugoso e ele apanha-me. Prende-me nos seus braços e beija-me com sofreguidão.

Desequilibrada, mas ainda a jogar, cambaleio, e o meu coração bate fortemente quando o tento afastar.

Mas ele é tão forte. É realmente muito forte, caramba. A sua força circunda-me.

Ele puxa o fecho das minhas calças, volta-me e despe-mas. Tento fugir, mas aperta-me tanto que não consigo. Dá palmadas nas minhas nádegas nuas e eu grito, aos pulos.

A seguir, empurra-me contra o tronco da árvore e segura-me lá, enquanto continua a dar-me palmadas.

Choramingo e agarro-me ao tronco. As lascas arranham-me o peito e a barriga. O meu rabo agita-se a cada tabefe, inundando-me o sexo com ondas de choque de prazer.

A sessão de palmadas para repentinamente e Aidan põe a mão entre as minhas pernas.

Com a boca colada ao meu ouvido, diz:

– Uau, toda molhada. Queres que entre com toda a força dentro dessa maravilhosa gruta húmida, não queres, coelhinha?

Solução.

– Queres, sim. Eu sei. E tu sabes quanto eu quero.

Por detrás de mim, enfia dois dedos dentro do meu sexo enquanto eu grito e me agito.

– Ah, meu Deus, querida, és a perfeição absoluta. Deixas-me com tanta tesão. Quero vir-me bem fundo dentro de ti enquanto gritas o meu nome.

Tira os dedos e humedece-me. Belisca o meu clítoris intumescido e faz-me gritar, depois vira-me novamente para ele e empurra-me contra a árvore.

Põe os dedos lubrificados dentro da minha boca.

– Sente o teu sabor, coelhinha. Lambe esse mel.

Dobra-se para chupar os meus mamilos hirtos e eu obedeço às suas ordens, com os olhos a revirar em volúpia.

Despe-me as calças até às ancas com brusquidão. Sem as tirar totalmente, põe-me em cima do ombro e começa a andar com um braço à volta da minha cintura, uma mão na parte de trás das minhas coxas e os dedos enterrados possessivamente na minha carne.

Pontapeio e ofereço resistência, mas as calças impedem o movimento das pernas. Ele prende-me.

Grito de frustração e Aidan dá-me uma palmada no rabo.

– Aqui – diz, parando. – Parece-me um bom sítio para a minha coelhinha receber o pénis do seu mestre.

Põe-me de pé, numa parte macia do solo, depois movimenta-me para que fique deitada de costas. Coloca-se de joelhos, um de cada lado da minha bacia, e agarra-me nos braços. Agito-me desvairadamente, a tentar libertar-me.

– Não, coelhinha – diz ofegante, com os olhos loucos de desejo. – Não resistas mais. É hora de entrar dentro de ti.

– Argh!

Recuso-me a parar. Estou obviamente a divertir-me, e Aidan deixa-me lutar mais um pouco antes de me descalçar e tirar-me as calças. Depois de ficar completamente despida, vira-me de bruços e puxa-me as pernas de modo a ficar de joelhos.

O cheiro húmido e amadurecido da terra entra-me pelas narinas. Uma brisa fria inunda-me o corpo nu, deixando-me com pele de galinha. Por cima de nós, os pássaros cantam e

as folhas sibilam na copa das árvores.

Por me ver nua e indefesa, com vestígios da floresta espalhados no peito, nas costas, na barriga e no rabo, Aidan fica de tal modo excitado que mal consegue respirar.

– Olha para ti, toda suja. A minha menina imunda mais maravilhosa.

Dá-me várias palmadas, fazendo com que eu tenha de fazer força nos cotovelos para não cair para o chão. Depois afaga-me o sexo exposto, toca-o e acaricia-o, enquanto sinto as nádegas a latejar.

Ele geme.

– Estás tão molhada, querida. Meu Deus, tão molhada que escorres

pelas pernas. A minha coelhinha bonita está pronta para mim.

A voz dele é rouca e exultante, cheia de luxúria e triunfo.

Aidan parece preso pelo último fio e, quando se soltar, o animal que normalmente mantém enclausurado, é libertado.

Eu estou prestes a ser devorada e ambos sabemos disso.

Com a cabeça para baixo e os olhos fechados, gemo.

– Implora-me para que te possua, Kayla – ordena Aidan, com os dentes cerrados.

– Por favor, mestre. Por favor, possui-me – sussurro.

Ouçó o som do fecho das calças a abrir, depois sinto o sexo hirto a aproximar-se da minha entrada. Agarra-me pela cintura e enfia a ereção dentro de mim. Grito de prazer, ele começa a impulsionar as ancas, a penetrar-me repetidas vezes.

– Aidan! Aidan!

– Diz-me que és minha.

– Sim! Sou tua!

– Diz-me que adoras o meu pénis.

– Adoro!

Os meus gritos ecoam pela floresta. Ele estica os braços para me chegar os seios que balançam, agarra-os e aperta-os com força, depois puxa os mamilos. Sabe tão bem que

gemo novamente.

– Coelhinha imunda – diz, numa voz ardente. – Adoras o membro do teu mestre. Também queres o meu sémen, não é, minha devassa. Queres que o teu mestre te inunde toda até ficares a pingar.

Os braços cedem. Caio ao chão. Arranho a cara na terra húmida enquanto Aidan me penetra por detrás, completamente vestido, a controlar todos os pedacinhos de mim.

Ele dá uma gargalhada sombria de prazer.

– Sim, linda menina, recebe-o como uma galderiazinha.

Olha-me esse sexo cor-de-rosa e inchado, cheio do falo possante do mestre. Estou a escavar bem nessa gruta, não é, coelhinha?

Gemo novamente, estou a estremecer, a suar e muito perto de um orgasmo. Aidan faz um riso abafado.

– Se calhar a minha coelhinha devassa quer lhe encham outros buraquinhos sensuais.

Enfia um dedo polegar dentro do meu rabo.

Grito, ele dobra-se e enfia o outro dedo polegar dentro da minha boca.

Depois, continua a penetrar-me intensamente por detrás enquanto, desesperada, lhe chupo dedo e movimento as ancas para ficarem sincronizadas com as suas investidas.

– Hora de receberes o esperma do teu mestre – diz, ofegante, numa entoação urgente. – Mas quero que me olhes.

Ele tira o pénis de dentro de mim e põe-me de barriga para cima.

Estou

ofegante,

com

o

coração

a

bater

descontroladamente, olho para ele enquanto se movimenta, com o sexo intumescido a projetar-se das calças, o peito a arfar e os olhos escuros a arderem como fogo. Afasta-me as pernas e põe-se em cima de mim. Com a mão, encaminha o pénis para dentro do meu centro molhado, depois enfia-o num impulso, com um gemido.

Gemo e agarro-lhe o casaco, mas ele tira-me as mãos e segura-me os braços no chão.

Começa a possuir-me de novo, a pairar sobre o meu corpo ao mesmo tempo que mo prende à terra e me olha nos olhos.

– Por favor. Por favor, mestre. Posso vir-me? – peço, numa voz entrecortada.

Ele pestaneja e sussurra o meu nome.

Mas não me dá autorização.

Cada vez que impele a bacia, o meu sexo e o meu clítoris pulsam. Levanto as costas do chão, num arco. Os meus mamilos estão tão sensíveis que doem. As pálpebras fecham-se-me e começo a choramigar.

Aidan larga-me os pulsos e agarra-me a cabeça com as mãos.

– Olha para mim – ordena.

Olho-o nos olhos em fogo e sinto uma serpentina incandescente de ventos de prazer a envolver cada vez mais o centro do meu corpo, e as coxas começam a tremer incontrolavelmente.

– Estás pronta, querida? – sussurra, a movimentar as ancas de um modo cada vez mais frenético.

Sem conseguir falar, apenas aceno com a cabeça.

– Olha-me nos olhos quando te vieres. Não olhes para mais lado nenhum. Quero que te entregues a mim olhando-me nos olhos. – Após mais algumas investidas, vocifera: –

Agora.

Respiro fundo e roço-me loucamente contra ele. O meu clímax é muito intenso, gemo, mas não afasto o olhar. Fito-o com os olhos bem abertos enquanto o meu sexo se contrai incessantemente em torno da enorme e invasora extensão do seu pénis profundamente enterrado dentro de mim.

– Oh, porra, Kayla – diz por entre respirações. – Meu Deus do Céu, porra, é agora.

Todo o seu corpo se agita. Sinto o membro dele a vibrar no fundo de mim. Depois, solta um gemido e faz investidas menos profundas enquanto ejacula dentro do meu corpo e me olha nos olhos.

A intimidade é tão intensa e avassaladora que me deixa sem ar. Sinto o peito esmagado por uma força invisível.

Ele também sente. Sei porque os seus olhos se enchem de angústia.

Diz o meu nome numa respiração estrangulada, depois dá-me um beijo devorador e desesperado.

Ambos mantivemos os olhos abertos durante todo o tempo.

[2]1 Original: The Girl with de Dragon Tatoon, livro de Stieg Larsson, traduzido em Portugal como Os Homens que Odeiam as Mulheres. A tradução é literal para permitir a compreensão da frase. (N. da T.)



27

Estamos enrolados um no outro no chão da floresta, ofegantes, sem dizer nada. A seguir, ele dá um gemido e deixa cair a cara no meu pescoço, escondendo os olhos.

Virada para o azul infinito do céu, ponho os braços à volta dos seus ombros, sabendo instintivamente que desta vez é ele quem se emociona.

– Está tudo bem – sussurro em voz rouca, maravilhada. –

Aidan, está tudo bem.

Faz um som abafado de dor.

– Chiu.

Dou-lhe um beijo delicado na face e passo-lhe os dedos pelo cabelo. Sinto o corpo dele quente e pesado em cima de mim, a tremer por todos os lados e, de repente, sou inundada por uma profunda sensação de paz.

Ou assombro, talvez. Ou tudo junto. Não sei se há uma palavras para isto.

Seja o que for, é belo.

Ponho a boca junto do ouvido dele e digo baixinho:

– Adorei. Adorei cada segundo. Tudo o que fizeste e disseste. Estás a ouvir-me? Isto é tudo aquilo de que preciso.

Ele exala um gemido irregular.

– O meu belo leão. És maravilhoso. És exatamente tudo o que quero.

Aidan levanta a cabeça e beija-me apaixonadamente, gemendo na minha boca.

– Kayla – diz, ofegante. – Meu Deus. Raios. Magoei-te?

Estás bem?

Solto um risinho.

– Tirando alguns arranhões e nódoas negras, estou excelente.

O olhar dele percorre-me o rosto, à procura de algum sinal que indique estar a mentir. Quando percebe que não, engole em seco e humedece os lábios.

– Entusiasmei-me um bocadinho – diz com hesitação.

– A sério? – respondo com um sorriso sarcástico. –

Caramba, tens cá um vocabulário obsceno. Ainda melhor que o vocabulário normal.

Um momento depois, ele começa a rir-se. Suavemente, a abanar a cabeça, ri-se aliviado, depois beija-me outra vez.

– Não consigo conter-me. Tu despertas a fera que há dentro de mim.

– Parece que sim! Mas agora gostava muito que nos pudéssemos levantar. Tenho uma pedra debaixo das costas e está a doer-me como o diabo.

– Merda. Desculpa.

Levanta-se de cima de mim, põe-se de pé, arranja as calças e puxa o fecho. De seguida, ajuda-me cuidadosamente a levantar, enquanto tira a terra e as folhas de cima da minha pele.

– Estás toda arranhada – diz, numa voz suave, movendo os dedos pelo

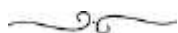


meu corpo em toques leves que parecem penas a sacudir o pó. – Tens o joelho a sangrar.

Exalo um suspiro de satisfação.

– É o que acontece às coelhinhas que são devoradas na floresta. Tenho a certeza de que amanhã vou estar toda dorida. Onde está a minha roupa? Estou a ficar com frio.

Ele vai apanhar os sapatos, a camisola, as calças de ganga e o casaco dele no local para onde os atirara. A seguir, concentrado e em silêncio, ajuda-me a vestir, tocando-me com tanto cuidado que parece que posso quebrar.



A sua ternura e preocupação são comoventes. Está a ser tão doce e gentil, o oposto da fera dominante e devoradora de há minutos.

É incrível a quantidade de pessoas diferentes que habitam dentro de um corpo. Todos transportamos milhares de estranhos dentro de nós, adormecidos em sossego até alguém os despertar. Basta uma pequena faísca para instigar vida nos nossos gigantes adormecidos, como a descarga de eletricidade que reanimava o monstro de Frankenstein.

Depois de me vestir, Aidan pega-me na mão e leva-me para fora da floresta. Quando saímos para a luz do sol, olhamos para o céu, depois um para o outro.

Algo passa entre nós, velado e profundo.

Aidan desvia o olhar primeiro, aperta-me a mão e sorri.

Aquele sorriso pode partir-me o coração.

Passamos o resto do dia no apartamento dele. Tive de tomar outro duche para tirar da pele o resto das folhas e da terra. Depois, Aidan põe-me uma pomada com antibiótico nos cortes e arranhões e um penso rápido no joelho.

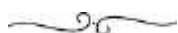
Enquanto o faz, parece infeliz. Tem os olhos baixos e os lábios juntos numa linha fina.

Embora os ferimentos sejam ligeiros e tivessem sido feitos de uma maneira maravilhosa, detesta ver-me magoada.

Passo a noite em casa dele, outra vez. De madrugada, acorda-me para

fazer amor comigo com uma tal urgência muda que me deixa sem ar. Depois, regressa àquele lugar sossegado dentro da sua cabeça para onde vai quando se quer esconder.

Mas não lhe pergunto o que se passa. Não insisto. Deixo-o estar.



Não é o único que guarda segredos.

Quando chego, Fiona já está em casa. Encontro-a no escritório de Michael, o que me irrita imediatamente.

– O que faz aqui?

A segurar um espanador, anda à volta da secretária dele e assusta-se quando me vê.

– Kayla!

– Sim, sou eu. Moro aqui, lembra-se?

O sorriso dela é apologetico.

– Peço desculpa, querida. Não a ouvi entrar. Anda em pezinhos de lã.

Desconfortável, fico na ombreira da porta, hesitante.

Desde o acidente que não venho a esta divisão. A porta esteve fechada e o ar está bafiento. Há algo aqui que me deixa claustrofóbica.

– Não quero que esta divisão seja limpa. Acho que já lhe tinha dito.

– Disse?

– Não disse?

Ela ri-se.

– Bem, se disse, não me lembro.

– Oh. Desculpe. Para ser franca... também não me lembro.

Estou a recordar-me do que ela dissera na semana anterior acerca da possível causa para as minhas perdas de memória e fico ainda mais desconfortável. Sinto o rosto corar, apoio o peso do corpo ora num pé, ora no outro, e aclaro a garganta.

– Mas não quero que toque nesta divisão por enquanto. É

só que... – gesticulo, impotente. – Ainda não mexi nas coisas dele.

– Oh, querida. Entendo perfeitamente. Vou começar na cozinha – responde com gentileza.

– Obrigada. Hum... e aquela sessão espírita de que falámos?

Fiona fica animada.

– Sim, falei com a minha irmã! Ela diz que devemos esperar até à próxima lua cheia, que é daqui a três semanas. Oh, e ela também disse que não deve usar perfume ou joias. Nem quaisquer outros acessórios, especialmente telemóveis. Parece que isso irrita os espíritos. – Ela ri-se. – Como a nós, também.

Faço um riso baixinho e envergonhado.

– Na verdade, acho que devíamos esquecer isso.

Fiona encara-me durante uns segundos, a puxar as penas do espanador com uma expressão pensativa.

– Oh?

O tom dela é suave, mas parece querer uma explicação.

Embaraçada, arranjo uma.

– Decidi que vou a um terapeuta.

Ela levanta o sobrolho.

– Como é que um terapeuta a vai ajudar com os problemas dos fantasmas?

Expiro, abanando a cabeça.

– Só o facto de considerar a possibilidade de que estou a ser assombrada sugere fortemente que preciso de terapia.

Parece estar prestes a contestar, mas deve ter mudado de ideias porque se limita a acenar com a cabeça.

– Tudo bem. Se é o que prefere.

– É, sim. Obrigada, Fiona.

Passa por mim, evitando os meus olhos. Ao dirigir-se para a cozinha, fico preocupada por a ter insultado. Viro-me para ir atrás dela, mas algo na secretária de Michael chama-me a atenção e volto atrás.

No mata-borrão está um jornal dobrado, perto de onde Fiona limpava o pó. Não consigo ler o título de onde estou, mas vejo claramente a fotografia que acompanha a notícia.

É a imagem de Michael.

A minha pulsação aumenta. A minha boca fica seca.

Sinto-me um bocadinho desequilibrada, como se o chão estivesse inclinado. Por qualquer razão estranha, fico subitamente com medo.

Caminho em passos lentos pelo escritório e vou até junto da secretária. Quero agarrar no jornal, mas não o faço.

Apenas leio o título.

Homem Local Morre por Afogamento.

O jornal está dobrado, por isso só o título e a fotografia de Michael são visíveis do lado esquerdo, juntamente com parte do nome do jornalista que assinou a notícia.

Tenho a certeza de que nunca vi esta notícia. Tenho a certeza de que não pus este jornal em cima da secretária de Michael. Não tenho a certeza é de como isto veio aqui parar.

Terá sido Fiona que o trouxe?

A minha mente começa a acelerar. Tento pensar numa explicação racional que justifique o facto de ela ter deixado este jornal no escritório de Michael, mas não encontro nenhuma. Ela sabe que eu ficaria incomodada se o visse.

Poderia atribuir isto aos meus lapsos de memória, mas sei que não estive neste escritório desde o acidente.

Eu sei.

Uma vozinha na minha cabeça sussurra: Se calhar não foi a Fiona.

A tapar a cara com as mãos, repito em silêncio: Os fantasmas não

existem. Os fantasmas não existem. Os fantasmas não existem. Os fantasmas não existem.

Algo bate na janela do escritório com uma sonora pancada.

Dou um salto e um pequeno grito, e fico especada com o coração aos pulos e as mãos trémulas a segurarem a zona da garganta.

Nada se mexe. A atmosfera está inerte. Do outro lado da janela, o céu está carrancudo e com uma cor cinzento-chumbo.

Depois de ganhar coragem, dirijo-me à janela e espreito lá para fora, perscrutando o horizonte com o olhar. Não vejo nada de anormal. O jardim está vazio. A praia rochosa está vazia. Só quando estou prestes a virar as costas é que descubro a origem do som.

No chão, por baixo da janela, vejo o corpo inerte de um gaio-azul. Tem o pescoço torcido num ângulo estranho. As patas rigidamente esticadas para fora do resto do corpo, as unhas curvas como garras. Os seus olhos negros e cegos fitam-me.

Na vidraça, está o contorno espectral onde o pássaro bateu, com as asas estendidas em voo.

A conter-me para não gritar, volto-me e saio a correr da divisão.

Tranco-me dentro do quarto principal. Depois ando de um lado para o outro, a torcer as mãos e a punir-me por ser tonta.

É normal os pássaros chocarem contra janelas. Eu sei que percecionam o reflexo do céu nos vidros como sendo mais céu, é por isso que colidem e partem os pescocinhos.

Não significa nada.

Apenas parece que sim.

Parece sinistro. Como se fosse um mau presságio.

Ou talvez... uma mensagem do além.

Paro de andar e fico imóvel no meio do quarto. Com o coração a bater loucamente, olho para o teto e murmuro:

– Michael?

Não acontece nada. O momento prolonga-se até a tensão me desgastar

os nervos. Ouço uma porta bater no piso de baixo e quase desmaio de terror.

Digo a mim mesma que é apenas Fiona, mas não acredito totalmente. De novo, aquela sensação arrepiante de que estou a ser observada toma conta de mim, porém, estou

aqui sozinha.

Será que estou?

De súbito, tudo no quarto parece sinistro.

A sombra atrás da mesinha de cabeceira. O palhaço de porcelana na estante. O ursinho na poltrona de leitura com dentes que parecem estranhamente humanos, embora só agora esteja a aperceber-me disso.

E depois, as marcas no edredão que cobre a cama.

De tudo, isso deve ser o mais assustador.

Praticamente todos os dias, faço a cama quando acordo.

Aliso as cobertas e disponho o pequeno conjunto de almofadas decorativas de que Michael zombava, mas eu adorava. Gosto de ver uma cama bem feita, uma cama desfeita faz com que tudo pareça confuso, por isso sou um pouco exigente com esse hábito. Os lençóis bem presos, as almofadas

nos

respetivos

lugares,

os

edredões

perfeitamente lisos.

Mas agora, há um a marca diferente num lado da cama.

O lado mais perto da porta, aquele onde nunca durmo.

O lado de Michael.

A marca tem mais ou menos o tamanho e a forma de um corpo.

Exalo um suspiro irregular e faço a mim própria um discurso motivacional:

– Acalma-te, Kayla. Estás descontrolada. Não há fantasmas nesta casa.

A campainha da porta toca. Vou buscar a minha mala ao armário, tiro de lá o telemóvel, abro a aplicação da câmara para ver as imagens, mas ninguém está lá. O alpendre da frente está vazio.

Já chega. Estou farta, raios. Não vou deixar que um estúpido problema elétrico me deixe maluca!

Vou rapidamente ao histórico das chamadas procurar o número de telefone de Eddie, o faz-tudo, e fico a hiperventilar até ele atender.

– Estou?

– Olá, Eddie. Fala a Kayla. Lembra-se de mim? Da fuga no teto e dos problemas elétricos?

– Claro, lembro-me, sim! Viva, Kayla! Tudo bem?

– Tudo bem, obrigada. E o Eddie?

A gargalhada dele é baixa e ofegante.

– Na boooa.

Parece ganzado. Que surpresa.

– Que... bom. Então, estou a ligar porque queria pedir-lhe o contacto do seu terapeuta.

– Oh, claro! É só que... ui... – Fica em silêncio uns segundos, depois acrescenta: – Não me lembro do contacto dele.

– Não o terá no telemóvel?

Parece confuso.

– Telemóvel?

Pois, completamente ganzado. Ou isso, ou estava certa quando pensei que ele pudesse viver numa comunidade que não usa dispositivos modernos. Este número deve ser de um telefone fixo.

Suspiro.

– Que tal dizer-me o nome dele?

– Oh, sim, sim, no problemo. Chama-se Letterman. Dr.

David Letterman.

Franzo as sobrancelhas.

– Como o apresentador do talk show?

Outra pausa confusa.

– Quem?

Também não tem televisão. De qualquer modo, esta conversa não vai a lado nenhum. Altura de dizer adeus.

– David Letterman. Está certo. Eu telefono-lhe. Ele está em Seattle?

– Não, está bem perto do cruzamento de Winslow com Olympic, em frente ao museu de arte. Naquele pequeno edifício de tijolo com o toldo verde.

Conheço bem o edifício, por isso agradeço-lhe e prometo-lhe que darei o número dele a quem precise de um faz-tudo. Embora ache que a sua especialidade seja passar erva.

Depois de desligarmos, vou ao meu escritório no piso de baixo, ligo o portátil e procuro o nome do médico no Google.

Não aparece nada. Eddie devia estar tão pedrado que me deu o nome errado.

Penso ligar-lhe outra vez, mas depois acho que não vale a pena. Ainda acabaria a dar-me o nome do dentista.

A sentir-me derrotada, olho para o ecrã do computador durante um momento. Sei que consultas de terapia em Seattle ficariam mais caras do que na ilha, e não me agrada a ideia de fazer viagens de ferry para a cidade uma ou duas vezes por semana. Devia tentar encontrar alguém em Bainbridge, mas sei que terei pouco por onde escolher.

Depois, penso que é possível que o Dr. Letterman seja talvez o único psiquiatra na ilha. Ou talvez não seja sequer um psiquiatra, mas um médico vudu que sacrifica uma galinha para ver o que se passa



comigo através das vísceras. Parece mais o género de Eddie.

Mas a questão é que David Letterman não é um nome que se associe a vudu.

Começo a ficar cansada do meu pequeno jogo mental de adivinhas, por isso decido ir até à baixa esta tarde, depois de Fiona sair, e espreitar o consultório do Dr. Letterman.

O consultório de um médico é bastante revelador. Se tiver uma rececionista simpática e não parecer um lugar onde ocorreram cerimónias de magia negra, então marco uma consulta. De qualquer modo, tenho de ir buscar roupa e a lavandaria fica apenas a um quarteirão de distância da morada.

Espero que a roupa ainda lá esteja. Deixa-a antes do acidente.

Sinto uma dor aguda na parte de trás do olho esquerdo e, por entre dentes, digo uma asneira.

Era mesmo do que precisava, uma enxaqueca.

Deito-me no sofá e fecho os olhos. Devo ter adormecido, porque quando volto a abri-los, a luz mudou. As sombras esgueiram-se pelas paredes como grandes dedos cinzentos.

Quando olho para o relógio, fico espantada por perceber que dormi mais de quatro horas.

Está tudo sossegado quando saio do escritório. Fiona já se foi embora. Vou ao piso de cima e visto uma camisola lavada, depois vou de carro até à baixa e estaciono numa rua com árvores, junto do prédio no qual Eddie diz estar o consultório do Dr. Letterman.

Ao sair do carro, olho, por acaso, para o restaurante do outro lado da rua.

O Harbor House é uma marisqueira com um pátio com vista para o mar e que tem jazz ao vivo às sextas-feiras à noite. É um sítio famoso para os turistas, mas também para os residentes locais. Às vezes, durante o verão, costuma ter filas à porta.

Mas nesta altura não é verão e não há filas. Consigo ver bem a entrada do restaurante.

A entrar pela porta da frente, com o braço por cima dos ombros de

uma morena roliça, vai um homem que reconheceria em qualquer lado, mesmo de costas.

Aidan.



28

Bloqueio. O coração para. A sentir que levei um pontapé na barriga, encosto-me à porta do carro para me acalmar. Ali fico, em choque absoluto, a tentar decidir o que fazer.

Mas não há nada que possa fazer. Eu e Aidan não temos uma relação. Caramba, nem sequer falámos de ele ter ou não outros casos. Não sei nada da sua vida privada.

– Oh, meu Deus – digo em voz alta, horrorizada. – Kayla, és tão idiota!

Ele até pode ter a porcaria de um horário rotativo de quecas com mais de vinte mulheres, em que nem sequer usa preservativo.

É exatamente assim que são os arrependimentos que duram uma vida inteira.

Entro rapidamente no carro e fecho a porta com força. A resmungar, encosto a testa ao volante. Com os olhos fechados, maldigo-me a mim própria em silêncio, e amaldiçoo fortemente Aidan, também.

Não que ele o mereça. Não foram quebradas promessas.

A dor horrível que sinto no peito é somente o golpe no meu ego.

Ou

talvez

no

meu

coração,

não

sei.

Independentemente de onde for, é doloroso.

Caramba, gostava realmente de lhe dar com um martelo nas partes mais moles do corpo.

Após uma batida forte na janela no carro, endireito-me bruscamente.

Aidan está inclinado do lado de fora da janela do condutor, a encarar-me com uma expressão interrogadora.

Merda.

Fico paralisada.

– Sabia que eras tu. O que fazes aqui? – diz ele.

– Nada. Só estou aqui sentada – respondo logo, sentindo-me corada.

– É má altura? – pergunta, um segundo depois.

Percebo o que quer dizer, não está a falar do meu colapso mental iminente.

– Estou sozinha.

– OK. Voltando à outra pergunta, à qual respondeste, mas não verdadeiramente. O que fazes aqui?

– Vim só... tratar de uns assuntos.

Franze a testa. O seu olhar é penetrante. Suspiro e anseio o poder da invisibilidade, mas inconvenientemente não se materializa.

– Sai do carro, Kayla.

Faço-lhe uma careta.

– Tem mesmo de ser?

– Sim.

Recua e cruza os braços, à espera.

Ainda penso pôr o motor a trabalhar e arrancar num ápice, mas não o faço. Provavelmente, apanhar-me-ia no semáforo seguinte. Por isso, preparo-me para uma conversa desconfortável e saio do carro.

Pega-me no braço e encaminha-me suavemente para o passeio, depois fica parado à minha frente, com os braços cruzados de novo. Não diz nada. Apenas olha para mim.

– OK, está bem. Começo eu. Olá, Aidan. Como estás?

Estreita as sobrancelhas, apenas, e não responde.

Do que já conheço, sei que pode ficar aqui a noite toda antes de me dizer o que lhe vai na cabeça. Se é que diz. Por isso, aponto para o carro e digo:

– Tenho de ir.

– Porque é que estás tão estranha?

– Eu? Estranha?

A cara dele fica com uma expressão chateada, como se estivesse seriamente a pensar pôr-me em cima dos joelhos e dar-me palmadas nas nádegas, mesmo aqui no passeio.

Com um tom de aviso, pergunta:

– O que se passa, coelhinha?

O meu sangue ferve quando o ouço pronunciar este nome.

Digo obstinadamente a mim própria que este homem não me pertence, que não temos compromissos, que toda a química sexual incrível do mundo não faz uma relação, mas não consigo acreditar completamente nisto.

Estou magoada, zangada e envergonhada por ele me ter apanhado caída em cima do volante por estar tão magoada e zangada.

Mas, raios, não o vou admitir. Posso não ter muito, mas ainda tenho o meu orgulho.

– Não se passa nada. Vim tratar de uns assuntos. Foi bom ver-te – digo calmamente, de queixo erguido.

Os olhos dele inflamam-se com fúria.

– Porra, três mentiras numa só frase. Tenta novamente, e desta vez sê sincera – diz, numa voz baixa e controlada.

Sinto o coração a pulsar nas bochechas. Encaro-o, com a noção de que tenho as mãos a tremer. A autocontrolar todos os milímetros de mim, pergunto:

– Como está a correr o teu encontro, Aidan?

Pestaneja. Dá uma gargalhada curta. Olha por cima do ombro, para a zona do restaurante, depois volta-se e fita-me com um olhar tão intenso e inflamado, que dou um passo atrás.

– Oh, coelhinha. Vais pagar por isso mais tarde – diz brandamente, com os olhos a cintilar.

De seguida, segura-me pelo braço e atravessamos a rua.

Reclamo, mas ele ignora-me. Abre a porta do restaurante, passamos pela entrada e vamos até à sala principal, para uma mesa perto do fundo.

A mesa onde está sentada a morena com quem ele estava.

Ao seu lado, está o seu amigo Jake, o tipo da empresa de segurança.

Percebo imediatamente que a minha tendência para assumir o pior da natureza humana me passou a perna.

Parando do lado da mesa, Aidan aponta para a morena.

– Deb, é a Kayla. Kayla, diz «olá» à Deb. – Ele olha-me nos olhos. – É a mulher do Jake.

– Claro que sim. Olá, Deb. Prazer em conhecer-te – digo, completamente ruborizada.

Fico com a cara ainda mais quente quando Deb salta da cadeira e bate palminhas de contentamento.

– Kayla! Ouvimos falar tanto de ti! Que bom conhecer-te!

Senta-te connosco!

– Oh, não. Não quero interromper o vosso jantar.

– Não sejas tonta. Não interrompes nada. Quero muito conhecer-te.

Ali parada, com a humilhação a pintar-me a cara de vermelho e Aidan a envolver-me o braço com a sua grande mão, Jake sorri para mim e

diz:

– Olá, Kayla.

– Jake.

– O sistema de segurança está a funcionar bem?

– Otimamente, obrigada.

– Ainda bem. – Ele olha para Aidan. – Vais sentar-te, ou o teu homem vai pegar em ti e levar-te para o meio da floresta?

– Não há como saber.

Aidan senta-me numa cadeira. Puxa outra para perto de mim. Depois põe os cotovelos em cima da mesa e fica a olhar para o meu perfil com a intensidade de um interrogador do FBI.

– Aidan? – pergunta Deb, com um ar confuso. – Está tudo bem?

Ele não responde, mas a tensão que tem no corpo é reveladora.

Olho para Deb e digo envergonhada:

– Ele está chateado comigo.

Obviamente espantada, olha para mim e para ele alternadamente.

– Porquê? Antes de ir lá fora atender uma chamada, estava literalmente a comentar connosco como eras espantosa!

Isto está a ficar cada vez melhor. Só quero esconder-me debaixo da mesa com vergonha, mas consigo esboçar um sorriso firme e responder-lhe:

– Não gostou de uma coisa que eu fiz.

Ela e Jake olham um para o outro, admirados, depois voltam a olhar para mim com as sobrancelhas levantadas.

Sinto-me a maior palerma do mundo.

Aclaro sonoramente a garganta e admito:

– Vi-o a vir para aqui com um braço em cima ti e pensei que estivessem juntos.

Ela dá uma gargalhada.

– Nós? Oh, querida, conheço este tipo desde a escola secundária. Ele é como um irmão para mim.

Jake põe um braço em cima da cadeira dela faz-lhe um sorriso indolente.

– Também me conheces desde a escola secundária. Achas que sou como um irmão para ti?

A sorrir, ela dá-lhe uma palmadinha nas pernas.

– Oh, está calado. Sabes o que quero dizer.

Eles dão um beijo afetuoso e Aidan continua a perfurar-me ardentemente com o olhar. Depois, inclina-se e murmura no meu ouvido:

– Estavas com ciúmes.

Viro a cabeça. Não há dúvida quanto ao significado do brilho nos seus olhos. Está muito próximo da decepção.

Quando mordo o interior da bochecha, ele faz um risinho e afasta-se.

Este risinho dá-me a esperança de que o castigo que vou receber por ter quebrado a promessa e lhe ter mentido não seja tão assim tão grave.

A empregada aparece com um tabuleiro com água para a mesa, depois pergunta se queremos bebidas ou aperitivos antes de fazer o pedido do jantar.

– Sim, por favor. Um whiskey com água. Pouca água – diz Deb.

Posso já dizer que me vou dar bem com esta mulher.

Peço um copo de vinho e Jake e Aidan pedem cerveja.

Quando a empregada se vai embora com o nosso pedido, Deb debruça-se sobre a mesa, sorrindo para mim com entusiasmo.

– Então, Kayla, ouvi dizer que és artista.

– Na verdade, ilustradora.

Enruga a testa.

– Não é a mesma coisa?

– Acho que sou uma artista comercial. Por oposição aos artistas das belas-artes.

– Quer dizer que ganhas dinheiro – comenta Jake, com uma pequena gargalhada.

– Nem por isso – respondo pesadamente. – Mas paga as contas.

– Tenho tanta inveja. Não tenho qualquer veia criativa –

diz Deb.

Jake bufa.

– Eu acho que tens. Todos os meses arranjás sempre histórias bastantes criativas quando chega o extrato do cartão de crédito e tens de explicar como é que gastaste tanto dinheiro na Amazon.

Deb abana a mão com desdém na direção de Jake.

– Já te disse, querido, tudo o que eu compro é absolutamente essencial.

– Explica-me como é que seis pares iguais de leggings pretas são essenciais.

Deb vira-se para ele indignada.

– Preferes que vá nua para as aulas de pilates?

Ele sorri-lhe.

– Eu prefiro que faças tudo nua.

Ela volta-se para mim com os lábios franzidos.

– Dez anos de casamento e ainda julga que é o coelhinho da Duracell.

Tento não me engasgar com o gole de água que estou a beber. Debaixo da mesa, Aidan aperta-me a perna. Não preciso de me virar para saber que tem um sorriso malicioso nos lábios.

A empregada regressa com as bebidas e aponta os pedidos. Depois de



se ir embora, Jake, Deb e eu fazemos conversa de circunstância enquanto Aidan nos observa em silêncio. A mão dele continua na minha perna, um lembrete quente do que terei de implorar mais tarde. E, depois, quando estiver sozinha, no que terei seriamente de pensar.

Dissera a Aidan que queria conhecê-lo melhor. Estar com ele para perceber até onde isto podia ir. Era a verdade, mas será que era toda a verdade?

Quero mesmo mais?

Se estiver a ser honesta comigo mesma... sim.

Pensar nisto assusta-me. Não compreendo como é que posso entrar de cabeça numa relação logo após a morte de Michael. O que é que isso diz acerca da pessoa que sou?

O que é que diz acerca do meu casamento?

Não quero saber as respostas destas perguntas. Mas para ser justa comigo e com Aidan, são perguntas que precisam de ser feitas.

– Não achas, Kayla?

De súbito, apercebo-me de que estão todos à espera que eu responda a uma pergunta de Deb. Mas estava tão perdida em pensamentos, que não sei qual foi. Olho à volta da mesa e começo a enrubescer.

– Peço desculpa. O quê?

Deb hesita. Quando olha para a minha mão esquerda, pousada sobre a toalha, dou-me conta de que estou a rodar a aliança à volta do dedo com o polegar. Ponho a mão debaixo da mesa e engulo em seco nervosamente, esperando que Aidan não esteja a ver, sabendo que é provável que esteja.

Por que raio ainda uso esta maldita coisa? Estou agarrada a quê?

Mais perguntas que precisam de respostas.

– Estava só a dizer que nós, mulheres, temos de ficar unidas – diz Deb gentilmente.

É óbvio que não era isto que ela estava a dizer. Está a ser amável, a fazer-me saber que percebeu que estou um caco, mas que me apoia.

Jake, por outro lado, olha para mim friamente. Não está a dar-me

quaisquer abébias. Vira-se para Aidan e pergunta-lhe como está a construção da casa, uma manobra óbvia para desviar a conversa noutro sentido.

Eles conversam sobre o projeto e eu estou sentada a ouvi-los num silêncio desconfortável, olhando de vez em quando para Deb para lhe fazer um ligeiro sorriso como resposta ao seu olhar preocupado.

Isto é um desastre. Eu sou um desastre. Nem sequer consigo conversar durante dez minutos sem fazer figura de parva. Provavelmente, envergonhei Aidan de todas as formas em que é possível envergonhar um homem, primeiro, assumi que a mulher do seu melhor amigo era uma mulher com quem dava umas quecas, depois, estou a brincar com a minha aliança e a divagar sobre o meu marido.

Não devia estar aqui.

No momento em que este pensamento me atravessa a mente, Aidan põe um braço em cima dos meus ombros e aperta-me.

Inundada por uma onda de emoção, engulo em seco e olho para baixo, a pestanejar rapidamente para fazer desaparecer as lágrimas dos olhos.

– Tenho de ir à casa de banho. Kayla, queres vir comigo?

– diz Deb.

A mulher é uma santa.

Aceno com a cabeça, agradecida, depois levanto-me e sigo-a, sentindo o olhar de Aidan nas minhas costas.

Assim que entramos na casa de banho das senhoras e fecho a porta, encosto-me ao lavatório e cubro a cara com as mãos, a respirar fundo.

Deb pousa uma mão no meu ombro.

– Não te castigues. Ele compreende.

Deixo cair as mãos e olho para ela, desamparada.

– Compreende o quê? Que sou imbecil?

Os olhos castanhos de Deb são tão amáveis quanto ela.

Sorri-me gentilmente e responde:

– Oh, querida. O Aidan também passou por muito. Ele sabe que a única maneira de superar é continuar até chegar ao outro lado. Vais chegar lá. Só precisas de confiar no processo.

Vira-se, entra num cubículo e tranca-se lá dentro. Fico a olhar para a porta até ouvir descarregar o autoclismo e ela sair.

– Ele contou-te tudo sobre mim – digo, enquanto ela lava as mãos.

Deb puxa uma toalha de papel do dispensador. Secando as mãos, acena em assentimento.

– Não é costume o Aidan gostar de alguém, por isso desculpa estar tão entusiasmada. Há anos que não saímos com ele e com outra pessoa.

Amarfanha a toalha de papel que usou e atira-a para o lixo, a seguir passa por mim e abre a porta da casa de banho.

– Vamos, amiga. Se estivermos aqui muito mais tempo, eles ficam preocupados e vêm à nossa procura. E acredita que não queremos ver isso acontecer.

– A parte de se preocuparem, ou a parte de virem à nossa procura?

Ela ri-se.

– Ambas.

Sorrio, a pensar que, de facto, gosto de quando Aidan vai à minha procura. Jogar às escondidas é um meu novo jogo favorito por causa dele.

Assim que nos aproximamos da mesa, Aidan e Jake param imediatamente de falar. Interrompemos uma discussão, a julgar pela linguagem corporal e pela tensão no ar. Eu e Deb sentamo-nos nos nossos lugares e depois há um longo e estranho silêncio em que ninguém diz nada nem olhamos uns para os outros.

Quando Jake fita a minha mão esquerda com desconfiança, suspeito do tema da discussão.

– Posso fazer uma pergunta, Kayla? – diz ele, de modo agressivo.

Aidan encara Jake com um olhar intenso.

– Esquece isso – avisa-o.

– Não, tudo bem – respondo. – Força.

Jake põe os braços em cima da mesa e aponta para Aidan.

– Este homem não merece que venham com cantigas para cima dele.

– Jake – diz Aidan, por entre dentes cerrados.

– Concordo, não merece – respondo. – Qual era a pergunta?

– O que é que estás a fazer?

– O que queres dizer com isso?

– Quero dizer: o que fazes com ele – faz uma pausa para direcionar o olhar para o dedo onde está a minha aliança –, quando é óbvio que és comprometida com outra pessoa?

Enfurecido, Aidan vira-se para mim.

– Não lhe respondas. – Vira-se para Jake. – Estás a ultrapassar os limites.

– Ele só está preocupado contigo – observo delicadamente.

– Não preciso que se preocupem comigo.

Aidan e Jake encaram-se e Deb põe a mão no braço do marido, dizendo gentilmente:

– Querido. Esquece isso.

– Esqueço o tanas! – responde Jake, num tom irritado. –

Ele é o meu melhor amigo. Já o vi a levar porrada da vida demasiadas vezes. Está finalmente numa fase boa, depois de anos com o pior do mundo. – Afasta-se de Deb e fixa-me com um olhar frio. – E depois apareceste tu.

Volta a olhar para o meu dedo com a aliança, de forma acusadora.

– Pelo amor de Deus, porra! – sibila Aidan.

A imitar o gesto de Deb, pouso a mão no braço tenso de Aidan. Com o coração aos saltos, olho diretamente nos olhos furiosos de Jake e respondo calmamente:

– Perguntaste o que é estou a fazer. Aqui está a resposta: o melhor que sei, como toda a gente. Passei por uma grande transição há pouco tempo. Ainda não a superei. Não sei quanto tempo vou levar a superá-la. Mas, entretanto, estou a descobrir como viver a minha vida. Levo um dia de cada vez, a perceber as coisas à medida que navego na confusão. Mas não tenho nenhum compromisso. Não há ninguém.

Volto-me para Aidan e ganho coragem.

– E o dia de hoje provou-me uma coisa. Ver-te com o braço à volta da Deb, pensar que estavas com ela... – Com um nó na garganta, engulo em seco. – Não quero que haja ninguém. Para nenhum de nós. Estou envolvida a um nível muito mais profundo do que imaginava e, para ser completamente franca, é muito assustador.

Os olhos de Aidan refletem uma emoção avassaladora.

Deb e Jake desaparecem. O restaurante desaparece. Fica tudo negro à nossa volta. Estamos só eu e Aidan, sentados lado a lado, a olhar para as almas expostas um do outro.

– Eu também. Tudo isso. Eu também – diz ele, numa voz rouca.

– Eu sei – sussurro, com os olhos cheios de lágrimas.

Segura-me o rosto com as mãos.

– Mas não precisas de ficar assustada. Se caíres, eu apanho-te. Apanhar-te-ei sempre.

Aidan despedaça-me e cola-me de novo, tudo com um beijo.

– Bem, porra. Acho que eu é que sou o parvalhão – resmunga Jake.

– Compensas pagando o jantar a todos – diz Deb. – Ah, e aí vem a empregada com os aperitivos! Momento perfeito.

Vamos comer, pessoal.

Depois de Aidan se afastar de mim, vislumbro uma figura familiar no grande espelho retangular atrás da nossa mesa.

Um homem alto e esquelético vestido com uma gabardina cinzenta e com um chapéu puxado até aos olhos está perto da porta de entrada do restaurante. Embora não lhe consiga ver os olhos, sinto que olha na

minha direção.

Quando me volto para olhar para o sítio onde o vi, já não está lá.



29

–Kayla? Estás bem?

Aidan olha por cima do ombro, seguindo o meu olhar. Viro-me rapidamente para a mesa e forço um sorriso.

– Julguei ter visto alguém que conheço.

Não é mentira. E não vou admitir que esse alguém que vi pode ser um fantasma ou não, por isso, mantenho este sorriso estúpido na cara até as palpitações do coração regressarem ao normal e a gritaria dentro da minha cabeça cessar.

Os fantasmas não existem. Os fantasmas não existem. Os fantasmas não existem.

Meu Deus, por favor, faz com que os fantasmas não existam.

Começamos

nos

aperitivos.

Conversamos

corriqueiramente. Pedimos entradas e comemos. Não me lembro quase nada do resto do jantar porque tenho a cabeça ocupada a tentar resolver o enigma de quem poderá ser o homem da gabardina, se não for uma aparição proveniente da outra dimensão para me perseguir pela cidade.

Preciso mesmo de ir a um psiquiatra.

Quando terminamos o jantar e nos despedimos de Deb e Jake, Aidan acompanha-me para fora do restaurante com a mão à volta do meu braço.

– Depreendo que não vou dormir a casa esta noite –

comento, enquanto me guia na direção da carrinha dele.

– Tens sorte se alguma vez voltares a casa.

Ai, caramba. Julgo que estou metida em sarilhos. Acho que o beijo que demos à mesa não resolveu o que acontecera horas antes.

– Deixei a minha mala no carro – digo com nervosismo.

Encara-me com um olhar intenso e a energia a crepitar.

– Esquece a mala. Tens coisas mais importantes com que te preocupar.

Tenho a certeza de que o meu engolir em seco foi audível.

A viagem até ao apartamento dele é tensa e silenciosa.

Começo a abrir a boca para dizer qualquer coisa, mas fecho-a logo, pois é um desperdício de palavras. Quando chegamos a casa já está escuro e a começar a chover.

Ele estaciona, desliga o motor e vira-se para mim com os olhos a brilhar.

Não diz nada, por isso começo primeiro.

– Desculpa não ter sido honesta quando me perguntaste o que se passava.

Ele espera mais qualquer coisa, num silêncio ardente.

– Devia ter dito a verdade, mas... estava magoada. E

zangada. E a sentir-me uma tonta.

– Prometeste que não me ias mentir.

– Eu sei. Desculpa – murmuro.

– Eu acredito. Mas o que vai acontecer numa próxima vez? Se eu te fizer uma pergunta e não me quiseses responder? Vais mentir-me novamente?

Como não sinto confiança para falar por estar demasiado emocionada, abano a cabeça.

– Não, pensa bem antes de responderes. Achas que não consegues confiar em mim?

Olho para os chuviscos que caem no para-brisas e engulo as lágrimas.

– É em mim que eu não confio. Tenho um nó na cabeça.

Não sei o que se passa comigo. Só sei que te quero. Quero-te mais do que tudo, e não entendo como é que isto

aconteceu tão depressa.

Ele aproxima-se do meu banco e pega-me na mão.

Apertando-a firmemente, murmura:

– Comigo é o mesmo. Estou tão assustado como tu, coelhinha, mas não vou deixar que isso me impeça de aproveitar cada segundo, caramba. Foste a melhor coisa que me aconteceu em toda a vida.

Oh, céus. Está a dar cabo de mim. Vou sucumbir aqui mesmo, sentada no banco da carrinha.

Cubro a cara com as mãos. Ele arrasta-me pelo banco com os seus braços. Ficamos sentados em silêncio, apenas interrompido pelo som da chuva que cai no tejadilho.

– Pronta para o castigo? – pergunta ele numa voz áspera, após um longo momento.

Um arrepio percorre-me a espinha.

– Sim, senhor – respondo em voz baixa.

Beija-me na têmpora, depois sussurra-me no ouvido:

– Linda menina.

O que acontece no meu corpo quando ouço estas palavras não pode ser normal. Há formigueiros, estremecimentos, arrepios, tudo.

Mas tudo para subitamente quando Aidan me larga e liga novamente a ignição.

– O que estás a fazer? – pergunto, confusa.

A sua única resposta é tirar o carro do lugar de estacionamento e



arrancar estrada fora.

– Aidan?

– Vou levar-te ao teu carro.

– O quê? Porquê?

– Vais para casa.

– Não estou a perceber. Porque é que vou para casa?

Ele continua a conduzir silenciosamente pela chuva.

– Porque é o meu castigo – concluo num tom triste.

– Eu disse que te ia dar aquilo de que precisavas, que pode não ser o que queres. Neste momento, precisas de espaço – diz ele, sem tirar os olhos da estrada.

– Eu preciso é de ti – observo em voz baixa, com o coração na garganta.

A estremecer como estivesse com dores, ele abana a cabeça.

– Não quero que olhes para trás e que penses que apressámos as coisas. Não quero que te arrependas. De nós. Portanto, vamos abrandar e continuar devagarinho.

– Acho que é demasiado tarde para ir devagarinho.

Encara-me. Mesmo na escuridão do carro, o seu olhar é tão intenso que arde como fogo. Quando se volta para olhar a estrada, leva com ele todo aquele calor, deixando-me gelada. Quando chegamos ao restaurante e ele estaciona atrás do meu carro, os meus dentes estão a bater.

Como o motor ligado, afaga-me a cabeça e a parte de trás do pescoço.

– Vai lá – diz brandamente.

– Porque é que acho que nunca mais te vou ver?

– Porque és muito dramática. Agora pega nesse rabo maravilhoso e sai da carrinha, coelhinha. Liga-me quando estiveres com as ideias mais claras.

– Ideias mais claras? – A emoção faz com que pergunte em voz alta e firme. – O que é que isso quer dizer?

Aproxima-se, agarra-me a cara e olha-me diretamente nos olhos.

– Quando conseguires tirar a aliança, vais ficar com as ideias mais claras. Até lá, eu não te ajudaria em nada, só ia turvar ainda mais as águas.

Com a boca fechada, dá-me um beijo firme nos lábios.

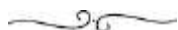
Quando se afasta, leva o meu coração com ele.

– Agora vai – ordena num tom áspero e a olhar para o para-brisas. – Quando estiveres preparada, sabes onde me encontrar.

A controlar-me para não chorar, com a cara enrubescida e o coração a palpar, digo:

– Não me quero ir embora assim.

– Eu sei.



– Acho que podemos resolver isto de outra forma.

– Eu acho que não.

– Aidan, por favor!

– Sai do carro, Kayla.

O meu lábio inferior treme como se fosse uma criança.

Tenho um grito de angústia preso no peito que me impede de respirar. Olho para o perfil de Aidan, mas ele não me devolve o olhar. Apenas fita a chuva com uma mão a agarrar com força no volante e um músculo a latejar no maxilar.

Faço das tripas coração para conseguir pôr a mão no puxador da porta. Só quero atirar-me a ele e agarrá-lo bem, mas sei que isso não me levaria a lado nenhum.

Quando Aidan toma uma decisão, não há volta a dar.

Abro a porta, saio e fico no passeio à chuva, a olhar para ele.

Ele baixa a cabeça e expira profundamente. Não olha para mim e sussurra em voz rouca:

– Caramba, coelhinha. Vai lá, porra.

Empurro a porta, que se fecha com um som oco. A carrinha sai de junto do passeio, ganha velocidade, passa por uma esquina e desaparece de vista.

Inclino o rosto na direção do céu, fecho os olhos e deixo a chuva misturar-se com as lágrimas.

Não durmo durante toda a noite. Estou acordada na cama, a olhar as sombras que brincam no teto, a ouvir a chuva a bater nas vidraças, com a cabeça cheia de Aidan e o coração a doer com a sua perda.

Poderia ligar-lhe, mas ele não atenderia. Poderia ir ao apartamento dele, bater à porta, mas ele não abriria.

Poderia escrever-lhe uma carta a pedir-lhe e a implorar-lhe, mas sei que receberia silêncio como resposta.

Ele está a fazer isto por mim, por nós, mas caramba, dói muito.

O remédio mais forte é sempre o que tem o sabor mais horrível.

De manhã, arrasto-me para fora da cama e obrigo-me a trabalhar. As horas passam tão lentamente que parecem anos. Às três da tarde, estou num tal estado que desisto de trabalhar e vou ao edifício onde fica o consultório de Dr.

Letterman, decidida a marcar uma consulta.

A caminho de lá, reparo no letreiro de um médium. Por impulso, encosto o carro e paro.

«Leituras da Destiny», anuncia a placa em néon cor-de-rosa. Reluz de uma janela de uma encantadora casinha amarela com detalhes em branco. Por baixo da placa, está gravado o desenho tosco de uma bola de cristal a flutuar entre duas mãos. Logo abaixo, em stencil, estão as palavras: «Apenas Hoje, Promoção 10 \$!»

Embora ache que este póster esteja na janela sempre, julgo que dez dólares é um preço suficientemente baixo para que uma mulher chamada Destiny me leia a sorte.

No mínimo, fico com uma história engraçada para contar.

Ao percorrer o caminho de pedra em direção à porta da casa, ouço um espanta-espíritos e o cheiro doce do incenso entra-me pelo nariz. A sentir-me ligeiramente palerma, toco à campainha. Um momento depois, vem à porta uma mulher idosa, baixa, com uma cara cheia de rugas e vestida com um fato de treino roxo e sapatilhas roxas de couro Air Jordans.

– Olá – cumprimento com um sorriso nervoso. – Passei aqui e achei que podia fazer uma leitura.

Depois de olhar para a esquerda e para a direita, a mulher fecha a porta na minha cara.

Interpreto isto como um sinal do universo que me diz que devo abandonar esta missão ridícula, por isso viro as costas e começo a andar. Mas a porta abre-se novamente e ouço a voz de uma mulher chamar:

– Oláaaaa! Oláaaaa!

Volto-me e, à porta da casa, vejo uma versão muito mais nova da mulher anterior. Também é baixa, mas o cabelo unido num monte entrançado no topo da cabeça é preto, não branco e, em vez de um fato de treino roxo, usa um vestido solto azul-petróleo e dourado com flores.

Tem vários colares de plástico Mardi Gras à volta do pescoço. Os seus braços, dos pulsos aos cotovelos, são decorados por pulseiras douradas. O batom é vermelho-vivo e o verniz das grandes unhas postiças é cinzento cintilante. Pequenas imitações de diamante pontilham o seu penteado, fazendo-o parecer a decoração da árvore de Natal.

Preciso de uma quantidade significativa de autocontrolo para manter uma cara séria.

Ela acena-me com os dedos e sorri. Num sotaque xaroposo do sul, que creio não ser verdadeiro, diz:

– Entre, querida.

– Estão abertos? A outra senhora não pareceu muito recetiva.

– Não se preocupe com a Mamã. – Sacode a mão fazendo os seus anéis brilhar com a luz. – Já não ouve nem vê bem.

Tento vir à porta antes dela, mas a mulher é ágil como uma cabrinha. Entre, entre!

Decido que o entusiasmo dela compensa o facto de ter levado com porta na cara e aceito o convite.

Ligeiramente ofegante, fecha a porta depois de eu entrar, depois encaminha-me para uma sala no corredor com o entusiasmo a escorrer-lhe dos poros.

Tenho a sensação de que não tem muitos clientes numa terça-feira à tarde.

Ou de que alguma vez tenha tido.

– Sente-se, querida – instrui, apontando para uma pequena mesa redonda forrada a veludo preto e rodeada por cadeiras estofadas com veludo dourado e castanho. Em

cima da mesa, está um baralho de cartas e uma bola de cristal sobre um pequeno suporte prateado.

A divisão está decorada com o que imagino ser a decoração de típica do salão de uma vidente. Um lenço vermelho pendurado sobre o abajur com franjas de um candeeiro de pé. Uma estante alta de vidro com uma coleção impressionante de cristais. Na janela, um par de cortinados em brocado de seda dourado-metálica, presos por borlas, dão ao espaço um certo charme piroso, bem como os tapetes no chão de madeira, já puídos em algumas partes, mas que ainda assim são elegantes.

Há vários mapas astrológicos incompreensíveis que enfeitam as paredes, juntamente com uma citação de Henry David Thoreau: «O que importa não é o que se olha, mas o que se vê.»

Perto da citação de Thoreau, está um quadro vagamente perturbador de Jesus, com uma cavidade aberta no peito a expor o coração sangrento e incrustado de espinhos, os olhos suplicantemente virados para o Céu.

Sento-me à mesa, a inspirar o aroma inebriante de pachuli, enquanto procuro algum vestígio da minha sanidade mental.

Céus, onde é que me fui meter?

A minha anfitriã não me dá tempo para pensar no arrependimento.

Senta-se do lado oposto ao meu e anuncia:

– Sou a Destiny. E tenho muito gosto em conhecê-la.

Agora, diga-me porque está aqui.

– Quero uma leitura psíquica, acho?

Franze o nariz.

– Oh, querida, não precisa de me fazer um desenho. Eu sei que está aqui porque quer uma leitura! A pergunta é: porque é que quer uma leitura? Conte-me o que se passa na sua vida.

– Não é suposto o seu trabalho dizer-me o que se passa?

– Sim, sim, mas preciso de uma pergunta para o tarot. –

Ela aponta para o baralho de cartas em cima da mesa. – A leitura tem de ser feita com uma intenção, entende? Há um processo para isto. Temos de o fazer bem.

– Claro – respondo com o que imagino ser o devido respeito. – Hum, bem, acho que a pergunta pode ser... O

que é que devo fazer?

Com um ar de acusação, Destiny bate as pestanas falsas na minha direção.

– Enquanto limpo as cartas, pode pensar em como tornar essa pergunta em algo mais específico.

Ela continua a conduzir um ritual elaborado de

«limpeza» das cartas, que inclui soprar no baralho, dispor vários cristais em cima dele enquanto diz entre dentes palavras inteligíveis. Quando termina, baralha as cartas, bate três vezes a borda inferior contra o tampo da mesa para o endireitar e depois põe o baralho à minha frente com um floreado teatral.

Olho atentamente para o baralho de grandes cartas, à espera de ver um olho a fitar-me por entre as videiras retorcidas ilustradas nos versos.

Enquanto penso no que quero exatamente perguntar, Destiny vai à janela e fecha os cortinados, deixando o espaço carregado e

ligeiramente sombrio. Depois lembro-me de que Aidan disse que precisava de ter as ideias mais claras, e aí percebo.

Tenho passado tanto tempo em luto, a olhar para trás em vez de olhar para a frente, que descurei a atenção na única coisa que me poderá trazer paz.

Deixar ir.

Destiny volta a sentar-se.

– Já tem a pergunta, querida?

– Sim.

– Pergunte ao tarot.

– Como é que sigo em frente depois do meu marido?

– Ótimo. Parta o baralho ao meio, depois volte a juntá-lo e a seguir espalhe as cartas em meio círculo.

A voz dela é apressada, agora. O seu nível de entusiasmo parece ter aumentado. Mesmo no escuro, consigo ver gotas de suor na parte de cima lábio superior.

Depois de ter seguido as suas instruções, ela diz:

– Agora escolha três cartas, ponha-as à sua frente, da esquerda para direita, virando-as enquanto estão no baralho e sem as deixar voltadas ao contrário.

Demoro algo tempo a perceber o que tenho de fazer porque tenho o cérebro em papa. Mas consigo cumprir a tarefa, para gáudio dela.

Pelo menos, julgo que está contente. Também pode estar a ter um ataque cardíaco.

A sua única reação visível são os olhos esbugalhados, mas há algo de arrepiante na sua fixação. Passou de animada para paralisada em apenas alguns segundos e isso é desconcertante.

Seguindo o seu olhar, olho para as cartas que escolhi.

A da esquerda, tem uma pessoa deitada no chão com uma fila de espadas espetadas nas costas. A do meio, retrata um casal nu, debaixo de uma árvore, com as mãos dadas, mas a carta está virada para

Destiny, não para mim.

A que está à direita é a mais esquisita. É um esqueleto virado de pernas para o ar vestido com uma armadura, em cima de um cavalo, e com uma foice na mão ossuda e, caramba, é realmente arrepiante e não ajuda em nada o meu estado mental.

Olho para Destiny.

– Então, o que é que isto significa?

– Tem dois Arcanos Maiores, o que só por si já é significativo – diz, na sua voz sussurrada. Aponta para o esqueleto assustador e para o casal nu. – O Arcano Maior representa as influências cármicas e o que acontece na viagem da alma a caminho da iluminação. Isto são lições importantes que lhe estão a ser pedidas para processar.

Mas quando estão invertidos, significa que não está a prestar atenção. E aqui, ambos os Arcanos Maiores estão invertidos. Isto é um conjunto muito complexo.

Já não estou a gostar disto.

– Por complexo, quer dizer mau?

Destiny não responde à pergunta e aponta para a carta com o tipo que tem as espadas nas costas.

– A carta à sua esquerda é o seu passado. É o Dez de Espadas. As espadas implicam uma energia masculina poderosa que lida com a mente. Como a tirou na posição vertical, indica crises, perdas, feridas profundas, fins dolorosos...

Levanta a cabeça e olha para mim.

– Traição.

Sinto um arrepio na nuca.

Aponta para o casal nu.

– A carta do meio é o seu presente. Tirou Os Amantes, que normalmente representa um equilíbrio de forças, energias complementares, confiança numa relação, harmonia e força. Mas está invertida, o que indica desarmonia e desequilíbrio. O que está a acontecer na sua vida amorosa vai provocar-lhe um grande sofrimento.



Espetacular. Simplesmente espetacular, caramba. Nem um estúpido baralho de cartas me dá descanso.

Destiny aponta para a carta à minha direita, o esqueleto com a armadura em cima do cavalo.

– Esta carta representa o seu futuro.

Não acrescenta mais nada.

– E? Significa o quê? – pergunto, impaciente.

– Morte – responde simplesmente.

Fitamo-nos, e o relógio faz o tiquetaque na parede e o meu coração começa a descontrolar-se.

– Mas está ao contrário. Não quer dizer que é vida, ou algo assim? Quando está invertida não significa o oposto? –

contraponho, desesperada por boas notícias, por mais ínfimas que sejam.

Ela abana a cabeça, fazendo os ornamentos do penteado tremer.

– A Morte é uma carta muito incompreendida. Não está apenas relacionada com o fim da vida. Também significa novos começos, transformação e mudança. Metamorfose de um estado para o outro. Quando a carta está invertida, significa que há resistência à mudança. Houve um grande transtorno na sua vida, mas não consegue abandonar o passado. E quanto mais se recusa abandonar o passado, mais dolorosa a sua situação se torna. Tem de se livrar da carga

antiga

antes

de

ser

afundada

por

ela

permanentemente.

Livrar-me da carga? Como um clister emocional?

Atordoada, recosto-me na cadeira e expiro.

– Por vezes, ajuda tirar uma carta de seguimento, para entender melhor o que a carta da Morte quer que se livre?

– acrescenta Destiny com gentileza.

Olho para o baralho de cartas em leque e penso que talvez seja melhor cortar um dedo com uma faca de uma lâmina pouco afiada do que continuar a ouvir mais comentários deprimentes.

– Força – insiste. – Vai ser bom para si.

Suspiro profundamente pelo nariz.

– Bom como ir ao dentista?

– Escolha uma, querida.

Bem, merda. Ao menos que faça valer os dez dólares.

Hesitante, ponho a mão em cima do baralho, tentando obter qualquer sinal cármico. Como não acontece nada, escolho uma ligeiramente afastada das outras e ponho-a sobre a mesa com a face para cima e à direita da carta da Morte.

– Ah. O Mágico.

Destiny parece contente, o que me faz sentir melhor.

– Isso é bom?

Ela encolhe os ombros.

– Bem, é outro Arcano Maior, e invertido, por isso é complicado.

– Claro que é.

– Mas resumindo, significa que tem de abandonar as suas ilusões – diz, ignorando o meu tom derrotado.

Franzo as sobrancelhas.

– Ilusões acerca de quê?

Destiny olha para mim. Há qualquer coisa de muito triste nos seus olhos.

– Só você é que consegue responder a essa pergunta, querida. Perguntou ao tarot como é que segue em frente depois do seu marido. O meu conselho, com base nesta leitura, é que perceba exatamente ao que é que se agarra. –

Ela dá um toque no Dez de Espadas. – Há uma traição aqui.

Talvez tenha a ver com isso.

Abano a cabeça.

– Não, isso não faz sentido. O Michael nunca me trairia.

– Tem a certeza?

Surge-me a memória daquela festa do trabalho de Michael, num feriado, em que uma mulher lhe chamara cretino. Sharon, Karen, ou algo assim, a mesma mulher que chorava atrás de mim no funeral dele.

Penho essa memória de parte e digo com firmeza:

– Tenho a certeza. Tem de estar relacionado com outra coisa.

Destiny fita-me, não só como se soubesse todos os meus segredos, mas também como estivesse muito incomodada com eles.

– Está bem, querida. Você é que sabe. Reflita um pouco sobre isso quando sair. Pense bem. E entretanto, eu rezo por si.

Por que raio toda a gente diz que vai rezar por mim? A Fiona disse a mesma coisa, bolas!

Irritada, levanto-me. Nesse momento lembro-me que deixei a mala no carro.

– Desculpe, mas tenho de ir ao carro buscar o dinheiro.

Destiny também se levanta, dobrando as mãos sobre a cintura e a sorrir-me.

– Oh, não lhe vou cobrar nada, querida. A leitura fica por minha conta.

Então agora tenho o tal desconto da pena, como aquele que Eddie, o faz-tudo, me deu. Devo estar muito pior do que penso, a julgar pela caridade a que a minha cara apela.

– Obrigada. É muito simpático da sua parte.

Recuo um pouco, ansiosa por sair desta casa. Destiny não se oferece para me acompanhar à porta. Apenas fica de pé, com um sorriso triste na cara, a fazer-me sentir pior do que quando aqui entrei.

Ao fechar a porta atrás de mim, grita:

– Boa viagem, querida!

De alguma forma, de tudo o que ela disse, isto foi o mais sinistro.



30

Caro Dante,

Como vê, a curiosidade que tenho acerca de si venceu. Espero que esta carta o encontre bem. Eu não estou muito bem. Na verdade, acho que me senti mal e aterrei redonda na Cidade dos Loucos, Estados Unidos, onde neste momento me candidato a presidente da Câmara.

Alguma vez sentiu que não consegue controlar a sua vida? Como se fosse uma marioneta a dançar indefesa, puxada para um lado e para o outro por fios manipulados por forças invisíveis?

É assim que me sinto. Desamparada. Perdida no meio de uma tempestade.

E ligeiramente mais patética, porque a única pessoa com quem posso falar dos meus problemas é alguém que não conheço. Que está encarcerado numa prisão por motivos que desconheço. Que pode ser um assassino em série, tanto quanto sei. (Não era uma boca, só estou a constatar factos.)

Talvez seja melhor assim. Duvido que comentasse com alguém conhecido que uma vidente chamada Destiny disse que tenho uma

carga emocional, que a minha empregada doméstica me está a tentar convencer de que estou a ser assombrada, e que estou seriamente a ponderar a ideia de fazer uma sessão

espírita, porque, neste momento, não há nada

«normal» que faça sentido. O «normal» acabou quando o meu marido morreu.

Além disso... estou a apaixonar-me.

Só me tinha acontecido uma vez, por isso não sou propriamente especialista no assunto. Tudo o que sei é que me sinto incrível quando estou com ele e que me sinto na merda quando não estou. Adoro fazê-lo sorrir e detesto deixá-lo triste. O que, infelizmente, é algo para o qual tenho apetência.

Estou muito confusa, Dante. Tem algumas palavras sábias que possa partilhar comigo?

Atenciosamente,

Kayla



31

Querida Kayla,

Perguntaste se tenho palavras sábias para partilhar contigo. A resposta é sim. Aqui estão:

Não estás a controlar a tempestade e não estás perdida no meio dela. Tu és a tempestade.

Adoraria ficar com os créditos desta frase, mas é de um escritor chamado Sam Harris. Ele diz que o livre-arbítrio é uma ilusão, o que, com certeza concordarás, é uma ideia bastante deprimente. No entanto, e desconsiderando o posicionamento filosófico rigoroso, gosto realmente da perspetiva de que o caos não está fora de nós. Está sempre no nosso interior, mesmo que percecionemos o contrário.

Tu és o caos. Tu és a tempestade. És apenas tu que crias as grandes ventanias e os mares revoltos que tens de navegar. És a origem de tudo o que está a acontecer.

Por outras palavras: quem tem o poder és tu.

A pergunta que se coloca, então, é: o que vais fazer com ele?

Sam Harris diria que deturpei completamente o argumento dele e que não faço ideia do que estou a dizer, mas não lhe vamos dar ouvidos.

Ouve-te, Kayla. Para e ouve-te realmente.

Tu és a tempestade.

O que é que todos os teus relâmpagos e trovões te dizem?

Dante



32

S-e soubesse o que todos os trovões e relâmpagos me dizem, não te pedia conselhos! – digo irritada para a carta na minha mão.

Talvez Dante tivesse sido preso por irritar criminalmente alguém.

De qualquer modo, porque é que me sinto impelida a pedir-lhe conselhos? O homem é a definição perfeita de críptico. Claro que a curiosidade tem o importante papel de fazer com que continue a comunicar com ele, porém, há algo mais. Uma qualquer razão inerente que não identifico.

Algo quase... inescapável. Inevitável.

Como se a nossa troca epistolar fosse regida pelas estrelas.

Com um suspiro de frustração, ponho a carta em cima da mesa de trabalho e olho tristemente pela janela para a tarde chuvosa.

Mais chuva, caramba. É como se a meteorologia estivesse a arquitetar um plano macabro para me deixar ainda mais enlouquecida do que já

estou.

Já passaram duas semanas desde a última vez que falei com Aidan. Cada dia é mais triste e deprimente que o outro. Desenvolvi um caso grave de insónias, a juntar aos outros problemas todos, e ainda não encontrei um terapeuta.

Naquele dia em que fui ao edifício onde Eddie disse que o consultório do Dr. Letterman ficava, não havia nenhum Dr. Letterman na lista.

Seja como for, não sei porque é que pedi ajuda àquele janado do Eddie. Já só lhe deve restar uma célula do cérebro a funcionar.

Embora não esteja em posição de julgar ninguém. Tenho bebido tanto vinho que devia comprar ações na indústria vinícola.

Ouçõ o som de uma gargalhada e levanto a cabeça para olhar pela janela. Mais outra gargalhada, viva e fervilhante, mas não vejo ninguém lá fora, no jardim. Curiosa, vou à janela e espreito.

À minha frente, vejo o rapazinho louro com o impermeável vermelho a correr na relva.

Arquejo e encosto-me à parede. O meu coração salta.

Sinto torrentes de adrenalina nas veias que me deixam a tremer.

Antes disto, se alguém me tivesse dito que a visão de uma criança feliz me deixaria tanto terror na alma, ter-me-ia rido na cara dessa pessoa. O tipo da gabardina não me mete tanto medo.

Ele não é um fantasma. É demasiado feliz para ser um fantasma. A Fiona não tinha dito que os espíritos encurralados nesta dimensão são tristes?

Em pânico, digo a minha mesma que estou a ser ridícula, mas não ajuda.

Subitamente, tenho um pensamento tão horrível que me paralisa o coração.

Será a criança que abortei?

Estarei a ser assombrada pelo espírito do meu filho morto?

Sei que isto não faz sentido. O meu filho ainda não tinha nascido, muito menos crescido. Mas, o que sei eu de fantasmas? Talvez

continuem a crescer e se tornem na pessoa que teriam sido se estivessem vivos?

Mas, aonde é que vão buscar a roupa? Terá este miúdo ido a alguma loja de roupa infantil do além comprar o pequeno casaco de chuva vermelho e as botas amarelas?

– Para, Kayla! Não é um fantasma. Agora vai lá fora e procura a mãe dele! – resmungo, cobrindo os olhos com uma mão.

O som da minha voz ameniza um pouco o pânico, o suficiente para entrar em ação. Endireito os ombros, respiro fundo e volto à janela.

O rapazinho está a poucos metros de distância, a olhar diretamente para mim.

Fitamo-nos através do vidro. O meu coração parece que vai partir-me as costelas. Bate tão depressa que fico sem ar.

Porque está tão assustado?

O menino aponta para mim. Solta um grito alto e horripilante com a boca completamente aberta e os olhos azuis esbugalhados de terror.

Depois, vira-se e foge, desaparecendo de vista.

Permaneço espedada onde estou, a hiperventilar, até a raiva se apoderar de mim.

– Vai lixar-te também, garoto! – grito para a janela.

Imediatamente, ponho a mão na boca. Não posso ser daquelas senhoras que grita às crianças que brincam no jardim. Tínhamos uma dessas no nosso bairro e toda a gente a odiava.

Corro pela casa em direção à porta das traseiras. Abro-a, vou ao alpendre e olho em volta, para o jardim. Também não há sinais do rapazinho. Corro para o lado esquerdo da casa e procuro-o, mas também não vejo ninguém. A seguir, vou na direção oposta, com a minha respiração a formar uma nuvem branca no ar frio.

Não há sinal dele do outro lado da casa. Não está no jardim da frente. Não está escondido atrás dos arbustos nem a correr pela rua.

Dissolveu-se no ar.

Estou na entrada de acesso à casa, molhada da chuva e a tremer, e



sinto uma presença atrás de mim. Quando me viro para trás, não vejo ninguém.

Depois, olho para cima, para o primeiro piso.

Pela janela do quarto principal, o rapazinho está a olhar para mim.

Os fantasmas não existem. Os fantasmas não existem. Os fantasmas não existem.

– Fica aí – grito, com a chuva a bater-me na cara.

Ele afasta-se da janela e deixo de o ver.

Cerrando os dentes, corro para dentro de casa, subo as escadas de dois em dois degraus em direção ao primeiro piso e entro de rompante no quarto principal.

Está vazio.

Procuo por todo o lado, em cada canto de cada esquina, mas o sacaninha não está em lado nenhum.

Quando vejo as gravações da câmara só aparecem interferências.

Profundamente

abalada

pelo

encontro,

ando

obsessivamente pela casa a verificar as fechaduras, a fechar os cortinados e, de modo geral, a agir em conformidade com a paranoia que toma conta de mim.

Presumo que o rapaz tenha entrado pela porta das traseiras, depois de eu ter vindo de lá, mas não encontro uma explicação para como saiu. Deveria tê-lo encontrado nas escadas, mas não.

Dissolveu-se literalmente no ar.

Telefonaria a Jake para instalar mais câmaras dentro da casa, mas tendo em conta o que aconteceu no último encontro, não acho boa

ideia.

Portanto, sirvo-me um copo de vinho, fecho-me na casa de banho e preparo um banho. Aninhada em bolhas de espuma, seguro no copo de vinho cheio com as mãos trémulas e tento situar o momento exato em que comecei a perder o juízo.



Porque já não é possível convencer-me de que tenho uma compreensão sólida da realidade. Se estou a pensar que sou assombrada pelo fantasma de uma criança de cinco anos, perdi o controlo.

Quando as luzes por cima do toucador piscam três vezes, contenho um soluço e emborco o vinho. Preciso tanto de Aidan que quase morro de dor.

Nessa noite, sonho que me estou a afogar.

É tão real e horrível. Acordo a suar com um grito entalado na garganta.

Nas três noites seguintes, tenho o mesmo sonho. No domingo de manhã, estou um farrapo. Não consigo trabalhar nada. Qualquer pequeno barulho na casa me assusta como o caraças. Quando ligo a máquina de secar, o cheiro a queimado mudou para um cheiro pútrido, como esgotos.

Só que, no meu estado nervoso altamente deturpado, cheira a carne podre.

Quando procuro a origem do cheiro, não a encontro.

Ligo a televisão e ela desliga-se sozinha. Todas as rajadas de vento no exterior deixam uma corrente de ar frio pela casa, fazendo os cortinados agitarem-se e sussurrarem.

Pelo menos julgo que é isso que emite um som sussurrante, mas tenho demasiado medo para ir confirmar.

Estou tão ansiosa e assustadíssima que quando uma mosca pousa no meu braço, grito.

Desesperada por contacto, envio uma mensagem a Aidan.

Tenho saudades tuas.

Demora tanto tempo a responder, que acho que nunca o vai fazer. Contudo, chega uma mensagem dele com um pequeno toque que faz o meu coração pulsar na garganta.



Também tenho saudades tuas.

Envia também o emoji do coelho. Por algum motivo estranho, isso faz com que os meus olhos se encham de lágrimas.

Posso ir aí?

Desta vez a resposta é imediata.

Ainda usas a aliança?

Não.

Tiraste-a antes de me responderes?

Merda. Porque é que é tão insuportavelmente inteligente?

Por favor, Aidan. Preciso de te ver. Por favor.

Lamento, coelhinha.

Olho para o ecrã a morder o lábio. Não parece estar a lamentar muito. Talvez precise de melhorar a oferta.

Posso, por favor, ir aí... mestre?

O telemóvel permanece em silêncio.

Pergunto-me se lhe deva enviar fotos das nádegas ou dos seios, mas a ideia de tirar uma série de fotografias de mim nua que não me favorecem, numa tentativa de desesperada de encontrar uma razão suficientemente boa para fazer com que um homem me dê autorização para correr para os seus braços, deixa-me ainda mais deprimida.

Como cheguei a este ponto? Que raio me aconteceu?

Quando a campainha toca e encontro a entrada vazia, decido que a única coisa lógica a fazer é embriagar-me.

Se estou a enlouquecer, não vale a pena estar sóbria.

– Kayla, Kayla, está a ouvir-me?

Abro os olhos e vejo Fiona dobrada sobre mim com uma expressão preocupada. É de manhã, aparentemente, segunda-feira de manhã, e estou deitada no sofá da sala

com uma dor de cabeça lancinante e um sabor na boca semelhante a cinzas.

– Céus – diz num riso abafado. – Está numa linda figura.

Apanhou uma piela durante o fim de semana, não foi, querida?

– Foi mais do que uma piela. – Levanto-me. A sala anda às voltas, e o meu estômago acompanha o movimento.

Ponho a mão na boca e faço um som, um arrotto pouco digno de uma senhora.

– Está tudo bem?

– Oh, sim, tudo magnífico. Absolutamente fantástico.

Ela contrai os lábios e olha-me com um ar desaprovador.

– Devo dizer que o sarcasmo não lhe fica nada bem.

– Tem de me dar um desconto. Percebi recentemente que o meu cérebro me abandonou. Pior, percebi que provavelmente me abandonou há já algum tempo.

– Não há nada de mal com o seu cérebro, minha querida.

Agora, levante-se do sofá e anime-se. Não gosto de a ver abatida.

– Não estou abatida – resmungo, sabendo que é exatamente assim que me sinto.

Depois de Fiona virar as costas para se afastar, pergunto:

– Será que posso pedir-lhe um conselho?

Admirada, volta-se para mim.

– Claro. Diga.

Expiro e ponho as mãos no cabelo. Dobro-me, pouso os braços sobre as coxas e fito a carpete para organizar os pensamentos.

– Quando alguém diz que está a dar-lhe espaço, mas não quer esse espaço, o que faz?

– Está a querer dizer que lhe fecharam uma porta, mas quer abri-la?

Aceno afirmativamente com a cabeça, gostando da metáfora.

Quando levanto a cabeça para olhar para ela, encontro um olhar afável e compreensivo.

– Minha querida. Bate à porta – responde gentilmente.

Naquele momento, a campainha toca.

Fiona sorri.

– Ou toca à campainha. Eu vou lá.

Depois de ela se virar para se dirigir à porta, grito-lhe:

– Não vai estar ninguém!

– Nunca se sabe – responde num riso abafado, como se estivesse divertida com uma piada privada. Sai da sala. Uns momentos depois, regressa a abanar a cabeça.

– Bem, tinha razão. Não estava ninguém. – Faz uma pausa, a fixar-me com uma cara séria. – Que conseguisse ver.

Faço um murmúrio de desagrado e ponho a cabeça entre as mãos.

– Está bem. Ganhou. Vamos fazer a sessão espírita.

A campainha toca de novo. A televisão liga-se num volume ensurdecador. Do corredor, vem um estalido nítido de uma lâmpada que explodiu.

Fiona observa-me de um modo sombrio.

– Julgo que é uma excelente ideia – diz.



Caro Dante,

Obrigada pelo conselho. Contudo, devo dizer que é uma merda. «Tu és a tempestade. O que é que todos os teus relâmpagos e trovões te dizem?» É suposto isto ajudar? Porque não ajuda.

Peça desculpa pela indelicadeza, mas a minha vida está a colapsar. Correção: já colapsou. Apenas vagueio por entre escombros, a levantar pó e a cortar os pés em cacos de vidro.

A propósito, que conversa era aquela das estrelas e das rodas? Era confusa como o raio. Na verdade, todas as suas cartas são confusas. Ainda não sei o que quer de mim e porque acha que devemos ser amigos por correspondência ou, sequer, como me encontrou. Mal consigo distinguir o que é real do que não é. Nem sei se estas cartas são reais. Se calhar estou a olhar para uma parede, dentro da cela de uma instituição psiquiátrica, a arquitetar tudo isto na minha cabeça.

Pelo menos é assim que me sinto. Sinto-me como se tivesse soltado a corda que me mantinha amarrada ao cais, e agora vogo sozinha num mar longínquo, numa jangada que deixa entrar água e está rodeada de tubarões famintos. E o vento levanta-se. E começa a chover.

Estou a afogar-me, Dante. Estou a afogar-me.

Do que eu preciso verdadeiramente agora é de um colete de salvação.

Kayla



Fiona informa-me de que amanhã é noite de lua cheia, e que por isso podemos fazer a sessão espírita. Diz-me que tenho sorte por

conseguirmos fazê-la tão rapidamente.

Não me sinto com sorte. Sinto-me com azar. Mas não o digo em voz alta, pois não quero agourar.

Passo o resto do dia e o seguinte num estado de grande ansiedade, olhando bastantes vezes para a minha mão esquerda. Espanto-me por ver que a aliança ainda está no meu dedo anelar.

Aidan tinha razão quando adivinhou que eu a tirara do dedo mesmo antes de lhe responder à mensagem. Não podia mentir-lhe outra vez, por isso tive de encontrar outra solução. Mas, como ele não me respondeu, voltei a pô-la, e ainda não percebi porquê.

Embora nunca lho vá admitir, algo parecia errado quando a tirei.

Como se a própria casa tivesse suspirado de horror. Que é obviamente uma invenção da minha imaginação extenuada, mas foi isso que senti. A dada altura, nos últimos meses, a casa tornou-se mais do que um simples conjunto de divisões com um teto a pingar. Foi tomada por uma presença que sinto fisicamente.

Esta casa tem um pulsar, e o seu coração escuro bate para mim.

Acho que quer qualquer coisa.

Acho que tenta enviar-me uma mensagem.



Outro gaio-azul suicidou-se na janela do escritório.

Pareceu simbólico, por isso procurei online o significado de um gaio-azul morto. Sim, estou tão desesperada que procuro ajuda na Internet. De qualquer modo, parece que esses pássaros em específico têm fortes associações espirituais e que os nativos-americanos consideravam que eram mensageiros dos deuses. É suposto dar sorte quando se avista um.

A não ser que esteja morto, nesse caso significa que se foge dos problemas.

Quem me dera fugir mais depressa.

– Olá, Kayla. Muito prazer em conhecê-la. Sou a Claire.

Estou na porta de entrada a olhar para a irmã de Fiona e a achar que

estou a ver em duplicado. São completamente iguais, até nas rugas da cara. O mesmo cabelo curto grisalho, os mesmos olhos azuis, as mesmas pernas robustas e o mesmo sorriso alegre.

É inquietante serem tão parecidas. Se houver algum dia em que Fiona adoeça e Claire venha limpar casa em sua substituição, eu não saberia. A única diferença é que Claire traz um malote preto e Fiona um guarda-chuva.

– Prazer em conhecê-la também. Entre, por favor.

Afasto-me ligeiramente para o par entrar, depois fecho a porta à noite tempestuosa.

– Não me tinha dito que tinha uma irmã gémea, Fiona.

Ela põe o guarda-chuva a pingar no suporte junto à consola e sorri.

– Não somos gémeas.

– Podiam baralhar-me.

Claire dá um pequeno toque no cabelo.

– Que absurdo. Sou muito mais bonita do que ela.

Trocam um olhar afetuoso, depois, num movimento aparentemente sincronizado, tiram o casaco azul de lã que trazem a condizer. Enquanto Fiona pega nos casacos e os pendura no armário do corredor, Claire olha para mim de alto a baixo com um ar curioso.

– O que foi? – pergunto nervosa, a pensar que tenho nódoas na camisola ou bocadinhos de espinafres nos dentes.

O sorriso dela é terno.

– A Fiona falou-me tanto de si que já sinto que somos velhas amigas.

– Oh. Neste momento, fazem-me falta alguns novos amigos, para dizer com franqueza. Tenho a vida num caos.

Dá um riso abafado.

– Não se preocupe, minha querida. Está em boas mãos.

Já comunico com espíritos desde os quatro anos, portanto, vamos perceber o que esta quer para a pôr a caminho o quanto antes.



Ultrapasso o choque de ficar a saber que esta pobre mulher tem falado com pessoas mortas durante toda vida e digo:

– Ótimo. Mas estou a ser assombrada por espíritos do sexo masculino.  
– O meu riso é nervoso. – Não acredito que acabei de dizer isto.

– Ah, sim, desculpe. Tenho mais duas sessões espíritas para fazer esta noite e misturei os pormenores.

– Duas? – repito, espantada.

Ela gesticula para o teto.

– A luz cheia é uma altura de muito trabalho para mim. E

já nem falo dos solstícios e dos equinócios! Para esses, tenho reservas com um ano de antecedência.

Ao ver a minha expressão, explica:

– Os médiuns experientes têm muita procura. Não imagina a quantidade de pessoas que morre e se recusa a ir para o Outro Lado.

Não sei o que dizer, mas parece-me que merece uma resposta educada, mesmo que seja disparatada.

– Fico feliz por saber que o negócio prospera.

Fiona regressa e pergunta a Claire:

– Antes de começarmos, queres ir dar uma vista de olhos pela casa para ver se detetas alguma coisa?

Claire abana a cabeça.

– Não é preciso. Já deteto uma energia muito forte. –

Aponta na direção do corredor. – O que está ali?

– O meu escritório. E o do meu marido.

Ela e Fiona trocam um olhar eloquente.

– Não podem comunicar telepaticamente, como os gémeos. Já estou suficientemente assustada. Que olhares são esses?

– Não quero alarmá-la, querida, mas... – diz Claire e hesita, fazendo

uma cara de quem está prestes a correr para a casa de banho.

Meu Deus do Céu, se isto piorar, vou ao telhado e atiro-me.

– Continue.

– Julgo que devemos fazer a sessão espírita no escritório do seu marido.

Um estrondo distante de trovões estremece nas janelas.

Obviamente que isso acontece agora, porque até o raio da meteorologia está a deixar-me maluca.

– Porquê?

Mais uma vez, ela e Fiona trocam um olhar estranho.

– Porque pressinto que o espírito quer que seja feita lá.

Fitamo-nos. Ninguém diz nada durante um momento.

– Claire, vou perguntar-lhe uma coisa e quero que seja completamente honesta – digo por fim.

– Sim?

– Isto é uma palhaçada?

– Oh, não, minha querida – responde com veemência, abanando a cabeça. – Garanto-lhe que isto está o mais distante possível de uma palhaçada.

Como mais uma prova de que estou a perder o juízo, demoro alguns segundos a pensar na diferença entre as palavras «mais distante» e «mais afastado». Depois suspiro e desisto.

– Está bem. Fazemos a sessão espírita no escritório do Michael. Mas se o Fantasma do Natal Passado aparecer, não posso ser responsabilizada por perder o controlo e atirar-lhe com qualquer objeto que encontrar à mão. Vamos lá despachar isto.

Volto as costas e caminho pelo corredor, ouvindo os passos delas atrás de mim e perguntando-me se é falta de ética espiritual beber vinho durante a sessão espírita.

Tenho a sensação de que preciso de álcool antes disto acabar.

Abro a porta do escritório e acendo as luzes. Ao pôr-me de lado para Fiona e Claire entrarem, reparo que a divisão está muito fria. Parece uma câmara frigorífica.

– Desculpem a temperatura – digo, a tremer.

Não reagindo ao que disse, Claire passeia pelo espaço a olhar para as coisas enquanto eu e Fiona a observamos.

Pousa o malote num cadeirão e aponta para a mesa redonda que se encontra perto.

– Podemos pôr isto no meio do escritório?

– Para quê?

– Uma mesa redonda é mais propícia.

Não me incomodo a perguntar propícia a quê, porque chegámos oficialmente à terra dos chalupas. Em Roma, sê romano, blá, blá, blá.

Enquanto eu e Fiona mudamos a mesa, Claire esvazia o malote. Tira um pano preto e sacode-o, murmurando qualquer coisa. Presumo que seja um feitiço. Estende-o sobre a mesa e ajusta-o de modo a chegar ao chão, contornando todo o perímetro da mesa, depois tira três velas brancas que dispõe no centro. A seguir, retira uma pequena taça com embalagens de chocolates que põe ao lado das velas.

– O chocolate é para quê?

– Uma oferenda para o espírito – responde Claire, como se fosse óbvio.

Não resisto a combater este absurdo com alguma lógica.

– Como é que ele vai comer se não tem boca?

– Ah, mas o espírito não sabe que não tem boca, verdade?

Olho para Fiona e ela encolhe os ombros.

– Não lhe faria mal se deixasse o ceticismo um pouco de lado, querida.

– Um pouco de Cabernet também não me faria mal –

murmuro por entre dentes.

– Nada de comida e bebida durante a sessão espírita! –

repreende Claire, acendendo as velas. Lança-me um olhar austero por cima dos aros dos óculos. – E nada de joias.

Isso vai ter de sair. – Inclina o queixo na direção da minha aliança. – Juntamente com qualquer outra coisa que esteja a usar. Desligue também todos os dispositivos eletrónicos, por favor. Fiona, podes baixar as luzes?

Esperava que Fiona desligasse a luz do teto e deixasse os candeeiros acesos, mas desliga-as todas, deixando o espaço completamente na escuridão, apenas interrompida pela luz titubeante das velas em cima da mesa.

Outro estrondo de trovão ressoa no céu, desta vez mais alto. Rajadas de vento uivam nas árvores lá fora. A chuva bate na janela, deslizando em gotas que parecem lágrimas prateadas.

Se Claire queria um ambiente assustador, não poderia ter escolhido noite melhor.

– Escolham uma cadeira – ordena ela, pondo um bloco e um lápis em cima da mesa.

Puxo a cadeira da secretária de Michael e sento-me.

Fiona traz uma que estava num canto e senta-se à minha esquerda. Claire puxa o cadeirão, tira o malote do assento e põe-no no chão. Depois instala-se e olha para mim.

– Querida?

– Sim.

– Tem de tirar o anel.

– Oh, certo. Desculpe. – Tiro o anel do dedo e enfio-o no bolso de trás das calças.

Claire não parece satisfeita.

– Não pode estar no corpo. Talvez o possa pôr na secretária?

Não sei por que motivo isto tem tanta importância, mas não quero estragar a possibilidade de saber o que o fantasma, que não existe e que não me assombra, quer, por isso tiro a aliança do bolso e ponho-a no mata-borrão da secretária de Michael.

Mesmo junto do jornal dobrado com a notícia da sua morte.

O rosto dele, a preto e branco, fita-me por baixo do título terrível.

Homem Local Morre por Afogamento.

Com o coração a palpitar, movo com cuidado o papel para perto fotografia dele. Depois empurro-o de modo a ficar em cima da sua cara. Não sei porquê, mas parece certo. Recuo, e um dos seus olhos parece sobressair do círculo de ouro, seguindo cada movimento meu.

Perturbada, volto para a mesa e sento-me. Esfrego as palmas das mãos transpiradas nas calças e tento livrar-me da sensação de mau presságio.

– Ponham as mãos viradas para baixo em cima da mesa, por favor.

Eu e Fiona seguimos as instruções. A seguir ela faz o mesmo, olhando para nós, à vez, com uma postura sombria e uma voz baixa.

– Antes de começarmos, quero advertir-vos do seguinte: os espíritos são imprevisíveis. Aconteça o que acontecer, mantenham a compostura. Permaneçam em silêncio. Não se levantem para não quebrar o círculo de energia. Vou começar por estabelecer contacto e convidar o espírito para a mesa. Se o espírito aceitar o nosso convite, podem

ouvir barulhos estranhos, como batidas ou pancadas.

Iniciarei com perguntas de sim e não e, se ele se mostrar recetivo, pergunto-lhe o que quer. Eles podem comunicar através de mim, usando a minha mão para desenhar no bloco ou a minha voz para falar diretamente para si.

Oh, raios. Se eu presenciar um tipo morto a falar através desta velhota simpática, vou ficar a bater mal para sempre.

Estou tão assustada que engulo em seco e pressiono as mãos com mais firmeza em cima da mesa, a tentar que deixem de tremer. Não funciona.

– Quando a sessão espírita terminar e não houver mais perguntas, agradeço ao espírito a sua visita. Depois podemos ligar as luzes e discutir o que aconteceu.

Preparada, Kayla?

Aceno em conformidade, embora não me sinta, de todo, preparada.

– Então vamos começar.

Claire fecha os olhos. Com o rosto inclinado para o teto, diz numa voz calma:

– Estamos reunidas esta noite, sob a lua cheia, para pedir orientação ao mundo dos espíritos. Convidamos o espírito que assombra esta casa a juntar-se ao nosso círculo. Por favor, mostra que estás aqui.

O momento de silêncio seguinte é o mais longo de toda a minha existência. Pode durar apenas sessenta segundos, mas parece uma eternidade. Sinto-me zozza, enjoada e insuportavelmente fria.

Como não acontece nada, Claire repete:

– Convidamos o espírito que assombra esta casa a juntar-se ao nosso círculo. Por favor, mostra que estás aqui. Estás aqui? Dá-nos um sinal.

A moldura com o diploma de Michael desliza da parede e aterra com estrépito no chão.

Custa-me respirar. Todos os pelos dos meus braços estão eriçados. Estou paralisada, as costas direitas como um espeto, os olhos muito abertos e sem pestanejar. No meu

corpo, o único músculo que mexe é o coração em trepidação.

– Mantenham-se calmas – diz Claire suavemente, com os olhos fechados.

Calma é que não estou. Calma é algo que não voltarei a sentir. Calma é para pessoas de férias em praias maravilhosas, com os pés na areia e um daiquiri na mão, não para pessoas no perigo iminente de que o seu falecido marido lhes fale da sepultura.

Estou tão longe de estar calma, que estou prestes a explodir, porra.

O som de um trovão faz-me saltar da cadeira. Segue-se o estalar de um relâmpago que acende um fogo branco pelo céu escuro da noite. O espaço, brevemente iluminado por um brilho teatral, a seguir mergulha logo numa escuridão desorientadora, como uma casa de horrores que aterroriza os miúdos no Halloween.

– Espírito – diz Claire –, obrigada por te juntares a nós.

Há mais do que um? Por favor, bate na mesa para responderes. Um toque para sim e dois para não.

Lá fora, o vento aumenta de intensidade. A temperatura da divisão desce mais uns graus. A chuva bate nas vidraças como se fosse granizo.

E o meu coração. Jesus, Senhor, a porra do meu coração brada desesperadamente, porque no espaço ecoa o som perceptível de dois toques.

– Só um, então – murmura Claire. – Bem-vindo, espírito.

É uma honra estarmos na tua presença.

A voz dela abrandou, juntamente com a respiração.

Parece estar a entrar uma espécie de transe.

O que sinto neste momento deve ser o oposto de transe.

Estou quase a fazer chichi pelas pernas abaixo. Nervos que desconhecia ter, acordaram e começaram a berrar. Julgo que vou vomitar.

– Michael? – sussurro, com o corpo todo a tremer enquanto olho à volta do escritório. – Michael, estás aí?

Não acontece nada. Não há toques na mesa. Não há fotografias a cair da parede.

– Espírito, conheces alguém que esteja aqui? – pergunta Claire.

Toc.

– Conhecias essa pessoa quando estavas vivo?

Toc.

– Sou eu?

Toc. Toc.

– É a Fiona?

Toc. Toc.

– É a Kayla?

A resposta de um único toque vem com tanta força, que estremeço e começo a choramingar.

– Queres transmitir alguma mensagem?

TOC!

Ao tentar respirar, emito um som ainda mais alto do que o vento.

Neste

momento,

estou

a

tremer

incontrolavelmente.

Com os olhos fechados, Claire procura às cegas o bloco e o lápis ao seu lado, em cima da mesa. Põe o bloco à sua frente, segura no lápis e sussurra:

– Diz-nos, espírito. Qual é a mensagem?

Claire deixa a mão pendente sobre a página branca do bloco, com os nós dos dedos brancos por agarrar no lápis com muita força.

Fiona está sentada à minha frente de olhos fechados e as mãos viradas para baixo em cima da mesa. Acho que se eu fechar os olhos agora, morro de ataque cardíaco.

Tenho tanto medo, que estou prestes a rebentar em lágrimas.

– Espírito, qual é a mensagem?

Os segundos transformam-se em minutos. A tempestade ruge lá fora. Estamos as três sentadas à mesa, em silêncio, na luz bruxuleante das velas, à espera de uma resposta que nunca vai chegar.

Depois de uma longa espera em que nada acontece, Claire diz:



– Vou reformular a pergunta. Espírito, o que queres?

A mão do lápis retesa-se. Depois torce-se. A seguir começa a tremer incontrolavelmente. Observo, em fascínio de horror, a mão de Claire a mover-se, a balançar para trás e para frente em impulsos rápidos.

Abruptamente, o braço dela paralisa. Pressiona o lápis no papel e escreve uma palavra num único rabisco rápido do princípio ao fim. A palavra é composta por letras grossas maiúsculas, desenhadas no papel com tanta força que rasga a folha em algumas partes.

## V I N G A N Ç A

Uma súbita aragem gelada apaga as velas. Algo gélido aflora-me a cara, como um vento fantasmagórico.

Ou dedos fantasmagóricos.

Grito a plenos pulmões e saio a correr do escritório.



35

Fiona e Claire encontram-me na cozinha, agachada no chão, de costas contra os armários e os joelhos encostados ao queixo.

– Porque é que abriu as gavetas e as portas dos armários? – pergunta Claire, olhando em volta.

– Já estavam assim quando aqui cheguei. – A minha gargalhada parece perturbada. – O fantasma que mora aqui acha muito engraçado fazer coisas deste género.

As irmãs olham uma para a outra, e depois para mim.

– Porque é que não nos sentamos à mesa para conversar?

– sugere Claire, de um modo gentil.

– Acho excelente, uma conversa. Um exorcismo também.

Há um fantasma na minha casa, porra!

– Sim, mas veja o lado positivo. Pelo menos é só um –

comenta Fiona.

Solto um gemido e deixo cair a cabeça entre os joelhos.

– Vá, minha querida, não desespere. Na verdade, são boas notícias.

– Recorde-me onde, nesta catástrofe sobrenatural absoluta, existem boas notícias.

– Agora sabemos o que o espírito quer! – responde ela animadamente.

Incrédula, levanto a cabeça e encaro-a:

– Pelo que pareceu, o espírito quer assassinar alguém. E

como sou a única pessoa que mora aqui, acredito que seja a principal candidata da sua missão homicida.

– O espírito está zangado, mas pressinto que a raiva não é dirigida a si – responde Claire, puxando uma cadeira da mesa da cozinha. Senta-se, ajeita o cabelo e com uma mão alisa a parte da frente da blusa. Parece exausta.

Ser possuída por uma pessoa morta deve ser extenuante.

– Mas ele conhece-me. O que é que isso significa?

– É a dona da casa. Tem vivido aqui com ele. Claro que a conhece.

Fico novamente horrorizada.

– Oh, meu Deus. Será que me vê quando tomo banho?

– Julgo que lhe está a escapar um panorama mais geral, querida – diz Fiona.

– Que é? – replico, exasperada.

Ela põe uma cadeira junto da irmã e senta-se. Dobra as mãos no colo e olha para mim com benevolência.

– Se ajudar o espírito a conseguir o que quer, ele prosseguirá o seu caminho – diz.

Olho para Claire, que acena com a cabeça.

– Está a dizer que quer que eu seja cúmplice de um homicídio?

– O espírito não falou em nada de homicídios. Disse vingança, que pode adquirir várias formas.

Deixo cair a cabeça sobre os joelhos outra vez e comento tristemente:

– Não acredito que isto está a acontecer.

– Precisamos de entrar em contacto com o espírito outra vez – diz Fiona, sempre prática.

Levanto a cabeça e insisto:

– Não julguem que vou fazer isso novamente.

Claire encolhe os ombros.

– Como queira.

– Então é assim? Não há mais opções? Não pode queimar salva ou algo do género para fazer com que ele se vá embora? – pergunto assertivamente, sentindo-me mais desesperada.

Claire ri-se como se eu estivesse a ser pateta.

– Oh, minha querida, isso é um mito. Um espírito não é um inseto irritante que se possa afugentar com uns fumos perfumados.

– Excelente. Então se quiser voltar a ter paz, tenho de vender a casa?

– A não ser que não seja a casa que o espírito está a assombrar.

– Como assim?

– Talvez seja a si que o espírito está a assombrar. Nesse caso, não interessa onde mora. Vai descobri-la sempre.

Encaro-a de boca aberta. Encolhe os ombros outra vez, como se não tivesse acabado de me dar as piores notícias de sempre.

Depois ocorre-me uma coisa.

– Caramba. Será que é o meu pai ou a minha mãe? Oh, meu Deus, nunca pensei nisso!

Claire e Fiona trocam mais um daqueles olhares esquisitos.

– Não houve resposta quando perguntei se era o Michael, por isso presumo que não seja ele. Certo? – digo, na defensiva.

Há qualquer coisa estranha na pausa de Claire, como se estivesse a escolher as palavras com cuidado.

– Não podemos presumir nada. Há quanto tempo é que os seus pais morreram?

– Há muitos anos. Ambos.

– Então não são eles.

– Como é que sabe?

– Já teria sido contactada antes. Os espíritos não podem passar para o Outro Lado e depois regressar a esta dimensão. Assim que ascendem ao Além, este plano de existência fica-lhes vedado. Os únicos espíritos que podem entrar em contacto são os que persistem no limbo. Agora, venha sentar-se à mesa. Já me doem as pernas só de olhar para si aí encolhida no chão.

Embora tenha as pernas a tremer, consigo levantar-me.

Junto-me a elas, ficando de frente para Fiona e apoiando os cotovelos em cima da mesa. Ponho a cabeça entre as mãos e suspiro.

– Kayla, por favor, olhe para mim – diz Claire, um momento depois.

Ergo a cabeça e encontro o seu olhar.

– Eu quero ajudá-la. Queremos as duas ajudá-la.

Ela olha para Fiona, que acena em concordância.

– Por isso, se não fizer outra sessão espírita, sugiro que deva fazer o seguinte.

Quando faz uma pausa, comento:

– Sou toda ouvidos.

– Investigar a história desta casa. Descobrir quem morou aqui antes de si. Talvez possa encontrar uma pista acerca da identidade do fantasma. Se não é ninguém que conheça, é alguém que morou cá antes.

– Faz sentido. Mas está a esquecer-se de que, durante a sessão espírita, o espírito disse que me conhecia quando era vivo.

Ela abana desdenhosamente a mão no ar.

– Não podemos interpretar isso como um facto.

Normalmente, eles estão muito confusos.

Quando a minha reacção é limitar-me a olhar para ela, explica:

– Os fantasmas são um pouco como pessoas com distúrbios psiquiátricos. Não distinguem a ilusão da realidade. Quando uma alma está encurralada aqui, precisa de um guia, um guia de espíritos, digamos assim, para a ajudar na direcção da luz.

– Espere. Quer que eu seja um guia de fantasmas?

Ela levanta uma sobrancelha.

– Prefere ser assombrada para o resto da vida?

Olho para Fiona em busca de ajuda.

Ela limita-se a encolher os ombros.

– É isso ou voltamos ao escritório e tentamos novamente.

– Nem pensar. Ele tocou-me. – Estremeço com nojo. –

Céus, como é que volto a dormir aqui sabendo que um fantasma horroroso flutua por aí?

– Já anda a flutuar por aí há algum tempo, querida.

– É suposto isso fazer-me sentir melhor?

Dá um riso abafado.

– Bem, ainda não a molestou, se é isso que a preocupa.

Horrorizada, olho pasmada para ela.

– Ainda?

– Ninguém vai molestar ninguém – interrompe Claire, irritada. – O espírito não lhe quer fazer festinhas, só quer a sua ajuda para se vingar.

– De quem? De quê?

– Investigue e fica a saber.

Encaro-a. Ela acrescenta:

– Ou voltamos já ao escritório e arrumamos o assunto. –

Olha para o relógio. – De qualquer forma, já estou atrasada.

Como quer fazer?

– Se puder evitar, nunca mais volto àquela divisão.

– Bem, então fica assim. Se mudar de ideias, ligue-me.

Ela põe-se de pé. Fiona também. Não posso deixá-las ir-se embora sem lhes agradecer, por isso levanto-me e sigo Claire até ao hall de entrada enquanto Fiona vai buscar os casacos ao armário do corredor.

O malote de Claire com o material da sessão espírita já está junto da porta. Devem ter arrumado tudo quando estava psicologicamente angustiada, encolhida no chão da cozinha.

– Obrigada pelo seu tempo, Claire. Agradeço muito –

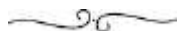
digo, quando Fiona regressa.

– O prazer é meu, querida.

– A si também, Fiona.

– Fique bem, Kayla. Vemo-nos segunda-feira.

– Certo. A não ser que seja assassinada por um espírito vingativo antes disso.



Ela sorri-me, o que não ajuda em nada. Abro-lhes a porta.

Claire está prestes a atravessar a soleira, mas para subitamente.

Fiona e eu seguimos o seu olhar confuso.

No tapete de entrada, está um colete de neopreno cor de laranja vivo com quatro tiras pretas costuradas na zona do peito. As pontas das tiras têm fivelas de plástico penduradas. Sob a luz do alpendre, os

adesivos refletores dos ombros do colete ofuscam.

– Que raio é isto? – pergunta Fiona.

– Um colete de salvação – sussurro, a começar a tremer outra vez.

Visivelmente confusa, Claire pergunta:

– O que é que isto está a fazer no seu alpendre?

– Pedi-o ao meu amigo por correspondência.

Encaram-me e perguntam em uníssono:

– Amigo por correspondência?

– Pois. – A agarrar-me à porta para me apoiar, rio-me incontrolavelmente.

– Qual é a piada? – pergunta Fiona.

– Acho que já sei quem me assombra.

Dez minutos depois, estamos as três em volta da mesa da cozinha a olhar para as cartas de Dante que trouxe da gaveta da roupa interior, no piso de cima. Claire ligou aos outros dois clientes a cancelar porque a minha assombração acabou de se tornar demasiado interessante para não continuar.

Aparentemente, não é todos os dias que um fantasma entrega correio e um objeto pessoal de flutuação do além-túmulo.

– Impressionante – comenta Claire, dobrada sobre a mesa enquanto examina uma das primeiras cartas que recebi. Com cuidado para não tocar no papel, aponta para o canto direito inferior. – Aquilo parece sangue.

– Foi o que pensei, também. Mas como é que um fantasma tem sangue?

– Não tem. – Levanta a cabeça na minha direção. – Mas pode ser o sangue de alguém.

– Ou de alguma coisa – observa Fiona. – Um animal, se calhar.

Faço uma careta.

– Isso é doentio. Por que raio me enviaria ele uma carta manchada com sangue de um animal?

– Talvez seja uma pista – diz Claire.

Olhamos as três para mancha com uma cor enferrujada.

Lá fora, a tempestade continua a fustigar a casa. Agora, chove tanto que já não parece granizo, mas uma metralhadora a disparar constantemente sobre o telhado. O

vento uiva como uma alcateia de lobos esfomeados.

Claire pega na carta pelo canto e vira-a, pousando-a com cuidado. Lê em voz alta:

– Esperarei para sempre se for preciso.

– Deve estar a referir-se à vingança que quer fazer. Este fantasma está à espera de si para o ajudar a vingar-se.

– Mas também há aqueles disparates dos sentimentos dele – observa Fiona, gesticulando na direção da outra carta. – O que é que isso poderá querer dizer?

– Se calhar tem um fraquinho por mim. Sou bem gira.

Fiona e Claire olham para mim com uma expressão idêntica de dúvida.

– Era uma piada, malta. Credo.

– Isto é sério – declara Claire, num tom de desaprovação.

– Se não conseguirmos ajudar a espírito a transitar para o Outro Lado, seremos culpadas por ele ficar preso no limbo para sempre. Vamos atribuir à situação o respeito que merece.

Não acredito que ouço uma reprimenda de uma médium de sapatos ortopédicos, por causa da minha atitude perante a minha própria assombração, mas parece que sim.

– Tem razão. Peço desculpa. – Observo as cartas espalhadas na mesa entre nós e o monte de envelopes ao lado. – Porque é que todas têm o carimbo postal da prisão?

Também acham que é uma pista?



– Provavelmente está relacionado com o facto de o espírito pensar que está aprisionado. Metaforicamente falando, está.

– Está bem, próxima pergunta: Como é que o raio de um fantasma usa uma caneta?

– Os espíritos manifestam a sua energia das mais diversas maneiras – responde Claire. – Usar objetos como canetas é uma delas, mas também podem controlar dispositivos eletrónicos, como telefones ou computadores.

– Ou campainhas das portas – relembra Fiona.

– Exato – concorda Claire. – São extremamente capazes de manipular o seu ambiente. Se forem suficientemente potentes, até podem interferir na meteorologia.

Ouçó a tempestade a retumbar lá fora e pergunto-me se Dante tem alguma coisa a ver com isso.

– Mas se pode controlar a energia e os objetos, porque é que não se vinga sozinho? Porque é que precisa de mim?

Não pode fazer com que um piano caia em cima do inimigo dele?

– Bom, primeiro, pode não se lembrar de quem é o inimigo.

Olho com uma expressão surpreendida para Claire, que continua:

– Estar preso no limbo é terrivelmente confuso. Na verdade, esse seu fantasma provavelmente nem sabe que está morto.

– Já lhe tinha dito isso – observa Fiona.

– Então precisa de mim para o ajudar a lembrar-se. –

Olho outra vez para as cartas. – Recorde-me porque é que não posso simplesmente dizer-lhe que está morto?

– Só o deixaria ainda mais em negação – responde Claire.

– Corre o risco de o alienar completamente. Se alguém lhe dissesse que está morta, qual seria a sua reação?

Solto um suspiro pelo nariz.

– Diria: «Com certeza, amigo, e tu és um tomate-coração-de-boi.»

– Precisamente. Devemos persuadi-lo gentilmente no sentido da verdade. Tem de chegar lá por si próprio. Como as fases pelas quais as crianças passam quando aprendem a ler. Primeiro, o alfabeto. Depois aprendem palavras curtas e fáceis. Cão. Gato. Árvore. Depois constroem frases simples até, quem sabe, devorarem Shakespeare. A compreensão é um processo em várias etapas. Não acontecem todas de uma vez.

– Mas porque é que, desde logo, ficou preso no limbo?

Porque é que uma alma não segue o seu caminho automaticamente quando o corpo morre?

– Normalmente, sim. Mas, por vezes, perdem a noção do lugar para onde têm de ir. A realidade densa da terceira dimensão combinada com a gravidade do nosso planeta torna as coisas bastantes complicadas para um ser atemporal. A juntar a isso, a angústia emocional relacionada com algum assunto que não ficou concluído resulta num espírito perdido muito confuso e zangado.

Expiro profundamente e digo por entre dentes:

– Os fantasmas são extremamente sensíveis.

Fiona faz um riso abafado como se o comentário fosse especialmente perspicaz.

– De facto.

Sentada na cadeira, cruzo os braços e examino novamente as cartas, enquanto processo mentalmente tudo.

– Então, recapitulando: tenho de persuadir este espírito para o levar a aceitar que já não está vivo e que precisa de passar para o Outro Lado.

– Tal e qual – responde Claire, radiante.

– Como é suposto fazer isso se não lhe posso dizer que está morto?

Ela e Fiona trocam um olhar carregado, depois Fiona diz brandamente:

– As pessoas encontram o próprio caminho, se lhes der luz.

– Claro. Vou gritar para teto: «Vai em direção à luz!» em intervalos regulares, parece-lhe bem? – replico num tom azedo, irritada com a ambiguidade.

– Confie nos seus instintos – diz Fiona, num tom reconfortante. – Encontrará uma solução. Já tem metade da batalha ganha por ter descoberto a identidade.

– Mas não sei nada dele! Só o nome!

Aponto para a assinatura das cartas, aquele gatafunho familiar.

Dante.

Fiona e Claire olham uma para outra, novamente naquele estranho silêncio telepático dos gémeos.

– Juro por Deus que se não pararem de fazer isso, desato a partir qualquer coisa – digo categoricamente.

– Porque é que não começa por investigar o nome dele? –

sugere Fiona.

Um momento depois, admito com relutância:

– Não é má ideia. Tinha pensado ligar ao meu amigo detetive para obter informações sobre o Dante. – A minha gargalhada é curta e fraca. – Mas isso foi antes de saber que é um fantasma.

– Amigo detetive? – repete Claire.

– O homem do departamento da polícia que falou comigo depois da morte do Michael.

As luzes do teto piscam. Todas olhamos para cima. Um zumbido elétrico baixo preenche o espaço, depois as luzes apagam-se. Voltam a acender-se em segundos.

– Sim. Definitivamente está a ir na direção certa –

murmura Claire.

– Ele anda aí a flutuar e a espiar-nos? Isso é tão assustador! – sussurro, inclinando-me para elas.

– Kayla, concentre-se.

– Mas, a sério, porque é que precisamos de fazer uma sessão espírita se este fantasma ouviu tudo o que dizemos?

– Parece bastante onnipresente, não é? – medita Fiona, olhando para mim de um modo absorto.

– É isso que estou a dizer!

Claire olha para o teto com as sobrancelhas franzidas.

Quase lhe consigo ver a massa cinzenta a trabalhar. Antes de lhe perguntar no que está a pensar, diz em voz alta:

– Espírito, ainda estás aqui?

Ao fundo do corredor, uma porta bate com tanta força que faz os armários abertos na cozinha balançarem.

Dou um salto e respiro com dificuldade.

– Credo – murmura Fiona.

Claire agarra na mão de Fiona.

– Acho que estamos perto – diz num tom urgente.

– Perto de quê? – pergunto, confusa e alarmada.

– Kayla, ligue ao detetive – ordena.

– O quê, agora? Já passa das oito da noite!

– Talvez trabalhe até tarde. Se não, deixe mensagem.

Posso usar o seu portátil?

– Bem, sim, está no meu escritório, mas...

Sem esperar que termine a frase, Claire levanta-se e sai da cozinha.

– Fiona, o que é que se passa? – pergunto, vendo-a afastar-se.

– Julgo que a Claire acha que estamos prestes a ter uma revelação – responde ela calmamente.

– Revelação?

– Para ajudar o espírito.

Olho vagamente para as luzes do teto, que agora a piscam continuamente. Um pouco depois, Claire regressa com o meu portátil.

Senta-se à minha frente.

– Oh – diz, tirando algo do bolso do casaco de malha. –

Isto estava em cima do portátil. Acho que pode ser importante.

Põe o objeto na mesa.

É a moeda de cinco cêntimos Buffalo do tipo D de 1937

que pertencia a Michael. Aquela que encontrei debaixo da árvore de onde o homem da gabardina me olhava. Aquela que encontrei no painel de instrumentos do meu carro, quando estava estacionado perto da casa de Aidan.

Aquele que deixei guardado dentro de uma gaveta.

Sustenho a respiração. O meu coração começa a bater descompassado. Uma rajada de vento violenta sacode as janelas da cozinha. Depois, cai do teto um pequeno objeto de metal que aterra com um barulho na mesa, ao lado da moeda. Gira um pouco até estabilizar, com a luz brilhar nas bordas arredondadas.

É a minha aliança.



36

De olhos arregalados contemplo a moeda e o anel com o coração aos saltos e um grito aprisionado no peito, consciente de que há qualquer significado muito importante que me está a escapar.

Quando me viro para Claire, ela diz calmamente:

– Ligue para o detetive.

– Como é que o meu anel caiu do teto? – pergunto em voz baixa.

– Ligue para o detetive, Kayla. Não temos muito tempo.

– Como assim? O que é que está a acontecer?

Lá fora, a tempestade ganha força. A chuva fustiga as janelas e o

telhado. Trovões ribombam e relâmpagos estalam. Como se a casa estivesse no meio de um tornado e prestes a ser arrancada do solo e arremessada para o espaço.

Claire tira o meu telemóvel do outro bolso. Deve-o ter trazido de cima da minha secretária. Empurra-o contra mim, insistindo:

– Ligue!

Em pânico, tiro-lho da mão. Atravesso a cozinha, dirijo-me à gaveta aberta junto do fogão onde guardo tralha.

Encontro o cartão do detetive e marco o número com os dedos a tremer.

– Polícia de Seattle, em que posso ajudar? – atende uma mulher, num tom abrupto.

– Detetive Roman Peters, por favor.

Faz uma pausa e depois pergunta:

– É amiga dele, minha senhora?

Que pergunta mais estranha.

– O quê? Não, não, ajudou-me há uns tempos. O meu marido teve um acidente, ele falou comigo e deu-me o cartão. Queria falar com ele, por favor. É urgente.

Olho na direção de Claire e Fiona, que estão atrás da mesa da cozinha e encorajar-me com sorrisos e acenos com a cabeça.

– Lamento, mas é impossível – diz a mulher do outro lado da linha.

– Porquê?

– O detetive Peters partiu.

Estou num estado de agitação tal que não entendo o que ela quer dizer.

– Partiu? Quer dizer que foi transferido para outro departamento?

– Não, minha senhora. Morreu. Ataque cardíaco súbito.

Vou transferi-la para a extensão do substituto, o detetive Brown.

Aguarde, por favor.

Ouço um clique, depois um breve silêncio. A seguir, uma gravação com a voz de homem a dizer para deixar o número.

Desligo, a sentir-me estranhamente entorpecida.

– Então, o que disseram? – pergunta Fiona imediatamente.

– Morreu. O detetive Peters morreu. De ataque cardíaco.

– Quando?

– Ela não disse. Porque é que isso interessa?

A abanar a cabeça, impaciente, Claire abre o portátil e liga-o. Abre o browser da Internet e começa a escrever.

– O que está a fazer?

– A procurar no departamento dos registos municipais.

Podemos verificar os registos da propriedade para ver o nome dos donos anteriores. – Clica durante os minutos e

depois escreve na barra de pesquisa. A seguir, afasta-se, franzindo as sobrancelhas.

– O que foi?

– A escritura desta propriedade estava em nome de outras pessoas?

– Não. Devia estar registada em nome de Michael e Kayla Reece. – Aproximo-me para ver o que está no ecrã. – Quem raio são Sandy e David Wainwright? Diz que compraram esta casa em janeiro!

No piso de cima, bate outra porta. Ouço o som de passos a correr, e depois o riso de uma criança.

Perco o fôlego.

Olho para cima e digo:

– Esperem. O rapazinho. Tínhamo-nos esquecido dele. Se o Dante é o fantasma desta casa... quem é o miúdo? E o homem da gabardina e chapéu? Como é que encaixa nisto tudo?

Quando olho para Claire e Fiona, vejo que estão ambas com expressões idênticas de tristeza, juntamente com outra emoção que já vi antes. Vi-a na cara de Destiny, a vidente que visitei e que me desejou boa viagem quando me fui embora. É inconfundível.

É pena.

– Porque é que olham assim para mim? – pergunto, perturbada.

– Está tudo bem, Kayla. Não tenha medo. Não há motivo para ter medo, minha querida – responde Claire gentilmente.

– O que é que isso quer dizer?

– Dê-me o telemóvel, querida.

– Porquê?

– Vou ligar novamente para a esquadra da polícia.

– Para quê?

– Acho que tem de saber uma coisa.

– O quê?

– Dê-me o telemóvel.

Apodera-se de mim um sentimento avassalador de que há algo de muito errado. Dou um passo atrás. O meu sangue transforma-se em gelo. Todos os pelos dos meus braços ficam de pé e começo a hiperventilar.

Lá fora, a tempestade intensifica-se.

Claire tira o telemóvel da minha mão tensa e prime teclas. Quando uma voz conhecida ressoa no espaço, percebo que premiu remarcar, depois põe em alta voz.

– Polícia de Seattle, em que posso ajudar?

– Sim, boa noite, minha senhora. Poderia dizer-me, por favor, quando é que o detetive Peters morreu?

Há uma pausa.

– Uma amiga minha falou consigo há instantes e ficou tão



surpreendida com a notícia que se esqueceu de perguntar –

explica Claire. – Ela gostava de mandar entregar flores no funeral, caso ainda não tenha acontecido.

– Oh. Compreendo. Receio que seja demasiado tarde para flores. Ele partiu há já quase seis meses.

Claire agradece e depois desliga. A seguir, ela e Fiona ficam a olhar para mim com aquela pena horrível nos olhos, à espera.

Ouçõ a minha voz, como se estivesse muito longe:

– É impossível. Ela está enganada. Ele falou comigo depois do acidente. E isso foi só há dois meses. Sentámo-nos na doca e ele falou comigo!

– Não tenho dúvidas – observa Claire com tristeza.

As minhas mãos começam a tremer. É-me muito difícil respirar normalmente. Dou outro passo atrás. A olhar para Fiona para pedir ajuda, digo:

– Fiona?

– Tem de compreender, querida, há muito poucas pessoas que consigam comunicar com os espíritos – responde ela brandamente.

– O que é que está para aí a dizer? O que é que isso tem a ver? – A minha voz sobe de tom.

– Os médiuns, claro – continua num tom calmo e apaziguador, ignorando o meu pânico. – Alguns videntes, também, mas a maioria deles é uma farsa. Também muitos génios,

por

motivos

que

não

se

compreendem

verdadeiramente, embora possa estar relacionado com a química dos seus cérebros.

– Gatos também – acrescenta Claire.

– Sim, é verdade. Os gatos também podem ver fantasmas. – Faz uma pausa. – Assim como algumas crianças sobredotadas.

O som flutuante do riso de uma criança no piso de cima faz o meu coração dar um salto.

Fica completamente imobilizado quando Claire diz:

– E outros fantasmas também. Embora não se reconheçam uns aos outros como tal.

Olho para uma e para a outra, alternadamente.

– Desculpem lá, o quê?

Uma das lâmpadas fluorescentes explode. Imediatamente a seguir, explode outra, enchendo o espaço com um crepitar agudo de vidro estilhaçado e o cheiro acre de fios elétricos queimados. Uma rajada de vento frio assobia pela chaminé abaixo num lamento agudo que soa de um modo tão sinistro que parecem os gritos da fada que pressagia a morte.

Ocorre-me subitamente uma frase das últimas cartas de Dante:

Tu és a tempestade. És a origem de tudo o que está a acontecer.

A seguir-me, lembro do que Fiona dissera no dia em que desligara o alarme:

«Um espírito é uma manifestação de energia.

Semelhante a uma tempestade elétrica que acumula força até descarregar num relâmpago. Quando um espírito está perturbado, essa emoção, essa energia, é transformada em efeitos físicos. Daí os armários e as gavetas abertas.»

E outra coisa que não tinha compreendido na altura, até agora:

«Diria que o espírito que vive nesta casa está extremamente furioso.»

O modo como ela olhara para mim quando dissera isso, era quase como se...

Como se estivesse a falar de mim.

Um terror frio rasteja por toda a minha pele como um exército de aranhas.

– Não – murmuro numa voz rouca.

– Sim, minha querida. Infelizmente, sim – diz Fiona suavemente.

Com a força explosiva de uma bomba, centenas de memórias diferentes detonam de uma só vez na minha cabeça.

Como Fiona ficara chocada quando me vira no dia a seguir ao funeral de Michael. Como perguntara naquele tom peculiar: «Então, vai ficar na casa?»

Como toda a gente no grupo de apoio a pessoas em luto ignorara Madison, a mulher cuja filha tinha sido raptada anos antes. Como ela se sentara sozinha no círculo, como se fosse invisível para todos, menos para mim.

Como Eddie, o faz-tudo, que se vestia como um hippie, não tinha telemóvel e pensava que David Letterman era apenas um terapeuta. Como, quando fui à procura deste terapeuta, não existia.

Como todos os reparadores de telhados a quem liguei nunca devolveram a chamada.

Como a câmara de segurança só gravava imagens com interferências quando eu ia ao jardim.

Como Destiny, a vidente, dissera pesarosamente: «Vou rezar por si.»

Como quando tocara à campainha e a mãe dela abria a porta, olhara em volta e fechara-a, como se não estivesse lá ninguém.

A carta da Morte. Os Amantes. O Mágico invertido, que indicava que devia largar as minhas ilusões.

O Dez de Espadas na posição vertical que sugeria feridas profundas, fins dolorosos...

Traição.

Fiona dissera: «A realidade é simplesmente aquilo em que acreditamos. Todos nós criamos as nossas próprias verdades, até os fantasmas.»

Como quando Claire hoje à noite se referira ao espírito com o qual ia estabelecer contacto como «ela», antes de dizer que se tinha enganado.

– As pessoas encontram o próprio caminho, se lhes derem luz – sussurro, a tremer tanto que mal me aguento em pé.

Os olhos de Fiona brilham com lágrimas quando encontro o seu olhar.

Solução, depois ponho a mão na boca para o abafar. A seguir, tiro o telemóvel da mão de Claire, corro até à gaveta da tralha e começo freneticamente a atirar para o chão as coisas que estão lá dentro, canetas, post-its, folhetos de restaurantes e pilhas, até encontrar o que procuro.

O cartão de Eddie, o faz-tudo.

Não tinha reparado antes, mas o cartão está frágil e amarelado do tempo, a tinta apagada em algumas partes.

Parece que foi impresso há décadas.

Provavelmente foi.

Com o som ensurdecedor da tempestade violenta, marco o número dele.

O telefone toca duas vezes e depois atende um homem.

– O Faz-Tudo na Linha Frente, o poder de três gerações.

Em que posso ajudar?

– Por favor, o Eddie está? – pergunto, segurando no telefone com as mãos a tremer.

Parece surpreendido no seu silêncio curto.

– Hum, não. Sou o Mark. Em que posso ajudá-la?

– Por favor, preciso mesmo, mesmo de falar com o Eddie.

Pode chamá-lo? Ele está aí?

– Isto é uma piada ou assim? – diz o homem do outro lado, ao fim de uma pausa.

– Chame-o! – grito.

Faz um suspiro profundo.

– Olhe, senhora. Normalmente, não atendo o telefone a esta hora, mas como o negócio anda fraco, atendi. Fez com que me arrependesse. Tenha uma boa noite.

– Por favor! – imploro, desesperada. – Tenho de falar com o Eddie! Tenho de falar com o Eddie agora!

– Pois, bem, isso vai ser um pouco difícil, senhora, porque o meu avô morreu em 1974 – responde ele com aspereza.

Todo o ar que tenho nos pulmões desaparece. Um soluço prende-se-me na

garganta.

Mais

duas

lâmpadas

fluorescentes do teto explodem com um estalido.

– Kayla.

Quando me viro em pânico, Fiona está a mostrar-me um dos envelopes de Dante.

– Leia o nome do remetente – pede gentilmente.

A hiperventilar, arranco-lho da mão.

– Dante Alighieri – grito, a abanar a cabeça. – O nome dele é Dante Alighieri! E depois?

– Não olhe apenas... veja.

Quando viro o olhar para o canto superior esquerdo do envelope, todas as letras do endereço estão a mover-se, trocam de lugar entre si, reordenando-se lentamente noutra coisa.

Pestanejo várias vezes, tentando limpar a visão. Não ajuda. As letras movem-se lateralmente, sobrepondo-se e depois alinhando-se noutro nome.

Um nome que perfura o meu coração.

Aidan Leighrite.

Dante Alighieri é um anagrama de Aidan Leighrite.

De súbito, ocorre-me a imagem do quadro com a citação de Thoreau na parede do salão de Destiny: «O que importa não é o que se olha, mas o que se vê.»

Estive cega. A recusar-me a admitir a verdade.

A olhar para tudo, mas não vendo nada de nada.

Com lágrimas a escorrer pela cara, deixo cair o envelope e corro para fora da cozinha. Entro de rompante no escritório de Michael e fico a chorar em cima da secretária dele.

Pego no jornal com a fotografia de Michael na frente.

Com as mãos a tremer, desdobro-o completamente. Quando vejo o resto do título que estava escondido, o coração para de bater.

O título não é Homem Local Morre por Afogamento, tal como aparece com o jornal dobrado.

O título completo é Mulher de Homem Local Morre por Afogamento.

Do outro lado do vinco do jornal, a minha fotografia olha para mim.

Vejo-me junto da sepultura de Michael no dia do seu funeral, a ouvir uma mulher soluçar o meu nome e, com a sensação de que o chão está a fugir-me dos pés, apercebo-me de que o nome na lápide não era do meu marido.

Era o meu nome.

Tudo regressa num ímpeto. Dentro da minha cabeça, escancara-se uma porta de aço que estivera trancada, e sou inundada por um oceano negro e gélido de memórias.

Grito.

As janelas explodem num milhão de lascas afiadas e brilhantes de vidros, imediatamente sugadas pela tempestade e levadas pela noite chuvosa. Um turbilhão violento rasga o jornal da minha mão e fá-lo voar loucamente pelo escritório, em farripas.

Fiona e Claire estão na entrada do escritório. Uma pequena figura descalça e de pijama azul encolhe-se aterrorizada atrás delas, espreitando por entre as pernas

de Fiona.

É o rapazinho louro que eu vira várias vezes no jardim.

O rapazinho que olhara para mim e gritara de puro terror.

O rapazinho que mora aqui com os pais, Sandy e David Wainwright, que compraram esta casa um mês depois de o meu marido me ter tirado a vida.

Michael não morreu.

Quem morreu foi Aidan.

Michael matou-o.

Mesmo antes de me matar.

II

## PURGATÓRIO

Mesmo no túmulo, nem tudo está perdido.

~ Edgar Allan Poe



37

FIONA

Quando disse a Kayla que os fantasmas são apenas almas com uma história para contar, estava a dizer a verdade.

Mas a questão aqui é que os fantasmas são narradores falíveis. Especialmente quando estão a contar a história a si mesmos.

Descobrir que se está morto é uma questão complicada.

Ouço atrás de mim um grito. Viro-me e vejo Sandy a correr pelo corredor a toda a velocidade, com os olhos arregalados e a face pálida. Bennett está agarrado à minha perna e desata a chorar quando vê a mãe.

Ela pega nele ao colo, abraça-o com força contra o peito e olha horrorizada para o escritório. Por entre o ruído do vento, grita:

– Ele escapuliu-se da cama. Meu Deus, o que é que está a acontecer?

– Leve-o para cima! – vocifera Claire.

Papel levantado pelo vendaval voa por todo o lado como pássaros despedaçados em voo. As cortinas ondeiam e agitam-se junto das janelas estilhaçadas. Fotografias emolduradas arrancam-se das paredes e caem esmagadas no chão. São arremessados livros da estante como se fossem disparados por uma arma. Um espetáculo de luzes

irrompe das lâmpadas que explodem no teto e nos candeeiros, salpicando o espaço com faíscas brancas brilhantes.

É um festival de som e de fúria. O caos visível de um coração invisível que quebra.

– Eu sei, minha querida – murmuro, observando a loucura. – Lamento muito.

O sítio onde Kayla estava há uns momentos está agora vazio.

Sandy volta as costas e corre pelo corredor com Bennett nos braços. Vai ter com David, ao piso de cima, e esperar que Claire lhes diga que o espírito de Kayla Reece abandonou, finalmente, a casa.

No entanto, podem ter de esperar um pouco.

Ainda há mais história para contar.





Aqueles olhos, sabem? Tão bonitos, mas tão tristes.

Demorou algum tempo até descobrir por que motivo era tão triste. Naquela altura, falei-lhe do meu pai, de como era agressivo. Do que fiz para proteger a minha mãe dos seus acessos de raiva.

Do tempo que passei na prisão por isso.

O juiz foi clemente por ser menor de idade. O

testemunho da minha mãe também ajudou, juntamente com outras testemunhas de defesa chamadas para provar que estávamos a viver no inferno por causa daquele homem.

Ainda assim. Factos são factos. Eu era um criminoso condenado. Não é bonito dizê-lo em voz alta.

O mais incrível? Kayla nunca me julgou. Nunca olhou para mim de modo diferente. Não deixou que isso interferisse na nossa relação, quando tinha todas as razões para dizer: «Até nunca mais», e ir-se embora.

Ela já tinha passado por tanto. Não precisava de todas as minhas merdas para juntar às dela.

Diziam que o marido dela era um génio. Brilhante, como se isso atenuasse alguma coisa. Como uma explicação e uma desculpa ao mesmo tempo. Era um professor de

matemática importante na universidade, o cérebro como um supercomputador.

Um supercomputador com uma anomalia substancial.

Sabem o que acontece quando vos dizem que são muito inteligentes, toda a gente a tratar-vos como se fossem Deus?

Vocês acreditam que são.

Essa ideia perigosa, aliada a uma personalidade sem empatia e obcecada por controlo, resulta em problemas enormes.

Depois as coisas correm mal.

Especialmente para a pessoa mais próxima.

Michael e Kayla casaram-se novos. Antes de os ataques de raiva

começarem. Antes de as tarefas começarem. Antes de lhe ter dado tantos pontapés na barriga, que ela abortou o filho deles.

Chorei quando ela me contou. Fiquei destroçado e lavado em lágrimas porque era tão trágico, porra.

Depois contou-me que ele a perseguia após a separação, e essas lágrimas secaram imediatamente, porra.

Quis que ela pedisse uma ordem de afastamento, mas Kayla disse que apenas o provocaria mais. Alguém a aconselhou que a melhor forma de lidar com um narcisista é privá-lo da fonte de atenção, não ter qualquer contacto com ele e esperar que acabe por se faltar e desapareça.

Mas Michael era mais do que um mero narcisista.

Era um monstro arrogante que pensava ser Deus.

Kayla pagou o preço dessa arrogância. Pagámos os dois.

Mas como lhe dissera na minha carta, é um preço que pagaria de bom grado milhares de vezes. Mesmo que tivesse de o fazer todos os dias até ao fim da eternidade, rasgaria as veias com uma lâmina e, feliz, deixava-me sangrar até não restar uma gota.

Não poderia viver sem ela.

Por isso, morrer por ela foi a única opção.

O meu erro foi ter pensado que bastava o meu sangue para satisfazer o monstro que vivia dentro da cabeça do seu marido.

Infelizmente, era mais sedento de sangue do que eu imaginava.



palma da mão e a escrutinar todas as memórias do meu casamento com Michael, até me aperceber de que a razão pela qual não tirei o anel até agora é muito simples.

Tenho estado a honrar os mortos.

A minha criança morta.

O meu casamento morto.

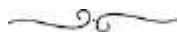
As esperanças mortas da vida que um dia pensei ter.

Agora, a única forma de me libertar do passado é fazer o que os outros seres humanos fazem quando estão de luto por algo que já não vive.

Um funeral.

Subo as escadas, vou ao quarto principal e encontro uma caixa de sapatos no armário. Lá dentro, ponho a certidão de casamento, a aliança, uma ecografia a preto e branco do bebé, tirada na primeira consulta de ecografia obstétrica, juntamente com algumas lembranças.

Depois vou ao jardim das traseiras com uma pá que trouxe do barracão e escavo um buraco ao lado da pérgula coberta pela trepadeira, por baixo da qual contara a Michael que estava grávida.



Quando acho que o buraco está suficientemente fundo, enterro a caixa. Depois cubro-a de terra com uma mão e com as lágrimas que me caem dos olhos.

O meu casamento já acabou há algum tempo, mas ainda dói. Sei que vai doer sempre. O tipo de dor com que vivi deixa cicatrizes indeléveis.

Sento-me nos calcanhares com a garganta embargada de emoção e penso em qualquer coisa adequada para dizer ao pequeno monte de terra desarranjada.

Faltam-me as palavras, por isso apenas pressiono a mão a tremer em cima da terra num adeus final.

A seguir, benzo-me e volto para casa para mudar de roupa.

Se o meu passado está morto e enterrado, o meu futuro ainda está à espera.

Ainda demora alguns segundos a abrir a porta depois de eu bater. É tarde e não está a contar comigo. Enquanto ouço os passos a aproximarem-se, sinto o coração a bater muito depressa e os nervos em fogo por causa saudades. A maçaneta mexe-se, e aí está ele.

Embora tenham passado algumas semanas e o nosso último encontro no restaurante Harbour House não tenha terminado bem, Aidan olha para mim como olha sempre, como se fosse o primeiro nascer do sol que vê em toda a sua vida.

A minha voz falha quando digo:

– Disseste para te ligar quando tivesse as ideias mais claras. Pensei bater à porta, em vez de ligar.

Dirige o olhar para baixo, para o meu dedo desgarnecido.

– Finalmente, caraças – diz levemente, soltando um suspiro. – Não tenho conseguido respirar sem ti, coelhinha.

Agarra-me num abraço gigante tão apertado que também fico sem conseguir respirar.

Depois beijamo-nos. Beijos de desespero e de volúpia, enquanto me arrasta da entrada e me leva para dentro do apartamento. Dá um pontapé na porta para a fechar e abraça-me novamente, encostando a cara dele ao meu pescoço.

Agarra-me, os braços dele tremem e eu estou agradecida por tudo o que me trouxe a este momento, porque nunca encontrarei nada mais esplêndido do que isto.

– Obrigada – sussurro ao seu ouvido.

– Pelo quê?

– Por me teres dado o espaço de que precisava, embora não o quisesse. Mas se me deres mais, dou-te um pontapé no rabo.

O riso dele é baixo e tranquilo. Afasta-se e encara-me com olhos brilhantes.

– E se te der outra coisa de que precisas?

Levanto a sobrancelha e respondo timidamente:

– Depende do que for.

O sorrisinho dele torna-se voraz e a voz fica com um tom misterioso.

– Oh, eu acho que sabes o que é, coelhinha.

Dobra-se, agarra-me, põe-me em cima do ombro e leva-me pelo corredor até ao quarto, a rir-se, enquanto lhe dou pequenos murros nas nádegas musculadas. Ajoelha-se no colchão e deita-nos na cama.

Eu estremeço e encolho-me.

– Au.

– O que foi?

– Tenho qualquer coisa debaixo das costas.

Aidan levanta-se para eu me afastar. Tira um livro debaixo de mim.

– Desculpa. Estava a ler.

Atira o livro para o lado e beija-me novamente, mas fico demasiado curiosa para deixar passar.

– Estás a ler o quê?

– A Divina Comédia.

Ele tenta chegar à minha boca, mas não pode porque ainda estou a falar.

– É sobre o quê, A Divina Comédia? Parece interessante.

Para e olha para mim em desaprovação, dizendo secamente:

– É para fazermos um clube de leitura, agora?

Sorrio e brinco com uma madeixa do seu cabelo escuro.

– Temos todo o tempo do mundo para fazer outras coisas, Sr. Leão. Além disso, tenho curiosidade em saber quais são os teus gostos literários.

– Parece que os meus gostos literários são tão estranhos como o meu gosto por mulheres. Há semanas que não nos vemos, estás na minha cama e estás a impedir-me que entre dentro de ti. Quão errado é isto?

Dou-lhe um beijinho nos lábios e aproximo-me do livro que ele atirou

para o lado. Tem capa dura, preta, e não tem a sobrecapa. O título e o nome do autor estão impressos a dourado na lombada.

A Divina Comédia de Dante Alighieri.

– Parece ser um nome inventado – comento.

Aidan troça.

– É só o melhor poeta de sempre.

– Então porque é que nunca ouvi falar dele?

– Se calhar não és tão esperta como pensas que és.

Faço uma cara de poucos amigos. Ele faz um sorrisinho.

– Então A Divina Comédia é sobre o quê? – pergunto.

Ele suspira, sai de cima de mim e deita-se de costas.

– É um poema épico sobre a viagem de um homem pelo inferno.

Rio-me.

– Parece a leitura perfeita antes de dormir.

Olha para mim com olhos sorridentes, embora tente fazer uma expressão sisuda. Quer que pense que está dececionado por ainda não estar nua, mas sei que está feliz

por eu aqui estar.

Já somos dois.

Apoio-me num cotovelo e ponho-lhe o livro em cima da barriga.

– Conta-me a história. Em que parte é que vais? Porque é que se chama comédia se é sobre o inferno? Porque é que o nome do autor tem tantos «is». É inventado, não é?

Tenta conter uma gargalhada e apanha uma madeixa do meu cabelo para a pôr atrás da orelha.

– Ainda não tinha percebido que eras tão estranha.

Com os nós dos dedos, bato levemente no seu peito.

– Como se tu fosses normal. Responde-me.

Num suspiro exagerado, ele puxa-me para baixo e põe um braço debaixo do meu pescoço, aninhando-me contra si.

Aconchego-me nele, fecho os olhos e inspiro o seu aroma quente de cedro, almíscar e madeira fumada.

A felicidade resplandece dentro de mim, leve e etérea como bolas de sabão.

– Dante era um poeta e erudito italiano que nasceu no século XIII.

– Não admira nunca ter ouvido falar dele!

– A história é uma alegoria da viagem da sua alma pelos três estágios da morte: inferno, purgatório e paraíso –

continua Aidan, desconsiderando o comentário. – Ao longo do caminho, é acompanhado por três guias de espíritos que o ajudam a compreender o que vai acontecendo. No final, entra no paraíso, adquire o conhecimento do que Deus verdadeiramente é e alcança a salvação eterna.

– E estás a lê-lo na cama a um sábado à noite? – comento, um momento depois.

– É considerada uma das melhores obras da literatura mundial.

– Por favor, responde à minha última pergunta.

Num riso abafado, beija-me na testa.

– Estou espantado por não teres estudado Dante na tua educação universitária sofisticada. Mas eu tenho feito um esforço permanente para compensar o tempo perdido.

Abro os olhos e encaro-o. Devolve-me o olhar com um sorriso suave. Sei que fala do tempo que passou na prisão pelo que fez ao pai, mas, na verdade, nunca falámos sobre isso, por isso hesito em perguntar-lhe pormenores. Como, por exemplo, durante quanto tempo esteve preso.

A afagar-me gentilmente o cabelo, murmura:

– Sete anos.

Caramba. O homem lê-me sempre os pensamentos.

– Foi horrível? – pergunto em voz baixa.

Acena com a cabeça.

A minha garganta comprime-se, mas consigo dizer:

– Lamento.

– É passado. Isto é o que interessa agora.

Aperta-me e sorri-me tão ternamente que quase me parte o coração em dois. Contenho as lágrimas, fecho os olhos e encosto a cara ao peito dele.

Pressentindo que estou a ficar demasiado emocionada, ele tem pena de mim e muda de assunto.

– O que acho extraordinário em Dante, além da obra, é o facto de o nome dele ser um anagrama do meu.

– Anagrama é o quê? Que parece semelhante?

– Não andaste na faculdade, pois não? – pergunta ao fim de uma pausa.

Bato-lhe novamente no peito. Ele faz um riso abafado e explica:

– O anagrama é uma palavra formada com as letras de outra palavra. Como «amor» e «roma». As letras são misturadas e transformam-se noutra palavra.

Penso uns segundos.

– Pois. Isso é esquisito.

– Esquisito porquê?

– O teu nome e de um tipo italiano do século XIII serem iguais.

– Não são, de todo, iguais.

– São, sim, se misturares todas as letras!

Ele dissolve-se em gargalhadas.

– Porra, tive saudades tuas.

– Que bom que te divirto, Clube de Combate.



Tira o livro de cima da barriga e põe-no ao lado, em cima da cama, depois vem para cima de mim, apoiando-se nos antebraços. Segura-me a cabeça com as mãos, enquanto me olha nos olhos e murmura:

– Foi a alta fantasia aqui tolhida; mas ânsias e vontade era a movê-las, já como roda por igual movida, o amor que move o Sol e as mais estrelas.

Não diz mais nada, continua a olhar para mim intensamente e eu observo:

– Hum... OK?

Deixa cair a testa sobre o meu ombro e ri-se novamente, desta vez mais alto, fazendo todo o seu corpo abanar.

– Não consigo entender o que é tão divertido – comento, a resmungar.

– É o último verso do canto final do poema, onde Dante ascende ao paraíso e é envolto pela luz divina e pelo amor de Deus. É provavelmente o verso mais famoso da história.

– Pf. Não, o verso mais famoso da história é: «Não gosto de ovos verdes e presunto, não gosto e pronto, Sam-eu-sou.» É do Dr. Seuss, caso as tuas leituras ainda não tenham progredido assim tanto.

Levanta a cabeça e fita-me com uns olhos cheios de adoração e com um sorrisinho ofuscante.

Devolvo-lhe o sorriso e digo:

– Então o paraíso é assim, é? Rodas e estrelas a moverem-se?

– Pelo menos para Dante, era.

– Como é o paraíso, para ti?

O seu sorriso desvanece. A energia dele muda lentamente da luz para a escuridão, bem como o seu olhar.

Olhando-me profundamente nos olhos, diz brandamente:



– Tu.

Este é o momento em que me liberto finalmente do meu passado e dos

meus medos e, atirando-me de cabeça, me apaixono por ele.

Envolvo os meus braços em torno do seu pescoço e ponho tudo isto num beijo.

Porque é Aidan, ele dá-mo de volta multiplicado por mil.

Desde essa noite que nos tornámos inseparáveis.

Passámos todos os momentos de todos os dias e de todas as noites juntos. Os meses seguintes foram aquilo de que os sonhos são feitos, um conto de fadas tornado realidade.

Depois, veio a véspera de Ano Novo.

E, com ela, o fim.



40

KAYLA

### **Véspera de Ano Novo**

À luz das velas, o rosto de Aidan é tão belo como o de um anjo.

– És tão bonito porquê? – murmuro, traçando com o dedo uma linha que vai das maçãs do rosto ao queixo. A barba escura é macia e flexível sob o toque do meu dedo.

Estamos deitados na cama, em minha casa, virados um para o outro, com a extensão dos nossos corpos nus alinhada do peito às ancas. Os meus pés estão escondidos na parte de trás das pernas dele. Um dos seus braços ampara-me a cabeça. O outro mantém-me perto de si.

Olha-me com olhos meigos e responde:

– Não sou. Estás só bêbeda da sensação de bem-estar depois da catarse.

O meu riso é baixo e rouco.

– É como achar alguém bonito depois de uns copos, mas em vez de

copos, sexo?

– Exatamente. O orgasmo distorceu-te a visão. Na realidade, pareço um javali.

Sorrindo, beijo-lhe a ponta do nariz.

– Realmente pareces mesmo um javali. Nunca puxei esse assunto porque não te queria magoar.

– Por falar em puxar o assunto... – sussurra, acariciando-me o pescoço.

Flexiona as ancas, pressionando a ereção contra as minhas coxas.

Rio-me novamente, a sentir-me extasiada e ousada, como estivesse quase a cair do cimo de um penhasco alto.

– Nunca ouviste falar de período refratário?

– Eu já, mas o meu pénis não.

– Obviamente.

Ele levanta uma sobrancelha.

– Estás a queixar-te?

Faz-me dar um risinho.

– Não, senhor. Eu adoro.

Vem para cima de mim. Baixa a cabeça e beija-me suavemente, murmurando contra os meus lábios:

– Diz isso outra vez, coelhinha.

– A parte do senhor ou a parte do adorar?

– Ambas. – Os olhos dele escurecem, a voz baixa de tom.

– Mas deixa de parte o «não».

Tenho de pensar um pouco. Quando percebo o que ele quer que eu diga, coro.

Mas dou-lho. Sem reservas nem arrependimentos, como ele quer.

A olhá-lo nos olhos, com a cara a arder e o coração a bater disparado, sussurro:

– Eu adoro, senhor.

Ele humedece os lábios. A respiração torna-se errática.

Em cima de mim, pesado e quente, ele parece a âncora que me mantém estabilizada e o refúgio que me mantém segura, mesmo que a tempestade seja violenta.

– E eu adoro a minha querida coelhinha, que me deixa agradecido por cada dia em que atravessei o inferno, porque esse caminho escuro acabaria por me conduzir a ela

– diz numa voz rouca, acariciando-me a maçã do rosto com o polegar.

Solto um soluço débil, mas ele silencia-o quando me beija.

Achava que ia entrar dentro de mim, mas deita-se de costas e puxa-me para cima dele. Afasta-me o cabelo da cara e diz casualmente:

– É suposto haver fogo de artifício à meia-noite.

– Uau.

– O quê?

– Que transição dececionante. Pensei que ias fazer amor comigo outra vez.

Dá um riso abafado.

– E ia, mas depois tive a ideia genial de que podíamos estar no barco, com o fogo de artifício a rebentar no céu, enquanto te fazia vir.

– Ah. Sim, seria memorável entrar assim no Ano Novo.

Sorrimos abertamente um para o outro.

– Comprei chocolate e champanhe. Caso te apeteça – diz ele.

– Como seria possível não me apetecer que me alimentes com champanhe e chocolate, sob um céu repleto de fogos de artifício, depois de me dares um orgasmo extraordinário?

– Oh, então também te alimento? – Revira os olhos e simula desalento.

– Tenho de ser eu a fazer tudo.

Beijo-lhe os lábios.

– Coitadinho – murmuro.

Aidan deita-me de costas e resmunga:

– Cuidado. Os javalis comem coelhinhos ao jantar. –

Depois belisca-me o pescoço e faz-me cócegas, fazendo-me gritar.

A rir-se, levanta-se. Com um sorriso na cara, observo-o enquanto ele se dirige ao armário. Aparece vestido pouco depois.

– Mexe esse rabiosque maravilhoso – diz com um sorriso aberto e maroto enquanto sai do quarto. – Encontramo-nos lá em baixo.

Salto da cama e visto-me o mais depressa possível, enfiando umas calças de ganga e uma camisola grossa por cima de uma camisa de mangas compridas. Esta noite não chove, mas com a temperatura à volta dos dez graus, vai estar frio na água. Calço botas e desço as escadas, com um sorriso largo.

É estranho como a alegria torna o corpo leve. Se me concentrasse, tenho a certeza de que levantava voo.

Encontro Aidan na cozinha, a pôr o champanhe, os chocolates e dois copos de champanhe num cesto de piquenique.

– Olha só, que fada do lar – comento em jeito de provocação.

– Julgo que a palavra que procuras é: romântico.

Vou por detrás dele e abraço-o pela cintura. Encosto a cara contra as suas costas largas e murmuro:

– Na verdade, a palavra que procuro é: estupendo. Não, maravilhoso. Não, também não. Hum...

– Glorioso – acrescenta, virando-se para me abraçar. –

Também aceito espetacular.

– Pois, acredito que sim.

Beija-me, segurando-me a cara com as mãos. É um beijo suave, mas

rapidamente aquece. Afasto-lhe os braços, a rir.

– Está bem, Clube de Combate, vamos pôr a caravana a andar, senão nunca mais saímos da cozinha.

– Que mandona – responde, a abanar a cabeça. Tenta fazer uma expressão carrancuda, mas não consegue.

– Vou buscar umas mantas. Encontramo-nos na porta das traseiras.

Deixo-o na cozinha e vou ao quarto de hóspedes procurar as mantas na pilha de roupa dobrada, no armário das toalhas. Escolho duas quentes e grossas, ponho uma ao ombro e levo a outra até à porta onde Aidan me espera, com o cesto de vime na mão.

Quando envolvo a manta nos ombros dele, faz uma careta.

– Sabes que os javalis não têm frio, certo? Somos demasiado valentões para essas coisas.

Faço-lhe um aceno.

– Está calado, machão. Vais agradecer-me quando estivermos na água.

Atravessamos o jardim e descemos em direção à praia rochosa onde o Eurídice está amarrado na doca. O ar é fresco e frio. Com um cheiro forte de seiva de pinheiros, cascas húmidas das árvores e musgo. Por cima de nós, o céu é de um azul-safira profundo salpicado de estrelas. Há sossego e silêncio, exceto a serenata com que os grilos nos brindam, com a sua canção da noite. Aidan agarra-me a mão e aperta-a, olhando para mim a sorrir.

Se o paraíso existe, espero que seja exatamente assim.

Aidan ajuda-me a entrar na popa do barco, depois entrega-me o cesto de piquenique. A seguir, salta por cima da borda do casco e desamarra as cordas dos cunhos laterais enquanto eu subo as escadas estreitas que vão dar à ponte, que proporciona uma vista desimpedida da água por estar elevada por cima do convés principal e do convés inferior.

O luar brilha nas águas escuras e ondulantes. O estreito está calmo esta noite e os céus estão limpos, o que faz com se tenha uma vista espetacular para os fogos de artifício.

Ligo o ventilador durante um minuto para limpar os fumos do compartimento do motor, depois ligo as baterias e aciono os motores.

Após verificar os indicadores para garantir que está tudo pronto, grito a Aidan:

– Preparado?

Não responde.

Desço as escadas e chamo mais alto:

– Aidan?

Continua sem responder. Não deve ouvir por causa do barulho dos motores.

Como as escadas são tão íngremes, descê-las é ligeiramente mais complicado do que subi-las. Tenho de o fazer com cuidado, virada para a parte de dentro e agarrando as grades de metal de cada lado. Quando finalmente os meus pés tocam no convés, viro-me, esperando ver Aidan na popa, na área dos bancos.

Não está lá. O cesto de piquenique está pousado em cima da mesa.

Com as sobranceiras franzidas, olho para dentro da cabine principal... e paraliso, horrorizada.

Aidan está de pé, tenso, num lado da cabine, a olhar para um homem à frente dele, a cerca de um metro e meio de distância.

É Michael.

Com a mesma gabardina cinzenta em que o vi várias vezes durante os últimos meses, quando me perseguia e o apanhava a espiar-me, está magro e com um aspeto desleixado, com a cara encovada e olheiras profundas.

Tem os braços para baixo.

Uma das mãos segura uma pistola prateada.

Inspiro

fundo.

O

meu

coração

bate

descompassadamente. Um calafrio percorre-me o corpo, enregelando-me até aos ossos.

– Michael, o que é que estás a fazer? – digo numa voz alta e tensa.

– Vim buscar o que é meu – responde Michael, com um olhar febril. – Achavas mesmo que me ias deixar, Kayla? A mim? Tu és minha. E se não te posso ter, mais ninguém pode.

A gargalhada dele é o som mais diabólico que alguma vez ouvi.

Aterrorizada, engulo em seco e olho para Aidan. Está completamente imóvel, todos os músculos do seu corpo tensos.

A minha mente é um animal raivoso, a arranhar o interior do meu crânio com as unhas afiadas.

Onde é que ele arranjou uma arma? Será que sabe disparar aquilo? Estará, sequer, carregada? Oh, meu Deus, o que é que eu faço?

Embora desesperada e em pânico, tento falar numa voz calma e suave o melhor que consigo.

– Não sou tua, Michael. Acabou.

Voa-lhe saliva da boca quando grita:

– Tu és minha!

Ele levanta o braço e aponta a arma ao peito de Aidan.

Estou tão assustada que julgo que vou desmaiar.

Aidan permanece perfeitamente imóvel, o rosto impassível e a respiração superficial. Mas sei que no fundo está aterrorizado com o que pode acontecer.

Engulo um soluço e levanto as mãos.

– Não, por favor, ouve-me. Não faças nada de que te arrependas. Não é preciso. Podemos conversar – imploro.

Michael passa a língua nos lábios gretados. Nervoso, move o peso do



corpo entre uma perna e outra. A mão que agarra a pistola está agora a tremer muito.

Depois, vira o olhar esgazeado na minha direção.

– Agora queres falar, é? Depois de tudo o que me fizeste passar? Depois da forma como me trataste? Deixar-me assim. Como se fosse lixo. Tens cá uma lata.

Percebo o meu erro quando Michael vira a arma para mim. Dou um passo atrás com um grito entalado na garganta.

– Michael, ouve-me. Baixa a arma – diz Aidan com firmeza.

– Não te atrevas a falar comigo, porra! Não te atrevas a mandar em mim!

– Falo, sim. Porque fui eu que comecei isto.

Michael olha para nós alternadamente, depois aponta a pistola para Aidan.

– Começar o quê?

– A Kayla nunca te quis deixar. Fui eu que a obriguei a pedir o divórcio. Foi culpa minha. É comigo que te deves zangar, não com ela. Deixa-a ir e podemos falar.

Aidan olha para mim. O que vejo nos seus olhos faz-me querer gritar, é tão estúpido. Tão estúpido, tão inconsequente e tão tipicamente ele, porra, o tolo que se sacrifica voluntariamente.

O que diz é mentira. Só o conheci depois de terminar o meu casamento. Mas vai tentar apaziguar Michael o tempo suficiente para que eu fique em segurança.

Só que não é ele que tem a arma. E não sabe quão imprevisível Michael pode ser... ou quão diabolicamente inteligente.

Não, céus, isto não está a acontecer, não pode estar a acontecer.

Aidan volta a olhar para Michael e repete calmamente:

– Deixa-a ir. Podemos falar melhor se ela não estiver aqui.

– Não, Aidan, não...

– Cala-te, Kayla.

– Não saio deste barco!

– Sais, sim. Agora. Vai.

O olhar tresloucado de Michael move-se como setas entre mim e Aidan. Nos olhos dele, não encontro nada do homem com quem casei há muito tempo. O monstro acabou por engoli-lo completamente.

A minha pulsação ressoa-me nos ouvidos como trovões.

Como é que posso distraí-lo? Bato-lhe com o quê? O

extintor! Está ali!

Ao ver-me a olhar em volta em pânico, Michael pergunta de súbito:

– Que merda estás a fazer?

– Só está assustada – responde Aidan. – Estás a apontar-lhe uma arma. Qualquer pessoa ficaria assustada.

– Tu não estás assustado – sibila Michael, ofegante.

– Porque sei que tenho de te pedir desculpa, e quero fazê-lo como deve ser. Kayla, sai da merda do barco.

Raios, Aidan, não. Não! Para com isso!

As lágrimas turvam-me a visão e descem-me pela cara.

Respiro com dificuldade. Dou um passo hesitante atrás, depois outro, a histeria agarra-me com uma mão fria e esmagadora.

Posso ligar para o 112. Se conseguir chegar até casa enquanto Aidan fala com ele, posso ligar à polícia para que eles venham aqui antes que aconteça uma tragédia.

Paro de pensar quando Michael diz no mais cru dos sussurros:

– Não. Estás a mentir. Vejo na tua cara. – Ele olha para mim. A voz dele sobe de tom. – Têm de morrer os dois.

Soluço, ponho a mão na boca e Aidan diz numa voz autoritária:

– Ninguém tem de morrer. Baixa só a arma e podemos falar.

Com a mão a tremer e o branco dos olhos à vista, Michael grita:

– Um de vocês tem de morrer têm de escolher agora quem morre quem morre quem morre se não escolherem tenho de matar os dois!

Aponta-me a arma outra vez. Aponta-a diretamente à minha cara. Só não tombo para cima dela porque o terror me deixou os músculos empedernidos.

– Se escolhermos, só matas um? – pergunta Aidan.

E o meu coração para de bater. Para mortificado dentro do peito, interrompido pelo terror.

– Não, Aidan, para, não digas mais nada...

– Michael?

– Aidan, não! Para!

– Sim! – grita Michael e levanta o cão da pistola com o polegar.

Aidan olha para mim. O coração dele brilha-lhe nos olhos.

– Eu amo-te, coelhinha. Amar-te-ei até ao fim dos tempos

– diz suavemente.

Depois volta a olhar para Michael e nunca vou esquecer as palavras que diz a seguir. Ecoarão na minha cabeça por toda a eternidade.

– Então mata-me.

O tempo muda. Tudo adquire as características surreais de um sonho. O que vejo à minha frente desenrola-se com um filme em câmara lenta, com o som distorcido e as cores turvas, arrastando-se a meia velocidade.

Michael balança o braço na direção de Aidan.

Aidan precipita-se.

Uma bola de fogo explode da ponta da arma de Michael.

A cabeça de Aidan retesa-se bruscamente.

O movimento do seu corpo para a frente para de forma abrupta, como

se batesse numa parede.

Surge um pequeno buraco vermelho no meio da testa.

Sangue e bocados do cérebro espalham-se pela janela atrás dele.

Cai para trás, com os olhos abertos e a boca frouxa.

Prostrado em cima do sofá, imóvel e em silêncio, olha invisivelmente para o teto enquanto uma mancha escura se derrama pela almofada bege debaixo da sua cabeça.

Por cima de nós, no céu noturno, fogos de artifício explodem em jatos de cor com estalidos e estrondos.

O meu grito é uma coisa viva. Uma criatura de horror, de incredulidade e de desgosto sobe-me à garganta. Voo pelo espaço entre nós com esse grito a circundar-me por todos os lados, a vibrar-me nos ouvidos e na cabeça, no âmago de todos os lugares escondidos e sagrados da minha alma, apenas tocados por Aidan.

Lanço-me para cima do seu corpo sem vida, a gritar e a gritar a mesma coisa, uma e outra vez, todas as células do meu corpo gritam também.

Não. Não. Não. Não. Não.

Não olha para mim. Não responde a nenhum dos meus rogos ou beijos desesperados com que lhe inundo a cara e os lábios.

Não pode.

Partiu.

Solução histericamente, agarro-me a ele até qualquer coisa dura e pesada me bater na parte de trás da cabeça.

Uma dor atravessa-me o crânio. Vejo estrelas. Durante um momento, a visão torna-se preta.

Quando volto a ver luz, estou deitada de costas e Michael arrasta-me pelos pulsos pelo convés de madeira, em direção ao degrau de natação na parte de trás do barco.

As palavras saem-me arrastadas.

– Michael. O que é que estás a fazer?

Não consigo entender o que ele resmunga para si. É

incoerente, balbucia palavras sem sentido misturadas com respirações difíceis, ao mesmo tempo que me arrasta para longe do corpo de Aidan. Tento tirar os meus pulsos das mãos dele, mas não tenho forças.

Sinto um líquido quente a escorrer pelo pescoço. Sangue.

Deve-me ter batido com qualquer coisa pesada.

A arma. Levei uma coronhada com a arma.

Mais fogos de artifícios rebentam no céu. Por cima de nós, consigo ver explosões de estrelas que pintam o céu da meia-noite como o teto abobadado de uma catedral. Fumo paira na água. Algures, muito ao longe, um cão ladra.

Michael arrasta-me até à borda da popa e atira-me.

A água é um choque frio e negro, cortando-me o torpor como uma lâmina. Afundo-me durante um momento até começar a pontapear e a esbracejar. Venho à superfície, a cuspir, ofegante, desorientada e em pânico, num medo tão afiado quanto uma faca espetada nas costelas.

Tusso e grito. Os motores do barco zumbem e roncam.

Michael paira sobre mim no degrau, a rir-se como um maníaco, com os lábios afastados dos dentes.

Esbracejo até ao degrau, falhando-o por centímetros.

Michael dobra os joelhos e baixa-se. Agarro-lhe a mão, achando que me está a oferecer ajuda, mas depressa percebo que não.

Ele agarra-me pela garganta e aperta-a.

Empurra-me para baixo e mantém-me lá.

Mesmo debaixo de água, consigo ouvir as suas gargalhadas diabólicas.

Escorrega-lhe qualquer coisa da camisa. Vai na direção da água e passa pela minha cara, pequena e redonda, prateada e brilhante.

É a sua moeda de cinco cêntimos Buffalo da sorte, de 1937, aquela que anda sempre com ele.

Sacudo-me e dou pontapés. O meu coração martela na caixa torácica. A água salgada arde-me nos olhos e queima-me os pulmões. Os fogos de artifício iluminam a superfície da água num caleidoscópio reluzente de cores.

Não consigo tirar-lhe os dedos do meu pescoço. Arranho-lhe as mãos, a debater-me violentamente e a tossir, a cheirar o combustível e o fumo de pólvora, e o sangue e o mar.

Aidan.

Aidan.

Aidan, eu amo-te. Eu amo-te.

O meu corpo está pesado. A água agitada acima de mim aquieta-se. Sou levada pela corrente, o cabelo flutua à volta da minha cabeça, os olhos voltam-se para a superfície, a mão estendida em busca de ajuda que não vem.

Uma floração brilhante de cores derrama-se sobre o mar por cima de mim em tons de vermelho, verde e dourado, depois os fogos de artifício desvanecem e tudo fica escuro.

O meu coração bate uma última vez antes de parar para sempre.

III

PARAÍSO

A morte não é apagar a luz;  
é apenas dispensar a lâmpada  
porque o dia já nasceu.

~ Rabindranath Tagore



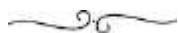
Damos o nome de memória à confluência da imaginação com factos. As memórias são as histórias que contamos a nós mesmos sobre eventos importantes que aconteceram na nossa vida. Ao contar as histórias, alguns pormenores perdem-se e outros são embelezados, até a verdade ficar mais próxima da ficção.

Tal como Fiona dissera. Todos nós criamos as nossas próprias verdades, até os fantasmas.

Suponho que deveria ter descoberto no dia em que ela chegou a casa e desativou o alarme de segurança sem eu lhe ter dito o código. Foi no mesmo dia em que mencionou que algo me perturbava e que os fantasmas precisam de uma conclusão. Nessa altura, ela trabalhava para os Wainwright há mais de um mês. Eles mantiveram-na quando compraram a casa, nunca imaginando quão útil viria a ser.

Não tem tantos poderes mediúnicos como a irmã, Claire, mas é algo que lhes corre no sangue.

Levei meses a vasculhar nas memórias e a reviver o passado para entender o que aconteceu. Vivi duas vidas paralelas, uma passada e uma presente, retirada da realidade mas a acreditar nela, totalmente cega para a verdade.



Tudo o que aconteceu com Aidan foi real. Bem como tudo o que aconteceu depois do Ano Novo. Mas estava tudo confuso e misturado, porque estar morto sem saber que se está morto é confuso como o raio.

Passado. Presente. Factos. Memórias. Tudo interligado e parte de um todo, como as páginas individuais de um livro antes de serem encadernadas.

Mas agora está tudo encadernado. A minha história está contada. O livro da minha vida foi escrito até ao último capítulo.

Só falta fechar a capa e guardá-lo.

Quando abro os olhos, nada parece igual. As paredes estão pintadas com uma cor diferente. A carpete foi substituída por madeira. Não conheço a mobília, nem as pessoas das fotografias emolduradas nas paredes.

A casa está muito diferente do que quando aqui vivi.

Diferente, mas familiar, como a cara de um amigo que não se vê há muitos anos. Não tinha reparado nas mudanças antes, mas agora as persianas dos meus olhos abriram-se.

A minha visão está finalmente limpa.

A tempestade lá fora parou. Tudo está tranquilo. Para lá das janelas da sala de estar, a aurora espalha uma luz brilhante sobre o jardim e as colinas distantes. Os pássaros chilreiam, o cheiro da primavera está no ar e maravilho-me com toda essa beleza.

A campainha da porta toca.

Dirijo-me à porta de frente, levada por uma força tão elementar quanto a gravidade, tão imparável quanto o tempo. Rodo a maçaneta, puxo a porta e encontro Aidan no alpendre.

Está mergulhado na luz dourada do sol, a sorrir-me como se eu fosse o primeiro nascer do sol que alguma vez viu.

– Olá, coelhinha – diz suavemente, os olhos a brilhar de adoração. – Tiveste saudades minhas?

Caio-lhe nos braços. O seu abraço é melhor que centenas de beijos, melhor que milhares de desejos, mais perfeito do que qualquer sonho.

– Encontrei-me – sussurro, chorando lágrimas de felicidade.

Encosta o seu rosto ao meu, respirando sobre a minha pele enquanto me aperta muito.

– Nunca te perdi. Quem é que achas que tocou à campainha durante este tempo todo?

Escondo a cara no pescoço dele.

– Desculpa. Não sabia. Não conseguia ver. Estava tão confusa.

– Está tudo bem. Eu disse-te que esperaria por ti para sempre se fosse preciso – murmura-me ao ouvido.

Quando levanto a cabeça para o encarar com os olhos cheios de lágrimas, ele faz um sorriso repleto de tanta beleza que fico sem ar.

– O colete de salvação foi um belo pormenor – digo.

– Imaginei que sim.



– Durante a sessão espírita, quem fazia aqueles toques e efeitos especiais, eras tu ou eu?

– Era eu. Mas todas as outras coisas que se passavam na casa eras tu. As luzes a piscar, os armários abertos, a televisão a ligar-se e a desligar-se... Lamento dizer-te, mas tornaste a vida bastante complicada aos Wainwright.

– Uau. Morta e melodramática. Julgava que chegar ao além daria às pessoas outra perspetiva sobre as coisas.

– Estavas traumatizada. Dá-te um desconto – responde gentilmente.

– E o meu anel a cair do teto? A moeda que aparecia num lado e no outro. Imagino que também tenhas sido tu?

– Nada disso interessa agora. O que interessa é que estamos juntos.

– Mas espera, como é eu não percebi o que estava a acontecer, mas tu percebeste?

Ele sorri.

– Se calhar sou mais esperto do que tu.

– Isso não tem graça nenhuma.

À nossa volta, a luz dourada torna-se mais brilhante.

Sinto uma urgência apazível, um impulso ascendente que aumenta a cada elevação gradual da luz. Quero render-me ao impulso, mas preciso de perguntar uma coisa primeiro.

– Porque é puseste o carimbo postal da prisão? Era uma pista sobre o teu passado?

Ele sorri.

– Era mais uma pista sobre o futuro.

– O que é queres dizer?

– A Penitenciária do Estado de Washington é onde um certo idiota está detido sob acusação de homicídio. Tenho andado a pensar que lhe devemos fazer uma visita.

Lembro-me de Fiona ter dito que muitos génios podem ver fantasmas

e desato a rir-me.

– Oh, Aidan, és diabólico.

A luz dourada que nos circunda fica mais clara. Depois, ele segura-me a cara com as mãos e beija-me. Nos seus lábios, saboreio a eternidade.

Isso e outra coisa quase tão doce:

Vingança.



## EPÍLOGO

Transcrito das observações e da gravação da sessão do dia 16 de março, conduzida pelo Dr. Patrick Templeman, psiquiatra forense, com Michael Reece, atualmente a aguardar julgamento por acusações de homicídio qualificado.

DR. TEMPLEMAN: Obrigado por estar aqui hoje, Mr. Reece.

MICHAEL REECE: Trate-me por Doutor Reece. E diz isso como se eu tivesse voto na matéria. Trouxeram-me para aqui de algemas. Reparou nas algemas?

DR. TEMPLEMAN: Como se sente hoje?

MICHAEL REECE: Pergunto-me quantas vezes vai dizer a palavra «hoje» antes de ir direto ao assunto.

DR. TEMPLEMAN: Como sabe, Mr. Reece, o meu objetivo é determinar a sua capacidade mental atual para ser julgado, conforme pedido pelo tribunal.

MICHAEL REECE: O tribunal pode ir para as urtigas, e você também. E é Doutor Reece.

DR. TEMPLEMAN: Compreende as acusações contra si?

MICHAEL REECE: Deixe-me dizer-lhe uma coisa. Não é a única pessoa nesta sala com um grande título académico.

Tenho três, entende? Doutoramento, mestrados, etc., todos de universidades da Ivy League. O seu diploma de medicina não me impressiona.

Observação do médico: Paciente visivelmente agitado.

DR. TEMPLEMAN: Teve vários ataques violentos desde que foi detido, correto? Sei que partiu o braço de um guarda.

MICHAEL REECE: Você é o melhor que eles arranjam? Parece tão competente quanto aquele defensor oficioso que eles me atribuíram.

DR. TEMPLEMAN: Como é a relação com o seu advogado? Acha-o adequado para o defender das acusações contra si?

MICHAEL REECE: Aquele idiota nem consegue descrever apropriadamente a cor de um monte de esterco. Pelos vistos, hoje em dia toda a gente passa no exame.

DR. TEMPLEMAN: Pode dizer-me quais são as acusações contra si, por favor?

MICHAEL REECE: A sério?

DR. TEMPLEMAN: Estou a tentar avaliar se compreende o que lhe está a acontecer.

MICHAEL REECE: Sim, eu compreendo o que me está a acontecer. Estou detido por me defender de um ataque.

DR. TEMPLEMAN: Estamos a falar do homicídio da sua ex-mulher, Kayla e de Aidan Leighrite, correto?

MICHAEL REECE: Céus. Isto nunca mais acaba.

DR. TEMPLEMAN: Recorda-se dos acontecimentos do dia 31 de dezembro do ano passado?

MICHAEL REECE: Não sou imbecil.

DR. TEMPLEMAN: Vou assumir que sim. Pode, por favor, descrever-me como é a relação com o seu advogado?

MICHAEL REECE: Ininteligível.

DR. TEMPLEMAN: O que julga que lhe vai acontecer se for condenado pelas acusações?

MICHAEL REECE: Não vou ser condenado. Uma pessoa como eu não deve estar na prisão.

DR. TEMPLEMAN: Alguém como você?

MICHAEL REECE: Sou um membro altamente respeitado da comunidade. O meu trabalho é incrivelmente importante.

Não sou violador nem traficante. Essas pessoas é que deviam estar atrás das grades, não eu.

DR. TEMPLEMAN: Não acha que um duplo homicídio é motivo suficiente para uma sentença de prisão?

MICHAEL REECE: Não posso ser responsabilizado por isso. Foi legítima defesa. Eu é que sou a vítima aqui, OK? Eu!

DR. TEMPLEMAN: Arrepende-se do que aconteceu?

MICHAEL REECE: Arrependo-me que me esteja a fazer perder o meu tempo com este interrogatório ridículo.

Observação do médico: Paciente exhibe traços de transtorno de personalidade narcisista.

DR. TEMPLEMAN: O que é que sabe relativamente às fases do processo

em

caso

de

pena

capital?

Foi-lhe

convenientemente explicado?

MICHAEL REECE: O que sei é que não devo ser julgado. O que é óbvio, sendo eu quem sou. Os génios não devem ser julgados. Ou ser presos, já agora. Tenho um QI de mais duzentos pontos, pelo amor de Deus.

DR. TEMPLEMAN: Também sabe que se o seu caso for a tribunal e for condenado, pode ser preso sem qualquer possibilidade de liberdade condicional?

MICHAEL REECE: O quê? Não, isso não está certo. Foi claramente em legítima defesa. O que é que está para aí a dizer?

DR. TEMPLEMAN: A questão é a intenção. Tem um historial documentado de violência física contra a sua mulher. O

procurador vai apresentar provas de que andou a persegui-la durante meses antes de a assassinar.

Também vai apresentar provas de que esteve envolvido numa continuada relação extraconjugal com uma colega de trabalho na universidade. Sharon, penso que seja esse o nome. Ou será Karen? Desculpe, não tenho aqui essas notas. Também há a questão da apólice do seguro de vida que fez para a sua mulher. Ela conhecia essa apólice?

MICHAEL REECE: Ouça, estou farto disto. Quero...

DR. TEMPLEMAN: Sim? Continue.

Observação do médico: Paciente está a fixar uma mancha na parede e não responde. Parece estar em angústia extrema.

DR. TEMPLEMAN: Mr. Reece, não se sente bem?

MICHAEL REECE: Oh, céus. Oh, meu Deus!

DR. TEMPLEMAN: Mr. Reece?

Observação do médico: Paciente está a gritar. Tenta sair da sala de interrogatório. Dá murros na porta num pânico visível.

DR. TEMPLEMAN: Mr. Reece, o que se passa? Diga-me o que se passa.

MICHAEL REECE: É ela! É ela e ele, juntos! Oh, céus! Deixe-me sair daqui. Deixe-me sair da merda desta sala!

Observação do médico: Paciente parece experienciar alucinações visuais.

DR. TEMPLEMAN: Mr. Reece, estamos sozinhos na sala.

MICHAEL REECE: Ela está mesmo ali, porra, seu idiota de merda! Olhe! Olhe!

DR. TEMPLEMAN: Como disse, somos as únicas pessoas nesta sala.

Observação do médico: Paciente está encolhido no canto da sala e recomeça a gritar. Não posso descartar a possibilidade de que é um estratagema calculado para introduzir uma defesa alternativa ao seu caso, nomeadamente incapacidade mental.

DR. TEMPLEMAN: Mr. Reece, pode acalmar-se, por favor? Terei de pedir que lhe deem tranquilizantes se não se controlar.

MICHAEL REECE: (aos gritos) Para de dizer isso! Para de dizer isso! Para de dizer essa palavra!

DR. TEMPLEMAN: Que palavra está a ouvir, Michael? Alguém está a falar consigo? O que é que dizem?

MICHAEL REECE: BU!

Observação do médico: Depois de ser detido pelos guardas, o paciente recebeu uma injeção intramuscular de fenobarbital e foi transferido para o departamento psiquiátrico para avaliação posterior.



NOTA DA AUTORA

Nunca chorei tanto enquanto escrevia um livro como chorei com Além das Palavras – Pen Pal, um sentimento que sei ser partilhado por

muitas pessoas que o leram. Houve muitos leitores que entraram em contacto comigo para expressar as suas emoções acerca das personagens e para pedirem mais, especialmente sobre o ponto de vista de Aidan. A cena adicional é coincidente com o capítulo dez, permitindo um vislumbre do que Aidan ia pensando e sentindo naquela noite em que Kayla apareceu à porta dele, encharcada pela chuva, em busca de consolo nos seus braços.



## CAPÍTULO ADICIONAL

Já passa bastante da meia-noite. O quarto está silencioso e em sossego. Estou deitado na cama, coberto por um lençol fino, enquanto olho para o teto e ouço a tempestade de inverno a ficar mais forte.

A chuva tamborila no telhado. Três ramos que arranham as vidraças parecem unhas fantasmagóricas. Rajadas de vento emitem um lamento sinistro como os uivos de uma alcateia. Mas, sobrepondo-se a este barulho, dentro da minha cabeça repete-se infinitamente uma única palavra.

Kayla.

Kayla com o seu sorriso enigmático, uma beleza avassaladora e uns olhos emotivos e eloquentes.

Conheci-a há uma semana. Não pensei em mais nada desde então.

Arde no meu cérebro como febre.

Naquele primeiro dia, em que fui a casa dela para lhe dar uma estimativa da reparação do telhado, estava de muito mau humor. Não é habitual em mim, mas a semana anterior tinha sido a pior de sempre. Jake chateava-me por eu passar demasiado tempo sozinho. Um grande trabalho que contava fazer ficou para outro concorrente. A minha carrinha teve um furo, estourou outro fusível da minha mota e deixei cair o telemóvel novo numa poça de água, ficando estragado.

O pior de tudo: outro banco recusou-me um empréstimo para a construção.

A malta do dinheiro não quer correr riscos com criminosos

condenados.

Por isso, a construção da casa que estou a fazer para mim, do outro lado da ilha, continua a passo de caracol, financiada apenas pelo que resta da conta bancária no final de cada mês e pelos biscates que consigo fazer para outros empreiteiros.

É frustrante como o raio, porque trabalhar naquela casa é o único momento em que me sinto próximo de uma sensação de paz. E tenho a esperança tola e infundada de que quando a terminar e for para lá viver, poderei ser realmente feliz.

Depois bati à porta de Kayla Reece.

Ela abriu-a e olhou para mim, e a felicidade pela qual esperei toda a vida atingiu-me de uma só vez; detonou numa bola de fogo vivo dentro do meu corpo.

Já tinha ouvido pessoas falarem da alegria e do êxtase como se fossem coisas reais. Sempre pensei que essas pessoas eram umas idiotas do caraças, mas ali no alpendre de Kayla, a olhar para aqueles olhos profundos como o oceano, senti-me como se Deus me tivesse tocado no ombro e dissesse: «Aí está, rapaz. Não estragues tudo.»

Não tenho vergonha de admitir que ela me deixou sem fôlego. Que me levou todo o ar dos pulmões.

Depois sorriu, e senti que podia respirar pela primeira vez em milhões de anos.

Podia respirar, mas não falar. O poder da fala abandonara-me. Fiquei a olhar para ela deslumbrado, com o fascínio de um lunático, até ela dizer:

– Posso ajudá-lo?

A única resposta que consegui dar foi o meu nome.

Mal me lembrava de qual era.

Depois disse-me para entrar e eu comecei a irritá-la muito, porque não só as minhas aptidões sociais são tão delicadas quanto as de um porco-espinho, como tentava

resistir a um desejo quase avassalador de a agarrar nos braços e abraçá-la até a estranha tristeza que ela tinha nos olhos desaparecer.



Normalmente não sou do género carinhoso. Riscar isto.

Nunca sou carinhoso. Mas há algo em Kayla que me dá vontade de a envolver e protegê-la do perigo.

Ela contratara-me para arranjar o telhado, mas no dia seguinte dispensou os meus serviços. Como disse, irritei-a muito.

Mas fiquei com a sensação estranha de que não acabaria assim. O pouco tempo que estive na sua presença aquietou todos os demónios dentro da minha cabeça, e sabia que isso não seria em vão.

Passaram cinco dias. Depois, hoje à noite, fui ao bar por baixo de minha casa beber um copo. Há semanas que não vou lá, no entanto, surgiu-me uma súbita vontade de beber cerveja como se precisasse de oxigénio. Dez segundos depois de o empregado de bar pôr a cerveja IPA à minha frente, do nada, senti um choque agudo, como uma carga de eletricidade estática. Olhei para a porta e ela estava lá.

Os nossos olhares cruzaram-se.

Os pelos dos meus braços eriçaram-se.

O relógio na parede parou.

Talvez esteja a ser melodramático, mas senti que estava predestinado que Kayla entrasse pela porta naquele momento. Que algo maior do que nós decidiu juntar-nos de novo, como se o Destino fizesse connosco a sua magia negra.

Aquela estranha sensação de destino fez com me tornasse ainda mais desagradável do que o habitual.

A expressão na cara dela quando lhe perguntei se me achava atraente ficará para sempre gravada na minha memória. Ela queria-me, era muito óbvio, mas, mais importante, eu percebia que se sentia segura comigo.

Sentia-se tão segura que deixou que a beijasse.

Não há palavras que descrevam como me senti quando os meus lábios tocaram os dela. Não vou sequer tentar encontrá-las.

Também não vou tentar descrever as emoções que senti quando ela saiu do bar depois de ter passado a última meia hora a ter conversa mais intensa de toda a minha vida. De ambas as vidas, a julgar pela

sua expressão aturdida.

Ela disse adeus. Eu disse boa noite, porque adeus era demasiado definitivo. Com tudo o que acontecia dentro de mim, não queria que proferíssemos essa palavra nunca.

Quando se foi embora, fiquei sentado na cabine sozinho e deixei que os meus átomos se reordenassem lentamente numa bonita nova realidade, uma realidade com Kayla Reece no seu centro.

Dura, mas frágil. Inteligente, mas perdida. Suspeito que é uma mulher com segredos, como eu, mas o que me interessa neste momento é vê-la novamente e ter outra oportunidade de a fazer sorrir.

Deitado na cama, acordado e eletrificado, a ouvir a tempestade violenta lá fora, anseio por essa oportunidade.

Quero-a tanto que dói.

Desperto abruptamente do meu devaneio com pancadas desenfreadas na porta.

Salto da cama, visto as calças de ganga que tinha deixado no chão e corro pelo apartamento, acendendo as luzes. Quando abro a porta, o coração cai-me aos pés.

Kayla está à soleira da minha porta. Está a tremer, descalça e a pingar.

Não traz sutiã. O seios perfeitos são visíveis por baixo do tecido da T-shirt. Os mamilos estão duros.

O mundo inteiro desaparece. Algures muito longe, os estrondos dos trovões ecoam o som que vem de dentro do meu coração.

Com os olhos muito abertos, olha para mim de cima a baixo. Depois olha para a sala, e um olhar de consternação atravessa-lhe o rosto.

– Peço desculpa por incomodá-lo. Vou-me embora –  
balbucia.

Vira-se, mas eu apanho-lhe o braço e puxo-a para dentro.

– O que se passa? Que aconteceu? – pergunto, fechando a porta.

A tiritar, ela cruza os braços e envolve-os em si.

– A-a-acho que-e-e alguém entrou em minha ca-sa.

– E então veio até aqui?

Não quis parecer acusador. Apenas estou impressionado por vê-la. Impressionado e entusiasmado por saber que pensou em mim quando precisava de ajuda. Mas pela expressão dela percebo que não me fiz entender, por isso esclareço:

– Não era uma crítica.

Ela está em silêncio. Pensativa. Não consigo deixar de reparar em como é incrivelmente bela. O rosto, o corpo, até os pés descalços, todos os bocadinhos dela são bonitos. A vontade de a puxar para os meus braços e beijá-la é tão forte que me provoca um curto-circuito no cérebro. Deve ser por isso que o que digo depois é tão ridículo.

– Está molhada.

Idiota! Atina! Ela está transtornada e precisa da tua ajuda!

Consigo juntar duas frases coerentes:

– Vamos aquecê-la. Depois conta-me o que aconteceu.

Levo-a pelo braço para a sentar à mesa da cozinha.

Depois vou à casa de banho buscar uma toalha, a pensar se tenho algum problema cardíaco que desconheça, porque o meu coração bate dolorosamente com força.

Kayla Reece está em minha casa. Está molhada e angustiada, e está aqui, caramba.

Tenho as mãos a tremer quando tiro a toalha da prateleira da casa de banho.

Quando volto à cozinha, ela parece infeliz. Como se já se tivesse arrependido disto. Como se estivesse preocupada com o que vou pensar por ter aparecido assim. O meu

coração pulsante decide que é altura de mudar de ritmo e derrete-se.

– Levante-se.

A minha voz torna-se brusca por causa emoção, quase rude. Mas se ela está incomodada pelas minhas maneiras de merda, não o demonstra.

Obedece-me sem hesitação.

Envolvo-lhe a toalha sobre as costas e os ombros e começo a limpar-lhe os braços.

Está de pé, com a cara a arder, parecendo que se castiga a si própria por estar aqui.

– Não tenha vergonha.

– Para si é fácil dizer isso. Não é a idiota encharcada na cozinha de um estranho à uma da manhã.

– Não sou um estranho, lembra-se? E não é idiota.

És um anjo. Um anjo perfeito e doce. Deixa-me cuidar de ti para o resto da vida, bela menina.

As minhas mãos começam a tremer novamente. Tento escondê-las, ponho-lhe a toalha em cima da cabeça e começo a secar-lhe o cabelo.

– Acho que vou morrer de humilhação – diz ela num tom miserabilista e com o rosto corado.

– Não vai morrer de nada. Fique sossegada e deixe-me tratar disto.

De novo, ela obedece-me sem protestar. Adoro isso.

Adoro que ela me deixe fazer isto sem fugir, como obviamente quer. Também adoro que olhe continuamente para minha boca sem se aperceber de que o está a fazer.

O meu pénis também adora. Estou a ficar com uma ereção.

A minha mente vagueia na fantasia de lhe despir a T-shirt molhada e tocá-la, sentir o peso dos seios na minha mão.

Imagino-a agarrada aos meus ombros, a arquear as costas enquanto lhe chupo com a boca um mamilo hirtos. Depois imagino tirar-lhe as calças molhadas e afundar o meu membro duro dentro dela, e tenho de engolir um gemido de desejo.

Levo algum tempo a garantir que estabilizo a voz antes de falar.

– Mais tarde temos de falar sobre o motivo pelo qual decidiu vir ter comigo por estar assustada, mas, entretanto, conte-me o que aconteceu.

Com os olhos fechados, ela conta-me tudo o que acontecera na casa. As tábuas do soalho a ranger, a atmosfera opressiva, a sensação terrível de ser observada.

Quando acaba, pergunto:

– Tem alarme de segurança?

– Não.

– Tratamos disso amanhã.

Ela levanta a cabeça, encara-me com uma expressão hesitante. Pelo modo como olha para a minha barba, consigo perceber que quer tocá-la, o que, obviamente, me deixa o pénis ainda mais duro. Concentro-me em secar-lhe a cabeça, esperando que não repare na protuberância que me força o fecho das calças.

– O que quer dizer com isso? – pergunta ela.

– Sabe o que quero dizer. E ainda está a tremer.

– Não consigo parar. Estou gelada.

Deixo de lhe esfregar a cabeça com a toalha e olho-a nos olhos.

– Vou dizer uma coisa. Não se passe.

Faz uma careta.

– Devia ter dito logo. Agora vou-me passar.

– Precisa de vestir roupas secas.

Ela franze o sobrolho.

– Porque é que me passaria com isso?

– Porque as roupas secas que vai vestir são minhas.

– Duvido que tenha alguma coisa que me sirva – comenta secamente.

Caramba, esta mulher é adorável.

– Olhe só, não está a se passar.

– Oh, estou sim. Mas já fiz coisas mais estranhas esta noite, por isso estou a conter-me.

– Venha comigo.

Deixo-lhe a toalha em cima dos ombros e levo-a pela mão para fora da cozinha, até ao corredor e em direção ao quarto, depois vou ao armário e acendo a luz. Agarro numa das minhas camisolas. Quando regresso, encontro Kayla a olhar à volta do quarto, como se estivesse a pensar que fui roubado.

Vejo os objetos através dos olhos dela: o colchão no chão, uma simples cómoda de madeira encostada a uma parede, uma estante na outra, nada mais. E juro a mim mesmo que, se puder, dar-lhe-ei o melhor de tudo.

– Pois é, é só luxo, aqui.

Ela pega na camisola e encosta-a ao peito como se fosse uma manta protetora. Ainda está a tremer de frio. A cada segundo que passa, torna-se cada vez mais difícil resistir à vontade de lhe tocar.

– Aidan?

– Sim, Kayla?

– Peço muita desculpa por isto. Juro que não sou um enorme caso perdido. Só um pequenino.

Parece tão perdida. Tão triste e tão perdida que o meu autocontrolo quebra. Sem me aperceber, tiro-lhe da cara uma madeixa do cabelo húmido.

Inebriado pela sensação da sua pele suave sob o meu dedo, murmuro:

– É bonita, nada mais.

Porra. Pareces um perverso. Faz melhor.

– Também não precisa de se passar com o que acabei de dizer. Não tento seduzir mulheres traumatizadas que fogem da chuva.

– OK. Obrigada por isso. Hum... por acaso tem umas calças de fato de treino para usar com isto?

– Vai ficar a nadar nelas.

– Eu sei, mas...

– Mas o quê?

Ela exala um suspiro profundo.

– Ficarei extremamente constrangida se as minhas partes íntimas ficarem expostas.

As partes íntimas?

– Não tenho roupa interior.

– Oh. Oh.

– Pois. É isso.

– Espere. Veio até aqui sem roupa interior?

– Juro-lhe que não foi premeditado. Vesti-me em pânico.

Não tive tempo de vestir as cuecas.

– Ou de vestir o sutiã – digo, em voz baixa.

Ela encolhe-se.

– Reparou.

– Está a brincar comigo? Claro que reparei. – Faço uma pausa. – Também reparei que as suas bochechas ficam muito vermelhas quando está envergonhada.

– Obrigada pela informação. Vai emprestar-me as calças de fato de treino, ou não? – O seu tom é sarcástico.

– Não tenho calças de fato de treino.

– Oh.

– Mas posso pôr-lhe as calças de ganga na máquina de secar.

Como não responde, acrescento:

– Ou podemos ficar aqui a olhar um para o outro. Por mim, pode ser.

– Porquê?

– Gosto de olhar para si – admito, em voz calma.

Ela olha para mim com os lábios entreabertos e a veia de um dos lados do pescoço a latejar e, de um momento para o outro, o ar transforma-

se em fogo.

Encolhe os ombros e a toalha cai no chão. Depois despe a T-shirt molhada e fica nua da cintura para cima à minha frente.

– Quero que faça mais do que olhar – sussurra.

– É você quem manda – respondo numa voz áspera e puxo-a para os meus braços.

O desejo deixa-me ávido. Esmago a minha boca na dela.

Ela treme contra mim, pele com pele, as minhas mãos no seu cabelo e o coração dela a palpitar com força contra o meu.

A gravidade deixa de existir. O chão abate-se por baixo de mim. Estou abismado com a força que me faz desejá-la tanto, desejar muito mais do que isto, mais do que tudo o que possamos partilhar numa só noite.

Quero mais do que uma noite.

Quero a eternidade.

Com uma súplica silenciosa e uma promessa, levo-a para a cama.

Dá-me o resto da tua vida, Kayla. Não te vou desiludir.

Prometo que cuidarei de ti até ao fim dos tempos.



## AGRADECIMENTOS

A ideia para este livro surgiu de uma das minhas personagens. Caso conheçam a saga Queens & Monsters, no terceiro volume, Riley é raptada por Malek, um assassino russo. Ela começa a escrever um livro durante o seu cativeiro para passar o tempo, como acontece quando alguém está em recuperação de um ferimento provocado por uma bala e é mantido refém no meio de uma floresta russa remota. A história é sobre uma mulher que não sabe que está morta. Gostei bastante da ideia.

Portanto, obrigada, Riley.



Seria injusto se não mencionasse também outras fontes de inspiração para a escrita deste romance. Sem nenhuma ordem específica, os filmes *Ghost – O Espírito do Amor*, *Poltergeist*, *O Sexto Sentido*, *Os Outros*, *O Labirinto do Fauno* e, especialmente, *BZ – Viagem Alucinante*, que vi aos vinte anos e do qual nunca recuperei emocionalmente. E, também, os romances brilhantes *Tempo de Partir* de Jodi Picoult e *Quando Éramos Mentirosos* de E. Lockhart, a novela *A Volta no Parafuso* de Henry James, a peça *Hamlet* de Shakespeare e o poema narrativo *A Divina Comédia* de Dante. E, por fim, o antigo mito grego de Eurídice e Orfeu, que serviu de influência para a história e para o nome do barco de Kayla.

Há outra influência extremamente importante, que é muito mais pessoal: a morte do meu pai.

O meu pai esteve em cuidados paliativos durante três semanas, na casa onde cresci. Sentada junto da cama dele, todos os dias o via piorar mais um pouco, até morrer.

Pouco-vos os pormenores, mas foi muito doloroso. Ainda não o superei e já passaram oito anos.

Mas vou contar-vos duas coisas importantes que aconteceram nessas semanas e que me mudaram para sempre.

A primeira coisa foi que o meu pai, antes de chegar ao ponto em que já não falava, pediu-me para ir buscar-lhe o livro de endereços. Guardava-o no escritório, em cima da sua grande escrivaninha, por baixo de molduras com fotografias de Amelia Earhart e de caças da Segunda Guerra Mundial. O livro de endereços tinha os nomes e números de telefone de todos os seus amigos de sempre e de parentes distantes. (Ele riscava o nome com uma linha se a pessoa já tivesse morrido, mas não o retirava da lista.) Como se sentia fraco, eu marcava os números e punha-lhe o telefone na orelha para ele falar com toda a gente e despedir-se.

Ouvir aquelas conversas foi uma das experiências mais profundas de toda a minha vida.

Também foi uma das mais dolorosas.

Ter a consciência de que se está a morrer não é fácil.

Enfrentar com coragem a iminência da própria morte, também não. Mas o meu pai não fez alarido. Procedeu na morte como procedeu na vida. Com competência e dignidade serena, fazendo o que havia para

fazer independentemente do que pudesse estar a sentir naquele momento.

Ele não era o tipo de pessoa que deixasse transparecer as emoções. Crescera em Brooklyn, na década de 1940. O

pai morreu quando ele era pequeno. A mãe, a minha avó Ella, era tão fofa como um gato. Foi para universidade com uma bolsa e tornou-se engenheiro aeroespacial. Nunca o vi a chorar, a embriagar-se ou a perder a calma. Era o

exemplo perfeito da ética da Geração Grandiosa: responsabilidade, autossacrifício, humildade, frugalidade, integridade.

Poderia continuar, mas o que quero evidenciar aqui é ele que era mais estoico do que os Estoicos. Não poderia nunca ser acusado de fantasista.

Por isso é que foi tão chocante quando ele, com toda a naturalidade, disse que a mãe o tinha visitado.

Naquela altura, a minha avó já tinha falecido há trinta e dois anos.

E depois falou-me dos anjos.

«Eles estão aqui», dissera-me ele, a apontar para o teto do quarto. Assim como estavam os seus velhos amigos já falecidos. Todos esperavam pacientemente por ele, numa bonita luz branca.

Não consigo transmitir quão avassalador foi ouvi-lo falar assim. Ele não estava sob efeito de morfina. Não estava sob os efeitos de quaisquer fármacos. Estava fraco, sim, e muito cansado, mas indiscutivelmente lúcido.

Ele via anjos e pessoas mortas.

Quando falei com uma enfermeira de cuidados paliativos para perceber se era algo invulgar, ela disse-me que visões da vida depois da morte são uma das experiências mais comuns em pessoas no leito da morte. Veem pessoas amadas. Veem anjos. Veem uma luz branca brilhante.

Quanto mais perto estão da morte, mas nítidas as visões se tornam.

Fiquei com dúvidas, para dizer o mínimo.

«Mas não podem ser alucinações provocadas pela privação de oxigénio

no cérebro?», perguntei-lhe.

«Desequilíbrios químicos? Os efeitos secundários de um corpo que vai desligando as suas funções?»

A enfermeira de cuidados paliativos sorriu-me como se eu fosse uma criança querida, mas muito tonta.

Nunca me respondeu.

Esse silêncio persegue-me, bem como as visões do meu pai.

Não pretendo ter respostas, mas deixo-vos uma frase de Helen Keler: «A morte não é mais do que passar de uma divisão para a outra.» Suponho que todos haveremos de descobrir um dia.

Agradeço aos meus pais, por tudo.

Agradeço a Jay, por tudo o resto.

Agradeço aos meus leitores, que me dão muito mais do que alguma vez lhes possa dar.

Agradeço à minha leitora da sensibilidade pelas observações cuidadosas relacionadas com sobreviventes de violência doméstica e aos comentários pertinentes na leitura do manuscrito.

Agradeço a Letitia Hasse, da RBA Designs, a Sarah Fergusson da Social Butterfly PR, a Linda Ingmanson, à Wander Aguiar Photography, aos membros extraordinários do Geissinger's Gang e a Mrs. Prouse, a minha professora de Inglês da escola preparatória, que pensava que não a ouvia.

Eu ouvia-a.

## Contents

### 1. [Ficha Técnica](#)

### 2. [I INFERNO](#)

#### 1. [1](#)

#### 2. [2](#)

#### 3. [3](#)

4. [4](#)

5. [5](#)

6. [6](#)

7. [7](#)

8. [8](#)

9. [9](#)

10. [10](#)

11. [11](#)

12. [12](#)

13. [13](#)

14. [14](#)

15. [15](#)

16. [16](#)

17. [17](#)

18. [18](#)

19. [19](#)

20. [20](#)

21. [21](#)

22. [22](#)

23. [23](#)

24. [24](#)

25. [25](#)

26. [26](#)

27. [27](#)

28. [28](#)

29. [29](#)

30. [30](#)

31. [31](#)

32. [32](#)

33. [33](#)

34. [34](#)

35. [35](#)

36. [36](#)

### [3. II PURGATÓRIO](#)

1. [37](#)

2. [38](#)

3. [39](#)

4. [40](#)

### [4. III PARAÍSO](#)

1. [41](#)

### [5. EPÍLOGO](#)

### [6. NOTA DA AUTORA](#)

### [7. CAPÍTULO ADICIONAL](#)

### [8. AGRADECIMENTOS](#)

## **Landmarks**

1. [Cover](#)

2. [Title-Page](#)

3. [Table of Contents](#)

## 4. Acknowledgments

# Document Outline

- Ficha Técnica

- I INFERNO

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5
- ☐ 6
- ☐ 7
- ☐ 8
- ☐ 9
- ☐ 10
- ☐ 11
- ☐ 12
- ☐ 13
- ☐ 14
- ☐ 15
- ☐ 16
- ☐ 17
- ☐ 18
- ☐ 19
- ☐ 20
- ☐ 21
- ☐ 22
- ☐ 23
- ☐ 24
- ☐ 25
- ☐ 26
- ☐ 27
- ☐ 28
- ☐ 29
- ☐ 30
- ☐ 31
- ☐ 32
- ☐ 33
- ☐ 34
- ☐ 35
- ☐ 36

- II PURGATÓRIO

- ☐ 37

○ 38

○ 39

○ 40

- III PARAÍSO

○ 41

- EPÍLOGO

- NOTA DA AUTORA

- CAPÍTULO ADICIONAL

- AGRADECIMENTOS